

**Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas  
Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel**



**Salim Assina:**  
**reportagens, matérias, entrevistas,**  
**notas e comentários**  
**Volume: 10A – O ESTADO - 1947 A 1987**

Organização e digitalização: Iraci Borszcz  
Enilde Regina Mai Jordanou, Jonathan Rodrigues  
Coordenação: Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

## Matérias assinadas por Salim Miguel

### Jornal O Estado de Florianópolis - 1947 a 1987

Nº	Referências
1.	MIGUEL, Salim. Teatro. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 19 out.1947.
2.	MIGUEL, Salim. Teatro: A pequena Catarina. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 30 jul.1949.
3.	MIGUEL, Salim. Conto: A mulher da janela Gris. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 12 jun.1949.
4.	MIGUEL, Salim. Idade 21 e a inflação poética. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 26 jun. 1949.
5.	MIGUEL, Salim. A Estrela de Marques Rebelo sobe mais. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 07 ago.1949
6.	MIGUEL, Salim. O Conto - Gênero Difícil. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 21 ago.1949
7.	MIGUEL, Salim. Uma antologia... Nada antológica. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 25 set.1949
8.	MIGUEL, Salim. Uma explicação. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 30 out.1949
9.	MIGUEL, Salim. A Propósito de Mario de Andrade . <b>O Estado</b> , Florianópolis, 09 nov.1949
10.	MIGUEL, Salim. A Propósito de Mario de Andrade. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 15 nov.1949
11.	MIGUEL, Salim. A Propósito de Mario de Andrade. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 20 nov. 1949
12.	MIGUEL, Salim. A Propósito de Mario de Andrade. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 29 nov. 1949
13.	MIGUEL, Salim. A Propósito de Mario de Andrade - Os velhos morrerão. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 18 dez. 1949.
14.	MIGUEL, Salim. Doença. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 1949.
15.	MIGUEL, Salim. Representação de Pinocchio. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 10 jan. 1950
16.	MIGUEL, Salim. Conversa com Renato Almeida. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 5 fev. 1950
17.	MIGUEL, Salim. Sobre "Idade 21" (trecho da carta de Fernando Jorge Uchoa a Salim Miguel). <b>O Estado</b> , Florianópolis, 19 fev. 1950
18.	MIGUEL, Salim. Encontro com Carlos Drummond de Andrade. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 26 fev. 1950
19.	MIGUEL, Salim. Notas de Leitura. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 10 jun. 1951
20.	MIGUEL, Salim. Rapidamente. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 27 set. 1951
21.	MIGUEL, Salim. Arte ou arte...manha I. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 10 set. 1951
22.	MIGUEL, Salim. Arte ou arte...manha II. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 27 set. 1951
23.	MIGUEL, Salim. Movimento Literário. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 31 mar. 1960.
24.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 25 dez.1960
25.	MIGUEL, Salim. Movimento Literário. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 30 jan. 1960.
26.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 27 nov. 1960
27.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 11 dez. 1960
28.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 15 abr. 1961
29.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 24 set. 1961

30.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 12 mar. 1961
31.	MIGUEL, Salim. Informação Literária - O rinoceronte – De Ionesco. <b>O Estado</b> , Florianópolis, [1961]
32.	MIGUEL, Salim. Informação Literária – Posse de Jorge Amado na ABL. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 23 jul. 1961.
33.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 20 jul. 1961.
34.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 25 ago. 1961.
35.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis. [1961]
36.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 12 mar. 1961.
37.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 30 abr. 1961.
38.	MIGUEL, Salim. Informação Literária-Catarinenses no II Festival do Escritor. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 6 jul. 1961.
39.	MIGUEL, Salim. Informação Literária- Uma reedição importante. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 26 fev. 1961
40.	MIGUEL, Salim. Informação Literária- Surgem os primeiros volumes da antologia ilustrada do folclore brasileiro. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 15 abr. 1961.
41.	MIGUEL, Salim. Informação Literária – Domingos Olímpio e Luiza Homem. <b>O Estado</b> , Florianópolis, [1961].
42.	MIGUEL, Salim. Informação Literária – Os Romancistas. <b>O Estado</b> , Florianópolis, [1961].
43.	MIGUEL, Salim. Informação Literária – Concurso de Contos Menotti Picchia. <b>O Estado</b> , Florianópolis, [1961].
44.	MIGUEL, Salim. Informação Literária – Diário da Morte – Impressionante documento humano. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 04 jun. 1961.
45.	MIGUEL, Salim. Informação Literária – Irmão Juazeiro – Romance Camponês. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 8 abr. 1961.
46.	MIGUEL, Salim. Movimento Literário – Premio Revelação. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 16 fev. 1961.
47.	MIGUEL, Salim. Informação Literária – Histórias Vidas. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 4 nov. 1961.
48.	MIGUEL, Salim. Informação Literária . <b>O Estado</b> , Florianópolis, 8 jan. 1961.
49.	MIGUEL, Salim. Informação Literária – Exposição de Gravuras Populares e .... <b>O Estado</b> , Florianópolis.
50.	MIGUEL, Salim. Informação Literária – Teatro de Maria Clara Machado. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 15 abr. 1962.
51.	MIGUEL, Salim. Informação Literária – A Infância e o Cotidiano. <b>O Estado</b> , Florianópolis, [1962].
52.	MIGUEL, Salim. Informação Literária – Anuário da Literatura Brasileira, 1961. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 1962].
53.	MIGUEL, Salim. Informação Literária – Histórias Antigas. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 1962].
54.	MIGUEL, Salim. Informação Literária – Novo livro de Harry Laus. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 1962].

55.	MIGUEL, Salim. Informação Literária – Paisagens e Costumes do Brasil. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 1962].
56.	MIGUEL, Salim. Informação Literária – O Nosso Cruz e Souza. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 1962].
57.	MIGUEL, Salim. Informação Literária – Tempo Presente I. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 1962].
58.	MIGUEL, Salim. Informação Literária – Os Desertos. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 1962].
59.	MIGUEL, Salim. Informação Literária – Martins Pena na Coleção Nossos Clássicos. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 26 jan. 1962.
60.	MIGUEL, Salim. Informação Literária . <b>O Estado</b> , Florianópolis, 20 jan. 1962.
61.	MIGUEL, Salim. Informação Literária . <b>O Estado</b> , Florianópolis, 3 out. 1962.
62.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 22 de maio de 1962.
63.	MIGUEL, Salim. Informação Literária . <b>O Estado</b> , Florianópolis, 16 set. 1962.
64.	MIGUEL, Salim. Informação Literária . <b>O Estado</b> , Florianópolis, 21 ago. 1962
65.	MIGUEL, Salim. Informação Literária . <b>O Estado</b> , Florianópolis, 3 jul. 1962
66.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 4 nov. 1962
67.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 4 mar. 1962
68.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 1962].
69.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 1962].
70.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 2 set. 1963
71.	MIGUEL, Salim. Machado – ainda e sempre. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 7 set. 1963
72.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 25 abr. 1963
73.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 18 set. 1963
74.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 14 jun. 1963
75.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 12 de maio de 1963
76.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 29 ago. 1963.
77.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 14 mar. 1963
78.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 4 out. 1963
79.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, [1963].
80.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, [1963].
81.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, [1963].
82.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, [1963].
83.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, [1963].
84.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, [1963].
85.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 2 out. 1964.
86.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 20 ago. 1964.
87.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 16 set. 1964.
88.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 25 jun. 1964.
89.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 24 mar. 1964.
90.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 22 nov. 1964.
91.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 15 jul. 1964.

92.	MIGUEL, Salim. Informação Literária. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 20 jan. 1965.
93.	MIGUEL, Salim. Os Livros. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 5 out. 1980.
94.	MIGUEL, Salim. Os livros – A luta com o passado. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 2 nov. 1980.
95.	MIGUEL, Salim. Os livros – A força criadora de Ricardo Ramos. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 28 set. 1980.
96.	MIGUEL, Salim. Livros – Acertando as redes. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 31 ago. 1980.
97.	MIGUEL, Salim. Livros. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 24 ago. 1980.
98.	MIGUEL, Salim. Os Livros. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 19 out. 1980.
99.	MIGUEL, Salim. Os Livros. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 21 set. 1980.
100.	MIGUEL, Salim. Os Livros. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 26 out. 1980.

# TEATRO

SALIM MIGUEL

(do Círculo de Arte Moderna)

Como vínhamos anunciando, concretizando seus planos, já dia 3 d'êste mês, no Teatro Álvaro de Carvalho, o Círculo de Arte Moderna dará seu primeiro espetáculo.

Esse primeiro espetáculo — como também os futuros — será patrocinado pelo "Centro Acadêmico XI de Fevereiro", da Faculdade de Direito de Santa Catarina.

Para essa primeira apresentação foram escolhidas três peças de um ato. E, conforme havíamos prometido em nossos artigos anteriores, tanto essas três peças, como as demais que levarmos, será o de elevado nível artístico. Serão peças representativas do que há de melhor, tanto no teatro estrangeiro como nacional.

Sómente daermos bom teatro — isto garantimos aos nossos leitores. É só apresentaremos novo espetáculo quando estiverem dignos de serem vistos.

Não diremos que o público não estranhe nossos primeiros espetáculos. Ficariamos mesmo muito espantados se assim não fôsse. Acostumado a ver peçinhas medíocres, leves, que não necessitam de muita atenção para serem compreendidas; estranhará um teatro profundo, sincero, sério, em que seja preciso se concentrar inteiramente, seguir o fio da meada desde o início, pensar. Estamos mal acostumados. Olhamos uma vez para uma coisa. Se não entendemos... adeus, deixamos de lado. Mas não deve ser assim. Devemos aprender a pensar, pois o que nos custa mais trabalho, nos causa mais prazer, maior satisfação.

É uma vitória que alcançamos. Não se pense agora que o novo teatro é um bicho de sete cabeças. Absolutamente! O que queremos dizer é que êle exige um pouco mais de atenção do que, por exemplo, na "Chica boa". Porém, contamos com a inteligência e boa vontade do nosso público. E, estamos certos, uma vez acostumados às boas peças, ao bom teatro, às peças que tenham algum ensinamento, arte, tese, dificilmente poderá assistir "Folgados", "Chicas boas" e semelhantes palhaçadas.

As peças escolhidas para a estréia não poderiam ser melhores. São elas: "O homem da flor na boca"; de L. Pirandello; "Como êle mentiu ao marido dela", de Shaw; e "Um homem sem paisagem", de Ody F. e S.

De Pirandello e Shaw, parece que não precisamos falar. Não há quem, medianamente interessado por teatro, cinema ou letras, que não os conheça. São dois nomes famosos nas letras mundiais. Pirandello um dos maiores escritores e teatrólogos modernos italianos, é autor de romances e peças de grande valor, bastando citar: "O falecido Matias Pascal" e "Seis personagens em busca do autor. De Shaw, o satírico irlandês, são inúmeras as peças conhecidas, muitas delas transportadas para o cinema: Major Bárbara, Pigemalião, Cesar e Cleopatra, Cândida etc.

As duas peças em um ato que dêles apresentamos, são características e dão bem uma idéia dos seus autores.

Outra característica do "CAM" será a apresentação, sempre que possível, de peças de jovens, pertencentes ou não ao "Círculo", mas que sejam daqui. Ody F. e S., autor de "um homem sem paisagem", é um jovem catarinense, nascido e criado aqui em Florianópolis. É um dos mais destacados membros do "Círculo de Arte Moderna". Sua peça... mas isto já é matéria para outro artigo, o qual faremos oportunamente.

- sábado 30 de Julho de 1949

# T e a t r o

## A Pequena Catarina

(Pequena peça... grandes interpretações)

S. M.

No teatro, é caso sabido, sabidíssimo, o sucesso de um espetáculo depende tanto da contextura da peça, do seu tema, de seu desenvolvimento, quanto da interpretação e segurança dos artistas. E da direção, unidade e equilíbrio do conjunto. Sem um ou outro destes pontos podemos ter um espetáculo passável, mesmo bom — porém não mais do que isto. Porque, não se pense que teatro seja exclusivamente peça ou artistas bons. Não! É preciso que o todo se complete, forme um conjunto sólido, homogêneo, tenha unidade e equilíbrio de parte, seja entrosado, como uma máquina de precisão, finíssima, para funcionar bem. Todas as suas partes devem estar muito bem azeitadas. Não basta uma peça boa, ou um bom elenco, ou cenários bons, etc., para se ter um ótimo espetáculo. Mas tudo isto junto e aproveitado. Se não tivermos um espetáculo bom, às vezes muito bom mesmo — nunca poderemos ter um ótimo, de alta classe.

A segunda peça da temporada Bibi Ferreira no velho Alvaro de Carvalho agradou em cheio... o quanto era possível agradar. O quanto permitia seu valor (mas é quase de se perguntar: que valor?) permitia agradar. E por isto o significado principal do espetáculo foi mostrar o valor do conjunto capitaneado e de maneira esplêndida por Bibi Ferreira. E dizer que a peça agradou em cheio não é mentir pois assim foi e é dizer muito porque a mesma carece de maior importância; é uma peça assim: compra-se a entrada, entra-se, senta-se, assiste a valer, se retirando depois o espectador dali com o espírito leve e feliz. Saídos porém, logo, bem logo, tudo liquidado. Nada sobra, não ser a interpretação. A peça por si, não resiste à menor análise. Nem merece, a não ser quando representada por um conjunto tão bom. Aliás a intensão do A. da peça parece ter sido fazer rir — pura e simplesmente. É uma comediuzinha vulgar, banal, leve e agradável. Destas que os franceses mandam às centenas. Produção em massa para um público ávido de diversão fácil.

Porém o que é digno de ressaltar, o que faz com que nos ocupemos da peça, é a maneira por que foi levada à cena. Com a única preocupação de divertir, mas sem que os artistas incumbidos de seus papéis se descurassem dos mesmos. A peça foi tratada como se fosse coisa grande. Porque, da mesma forma que por um conjunto equilibrado e sério, de bons valores como o de Bibi Ferreira, "A pequena Catarina" (Le fruit vert — Jacques Thérèse — tres atos em tradução de R. Magalhães Jr.) se torna um sucesso e merece ser visto, em mãos menos hábeis poderia ter desabado horrivelmente, se transformando no espetáculo mais sem graça do mundo. A peça vive de seus intérpretes, da valorização dada pelos mesmos aos papéis, do aproveitamento de tudo, até a mais insignificante cena, da força que cada artista faz. E da direção segura e feliz de Bibi Ferreira. Porque a peça, esta, coitadinha, por si só, não se manteria de pé um único minuto. Mas a maneira alegre, viva, bregeira e picante com que foi conduzida, é que a faz digna de ser vista.

E os artistas chamados a intervir, se saem a contento; foram felizes.

Bibi Ferreira está ótima na pequena Catarina e deliciosa em "Catarina, a grande". Num papel bastante difícil dá-nos mais uma das suas seguras interpretações. Sem altos nem baixos. Firme. Vive com naturalidade a menina crescida demais para a idade e desageitada e curiosa e levada (lembramo-nos da declamação); vigor com vigor e delicadeza a moça. Bibi é uma ótima atriz, conciente, segura, que sabe muito bem se movimentar em cena, dizer com segurança e graça, e valer-se, aproveitar-se o mais possível de seus papéis.

Luiz Cataldo, lord Steeple, o velho lord reumático e bregeiro, está ótimo. Sua interpretação está magnífica, é de uma comicidade irresistível. Um grande comico, sem cair no ridículo, sem empregar espalhafato. Até "as melhoras, os encaixes" feitos na peça são oportunos, agradam.

Cirene Tostes viveu muito bem a sofisticada Claire, a que gostava dos milhões do lord. Assim também Rodolfo Arena no "grande astro" Frofatty; Jardel Jercolis Filho que nos oferece um bom John; Belmira de Almeida na irritadissa lady Agatha. Os outros, em pequenas pontas, não prejudicaram. Colaboraram todos para o bom andamento da peça, se houveram com felicidade nas suas intervenções. Enfim, um bom elenco, bem ensaiado, firme, sério, que transformou uma comediuzinha bem, mas bem insignificante num muito agradável espetáculo.

"Pequena Catarina" foi mais uma vitória de Bibi Ferreira e seus companheiros. Uma bela vitória.

# A MULHER DA JANELA GRIS

SALIM MIGUEL

...A mulher lá estava, como sempre, pensativa e esperando; não se oferecia nem se negava.

Deixou-se ficar parado, a observá-la, de longe, querendo se chegar, dizer alguma coisa, sair daquele fascínio, daquela adoração muda, sorrir. Não pôde. Algo inexplicável o prendia, lhe tolhia a voz. Esforçava-se porém tudo inútil.

...A mulher parecia não o ver. Sempre longe e pensativa. Outras vezes ele julgava que não. "Ela me espera" — se dizia a meia voz, saboreando as palavras. Devo falar-lhe...

Timidez, não, não era bem isto. Mas assim como uma incapacidade total de locomover-se; petrificara-se ali. Sentia-o, era uma força que o atraía e repelia. Um equilíbrio, uma estabilidade que era a mediocridade do nada fazer, do ficar no que era, em si. O medo do novo, do não conhecido. A mulher era a incógnita, o desconhecido que ele temia e desejava.

...A mulher sempre a espera, olhando-o ou não.

Ele ficou-se ali, sob o sol, sob a chuva, e o frio, numa indiferença apática, completamente vazio de idéias e de vida. Não via as pessoas — vultos sombrios e rápidos — que passavam e repassavam apressados, na rua calma, todos ávidos de viver. Nem viu o céu cada vez mais plumbeo, pejado de nuvens. Nem a fuga veloz dos últimos passaros ou o tremer das folhas nas árvores. O sol queimava. Depois as gotas de chuva despencavam, caíam pesadas, levantavam a poeira dos caminhos. Ele não via nada, não aspirava o cheiro úmido, indefinido e bom de terra, de vida, que se exalava do chão.

Olhava a mulher e seus sentidos estavam presos nela, ansiando mas com medo de chegar-se.

Se pôs, de repente, a andar, numa revolta de todo o seu ser, numa reação contra a moleza que lhe tolhia os passos, que lhe amarrava os membros ao chão. Não sabia se se dirigia à mulher ou não. Reação contra que? se perguntou. Seus pés chapinhavam na lama, pisavam nas pôças d'água, enquanto a cabeça queria ir além das nuvens e desvendar a vida.

Queria revoltar-se contra o domínio da mulher da janela gris, ir-se. Ou então penetrar a janela e descobrir o segredo da vida, dominar a mulher. Queria mostrar sua virilidade, não ceder a esse sentimento de entrega quase feminino que o dominava, pois a verdade é que gostaria de chegar-se à mulher deixar-se dominar, sentir-se protegido, confiante e forte. Sabia que dela poderia haurir forças, viver. Não ser um marginal. Mas sabia também que em

troca da vida daria parte de sua personalidade, de seu eu; que ele é que dos dois, era o mais fraco. E isto o torturava. Por isto resistia. Verdade que numa resistência passiva, muda, de quem quer e não quer. Sentia-se ridículo, tolo, por agir assim, parecendo ser a parte feminina. A força da mulher, ele o sabia, sobrepujava a dele, não era somente uma atração física, porém mais mental, e complexa, cheia de nuances dubias.

Mas não andou muito. Parou. Pôs-se a girar de um lado pro outro. Maquinalmente. Sempre próximo à mulher.

Não pensava. Turbilhonavam-lhe na mente mil farrapos de idéias. Estava num desses estados de espírito em que não pensamos. Deixamos que as coisas sejam. A espera. Os pensamentos se vão, nos deixam, andam adiante de nós ou se atrasam, nós os perdemos de vista. Voltam. Não completamos ideia alguma, tudo é inconsistente, sutil e diáfano. Os pensamentos ficam longe, numa timidez mórbida de se negarem tomarem conta da casa, receiosos de não sabermos que fantasmas. Outros, então, rápidos a invadem, se alojam como donos, se apossam de tudo.

Mas por pouco tempo. Fogem logo, sem que nós os percebamos por completo. Que nos teriam querido dizer? São fragmentos de idéias, pensamentos doidos. Como descreve-los, interpretá-los? Cimos sempre no mesmo semi-círculo, voltamos sempre ao ponto de partida, repetimos sempre as mesmas palavras vãs e sem significado maior. Angustia de não nos entendermos. De não sabermos o que queremos. De temermos a vida e suas surpresas. É esta a causa primordial da nossa indecisão e dúvida.

Agora, por exemplo: que faria ele ainda ali? Que diria à mulher da janela gris? Não compreendia a força que o atraía para ela, não a explicava. Sabia, isto sim! não era bem uma coisa sexual. Porém algo mais complexo, confuso. Não formava um pensamento completo a respeito.

Afastou-se quase correndo, mas desejando voltar, se chegar, penetrar a intimidade da mulher. Sabia, tinha certeza mesmo, que voltaria, se postaria ali, a olhar e olhar, entorpecido, absorto, desejoso de se chegar, mas intimidade, a espera de não sabia o que, até que algo inesperado e que ele não conseguia ainda nem imaginar o que pudesse vir a ser, sucedesse.

Temia e desejava que tal momento chegasse.

Nem sonhava que a mulher da janela gris era a vida. Ficou ali a girar, a girar. Com medo de chegar-se, de tomar a vida nas mãos e possuí-la, desvendá-la.

Junho de 1949.

## NOTAS DE UM APRENDIZ DE CRÍTICA

I

## «Idade 21» e a inflação poética

SALIM MIGUEL

E é este precisamente o caso de Walmor Cardoso da Silva.

“Tanta música  
Tanta, tanta.  
Em meio a tanta música  
Eu em poesia”.

(Do poema “Inexprimível”. Walmor Cardoso da Silva — “Idade 21” — poemas — Cadernos Sul n. 1 — 1949 a aparecer brevemente).

Em “Inexprimível” o poeta se define todo. Aliás seus poemas têm muito de confissão, de extravasamento. É um poeta puro, inato. Sem a técnica que só o contacto demorado, o estudo com os grandes poetas e os críticos dão. Possui a poesia em si, em estado selvagem. Por isto certas incongruências. A poesia, em Walmor, jorra pura, às vezes até de um mau gosto inconsciente. Mas sente-se sempre a sinceridade do poeta. E o desejo de encontrar o equilíbrio, o termo justo, sem esbanjamentos. E uma profunda sensibilidade para captar e transmitir de modo próprio a poesia que há em tudo.

Seus temas encantam. Pela pureza e simplicidade. Não procura o estrondoso, o melodramático, o tráfico, as coisas enormes e transcendentais. Mas são as coisas simples, corriqueiras, de todo o dia, que nós vemos sem importância com esses nossos olhos pacatos, que ele busca. Para nós desvendar, mostrar com o poder transformador da poesia. E nos espantamos de não os ter visto. É o “Fundo de Quintal” onde ele consegue um efeito tão humano:

“Fundo de quintal  
Sempre triste e da mesma dôr,  
Eu te olho com o mesmo olhar antigo  
Que guardo para as ocasiões tristes”.

As palavras são parcias, uniformes, monótonas, com uma cadência única, querendo mostrar o estado de espírito do poeta. Não há verbosidade. Não há desperdício. E um amadurecimento estranho, que nos surpreende quando o comparamos com certas infantilidades. Aliás a poesia de Walmor Cardoso da Silva é toda

assim: feita de surpresas ... boas e más. Todo o livro decorre de modo idêntico. Mas mesmo nos temas difíceis, já por demais batidos, cansados, e onde o perigo da derrapada é maior, ele se equilibra com rara felicidade.

“Leva-me devagar  
Aos olhos docemente  
Aos teus”.

É uma poesia sem truques. De um hermetismo puro, nascido do poeta sem que ele o perceba ou force. Quando o poeta, após fazer a poesia, vai ler novamente o que escreveu, “vê” o hermetismo. Às vezes até se espanta. É esta a impressão que nos deixam alguns poemas do livro. Ele não falseia nunca o pensamento em troca da beleza verbal. Pois a beleza maior está nas coisas simples conseguidas e no efeito delas tirado.

O livro resente-se de um certo primarismo que a nós outros agrada. Por se contrapor, por causa de tanto artificialismo surgido ultimamente. Nos agrada precisa e principalmente por não pretender ser obra prima. Mas um bom livro de poesias. E o consegue.

É claro que o livro possui suas falhas. Muitas talvez. E o maior é que todo ele transpira um convencimento ingênuo. Ou então a falta de um maior aperfeiçoamento técnico, um acabamento mais esmerado, a exclusão de algumas — muito raras — palavras bonitas porém ôcas. Mas isto virá com o tempo. Estamos certos. E por isto saudamos em Walmor Cardoso da Silva um poeta promissor, poeta das coisas simples tratadas com dignidade. E mais: que sente a poesia que há em tudo, para quem a poesia é como uma necessidade vital. Não mero desejo de brilhar em salões, de se tornar poeta da moda, como tantos por esse Brasil afora. Quem escreve versos como “Idade 21” o poema que dá título ao volume e fecha o livro,

“Tenho  
A vossa idealização, as invejas, os contactos  
que morrem,  
A vossa cadência irremediável,  
O tempo que não será mais, tenho  
As ilusões tão perto agora — realidade quando  
se forem ...”

pode dizer que tem um lugar definido na poesia dos novíssimos.

Junho 1949.

A poesia é um estado de espírito. E este estado é preciso tanto para se ler como para se escrever poesias. Há ocasiões em que todos nós somos poetas. Pois, de acordo com a nossa reação íntima, há poesia em tudo que nos cerca, até nas coisas mais banais e comuns. Do mesmo modo como as coisas tidas e havidas mais poéticas podem não nos impressionar nem a mínima. Também o que se pode notar hoje é que não há coisas poéticas determinadas, delimitadas; não existem certas particularidades da vida, da natureza, de nós, que inspirem poetas, que nos deixem em “estado poético”. Esta teoria que os românticos nos legaram do objeto poético determinado, somente com a geração de 22 começou a deixar de ser verdade. Foi quando se compreendeu que poesia é, fora dos objetos e dentro de nós. Foi quando se deixou os palavreados altissonantes e vãos e se procurou uma poesia pura, seca, de um lirismo enxuto, como a de Carlos Drummond de Andrade por exemplo, onde não há luxo esbanjatório de palavras, mas as palavras significando exatamente as coisas sem perder seu valor subjetivo e adquirindo novos valores.

Mas depois veio o mal que sempre acompanha todos os movimentos novos. O dos “penetras” e adesis-tas improvisados que fazem mais mal a um movimento do que os inimigos. Todo mundo se julgou poeta. Virou poeta bom. E então foi o que se viu. Um aumento tal, da semana de 22 até nossos dias que hoje temos uma verdadeira inflação poética. E a poesia se acha desmoralizada. Todo mundo é poeta e quer escrever poesias. Melhor: Quer publicar, e não sabe o que — poetar é o resultado. Ninguém fala; pois o fulano pertence ao grupo e os outros grupos não atacam porque também possuem seus “poetas” em idênticas situações. E então é essa enxurrada que se vê. Onde até os esporádicos valores se perdem em meio à maré de super mediocridades sempre metidos a gênio. De modo que, quando surge um verdadeiro poeta, é sempre muito difícil uma análise fria e lógica. Primeiro o entusiasmo e alegria nos dominam. Depois o medo de que o fulano se cabotinize, o medo de laborar em erro, de em lugar de auxiliar, acabarmos prejudicando. Pois é um verdadeiro alívio poder ler algumas poesias. Cujas únicas intenções são manifestar um estado poético.



O escritor  
Marques Rebelo

Assim também Alvaro Lins no seu "Jornal de Critica". Guilhermino Cesar escreveu sobre "A Estrela Sobe", o mesmo se dando com outro mineiro, Oscar Mendes. Otto Maria Carpeaux o considera um dos maiores romances brasileiros e dos poucos que ficará, como espelho de uma época que inegavelmente é. Mas, aonde iríamos parar se fossemos citar todos os que já escreveram sobre o livro? Que diremos pois nós?

Eis aí a nosso ver, para nós leitores curiosos e insaciáveis, o mal, o mal da leitura demasiada. Depois de tantos nomes abalisados se terem ocupado do livro, que poderemos nós dizer? Que poderemos acrescentar? E sempre nos sobrar a dúvida de que não estaremos dizendo nada nosso. Se não conhecêssemos tais trabalhos, poderíamos agora dar nossa opinião, pois seria "nossa". Boa ou não. Mas assim, repetimos, estaremos dando algo nosso? Dúvida! Ou formando um cadinho, um amalgamado de tudo que conhecemos, que lemos a respeito e daí concluindo, extraindo o que pensamos ser nosso? Quem sabe! O certo é que não podemos calar a respeito

## NOTAS DE UM APRENDIZ DE CRITICA

II

### A Estrela de Marques Rebelo Sobe Mais

Salim Miguel

do lançamento da "Cruzeiro". Mesmo sem nada dizermos de novo E com medo.

Porque, como já dissemos, o livro é dos tais que nos metem medo. E nos encanta. Nos mete medo pelo seu valor, pela sua importância no pauperrimo cenário das letras brasileiras, pelo estranho fascínio que exerce sobre nós. É uma obra que se destaca, que se destaca pelo seu poder de vida e comunicação. É como verdadeira obra de arte. E nos encanta por tudo que tem de belo e bom, por sua história e seus tipos (Leniza, Seu Alberto, Mário, Dona Manuela, Pôrto, Dr. Oliveira, etc. Curiosa a figura deste Oliveira! De início a gente não lhe dá a menor importância, não dá tento nele. Parece que de uma hora para outra vai se sumir. De repente ele cresce, se avoluma, e se torna das maiores criações do autor). Nos encanta pelo seu desenvolvimento e estilo. Aliás Marques Rebelo é inegavelmente o mais importante estilista brasileiro. E que delicioso narrador, como sabe nos fazer acreditar nas suas histórias, nos seus personagens; como nos faz participar, viver com eles, admirá-los e odiá-los! Acompanhamos desde o início aquelas vidas, e só as largamos no fim, saudosos, ainda com elas na cabeça e sabendo que nunca mais as esqueceremos. Continuamente interrompeu, não nos quis continuar contando. Ninguém no

Brasil tem tanta naturalidade, vivacidade e vigor, colorido, nos diálogos. Ninguém desenvolve um tema aparentemente banal tão bem; ninguém encontra tanta poesia e lirismo nas coisas simples e corriqueiras nos pequeninos nada de todo dia. Ele sabe captar tudo o que nós vemos todos os dias, mas que não sabemos "entender", e nos transmite, nos faz "ver" as coisas. Depois então, só depois, nos admiramos de as não ter também compreendido antes. E tudo isto de uma maneira fascinante, que prende inteiramente. Penso até que é esta uma das pouquíssimas falhas, um dos males do escritor Marques Rebelo: O demasiado fascínio que seu estilo exerce sobre o leitor. Ele nos fascina tanto, nos atrai de tal maneira, que às vezes até nos esquecemos de que estamos lendo a história; e a vivemos. Somos dela. Perdendo daí todo o senso de analisar, da medida. Ele não nos permite permanecer frios e indiferentes. Somos sempre parciais. Não temos equilíbrio. E assim não acontecendo, perdemos muito de importante na obra, muito da idéia, do que o romance é e do que ele possui. O conteúdo, o que ele nos traz como mensagem, a própria tese de romance — apesar do A ser contra os romances de tese. Pois estando dentro dele, nós perdemos, nós não temos a mesma visão de conjunto e também, das partes, como se estivéssemos de fo-

ra, só observando, sem participar. Depois, porém, mesmo que pudéssemos ficar de fora, de que ângulo, a que faceta do livro, devemos nos apegar, o que devemos olhar primeiro? A critica social ou o ambiente radiofônico do Rio? A análise da classe baixa do Rio, dos bas-fonds com seus dramas ou o profundo o sub-apartheid ap oppuua trata de esconder sob aquela casca de ironia? Ou então a análise psicológica dos tipos, suas reações diante dos fatos, a fotografia da capital, a vida tumultuosa da cidade com seus contrastes tão berrantes? Que falar?

Mas não, não iremos dizer nada porque o livro nos mete medo. Tememos seu fascínio. Tememos dizer os mesmos chaves que se diz a todos os livros.

E Marques Rebelo encanta, tanto na leitura como na releitura. Ou melhor: pede, exige uma releitura. Para que se possa aquilatar de toda a beleza e fealdade do drama humano, que é a vida com seus chaves, dramalhões, folnetias e tudo, a vida com suas múltiplas facetas: cômicas, trágicas, ridículas... Sómente com uma releitura nós podemos ser um pouco mais nós mesmos, não nos deixarmos levar inteiramente pela história, sem participar por completo dela... Aí, querendo, talvez se consiga uma análise. Talvez a gente consiga se livrar dos personagens que nos perseguem, que se apegam a nós, ficam cravados em nós, não, não nos largam mais, aderem à nossa pele com o visgo. Mas nunca conseguiremos esquecer a história de Leniza e seus companheiros, eles ficam fazendo parte de nossa vida, são personagens que de agora por diante encontraremos sempre nas ruas, nos nossos passeios, em toda parte. Pois Leniza, principalmente, e Dr. Oliveira, são dos mais importantes criações da ficção brasileira. Saltam do livro e vivem. E sofrem. Caminham ao nosso lado e conosco discutem, amam e brigam. Por vezes as amamos e em outras as odiamos. Com todas as suas turturas e indecisões. Com desilusões e sonhos.

E basta! Não falaremos mais de "A Estrela Sobe". Mas também não o esqueceremos nunca. É um livro que nos mete medo.

## O Conto — Gênero Difícil

Nunca será demais frisá-lo, ainda que já se tenha tornado verdadeiro chavão: o conto é, inegavelmente, dos mais difíceis gêneros literários. Por uma série enorme de fatores. Pois qualquer falha, por menor que seja, faz desabar uma história que começara muito bem. E as vezes mesmo até um contista. É preciso não confundir conto com piada, como fazem muitos, com capítulo de romance, com trecho de livro, ou muitas vezes até, como se dá, com crônica. O conto é um gênero autônomo, que possui suas leis próprias — se bem que até hoje ainda não estejam lá muito bem definidas. Possui algumas características que o diferenciam e isolam dentro da literatura.

Também, da mesma forma como não é fácil escrever bons contos, não é tão fácil escrever sobre o mesmo, analisar um livro de contos e dizer se presta ou não. O gênero, sendo dos mais complexos e contraditórios, os próprios críticos e historiadores literários não estão acordados no que diz respeito ao "short story", cada qual tendo sua opinião particular e querendo defendê-la pois acha ser a verdadeira. O que ninguém nega porém é que para uma análise precisa, clara, lúcida, onde se possam definir os valores e defeitos de um trabalho, se exigem amplos conhecimentos, de contacto, de estudo e paciente perquirição. É preciso ler, comparar, e só depois é possível dar uma opinião mais ou menos abalizada. Não temos, por isto, pretensão de fazer crítica de contos. Mas sim um simples passeio de estudo e aprendizado através do livro que ora temos em mão. (A Viagem Definitiva — contos — Eduardo Campos — Editora Fortaleza — Edição patrocinada pela revista "CLA" — Ceará — 1949).

Os contos que Eduardo Campos nos apresenta em seu volume, são pequenos apanhados da vida, trechos soltos, fixados em traços rápidos e precisos. Num estilo simples, claro, sem malabarismos, com frases curtas e incisivas, o A. nos conta uma história, um caso. E só. Mas, se não podemos dizer de seus contos que são profundamente trabalhados, sofridos, onde se faça uma busca estafante de lingua-

gem, uma análise psicológica, procura estilística, também é verdade que não são desta simples literatura a flor da pele. Não! Sempre se nota uma tentativa de aprofundamento, que não sabemos porque o A. não leva avante.

Eduardo Campos não possui esta preocupação de procura, do estudo dos tipos, das personalidades jogadas no meio ambiente e suas reações em confronto com a vida. Ele simplesmente conta as vidas que pega sem maiores intensões; ele se satisfaz em contar a história, em mostrar ao leitor uma situação. Pega um dado acontecimento e o desenvolve, muitas vezes mesmo sem tirar dele tudo o que o mesmo oferece. Não há, pelo menos não notamos nestes contos de "A Viagem Definitiva", esta preocupação constante notada na maioria dos escritores de hoje, de fazer literatura. Mas sim de contar, no gênero de um S. Maugham por exemplo, ou de um O. Henry. É a fixação de um instante da vida, é a descrição de um caso.

Porém será isto um bem ou um mal? Não sabemos. Talvez até um bem. Talvez que a nossa falha seja a preocupação demasiada em procurar isto que chamamos "literatura", em tudo. Pode ser até que o que chamamos de "literatura", não seja nada disso, não seja nada mais do que a falta de simplicidade, até talvez de humanidade, transformando as histórias em mera coisa sem vida. E este perigo não existe em Eduardo Campos. Suas histórias transbordam de vida, de sentimento, estão peçadas de humanidade. Um cheiro acre de terra, de sofrimento, de sensações as mais diversas se evola desses contos do livro. Nunca a preocupação de iludir, mas sempre alguma coisa para contar, um fato simples, e que as mais das vezes a nós outros passaria despercebido, mas que o A. nos mostra com seu poder de ficcionista. Agora, perguntamos, e é esta uma questão muito debatida por todos: Na obra de arte não será preciso um pouco de despersonalização, de desumanidade? Este demasiado sentimento humano não prejudicará a obra de arte? Tornando-a as vezes mesmo falsa e infiel a custa de demasiada fidelidade aos modelos? São per-

guntas que não temos pretensão de responder. Apenas lançamos porque elas estão nos comichando cá por dentro. Deixamo-las para outros mais capazes.

Nos contos de Eduardo Campos, um sabor meio regionalista por vezes, sem nunca perder porém o sentido universal. As histórias decorrem no Ceará, os tipos e costumes são característicos, os modos por que as coisas são apresentadas tem cor local, mas o fato, o caso, a coisa em si, com pequenas variantes, com modificações de sômos, poderia ter ocorrido em qualquer parte do mundo. Eis um dos bons valores do livro. Esta capacidade que o autor tem de nos apresentar assim casos locais sendo universais.

São contos cheios de ironia, mesclada de uma piedade infinita pelos homens que lutam e sofrem. E também uma visão pessimista do mundo. Um pessimismo amargo, porém sempre poético, a nota lírica nunca faltando, algo pegado até muitas vezes, como no conto "Alice, me dê Amor".

O volume está bem apresentado, e possui uma certa unidade, um equilíbrio, sem grandes altos e baixos. É claro que seria possível destacar umas histórias, mas coisa de gosto particular. Não de valor ou de importância fundamental dentro do volume. Pois todos tem quase o mesmo interesse, prendem, e são bem construídos, dentro de uma técnica própria. Apesar disto quase nada possuem de novo, o A. quase não se preocupou em ter visão própria, sua, das coisas. Em ver de ângulos novos seus casos. Em dar uma contribuição original. Mas sim e somente em contar os casos com fidelidade. Ele se contenta com isto. É mais um fotógrafo do que um pesquisador de almas. O que não impede que vez por outra possua análises penetrantes. E contos bem desenvolvidos, onde se une o interesse da história ao modo como é visto. Contos como "A Mosca" (que foi o que mais nos agradou no volume). "O Cordão de ouro", "Fuga", "As rosas de Margarida" e a Torneira Aberta a par de uma poesia fininha, leve e boa, um estilo seguro, nos agradaram profundamente pelo que trazem de conteúdo e contribuição própria do autor. É onde ele consegue ser mais pessoal.

Já não podemos dizer o mesmo do citado "Alice, me dê Amor", "Seu mundo era o mar", "O Encontro", Uma história de carnaval, e especialmente "O tocador de bombo", onde o banal, o lugar comum se encontram ao lado muitas vezes com o chavão e o mau gosto. Alias "o tocador de Bombo" é do gênero conto piada.

Fazendo-se o balanço do volume, com todos os pros e contras, o saldo é positivo. É favorável "A Viagem Definitiva" se não chega a ser um bom livro de contos, um volume definitivo, é regular. E durante toda a viagem por ele, não se boceja de tédio. E conseguir isto no gênero, é conseguir muito. Bastante. Mostra que o A. promete. E que com tempo e prática poderá se impor neste gênero difícilimo que possui centenas de cultores e poucos, pouquíssimos valores reais.

Julho 1949

## NOTAS DE UM APRENDIZ DE CRÍTICA

Salim Miguel

## IV

## Uma antologia... Nada antologica

Verdadeiramente decepcionante a "Antologia de Contos de Escritores Novos do Brasil". (Edição apresentada pela "Revista Branca" do Rio, como sua primeira edição e que contem 36 nomes de escritores novos do Brasil, de quase todos os estados).

Verdadeiramente decepcionante, dissemos. E é isto mesmo. Não que esperassemos algo de ótimo no gênero, uma antologia onde se destacassem muitos bons novos contistas, e que nos deixasse ver uma nova geração bem futura, à qual fôsse possível prognosticar um belo futuro nas letras brasileiras. Não! Não tínhamos tal esperança. Já pela maneira como foi organizada a antologia, um modo que nos pareceu nada bom; já porque o gênero sendo dos mais difíceis como realmente o é, exige de quem o quer utilizar e aplicar uma técnica toda especial, a qual não é logicamente possível que todos possuam. Nem tal coisa se lhes pede. Mas sob este ponto o próprio organizador da "Antologia" já se manifesta na "Nota Explicativa", quando diz: "Não só de contistas, mas também de domancistas e poetas"; ao que nós acrescentariamos ainda cronistas, críticos, etc. Porque, em verdade, o que menos há na antologia são contistas. E então de bons contistas e contos nem se fala. Tanto uns como outros pouco aparecem. E quando aparecem ou os contos já nos eram por demais conhecidos e neste caso quase não havia razão para encontrá-los numa antologia de novos (Murilo Rubião por exemplo com seu conto "O Ex-Mágico", tirado do volume do mesmo título) ou então não se apresentam com seus melhores trabalhos (e é este o caso de um Saldanha Coelho autor de alguns contos bem regulares publicados pela "Revista Branca" e que se apresenta com um inexpressivo "A Mulher do Comerciante").

Quanto a grande maioria, inteiramente sem importância. Contos de verdadeira insignificância, de factura quase escolar, de construção vacilante, titubeando, onde não se nota a busca, a pesquisa estafante em procura de novos moldes no gênero, de contribuição e significado próprio os trabalhos, ou então uma perfeita técnica, um domínio completo do assunto e da matéria, do que se quer fazer.

A verdade já por demais conhecida, é que no conto não há por onde fugir. Dois caminhos se impõem. E por eles é que é preciso saber se guiar.

Ou se conta uma história, um episódio, nos velhos moldes de um Maupassant (e até mesmo dentro desse estilo ainda mesmo hoje é possível fazer coisa boa, exemplo nessa mesma antologia com Lígia Fagundes Teles); ou então se tenta o conto moderno cujos mestres ainda são K. Mansfield e A. Tchekow, com aperfeiçoamento de J. Joyce e alguma coisa da

sova técnica de poucos americanos de vanguarda, influenciados pelo cinema. Mas neste conto moderno é ainda muito mais difícil de se conseguir coisa boa, exigindo um maior domínio técnico e estilístico, um aprofundamento maior, uma análise mais sofrida, mais pesquisa e procura. O que muito raramente se encontra na Antologia.

Os da Antologia são na grande maioria contos feitos com absoluta despreocupação de estilo e linguagem (pois não queremos crer que seja incapacidade), sem esta busca estafante do termo exato, do cuidado na construção da frase e do período, da coisa nova e pura, sem servilismo aos antigos moldes, mas sabendo utiliza-los no que eles tem de bom, aproveitando tão somente o que eles nos podem dar como contribuição e valorização no gênero. E onde encontrar tal coisa na Antologia da Revista Branca? Francamente, se tal Antologia representasse a nova geração de escritores do Brasil, se ela fôsse a sua expressão mais alta e o que há de melhor estivesse contido nela, pobre geração! Pode-se dizer que os nomes ali apresentados "sejam" valores da nova geração. Mas não se dá o mesmo com os trabalhos apresentados. Estes são um momento infeliz de elementos da geração. Porque caso contrário, que geração seria esta, que já nasceu tão mirrada e sem valor, presa a uma série de ideias mais do que velhas e preconcebidas, presa aos modelos antigos que ela tão violentamente quer combater! E no entanto, que toma ela das gerações passadas? O que estas gerações fizeram de melhor, o que estas gerações buscaram e pesquisaram? Não! Tão somente o que essas mesmas gerações haviam abandonado, deixando para traz por já gasto. Queremos por isto crer que tal antologia não passa de um momento sem sorte da nova geração. Pra felicidade de todos nós que a ela pertencemos. Caso contrário não poderemos de agora em diante criticar mais ninguém que teremos sempre sobre nossas costas a carga da "Antologia".

A "Antologia" está cheia de contos onde o lugar comum, o banal, o já cediço e gasto, prá lá de devendo estar enterrado, se unem e passeiam de mãos dadas. O conto regionalista de pior espécie, o conto piada de classe mais infima, o conto surpresa, até mesmo o conto pseudo moralista, em estilo rançoso, e que nada tem a ver com arte ali se encontram. É de abismar a falta de auto crítica. O mau gosto na escolha espanta. A falta de um pouco de compreensão do elemento artístico valorizado pelo bom gosto é quase total. E a construção é quase sempre falha, o desenvolvimento sem interesse nem unidade, o estilo frouxo. Quando a tentativa é de conto moderno, não se conhecem as linhas mestras do gênero, os seus maiores cultores. Quando se quer fazer o conto academico, não se possui a base e o conhecimento dos que o praticaram antes. Parece não se fazer pesquisa, não se reforçar. Raros, bem raros os que buscam construir com algo novo, trazer algo próprio,

dar uma parcela de si mesmos para o volume. Nenhum conto que traga uma contribuição verdadeiramente nova e original. Poucos contos que se aguentam por si próprios, sem o nome do Autor conhecido já por trabalhos anteriores a aguenta-los, afirmá-los. A grande maioria parece se satisfazer em ter colaborado para a antologia. Pobre "Antologia"! Com uma apresentação tão boa, numa edição bem cuidada e feita com tanto carinho, agradável, até mesmo com algumas boas xilogravuras do Yllen êrr. Sim, porque até mesmo Yllen êrr conhecido por tantos trabalhos de real valor, em muitas ilustrações do volume, foi bem infeliz. Mas, agora perguntamos: Também com tais trabalhos, poderia ele ter feito coisa melhor, poderíamos nós exigir mais? Mereciam os contos em sua maioria coisa melhor?

Numa escolha para alguns trabalhos melhores, na nossa opinião — isto é, que mais nos agradaram — ficaríamos em dúvida, porquanto a verdade é que bem poucos são bons, valem alguma coisa e um estudo mais demorado, uma procura de pesquisa e filiação. E as vezes ficamos mesmo com medo e nos perguntarmos intimamente: serão tais contos bons mesmo, ou o resto é que é de tão baixa qualidade e sem significado que os poucos restantes logicamente terão que sobressair? Mas não! Devem ser bons mesmo, porque alguns deles lidos antes já nos haviam agradado, deixado impressão favorável.

Sempre é difícil e desagradável uma escolha de tal forma, pois as mais das vezes não passa de gosto particular, coisa íntima. Em todo caso, na nossa opinião além de "O Ex-Mágico", de Murilo Rubião; "Entre a Fila e o Jardim", de Gastão de Holanda; "Em torno de um Veleiro", de Nataniel Dantas; "Os Mortos", de Lígia Fagundes Teles; "O Navio", de Aluisio Medeiros; "Céu Limpo", de Eduardo Campos, pouca coisa mais se salva. Muito pouca. Pequenos trechos esparsos. De trabalhos quase sempre sem significado, até mesmo de nomes de valor. Algumas frases e períodos de contos como por exemplo "O Baralho", de Da Costa e Silva Filho; "A Mão e o Destino", de Cleia Malheiros; "Padrão G.", de José Carlos Cavalcanti Borges; "Capela Velha", de Roland Carbisier; frases soltas da primeira parte de "Cafezinho de Visita", de Anibal Nunes Pires, o unico elemento de Santa Catarina que participa da Antologia. E só.

Mas mesmo em todos estes que citamos, quase nada como contribuição própria ao gênero, só se salvando uns dois ou três.

E é pena. Pois que esta "Antologia de Contos de Escritores Novos do Brasil", se feita com mais cuidado e atenção, poderia mais tarde se tornar uma contribuição valiosíssima para o conhecimento "exato" de um período de grandes transformações tanto culturais como sociais no Brasil. Assim nada mais é do que uma inexpressiva coleta de nomes, uns bons, outros passáveis, e outros... nem isto.

Setembro 1949

# Uma Explicação

Salim Miguel

Há uma curiosa e inverídica teoria sobre o C. A. M. e que pela insistência com que vem sendo comentada merece explicação. É a respeito da pretensa mania de que o C. A. M. é uma agremiação "fechada", que se isola e retrai, que não admite ninguém, recusando pertinazmente todos os "novos" que a ela se queiram chegar. Nada mais absurdo, mais contra a verdade. O C. A. M. foi, é e será aberto a todos, contra toda e qualquer "igrejinha", contra os grupinhos culturais e artísticos que desejam isolar e viver só; pois que é indispensável contacto e troca de idéias. Nada mais prejudicial à arte, nada que a limite mais, que a confine e a faça uma coisa desligada da vida do que os grupinhos auto-suficientes. E ninguém mais contra isto do que nós.

Então, é de se perguntar, don-

terá vindo, que motivo terá determinado a tal idéia do grupinho? Do nada não é possível tirar alguma coisa! Para uma explicação devemos reportar-nos há dois anos atrás, quando do surgimento do C. A. M. Faremos um rápido retrocesso para podermos chegar a uma conclusão.

O C. A. M. ao nascer, ao tentar se erguer e acompanhar este movimento de renovação artística que se estava processando no Brasil, num momento em que antes nada ou quase nada havia feito, foi atacado por todos, indistintamente. Os que o aceitavam eram curiosidade, curiosos e meio divertiam-se a divertir. (Não sei se a opinião já tenha mudado). E mais raros, quando os que nos ajudaram a fazer-se tudo do nosso

conclue na 3a. pág.

o que é antigo é bom. Este momento de campanha se aceita verificar, mas o tempo podemos de maneira não se está fazendo.

Literatura, música, problemas que nos preocupam a Renato Almeida saber discutidos, misturados de nós... alucinados (como éramos capazes de fazer)

"Não é possível que em tudo isto, há um procura emocionar e não

"No quadro de Portinari, a mulher chorando com lágrimas enormes. As lágrimas são o centro do quadro. Noutro quadro, a famosa bicicleta mostra que o sacrifício de Abraão está fora do tempo, é eterno".

"A reação contra Portinari foi convidado pelo governo norte-americano para decorar a Biblioteca do Congresso (Washington) e Vila-Lobos (um dos maiores compositores contemporâneos e cujo nome é citado em todos os compêndios de música) não é maior por a aceitação veio de fora"

"A que atribue você, não ter aparecido no Brasil um número de obras de teatro a altura dos músicos?"

Era Renato Almeida que perguntava a Paschoal o motivo de não ter ainda aparecido no Brasil um teatro; um teatro que se pudesse comparar com outros estrangeiros.

Paschoal tem a palavra: "Em primeiro lugar, o preconceito do meio".

Nunca foi possível o nascimento de um verdadeiro teatro. Ser ator, não era decente para ninguém e quem seguia a carreira teatral, recorria ao último recurso de se dispunha. As famílias não permitiam de maneira alguma que seus filhos se tornassem atores. Os que se decidiram, rompiam com os seus, fazendo um ato de bravura. Era um ato de bravura ser ator. Era uma profissão à margem da sociedade e só hoje vai compreendendo a grandeza, o sacrifício e o desprendimento daqueles que fazem da ribalta a sua vida. Só agora começa a nascer o estímulo, o apê e a compreensão para com aqueles que escolheram alto ideal.

"Segundo, o preconceito intelectual — a coisa mais chatíssima do meio"

"Escrever para teatro era degradante, era descer. "O teatro ficou nas mãos de uns cavalheiros que faziam a "pequenezista". Só houve até agora no Brasil, o teatro de vistas. A reação, hoje, está na primeira fase: há ator, o diretor, o cenógrafo, o electricista. Mas... existe teatro quando existe autor".

Mãe, vamos discutir, para o Existencialismo. Vamos discutir, para o Existencialismo. Vamos discutir, para o Existencialismo.

"É uma filosofia soladora, de decadência e angústia. É terrivelmente pessimista e desoladora, acrescentou".

"O homem tem mais ampla liberdade — a existência precede a essência — porém, no momento em que se decide, vem a angústia. Nós somos o que não somos; o trágico está no existir. É uma situação desesperada: uma situação de apodrecimento e angústia. O homem é que não é, tendendo para o outro que o nega".

"O existencialismo de Sartre criou a relação do homem com o não-creado dentro dele. Cortou todas as outras relações: nega a existência de Deus por princípio, enquanto que o existencialismo católico estabelece o patto entre a inteligência e a fé".

Já chegávamos ao fim. Renato Almeida sempre com os mesmos ideais aqueles que o levaram a ser um dos mais vigorosos integrantes do grupo dos modernistas de 22, terminou dizendo-nos:

"Sejam muito seu tempo: sejam modernos; mas não deixem, por serem modernistas, de ter uma excelente cultura".

"Lutem por isso! Há luta de grande resistência, coragem e às vezes heroísmo!"

este momento de campanha se aceita verificar, mas o tempo podemos de maneira não se está fazendo.

e mil outros problemas que nos preocupam a Renato Almeida saber discutidos, misturados de nós... alucinados (como éramos capazes de fazer)

maso esteja brincando. Aceito: a beleza. A arte beleza".

Portinari, a mulher chorando com lágrimas enormes. As lágrimas são o centro do quadro. Noutro quadro, a famosa bicicleta mostra que o sacrifício de Abraão está fora do tempo, é eterno".

foi convidado pelo governo norte-americano para decorar a Biblioteca do Congresso (Washington) e Vila-Lobos (um dos maiores compositores contemporâneos e cujo nome é citado em todos os compêndios de música) não é maior por a aceitação veio de fora"

que não ter aparecido no Brasil um número de obras de teatro a altura dos músicos?"

que perguntava a Paschoal o motivo de não ter ainda aparecido no Brasil um teatro; um teatro que se pudesse comparar com outros estrangeiros.

tem a palavra: "Em primeiro lugar, o preconceito do meio".

foi possível o nascimento de um verdadeiro teatro. Ser ator, não era decente para ninguém e quem seguia a carreira teatral, recorria ao último recurso de se dispunha. As famílias não permitiam de maneira alguma que seus filhos se tornassem atores. Os que se decidiram, rompiam com os seus, fazendo um ato de bravura. Era um ato de bravura ser ator. Era uma profissão à margem da sociedade e só hoje vai compreendendo a grandeza, o sacrifício e o desprendimento daqueles que fazem da ribalta a sua vida. Só agora começa a nascer o estímulo, o apê e a compreensão para com aqueles que escolheram alto ideal.

"Segundo, o preconceito intelectual — a coisa mais chatíssima do meio"

Escrever para teatro era degradante, era descer. "O teatro ficou nas mãos de uns cavalheiros que faziam a "pequenezista". Só houve até agora no Brasil, o teatro de vistas. A reação, hoje, está na primeira fase: há ator, o diretor, o cenógrafo, o electricista. Mas... existe teatro quando existe autor".

Mãe, vamos discutir, para o Existencialismo. Vamos discutir, para o Existencialismo. Vamos discutir, para o Existencialismo.

"É uma filosofia soladora, de decadência e angústia. É terrivelmente pessimista e desoladora, acrescentou".

"O homem tem mais ampla liberdade — a existência precede a essência — porém, no momento em que se decide, vem a angústia. Nós somos o que não somos; o trágico está no existir. É uma situação desesperada: uma situação de apodrecimento e angústia. O homem é que não é, tendendo para o outro que o nega".

"O existencialismo de Sartre criou a relação do homem com o não-creado dentro dele. Cortou todas as outras relações: nega a existência de Deus por princípio, enquanto que o existencialismo católico estabelece o patto entre a inteligência e a fé".

Já chegávamos ao fim. Renato Almeida sempre com os mesmos ideais aqueles que o levaram a ser um dos mais vigorosos integrantes do grupo dos modernistas de 22, terminou dizendo-nos:

"Sejam muito seu tempo: sejam modernos; mas não deixem, por serem modernistas, de ter uma excelente cultura".

"Lutem por isso! Há luta de grande resistência, coragem e às vezes heroísmo!"

# A propósito de Mário de Andrade

Salim Miguel

"Para quem me regeita trabalho perdido explicar o que, antes de ler, já não aceitou."

Mário de Andrade

Um esclarecimento inicial, julgamos necessário: Não estamos aqui para defender Mário de Andrade porque, julgamos, êle não precisa da nossa prá lá de modesta ajuda. De mais essa frase que tomamos como epigrafe, define tudo, diz tudo. Queremos tão somente expor certos pontos de vista, esclarecer alguma coisa do obscuro que está rasaltando de uma série de artigos; artigos às vezes o seu tanto contraditórios e confusos. E se quiséssemos defender Mário, o que simplesmente faríamos seria bisar a fábula da môsca que os nossos leitores tiveram a honra de ler ainda há poucos dias, transcrita por um ilustre beletrista da terra.

Começemos assim; Quando se quer falar em Arte no Brasil, somente por ignorância ou má fé se poderá desconhecer o valor funda-

## Visitantes

Florianópolis hospeda por alguns dias o grande escultor brasileiro Bruno Giorgi. Bruno Giorgi que é uma das mais importantes, se não a mais importante figura do Brasil como escultor, está aqui a convite do governo, onde assistirá a inauguração do busto de Rui Barbosa, em tão boa hora a ele encomendado pelo governador do estado. Sim, em tão boa hora por varios motivos; e um que nos toca bem de perto; e é que somente assim foi-nos dada a oportunidade de entrar em contato com esta impressionante figura de artista moderno. Sobre Bruno Giorgi falaremos mais demoradamente em nosso proximo número. Por agora somente queremos registrar a nossa satisfação por ser entre nós o artista de "Monumento à Juventude" e tantos outros trabalhos de valor.

"IDADE 21" — Poemas de Walmor Cardoso da Silva

Já se encontra nas Livrarias o volume "Idade 21" — poemas de Walmor C. da Silva, "Cadernos SUL" — 1. Adquira seu exemplar e assim estará colaborando com o movimento editorial dos "novos" de Santa Catarina. Edição limitada.

mental da "Semana de Arte Moderna de 22"; e a influência dela no cenário cultural do país. Isto já foi dito e redito; da mesma forma como também estamos cansados de frisar que nem tudo o que a Semana fez foi bom, ou tudo o que ela pretendeu derrubar não prestava. Mas esta já é outra história. O que é preciso notar é o seguinte: era imprescindível olhar as condições psicológicas do momento. E não se vai querer que um movimento intelectual, ao surgir, já traga tudo delineado e mastigado. Não! A medida que a luta contra o passado se vai desenrolando, de acôrdo com as condições, se verá o que fazer. Disto, logicamente, muito êrro advirá. Porém sem êrro não é possível construir. O que não se pode é estagnar. O mundo é dinâmico e não estático. Foi o que a geração de 22 procurou combater: a estagnação, que é morte.

Depois então, como realmente foi feito, foram sendo limadas as arestas, os exagêros mais do que naturais; procurou-se alcançar a medida exata das coisas. Os vultos do passado de real valor, muitas vezes antes de 22 inteiramente esquecidos, saíram maiores. É lógico que um Coelho Neto, com sua enxurrada de helenismo mal enjambrado, precisando de ser traduzido para que se pudesse ler, não iria sobreviver. E assim todos os que acompanhavam o "último heleno" como a si mesmo êle se intitulava. Porém um vulto de real valor até então quase inteiramente desconhecido como Manoel Antônio de Almeida, tomou seu verdadeiro lugar nas letras brasileiras.

E foi só desde então, afora anteriormente rarissimas vozes isoladas, que os intelectuais brasileiros começaram a se preocupar com o Brasil.

Atacam Mário de Andrade pelas inovações trazidas à lingua, pelas tentativas feitas. Mas o que queria êle com tal busca; o que desejava? Não saberia por acaso escrever como um Olegario Mariano? Não saberia construir alambicados sonetos sôbre mortes de cigarras? Sabia. Tanto que para o provar fez sonetos perfeitos e até melhores. Porém Mário, artista conciente, compreendeu que o gênero estava esgotado e não traria contribuição

Conclue na 3a. pág.

**Atacar ou louvar simplesmente, é fácil; realizar alguma coisa é que são elas**

## A propósito de Mário de Andrade

Continuação  
Salim Miguel  
"O PASSADO É LIÇÃO PARA SE  
MEDITAR, NÃO PARA REPRODU-  
ZIR".

Mário de Andrade

Prá que falarmos porém, ati-  
rarmos palavras ao vento, semen-  
te em pedregulho, onde não pode-  
rá vingar! Se o próprio Mário já

dizia: "Para quem me regeita tra-  
balho perdido explicar o que, an-  
tes de ler, já não aceitou." Eis a  
nosso ver o mal maior. O mal sem  
remédio. Está contida nesta pe-  
quena frase de Mário toda uma  
tragédia de um homem, do artista  
contra o meio. Não se procura sa-  
ber, analisar, entrar na raiz da

coisa, entender o porque, e se diz:  
"Vejam, é absurdo, é louco, não  
presta e quer subverter a bela or-  
dem das coisas" Nada mais risí-  
vel. Mas, por que não presta, qual  
a razão, que intensão tem a pessoa,  
sem saber, em dizer que não pres-  
ta? Imitaremos nós os do passado,  
que vêm desde o início dos sécu-

los atacando os inovadores, os que  
saem da rotina? Não evoluirá mes-  
mo, o homem? Será sempre um  
ser prêso à série de preconceitos?  
Atacará sempre por ignorância ou  
pelo mero prazer de atacar? A his-  
tória está cheia de exemplos; exem-  
plos que se repetem de tempo em  
tempo. Homens queimados em fog-  
ueiras por defenderem suas idéias  
contra a maioria; homens queima-  
dos em pior fogueira ainda que é

a da incompreensão. Os casos pu-  
lulam a cada passo. Citemos só  
um recente, o de James Joyce  
quando da publicação de "Ulis-  
ses", hoje já livro consagrado ou  
clássico. Mas não é preciso ir tão  
longe. Fiquemos mesmo em Mário  
de Andrade. Que chegava a perder  
seus alunos "por ser maluco". Ho-  
je a não ser raras vozes isoladas,  
ninguém mais no Brasil nega a  
(Continua na 5a. página)

# PAGINA LITERÁRIA

ORIENTAÇÃO DO CÍRCULO DE ARTE MODERNA

Correspondência:  
Caixa Postal 384

## A propósito de Mario de Andrade A visita de Edino Krieger do Grupo Musica Viva

SALIM MIGUEL

(Continuação)

"O DESTINO DO ARTISTA ERUDITO NÃO É FAZER ARTE PRO POVO,  
MAS PRA MELHORAR A VIDA,

Mário de Andrade

Mário de Andrade nunca deixava de proteger, olhar com atenção e cuidado para tudo que se fazia. Dizia que era preferível elogiar um mau (pois que com o tempo este desapareceria, não poderia resistir), a criticar simplesmente e às vezes, por incapacidade de compreensão, por a perder um bom. Chegava até ao cúmulo de exagerar por bondade, por solidariedade humana; e convenhamos que tal atitude neste mundo caótico e mau, merece o nosso maior respeito. E se ele errou — qual o homem que não terá errado e infeliz dele! — foi procurando fazer alguma coisa. Só não erram os que nada fazem mais do que criticar. Mas não! Até esses mesmo erram, pois que deveriam ficar calados. Atacar é fácil; da mesma forma que elogiar. Realizar alguma coisa é que são elas. Especialmente num ambiente adverso e frio.

Perguntamos: por que haveremos de fazer somente o que os outros antes de nós fizeram? Qual o resultado, o proveito que nos advirá e ao mundo de tal coisa? De repetirmos sempre e sempre da mesma forma, e da mesma maneira, as mesmas coisas, vistas de idênticos ângulos? Devemos saber, isto sim, saber aproveitar a lição dos outros, dos que os antecederam; e de tal fato tirar conclusões e soluções nossas e novas. Aproveitar a lição, não a copiar nem imitar, venha ela de onde vier. Sem idéias preconcebidas de atacar ou elogiar.

Nós modernos nunca condenamos ou atacamos os clássicos; até muito pelo contrário. Até os defendemos contra os acadêmicos. Sim, pois que os acadêmicos são os nocivos à arte, são a estratificação a parada numa idéia única a verdade última sem admissão da evolução, a estabilização sem mais avanço. O moderno é a reação do clássico contra o acadêmico. Clássico é o ponto mais alto de uma cultura ou uma obra em qualquer época. Por isto, Gide já é clássico assim como James Joyce. Acadêmico é a estratificação, a parada sem busca nem novas procuras. São os modernos que divulgam e estão revalorizando

Esteve durante tres dias em Florianópolis o compositor catarinense Edino Krieger, um dos integrantes do Grupo "MUSICA VIVA" do Rio de Janeiro, grupo este que segue o "atonalismo musical" eriado por Schönberg, que é a forma mais moderna da música.

A partir do nº 10 de SUL, começaremos a publicar em suas páginas, artigos sobre o atonalismo, bem como artigos de música em

geral, os quais serão assinados pelos integrantes do grupo "Música Viva".

Além de vários executantes das diversas orquestras do Rio, bem como de instrumentalistas são membros do grupo "MUSICA VIVA", entre outros:

EUNICE CATUNDA — pianista, dentre outras obras musicais compôs uma ópera miniatura baseada na lenda do Negrinho do Pasto-

reio; GUERRA PEIXE — Orquestrador, emprestando atualmente seus serviços a Rádio Nacional do Rio de Janeiro onde tem feito boas orquestrações da nossa música popular; I.J.KOELLREUTER — Flautista, estudou com Marcel Moyse, reside no Brasil desde 1937, é flautista da orquestra sinfônica Brasileira, tem diversas composições atonalistas; CLÁUDIO SANTORO — Violinista, chegou recentemente da Europa a onde fora em viagens de estudo; CORNELIO HAUER — engenheiro de profissão mas, também um bom violinista que tem colaborado como os outros para que o atonalismo musical seja uma realidade no Brasil; finalmente temos o brusquense EDINO KRIEGER — a quem também já conhecíamos de nome através de um seu improviso para flauta e piano executado aqui em Florianópolis num concerto de musica de câmara, concerto este que fez "época". Edino é violinista e ainda recentemente esteve em New York estudando composição.

O grupo Música Viva mantém semanalmente um programa na Rádio Ministério da Educação do Rio de Janeiro, tendo também alguns dos seus integrantes feito o roteiro musical de vários filmes brasileiros.

A respeito de certo artigo que se acabou de publicar no jornal "O Estado", que tratava de problemas de arte, defendendo "academismo" e atacando de um modo assaz áspero e sem análise a "Arte Moderna" já temos prontas nossas respostas onde são analisadas as idéias expostas naquele artigo, análises estas sem partidatismo.

Somente como não possuímos um jornal onde seja possível publicarmos diariamente, temos que nos contentar com as publicações dominicais em nossa "Página Literária".

o clássico contra a ignorância do acadêmico que só sabe copiar. Arte é criar.

Já L. da Vinci dizia que "Arte é coisa mental"; e sendo assim nunca poderá ser cópia ou reprodução. Mas criação, o sentimento íntimo do artista a visão que ele tem das coisas as reações e idéias que elas lhe sugerem, a contribuição que ele deixa para os que lhe seguirão, a retrato de sua época.

Convenhamos que a arte de nossos dias é contraditória e confusa. Que significa tal fato? Que ela não presta? Ou que está representando, fotografando esta nossa época de convulsões de verdadeiro descalabra moral e intelectual. A obra do artista tem logicamente que refletir a época. E ficará como um espelho da mesma forma que as de outros tempos ficaram.

(continua)

Já uma vez denunciámos a semvergonhice literária

CRITICA E CRITICOS

cismo é necessário a salvaguarda da Pátria". A sujeira é

“Não quis tentar primitivismo vesgo e insincero. Somos na realidade os primitivos duma nova era. Esteticamente: fui buscar entre hipóteses feitas por psicólogos, naturalistas e críticos sobre os primitivos das eras passadas, expressão mais humana e livre de arte.,

*Mário de Andrade*

Paralelamente, sempre paralelos! Comparações... Nós nunca dissemos que estamos fazendo coisa boa, sólida, concreta. Estamos *tentando*. Nós nunca fizemos, nem tivemos o pedantismo de comparar a geração de agora com as outras, quando já feitas. Mas como fazer isto? Se apenas estamos surgindo! Como comparar com quem já desapareceu e deu o que tinha para dar? Só podemos comparar com as gerações passadas quando elas apenas estavam surgindo; que foi o que aliás o Elio Ballstaedt fez. Podemos analisá-los. E depois fazer nós. Estamos nos abalanchando, vendo nossas possibilidades, aproveitando o que há de bom em qualquer setor, o que mais nos serve, se coaduna com o nosso temperamento e modo de ser: para então, bem mais tarde, se possível, construirmos nossa obra. Mas sem este contacto direto não é possível fazer nada. Diremos mesmo que o enclausuramento do artista, a torre de marfim em que se metia antes, esse medo de divulgar suas idéias e discutí-las, é que fez o atraso maior da arte acadêmica, e é o que dá algum valor às nossas simples tentativas. Não se depreenda do que dissemos que o artista deve fazer conseqüências ao público. Não! O público é que com estudo deve chegar ao artista. O artista é a sentinela avançada do mundo. E como sentinela ele sofre mais e luta mais. Até mesmo contra o mundo que ele defende e conduz.

## A propósito de Mário de Andrade

*Continuação*

SALIM MIGUEL

Não doutrinamos nem gostamos de ser doutrinados. Nem permitimos. Cada qual de nós tem a mais completa liberdade. Não respeitamos ninguém nem nada que não possamos antes analisar e tirar nossas conclusões. (Sejam elas certas ou erradas é coisa que não discutiremos no momento e que somente o futuro decidirá.)

Para nós toda manifestação de arte, todo pensamento humano, venha donde vier, do mais remoto passado ou do que seja mais novo, tem seu valor e importância. Alguém o meditou e aceitou. Nós o aceitaremos ou não — mas por nós mesmos. Tudo traz sua contribuição, à humanidade desde que tenha um único ponto: sinceridade.

Por isto, por não termos escolas, por que cada um de nós tem seu caminho próprio (estando todos sob uma mesma bandeira porém esta tão somente de trabalho e não de encadeamento de idéias) é que divergimos dos que só pensam por uma cabeça. Se temos pontos de contacto, idéias idênticas, é questão de época, dos costumes, e das influências de que ninguém se pode ver totalmente livre.

Os novos de hoje nada têm a ver com os novos de 22. E foi esta uma lição que nos legou Mário e seus companheiros. Estamos certos de que não gostaríamos que nos subordinássemos a eles, pois que aí voltaríamos ao antigo e inócuo círculo viciado. Reconhecemos o que eles fizeram de bom, as contribuições trazidas, compreendemos o exagero para o momento, não poderíamos compreendê-lo agora, já que as condições psicológicas são outras e exigem outra atitude, inteiramente outra e concêntrica com o mo-

mento; e regeitamos o mais que eles deixaram. A geração de agora faz assim não só com eles, mas com todo o passado; aproveita deles o que é bom (ou o que julga ser bom). Não prega a derrubada dos de 22; mas a considera justa para a época e a única medida cabível. “Chamem de festa e qualifiquem de essencialmente destrutiva a semana, se fazendo-lhe a justiça de reconhecer no estardalhaço e na agressividade a única saída, a formula providencial. (Retroato de Arte moderna do Brasil — Lourival Gomes Machado). Em idêntica situação vemos que possivelmente faríamos o mesmo. Muitos falsos deuses e conceitos falsos existiam, que era preciso derrubar. Por eles ou por outros. A ocasião, o momento foi o deles. E ninguém poderá negar que eles se desincumbiram da tarefa às mil maravilhas, lindamente. Limparam o cenário cultural do Brasil que estava tão estagnado, lhe deram vida, abriram caminho para o que se está fazendo hoje, para o que já se fez.

Uma coisa é preciso que se saiba: enquanto existirem homens e mulheres à face da terra, ninguém poderá dizer a última palavra, dogmatizar; sobre nada: tudo será relativo; porque outros homens com outras verdades surgirão. E que serão tão verdades quanto as nossas. Por que teríamos nós o direito de dizer a última palavra, a verdade final? Que privilégio seria esse? E por que? Puro convencimento de que tudo, todo o saber se houvesse cristalizado em nós. Se não parecêssemos assim também estar dogmatizando, diríamos que o mal maior da humanidade é o dogma. E a intransigência num mesmo ponto de vista.

*Continua*

A PROPOSITO DE MARIO DE ANDRADE  
ConclusãoSALIM MIGUEL  
OS VELHOS MORRERÃO

Mário de Andrade

Mais uma e fechamos as citações. Caso contrário acabaremos como certos escritores nossos conhecidos: "escritores de transcrições". O que deve lhes ser muito mais fácil já que não possuem capacidade para dizer eles mesmo.

"Además posee la moderna lírica del Brasil un carácter propio, que la señala con fuerte personalidad en el coro de los demás hermanos del continente. La importancia, la densidad, la riqueza multifacética de la literatura del Brasil exige, para su estudio, un gran entusiasmo de investigación, de fraternidad... Tres son las facetas esenciales de la rica personalidad de este artista: el poeta, el musicólogo, el ensaísta. Divulgador e intérprete de los valores musicales, especialmente del folclore brasileño, Mário de Andrade dejó una obra vastísima que en todo momento le destaca como autoridad en la materia... En el Plata, Mário de Andrade es conocido sobre todo como musicólogo, pero su obra de poeta, contenida en varios libros, es de valor fundamental en la historia literaria del Brasil, no solo por su mérito intrínseco, sino también por lo que representa, en el movimiento revolucionario de su patria, que como en toda Ibero-América — puede señalarse entre los años de 1919 a 1923. Fué uno de los más nobles luchadores y propagandistas de las nuevas conquistas de la lírica universal, adaptando las a las necesidades y a la psicología de la poética brasileña. Fué duramente combatido por la crítica miope (o grifo é nosso, pois serve muito bem) que no comprendía la necesidad de renovar las corrientes líricas, ya demasiado aquietadas en el remanso suntuoso de Olavo Bilac e sus imitadores. Poesia contemporánea brasileña — crítica e Antologia — Ganton Figueira — Uruguay).

E acho que chega, basta de transcrição. Como já dissemos de início, Mário de Andrade não necessita de nossa defesa. Defendem-no todos que se interessam pela arte e pela cultura do Brasil, de um Brasil de cultura própria, e que se conheça. Um Brasil artisticamente muito mais evoluído. O que significa todos os verdadeiros artistas e interessados o defendem e compreendem. Agora imaginemos assim: se Mário de Andrade não precisa de defesa o que dizer da Arte Moderna no Brasil? Prá que se la por si só e pelo que já fez e tem feito é para os que querem ver a maior defesa de si mesma? E então da nossa atitude? Da nossa atitude frente ao mundo e seus problemas estéticos e sociais, que é meramente de tentativa e expectativa, de pesquisa e procura: olhando humildemente para a complexidade dos problemas que nos rodeiam e vendo se depois poderemos contribuir, ajudar a resolvê-los...

Mas para os que não querem ver, não adianta explicar, defender. Verdade velha como o mundo mas sempre nova, por que as coisas boas são sempre novas e atuais, é que "o pior cégo é aquele que não vê". Poderíamos portanto fechar este artigo com a frase de Mário de Andrade com que epigrafamos a primeira parte: "Para quem me regeita trabalho perdido explicar o que, antes de ler, já não aceitou." Verdade enorme, incontestável! Ninguém se convence quando não quer. Os outros por mais verdades que digam, não lhe podem provar nem fazer ver nada, pois "ele" já vai com espírito preconcebido, sabendo que não "quer", não irá gostar. E diante de tal fato, tudo inútil, tempo perdido. Porque, em última análise a coisa se resume a isto: Sômente com estudo, boa vontade, análise fria e isenção de ânimo, vontade de trabalhar sinceramente, procurar compreender e colaborar, não atacar aprioristicamente, é que poderemos modificar nosso modo de pensar. Mas quando gostamos de polemizar pelo simples prazer da polemica, quando estamos a nos contradizer a cada ponto, quando sômente sofismas é o que vemos, quando agimos apenasmente de má fé e sem conhecimento de causa... Pois temos certeza que os que criticam a arte moderna, nada conhecem de

## Apenas porque pegavam nesses homens não para

arte nem contemporânea, nem clássica, nem acadêmica enfim, nada conhecem de arte, quanto mais de arte moderna! São duas classes de pessoas: as que nunca se preocuparam com problemas de arte e nada entendem, atacam sem mesmo saber qual a razão; e as que estagnaram num ponto morto, num passado que já deixou de existir. São pessoas que se apegam ao único que fizeram, mediocrementemente medrosos, sabendo que a revisão os virá desalojar e mostrar-lhe a incapacidade. Raros então os que mesmo não podendo acompanhar ou compreender tem a coragem de dizer: "Não entendo, mas por isto não digo que não presta nem ataco ou louvo. Digo só que não entendo". O que, convenhamos, seria a atitude lógica e coerente. Quem tem razão mesmo é o professor Arturo Torres Rioseco (ver trecho transcrito nesta página literária de domingo 30-11-49) quando diz que tais pessoas admitem a evolução em tudo, menos em arte. Aceitam a penicilina, a alergia, a desintegração do átomo, o rádio e aviação, tantas coisas mais de que não entendem também, etc. etc. e tal. Mas á arte, coitadinha, não concedem nada. Deve ser a mesma sempre, ou melhor, aquela que eles podem entender. Mas quem saberá até onde podem eles entender-se é que entenderão. Para estas pessoas a arte não tem também o direito de evoluir e acompanhar o homem, parte dele que ela é. Não pode sofrer e mostrar as modificações e reações do mundo; nem refletir e gravar para o futuro este mundo de hoje. Deve ser uma coisa para ócio, para divertimento, dilettantismo. O romance deve ser o mesmo de antes, com a mesma construção e maneira de interpretar. Por melhor que seja, mas se é de agora, se vê as coisas com os olhos e os modos de ver de hoje, não presta: deve ver e sentir as nossas coisas com os olhos do escritor do século passado. Imaginem se este também tivesse feito assim. Avancemos mais: se sempre houvesse sido assim. Onde estariam? O mesmo se dá com a poesia, a música, a pintura, a escultura, todas as artes. Tais pessoas que querem as formas passadas não sabem, nem sonham que tais formas forma boas antes de se cristalizar, cristinizar. Mas que fazer? Infelizmente — ou felizmente — quase sempre tem sido assim. Talvez os artistas necessitem de tais reações; precisam encontrar quem os combata e critique. Partindo de tal prisma, chegaremos a conclusão de que os acadêmicos são também. E lhes deixamos o nosso muito obrigado. Pelo sacrifício que fazem em servir de estímulo aos verdadeiros artistas e exemplo de "como não fazer arte". Então, muito modestamente, se faz ao contrário.

Às vezes contudo — pelo que se vê que isto não se dá só aqui — até grandes artistas e homens inteligentísimos em matéria de arte, erram. Vejam o caso de Gide, que recursou os trabalhos de M. Proust. Criticou-os e não os aceitou para publicação. Mas Gide, artista sincero e grande como todo verdadeiro artista, mais tarde não se

## PINOCCHIO

Como anteriormente noticiamos, já se encontram adiantadíssimos os ensaios de Pinóchio, a peça de Ody Fraga adaptada do interessante livro de Collody. Os ensaios já se encontram em fase final, sob a direção de Ody Fraga, os cenários, a cargo de Walter Wendhausen, estão sendo feitos caprichosamente.

Na interpretação, veremos os seguintes elementos, sendo que três estréias e um convidado: Walmor C. da Silva — Pinóchio; Margot Ganzo (estréia) Figaro; Dante Ravaglio (Teatro do Estudante de Curitiba) Gepetto; Maria Alice (estréia) Grilo Falante; Jason Cesar — Raposa; e Ligia Moellman (estréia) Fada.

Adquira, se ainda não o fez, seu exemplar do volume "Idade 21" poemas de Walmor Cardoso da Silva, Cadernos Sul — 1, edição limitada.

Acha-se à venda na Livraria Moderna e agência Progresso. Auxilie o movimento dos Novos de Santa Catarina.

## Portugal)

pejou de reconhecer seu erro; viu a grandiosidade da obra de Proust, uma das maiores da nossa época, e ele mesmo publicou o que antes havia recusado. Belo exemplo nos parece este. Mas isto deu-se com Gide.

E agora uma perguntinha inocente: Estes que criticam escritores sem lhes conhecer a obra — vamos dizer que seja Mário de Andrade — amanhã se por um impossível acaso viessem a ler a obra do autor de "Macunaima" e por um acaso mais extraordinário e impossível ainda fôssem sem espírito preconcebido e gostassem, teriam coragem de o confessar? Achamos muito difícil... Não o confessariam nem a si próprios — quanto mais aos outros.

Melancolicamente, desanimadamente, perguntamos: Por que o ataque simples e puro? Nada nos responde. Ou então só uma resposta: incompreensão. Não queremos crer que seja ignorância, como quer Arturo Torres Rioseco. Ou será má fé? Quem sabe...

Porém que poderemos dizer, que poderemos fazer se hoje ainda há os que vêm a arte sob o antiquado e caduco prisma de "moral ou imoral"? Quando sabidamente: "Arte não é moral nem imoral". Está além, fora de tais questões. Transcende delas. Moral ou imoral é a intensão de quem lê. E isto pode até ser encontrado no volume lido como mais puro. Moral ou imoral é a pessoa, o que a pessoa traz dentro de si. As pessoas é que são impuras e imorais, não as coisas; as pessoas descobrem a imoralidade nas coisas, por que? As coisas em si não podem ser assim. Então: as pessoas é que são e vem assim. Porque: *Uma imagem artística retratará um ato moralmente louvável ou reprovável; mas a própria imagem, como imagem, não é nem louvável nem reprovável moralmente.* (B. Croce — Breviário de Estética — pág. 20). A arte, como arte, portanto, é boa ou má. E sob este ponto sômente é que deve ser analisada e julgada. A arte não pode estar subordinada a códigos de moral, não pode ter seu campo de ação totalizado, delimitado. O artista puro sabe o que deve e o que pode fazer. Só os incapazes é que invertem a questão — procurando refúgio prá própria incapacidade. Se não, partindo até mesmo de muito antes da Bíblia, acharíamos quase todos os maiores livros da humanidade, os maiores, imorais. A própria Bíblia, o "Cântico do cânticos", de Salomão, especialmente. E que dizer do "Satiricon", de Petronio; a parte da ilha dos amores nos "Lusiadas", de Camões; e os livros de Rabelais; e... mas prá que citar? só citando quase todos os grandes livros do mundo em todas as épocas. Seriam portanto obras mediocres. Em troca acharíamos todos os moralizadores balofos e insonsos, todos os que iludem e tem medos de si mesmo, todos os vãos e de palavreado ócio, grandes obras, obras primas e gloria maior do gênero humano. Que conceito seria este e em nome de que lei artística seria ele enunciado? Onde iríamos parar, que experiência até hoje teria sobrado ao homem, o que saberia ele de si mesmo? Repitamos portanto: o artista sômente deve fazer sua obra; sem cuidar de moral ou imoral; sem procura fazer *propositadamente* uma coisa ou outra.

Infelizmente porém, tudo que pudessemos dizer, todos os argumentos que apresentássemos, seriam em pura perda. Para ouvidos moucos... Que adiantaria explicarmos pontos de vista estéticos, diretrizes artísticas, o que o artista busca, as tentativas que estão sendo feitas e a importância delas; a inevitável luta entre gerações e a dignidade em que deve ser mantida? Prá que explicar que agora as novas gerações estão estudando com pertinácia e que só bem mais tarde se poderá saber se surgirá alguma coisa de boa? Quando saberão que a língua é uma coisa viva, em constante evolução, em perene transformação, com mares de fluxos e refluxos, que está sempre se modificando e que a língua de hoje diverge profundamente da de ontem, como a de amanhã divergirá da de hoje?

Mas, é inútil, bem vemos. Quanto mais se explica, mais se encarniçam numa mesma idéia. Faremos ponto final, e agora de verdade, porque, nunca cansaremos de repetir: quando se é intransigente e não se quer ver as coisas... só resta uma solução: paciência... muita, muitíssima paciência...

Sexta-feira no Teatro Alvaro de Carvalho: PINOCCHIO, às 20,30 horas.

# Doença

Salim Miguel

Corta o pensamento em meio a frases desconexas, fica vazio, sem pensar, nem ouvir, nem ver, vazio tão somente. Depois, de vagar, como quem volta de um sono hipnótico, olha pra tudo que o rodeia. As paredes do quarto, a mesinha, dois ou três livros sôbre a mesa, a cadeira com o terno azul, os chinélos, a toalha, também não esquecendo o copo d'água, e os vidros de remedios cheios, nem a cama desarrumada onde jaz estirado, cama sempre desarrumada com os travesseiros e a colcha no chão, nem a folhinha atrazada, ali em frente, na parede, com seu berrante colorido, e ainda observa o teto, contar as taboas, de um lado pra outro, olhar a lâmpada, as teias de aranha, três pegos em três cantos da parede. De dentro, do resto da casa, lhe chegam sons confusos, passos, vozes indistinta, um ou outro grito, cadeiras arrastadas na hora da bóia; portas que batem. Raramente chama alguém. Eles é que se lembram e o vêm atender. E quando se esquecem, deixa-se ficar inerte, quasi alegre. Quando surgem, finge que dorme, se o acordam responde com monossilabos ao que lhe perguntam. Tem ódio, inveja das pessoas saudaveis — como se estivesse ali há anos — que o visitam, lhe perguntam pela saúde, sorriem, dizem que não é nada, (mórbidamente êle quer se convencer de que está mal, vai morrer de uma hora pra outra, etc.) se setam um minutinho ou uma hora com a mesma indiferença, sempre falando uns, outros num silêncio besta, e ao sair dizem todos invariavelmente:

— “Estimo melhora. Já está quasi bom, pode com outra”, ou bobagens semelhantes.

— Queres alguma coisa?

As palavras lhe parecem vir de muito, muito longe.

Ele se vira, lentamente, abre os olhos, procura sentar, não consegue, terei entendido, estará mesmo alguém aqui?

— Queres alguma coisa?

(Trecho do conto “O Homem Solitário”. Esse conto faz parte do volume “ENCONTRO”, a aparecer breve em EDIÇÃO “SUL”).

# PAGINA LITERÁRIA

ORIENTAÇÃO DO CÍRCULO DE ARTE MODERNA

Correspondência:  
Caixa Postal 384

## Está para sair Sul n. 10. AGUARDEM

### Representação de Pinocchio

Texto de S. M.

Fotos de Walter

Estreada a 23 de dezembro, tendo portanto encerrado o ano teatral em Florianópolis, a peça de Ody Fraga, baseada na história de Collodi, pode-se dizer que foi um sucesso e fechou bem o ano de 1949.

Melhorou, afinou-se durante as representações que teve. Foi um trabalho consciencioso, de equipe, que se impôs pela seriedade com que foi apresentado. Com alguns pontos fracos, especialmente na estréia, que foram sendo sanados depois, à medida do possível, foi mais uma vitória do CAM. Que partiu dos esforços conjugados do grupo, especialmente da parte do teatro, de todo o elenco que se dedicou a fundo, da direção a cargo do Ody Fraga, dos cenários e guarda-roupa, desenhados e em parte executados por Walter Wendhausen, da precisão demonstrada pelo contra-regra improvisado, Odílio Malheiros Jr., que se saiu da tarefa melhor do que a encomenda.

"Pinocchio" foi grandemente valorizado pelos belos efeitos de luz, caracterizando os personagens, completando o ambiente, dando clima próprio a cada tipo, como por exemplo no caso da Fada, emprestando-lhe este sentido do maravilhoso (sem exagero) tão caro e que tanto agrada às crianças. De grande efeito também foi a música, que representava, anunciava os personagens, gravando-os no espírito infantil. Por fim, como no caso da Raposa, a criança já prévia a entrada dos personagens. As músicas eram alegres ou graves, brejeiras ou melancólicas, delicadas ou ousadas, de acordo com o caráter de cada tipo, talhando a personalidade de cada um...

Não somente às crianças, mas, como previramos, também aos adultos, a peça agradou, prendeu, evocou reminiscência da infância. Foi mais uma vitória do TECAM, confirmando mais uma vez o que disse Paschoal Carlos Magno: "O TECAM, um dos mais importantes Teatros Experimentais do país".

As fotos desta página dão uma breve idéia do que foi o espetáculo.



(4) — O Grilo e Figaro (Margot Ganz). Terceiro ato. As cenas entre Figaro e Grilo Falante, muito bem compostas e marcadas, com bonito jogo de cena, aproveitando-se muito bem o contraste entre ambas as figuras, para formas com a roupa e o cenário. Margot fez um gato perfeito, maravilhoso de graça, molengão se derretendo todo, com cenas verdadeiramente de ballet, como o da vassoura. Um pouco nervosa na estréia (da peça e dela no palco), se firmou nos espetáculos seguintes. A voz, os gestos, a maneira de andar e se mover, tudo de gato, tudo felino...

ADQUIRA SEU EXEMPLAR DE "IDADE 21" — POEMAS DE WALMOR CARDOSO DA SILVA A VENDA NAS LIVRARIAS MODERNA, ROSA E NA AGENCIA PROGRESSO.

#### "ANTOLOGIA DE POETAS DA NOVA GERAÇÃO"

O movimento editorial deste ano, de acordo com dados estatísticos criteriosos, superou em muito o do ano passado, advindo daí, portanto e ainda de acordo com informes junto a editores, um maior número de leitores. Houve diversos movimentos neste sentido, sendo um dos últimos o que resultou a edição valiosa da Antologia de Contos de Escritores novos do Brasil, organizada por Saldanha Coelho e que nos apresentou 36 jovens ficcionistas nacionais.

Agora, um outro movimento intelectual e de maior proporção surge nas hostes literárias do País, o qual projetará, de maneira ampla, o pensamento poético da nova geração nacional. Trata-se da "ANTOLOGIA DE POETAS DA NOVA GERAÇÃO", que em breve surgirá sob o patrocínio da revista VISÃO BRASILEIRA, numa edição cuidadosamente selecionada, onde aparecerão as melhores produções poéticas dos vates novos do Brasil.

A aludida coletânea de poemas enfeixará nomes de todos os Estados nacionais, dando desta maneira oportunidade a todos os poetas provincianos a aparecerem no cenário das letras nacionais.

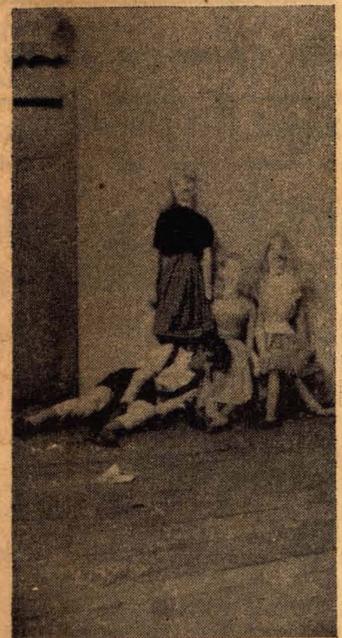
Em Santa Catarina, a Comissão Organizadora nomeou para representar a "ANTOLOGIA DE POETAS DA NOVA GERAÇÃO" o intelectual Anibal Nunes Pires, com quem os interessados podem entrar em contacto.



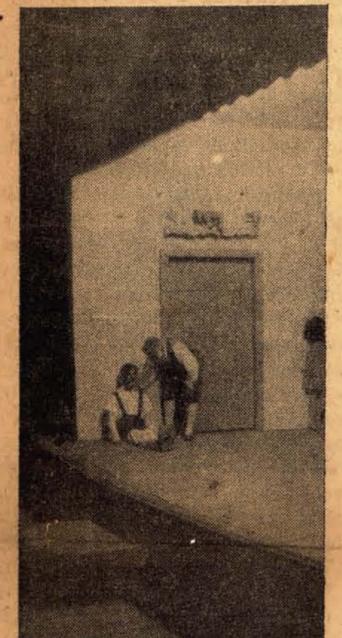
(3) — A Fada (Ligia Moellmann) e Grilo Falante (Maria Alice). Cena do terceiro ato. Ambas estréias no palco, se saíram bem. Ligia fez uma Fada leve, mimosa ao extremo; Maria Alice um grilo que falava, agia e pensava como grilo. Note-se o cenário de Walter, simplificado, funcional, com os móveis utilizáveis, sem contudo dar impressão de vazio. E também os bonecos, nas paredes e chão, a mesa simples de carpinteiro, as cadeiras, tudo completando o conjunto com os dois personagens em cena.



(1) — A Raposa (Jason Cesar) e Pinocchio (Walmor Cardoso) numa cena do segundo ato. Jason, num papel malicioso, esperto, exigindo grande jogo fisiológico, criou um tipo dentro do palco, viveu-o integralmente, fez de um pequeno um grande papel; Walmor interpretou muito bem o boneco de pau inocente, aéreo, levado pela lábia da Raposa, que se afoba todo e não sabe se emendar. Walmor foi Pinocchio, teve um início ótimo...



(2) — Esta cena poderia ser chamada "o sonolítico de Pinocchio entre os demais brinquedos". Walmor encantou a petisada com sua interpretação sincera e brejeira ao mesmo tempo. Torciam por Pinocchio na briga com a Raposa, erguiam-se nas cadeiras, emocionados, odiavam o bicho mau que tentava o boneco. Agora Pinocchio dorme, perto dos livros, sonhando talvez com o A.B.C que não consegue decorar. Quem sabe se não desejaria de novo ser simples madeira, se em sonho não o é...



(5) — Pinocchio e Geppetto (Dante Ravaglio, do Teatro do Estudante de Curitiba, especialmente convidado a participar da peça). Primeiro ato. Numa interpretação segura, sóbria, criou um ótimo tipo de velho, natural. Um velho, velho mesmo. Boa caracterização, movimentação justa, voz segura, dentro do papel. Nesta cena do primeiro ato, pai Geppetto examina o boneco, olha-o, sem saber que pouco depois estará admirado diante do boneco que ri, anda e fala, será uma pessoa igual as outras, com momentos de felicidade e infelicidade, tristeza e alegria.

Mas o espanto de pai Geppetto não será maior do que dos descrentes, dos que não acreditam nas realizações dos jovens, dos que só criticam sem nunca ter realizado nada.

Para estes será que também um dia o boneco falará?

# PAGINA LITERÁRIA

ORIENTAÇÃO DO CÍRCULO DE ARTE MODERNA

Correspondência:  
Caixa Postal 384

## CONVERSA COM RENATO ALMEIDA

Por Salim Miguel

RIO — 31-1-50. Nossos primeiros dias aqui na Capital Federal têm sido os de um provinciano que pela primeira vez visita uma grande cidade. Apesar da chuva que nos tem sido madrasta, dia e noite sem cessar, monótona, cansativa, não deixamos, desde logo, de visitar museus, bibliotecas, lugares pitorescos, tudo o que nossa imaginação de florianopolitano distante desejava há muito ter diante dos olhos. Para isso auxiliaram grandemente os bons amigos Marques Rebelo, Paschoal Carlos Magno, Bruno Giorgi, Renato Almeida e Jorge Lacerda. Receberam-nos com a maior simpatia e camaradagem, logo se prontificando e servirem de nosso introdutor diplomático nos meios intelectuais da cidade. Assim, fácil nos foi entrar em contacto com diversos nomes representativos da cultura brasileira.

Curiosos, constatamos que SUL e o Teatro Experimental estão bem divulgados aqui, pois os que se interessam pelo movimento artístico e cultural do país, pelo menos de nome, conhecem êstes nossos empreendimentos. E querem saber nossos projetos, notícias detalhadas sobre o que já fizemos, sobre os demais do grupo que não viajaram, etc.

Mas haverá tempo para falar sobre tais sucessos. Hoje, falaremos rapidamente da conversa que tivemos com o Ministro Renato Almeida. Fomos avistá-lo no Palácio Itamarati em seu gabinete de trabalho. Estava atarefado, mas mesmo assim nos atendeu, palestrou algum tempo conosco, depois nos convidou para uma visita demorada à sua residência.

Fomos dois dias depois, debaixo da chuva torrencial que persistia, o Pedro, Archibaldo e eu. Já nos esperava o autor de História da Música que prontamente, enquanto trocávamos idéias, nos foi mostrando livros e telas. Especialmente importantes são suas coleções sobre folclore e música.

Renato Almeida lembrava-se de Florianópolis, perguntando pelo pessoal da Orquestra Juvenil, o que era feito do Dr. Cabral, do menino que escreven

muito bem sobre o Boi de Mamão, e outros mais. Estava sempre inquirindo. Mas, daí há pouco aproveitamos uma pausa e perguntamos:

— É verdade que o sr. pretende escrever uma obra sobre Graça Aranha?

— Sim.

— Para já?

### MAIS UMA LENDA

Malheiros Jr.

“ERA UMA VEZ” um pobre carvão, abandonado à sua própria sorte. Porém trabalhando sempre. Incansável. Velho. Alquebrado. Sem forças para continuar. Era um teatro. Teatro de Província. Seus pais tentaram dar a êle uma feição perecida com a do Municipal do Rio.

Todas as tardes senta-se, no chão mesmo, e rememora.

Um dia, ia anoitecendo já, quando passei por êle. O antigo teatro, olhou-me, e, talvez por achar-me digno de confiança, falou com sua voz de velho, cheio de passado.

— Meu filho. Vou contar para você todas as minhas dôres e recordações alegres, também...”

Falou do tempo passado em que os lugares na platéia eram suficientes para o público que aplaudia grandes artistas da época.

— Ah! Atores. Ah! Cantores. Pianistas. Músicos. As festas de gala nos salões. Hoje tenho vergonha dos que vem até mim, os atores de outros lugares. É terrível”.

A cada palavra sentia-se a dor

que saía do seu coração (Quantos emoções passadas!).

Depois passou a relatar todas as doenças que lhe afligiam (cadeiras rangindo, paredes esburacadas. Ribalta estragada. Remendos no madeirame. Etc... “Aí que vergonha”).

Até do pano de boca me falou.

— Acho horrorosa esta “coisa” que me impingiram”.

Não me foi possível guardar todas as queixas. (Falta de porão para bagagem das companhias. Sujeira em toda a sala. E muito mais).

Disse-me o velho:

— E o pior é que eu era feliz. Sempre fui. Porém, um dia peguei a mais perigosa doença que dá em teatro. Imagina, meu filho, desde aí nunca mais tive descanso. Fui me estragando todo. É uma infelicidade”.

— Mas — perguntei — que doença é essa?

— É o cinema! Instalaram um cinema nas minhas costas. É o que me estraga. É o diabo. É o diabo”.

Repetindo isto levantou-se para mais uma sessão vespertina.

— Não! Tenho esta vontade há muito tempo. Sempre pensei em escreversobre Graça Aranha e o Movimento Modernista. Mas no momento, apesar de ser grande o desejo, não me é possível concretizá-lo. Estou com o tempo inteiramente tomado. Além de meus afazeres no Itamarati; tenho que ocupar-me dos preparativos para o Congresso de Folclore a realizar-se êste ano, e, ainda trato da 3ª edição de “História da Música”. Agora em edição definitiva.

— E o seu estudo sobre “Fausto”? perguntou Pedro.

— Está nos editores. Já reví as últimas provas. Deverá entrar em máquinas qualquer dia destes.

— Mudou alguma coisa no livro?

— Não. Apesar de ser livro escrito na mocidade, mantenho o mesmo que disse. Acho que um livro, nestas condições, não deve ser modificado. Somente retirei algumas citações. Quando jovens gostamos muito de citar, ou por desejo de aparecer, ou para firmar, basear nossas idéias em outras, tentando valorizá-las. Além disso acrescentei um capítulo sobre o Existencialismo. Nada mais.

Porém, Renato Almeida queria era saber o que estávamos fazendo, o que pretendíamos fazer, quais nossos planos. Queria saber notícias de Florianópolis. E voltou à carga, mudando de conversa:

— Como vai a Sub-Comissão de Folclore?

Fazíamos-lhe a vontade. Respondíamos. Informávamos tudo o que estava ao nosso alcance. Também estávamos com vontade de contar, de dizer alguma coisa. E Renato Almeida sempre entusiasmado, perguntava mais e mais. O resultado foi que tínhamos ido lá para colher uma entrevista sobre a atualidade artístico-político e literária brasileira e acabamos sendo os entrevistados. Porém, não nos demos por vencidos. Desta vez pouco conseguimos do escritor de “Fausto”. Mas quando nos despedíamos, deixávamos a promessa de tornar a visitá-lo. E de, uma tarde dessas, percorrer demoradamente todas as dependências do Itamarati. Então, a almejada entrevista sairá, garantimos.

## Sobre «Idade 21»

Trecho da carta de Fernando Jorge Uchoa a Salim Miguel.

Ele fez bem em começar assim: "E eu vou pela rua". Depois vem o outro verso: "Pelas ruas, pelo mundo". *Rua* foi para o plural. Walmor acertou, depois vem: "pelo mundo". Veja o conjunto dos versos; é o itinerário do poeta pela vida, mostrando sua condição: "sempre triste e alegre", para compreender, "E pobre de mim mesmo". A estrofe está bem realizada.

A última estrofe de "Idade 21" servia para vir depois desta que examinei.

Serve também como conclusão poética em forma de sugestão.

"Em regosijo à idade  
Futuramente celebraremos os outros,  
Permanecendo em nós".

Na poesia "Inexprimível" o poeta cresce em alcance:

"Em meio a tanta música  
Eu em poesia

Mas por que esse estado? Só porque havia "tanta música tanta música".

A estrofe final:

"Meus sentimentos em núvem  
Em sentimentos em mim"

quer dizer tanto ou mais do que o poeta supõe.

"Elegia" é uma condensação sentimental e de sentido interior que só após a leitura volta a impressionar.

No poema "Universo", o poeta parte de um sentimento de meditação, segue auxiliado pela sensa-

ção e sente através uma falsidade atraente (a que está no verso: "Torna a realidade um sonho"), sua inexistência. Para assustado no seu percurso espiritual apenas porque "Eu estava na estrada". Este verso não pode funcionar como conclusão. Todo poeta está na estrada, no seu rumo ou a procura a procurá-lo.

"Suicídio" é expressivo, sério. Pode enquadrar-se em moldura, vira tela.

O poema "Jogo" está bem realizado, idéias corretas em forma de impressão, sopradas num ritmo leve, continuado.

Defeitos, tem muitos. De técnica, o que é comum a todos nós jovens.

Os versos ainda não conseguiram aquela unidade de expressar todo o homem em estado de poesia. Às vezes resyala aqui, sai frouxo ali, não chega a dizer nada acolá. Falta-lhe dominar as palavras, as que devem nos obedecer e estar a nosso serviço na poesia.

Em outros poemas nota-se um ponto alto no meio da composição, antecedido e continuado por uma planície sem novidades. O Walmor é inteligente na maneira em que escolhe seus motivos poéticos, no entanto, há alguns que são pobres e só há muito custo a força do jovem poeta pode sustentar.

Afinal, os defeitos da primeira corrida são razoáveis. Ele, melhor do que eu, os conhece.

Minha opinião, enfim, é que estamos diante de um poeta que possui qualidades, que escreve bons poemas, que conhece a poesia e vive na sua intimidade, que se aprimorará, evoluindo no seu modo de ser, vivendo, expressando, criando, purificando-se nos seus trabalhos futuros. Gostei do livro e dos poemas.

Rio, fevereiro 1950.

# PAGINA LITERÁRIA

ORIENTAÇÃO DO CÍRCULO DE ARTE MODERNA

Correspondência:  
Caixa Postal 384

## O MARTINHO PESCADOR

A isca não foi mordida esta tarde, mas tenho a despretender uma rara emoção.

Quando eu mantinha estendida a vara da linha, um martinho-pescador veio posar nela.

Não possuímos ave mais brilhante.

Parecia uma grande flor azul na extremidade de uma longa haste. A vara vergava sob o peso. Eu não respirava mais, muito orgulhoso de passar por uma árvore aos olhos de um martinho-pescador.

E estou certo que não foi de medo que ele levantou vô, mas crente que não fazia senão passar de um ramo a outro.

## ANDORINHAS

Elas dão-me a lição de cada dia.

Pontuam o ar de gritinhos.

Traçam uma reta, poem uma vírgula na extremidade e, bruscamente, passam para a linha seguinte.

Entre loucos parenteses elas colocam a casa em que moro.

Muito vivas para que a água do jardim tire uma cópia do seu vô, sobem da adega ao celeiro.

Com uma leve penada de aza, elas encadeiam rubricas inimitáveis.

Depois, duas a duas, em chave, juntam-se e fazem um borrão no azul do céu.

Mas só o olhar de um amigo pode segui-las e, se sabeis o grego e o latim, eu sei ler o hebraico que descrevem no ar as andorinhas da chaminé.

Dentre os nomes que sempre mais nos interessaram, na moderna literatura do Brasil, e que mais vontade tínhamos de conhecer, inevitavelmente o poeta Carlos Drummond de Andrade era um dos primeiros. Por isto já ao sairmos de Florianópolis, fazíamos planos de como melhor poder abordá-lo. Sabíamos-lo não muito acessível a entrevistas. Ademais nos tinham prevenido ser ele pessoa de poucas falas. Tudo isto e mais a admiração que lhe votávamos, que tínhamos pela poesia dele, indubitavelmente das melhores já feitas no Brasil em qualquer época, nos faziam desejar e temer ao mesmo tempo tal encontro...

No Rio os dias iam-se passando — e nós nada. Estávamos a espera de que chegasse o número dez de "Sul". Ai então teríamos um pretexto para a visita, motivo para alguns minutos de palestra. E o caso é que nada da revista. Nunca que chegava...

Mas até que um dia não foi mais preciso. A oportunidade surgiu por si mesma — e de uma forma tal que seria impossível e imprudente perdê-la, pois que poderia não aparecer de novo. Agarramo-la com unhas e dentes, é claro. Foi assim:

Convidados pelo Dr. José Simeão Leal, chefe do Serviço de Documentação do Ministério de Educação e Diretor da importante revista "Cultura", fomos em visita ao edifício do Ministério de Educação. O Dr. Simeão Leal nos convidara e se prontificara em nos servir de cicerone numa visita ao prédio, uma obra arquitetônica de grande importância, famosa em todo o mundo.

Perto de nós, no elevador que nos levaria ao nono andar, ao subirmos, ia uma figura magra, fina, pequena, de rosto miúdo e olhos acavalados no nariz. Donde a conhecíamos? Não sei se Pedro ou Eglé afirmou que era Carlos Drummond. Eu achei que não. Só o tínhamos visto anteriormente por fotografia ou desenho. Os outros não sei; mas eu até mesmo vendo as pessoas várias vezes sou péssimo fisionomista, quando mais por desenhos ou fotografias! Mesmo uma fisionomia característica como a do poeta eu não guardaria facilmente. De modo que ficamos ali, na dúvida, se seria ou não. Felizmente para nós, no sexto andar, desembarca um senhor gordo que diz estas palavras miraculosas:

e todos no elevador se viraram para nos olhar: — O senhor é que é o Carlos Drummond de Andrade? — Sim, sou eu, retrucou. — Nós somos da revista "Sul", de Florianópolis. — Ah, da revista "Sul", muito bem conhecido. Silêncio de expectativa. Depois: — Eu trabalho aqui no oitavo andar; venham, vamos conversar um pouco. Respondi "Nós temos um encontro marcado com o Dr. Simeão, agora mesmo; mas depois, daqui a pouco apareceremos, se é possível." — Apareçam, sim. O elevador chegara e ele se despede: — Até já.

Subimos, fomos conversar com o Dr. Simeão Leal que nos recebeu

## Histórias Naturais

[Excerptos]

por JULES RENARD

Traduzido especialmente para "Sul" e "Página Literária".

### A LAGARTIXA

Filha espontânea da fenda da pedra em que me apoio, ela sobe-me pelo ombro. Acredita que eu continuo o muro porque fico imóvel e envergo um paleta da cor da murilha. Ainda assim lisongeia.

O muro — Não sei que arrepio me passa pelas costas.

A lagartixa — Sou eu.

### A DONINHA

Pobre mas asseada, elegante, ela passa e torna a passar, aos saltinhos, pela estrada, e vai, de uma valeta a outra, dar, de buraco em buraco, suas lições a domicílio.

### A PULGA

Um grão de tabaco com mola.

### A BORBOLETA

Este amável bilhete dobrado em dois procura um endereço florido.

### A ARANHA

Uma mãozinha negra e peluda crispada entre fios de cabelo.

### A SERPENTE

Muito comprida.

## MORCEGOS

A noite se gasta de tanto se usar. Ela não se gasta no alto, em suas estrélas. Ela se gasta como um vestido que se arrasta por terra, entre os calhaus e as árvores, até o fundo das grutas malsãs e dos subterrâneos húmidos.

Não há recanto onde não penetre uma franja da noite. O espinho a rompe, os frios a fendem, a lama a estraga. E todas as manhãs, quando a noite torna a subir, farrapos dela se desprendem, pendurados ao acaso.

Assim nascem os morcegos.

E devem eles a essa origem o não poderem suportar a claridade do dia.

Ao sol posto, quando tomamos a fresca, eles se desprendem das velhas vigas onde, letárgicos, pendiam por uma garra.

Seu vô desageitado; inquieta-nos. Com asa de barbatana e sem penas, palpitam em redor de nós. Dirigem-se menos servindo-se dos olhos feridos e inúteis que do ouvido.

Meu amigo esconde o rosto e eu desvio a cabeça com medo do choque impuro.

Conta-se que, com ardor maior que o do nosso amor mesmo, sugar-nos-iam o sangue até a morte.

Como se exagera.

Eles não são maus. Não nos tocam nunca.

Filhos da noite, só detestam as luzes e, taleando com seus pequenos chales fúnebres, procuram velas para apagar.

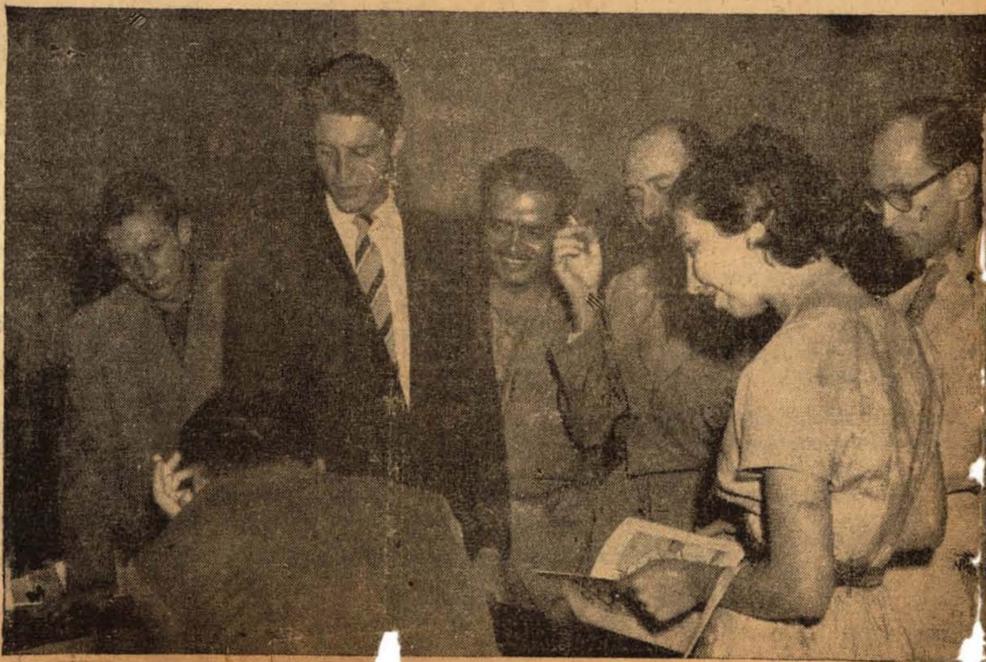
## Encontro com Carlos Drummond de Andrade

Salim Miguel

— Bem, Carlos, até logo!" Palavras simples, banais, pronunciadas milhares de vezes por dia em todas as línguas, em todas as partes do globo, mas que para nós tinham um outro significado, eram um verdadeiro "abre-te sezamo". Porquê a coincidência seria demasiada. Devia ser ele. Ai então, "heroicamente", nos aventuramos, e eu perguntei, creio que provavelmente tímido: "O senhor é que é o Carlos Drummond?" — "Camo!" me veio a resposta. Então repeti de novo, mas agora bem, alto,

com a maior simpatia e boa vontade. Interessou-se por Florianópolis, pelo que estávamos fazendo, mostrou desejos de colaborar conosco, nos auxiliar, mostrou-nos quadros, trabalhos interessantes de Inimá, do primitivo Heitor dos Prazeres, falou sobre "Cultura", sobre a revista de Artes Plásticas que está querendo lançar, neste meio tempo apareceu o gravador. O. Goelli a quem fomos apresentados, depois chegou o Lourival Gomes Machado, Diretor do Museu de Arte Moderna de S. Paulo. Lou-

e outros, ia pôr à nossa disposição uma senhora, Nair Batista, para que nos servisse de cicerone pela cidade, percorrendo conosco Museus, Bibliotecas, pontos pitorescos da cidade, etc. e nos conseguindo maiores facilidades nas visitas. Deveríamos começar neste mesmo dia logo após a visita ao edifício construído por Niemeyer. Nós porém avisamos Dr. Simeão e Dona Nair do encontro com Carlos Drummond e que portanto ela somente no dia seguinte é que deveria funcionar.



O fotógrafo de "A Manhã" surpreendeu o grupo "Sul" em conversa com Carlos Drummond de Andrade e Jorge Lacerda

rival quis logo saber do nosso "Clube de Cinema"; então disse-mos-lhe que está quase enterrado. Ficamos conversando, todos interessados em saber o que estávamos fazendo em Florianópolis, e como eram recebidos os nossos "feitos". Contamos de novo. Então todos nos disseram que as dificuldades e incompreensões são gerais, raros os centros em que há um pouco mais de apoio e boa vontade. Neste meio tempo chegou o velho conhecido e amigo Dr. Jorge Lacerda.

Dr. Simeão, depois de percorrer ele mesmo conosco o prédio, nos mostrar as salas, os painéis de Portinari, os quadros de Guignard

Descemos ao oitavo andar e, francamente, um certo receio ia conosco. Pensávamos: — E agora, se o homem é mesmo tão fechado quanto dizem? Como fazer, que dizer, de que modo conduzir a conversa e para onde? Por que, afinal, a que viemos nós? Assim matutávamos — e já havíamos chegado...

Tudo foi fácil e bom. Drummond nos atendeu tão bem, conversamos com tanta naturalidade, ele nos pôs logo tão à vontade, conversou conosco, discutiu, explicou coisas teóricas poéticas, movimentos artísticos, artes no Brasil, dificuldades e falta de ambiente, de clima, etc., que nos deixou profundamente

te lisongeados. Sim, porque: Ou ele é mesmo "sêco", fechado — e neste caso a única explicação cabível é que nos topou; ou não passa de lenda a sécura do poeta — e ele quis nos provar que não passa mesmo de mera lenda. O que se dá é que o artista não tem tempo para ser puramente homem de festas sociais. O artista verdadeiro é um ser sofrido, perseguido pelo demônio da arte, da perfeição, do sempre melhor. E não tem tempo a perder com futilidades.

O certo é que ali estivemos quase duas horas — e saímos com medo de já estar abusando e com o convite para voltar quando quiséssemos. Saímos concientes de ter conhecido um verdadeiro artista, um artista puro, que sempre e sempre está em busca, que luta sempre por melhor se exprimir, para quem a poesia é uma necessidade psicológica, vinda do mais íntimo do ser, para quem o verso é um trabalho sempre renovado. O poeta nos falou com conhecimento e carinho do seu "métier", nos deu uma lição sobre poesia, lição melhor do que as que havíamos lido em livro, nos falou da teoria poética, da técnica, da maneira pela qual devem ser empregadas as letras e as palavras, o valor das vogais, do valor das palavras, frase, da diferente maneira pela qual podem e devem ser empregadas, do maior ou menor aproveitamento dentro do poema, do maior ou menor valor delas de acordo com o melhor ou pior aproveitamento que elas alcançam dentro do verso. Exemplificou com versos célebres, citava nomes e casos, obras e autores, teóricos de poesia e poetas, do Brasil e estrangeiros. Nós escutávamos, dávamos um ou outro palpite, opinávamos, ele nos punha à vontade, pedia nossa opinião, falava, dava-nos a impressão de estar extravasando. E isto muito nos agradava. Depois nos perguntou sobre Florianópolis, as dificuldades aqui encontradas, a revista, o teatro, etc. Quis saber de que maneira conseguíamos manter a revista. E nós mesmos, analisando a coisa, não soubemos explicar. Ele então falou da satisfação que causa aquilo que é conseguido com o nosso próprio esforço, que é o melhor de nós mesmos, o melhor que fazemos, que damos por alguma coisa de útil e bom de digno e grande.

E nos encontros seguintes que

Conclue na 3a. pagina

# Notas de Leitura

S. M.

Nunca será demais insistir nesta coisa já batida sabida e ressabida: o brasileiro é um povo que quase não lê. Ou seria melhor dizer logo de vez: "não lê"! Motivos? Poderíamos alinhavar vários: Condições precárias de vida, educação mal orientada, desintere-se pelas coisas do espírito, o diabo. A verdade é que não lê. Eis um fato consumado, claro, insofismável e velho. Procurar os motivos, somente, bem sabemos, não importa. Importa, muito mais, isto sim, tratar de resolver a situação. Porque, acacianamente poderíamos grifar aqui que um povo que não lê é um povo que não sabe. Como resolver o impasse? Bem, é tarefa que não está na nossa alçada particular, pois é tarefa de todos. A nossa no momento é tão apenas registrar mais uma vez o fato — repetimos — por demais conhecido: o brasileiro é um povo que quase não lê. E quando lê, regra geral, é por desfatio, não fazendo daquilo uma necessidade. Lê "best-sellers" ordinários que se lhe impigem e que melhor seria não ler. Livros que viciam, que deturpam a visão das coisas, que nunca apresentam a realidade como ela é, e, além do mais, sem o mínimo significado artístico, estético.

Vê-se a verdade do que dissemos pelo número minuscússimo das tiragens. Dês que a obra seja melhor — um milheiro é uma tiragem fenomenal. Na maioria das vezes, quando muito, os autores se lêem uns aos outros; e há os que nem a si mesmos lêem. O público nem chega a tomar conhecimento deles. E no entanto, dentre a enxurrada sem fim de livros medíocres, vez por outra aparece um livro merecedor de melhor sorte. Ademais, não há crítica e poucas as publicações que se especializam em registros bibliográficos.

Não é sem satisfação portanto que nos propomos — para que ou quem verdadeiramente não sabemos — deixar aqui neste canto de página, rápidas notações a respeito das últimas obras aparecidas, principal e especialmente de autores brasileiros. Não temos pretensões a crítico. Mas curiosos e interessados em literatura, tudo faremos para manter nesta coluna o mais possível, sempre, um espírito de isenção e independência. Começaremos, do próximo número em diante, por comentar três obras recentemente aparecidas e que, dentro do ambiente cultural brasileiro, representam muito. São obras, primordialmente sérias. E isto já é um grande passo. São artisticamente bem realizadas. Outro passo enorme. Não queremos saber que tendências filosóficas ou que sentido estético norteou os respectivos autores. Reunimô-los apesar de tudo, apesar das possíveis e talvez grandes divergências de pontos de vista. E reunimô-los porque, para nós pelo menos, eles possuem o que torna uma obra igual a outra, identificando personalidades as mais contraditórias, e que é, em última instância: a intenção de não ceder ao gosto fácil e extremamente viciado do público leitor, de ter sempre em vista um sentido de pesquisa, de análise, sem o qual a obra se transforma em mero pastiche. E também ainda de contribuir para uma

## Rápidamente

Não tenho tempo e creio mesmo nem merecer tempo demasiado o artigo de "seu" Sachet. Em todo caso quero deixar aqui duas notações à sua brilhante e lúcida crítica. A primeira no que se refere ao "meu pseudônimo". Creio não ser bem isto que o meu grande opositor quer, por vários motivos. E o menor deles não é o estar eu publicando em outro jornal notas de leitura com as minhas iniciais e encimando a página o nome todo — de modo que não sabe de quem são quem não quer ou então de má fé. Ademais mesmo que fôsse pseudônimo mal algum faria, porque afinal sou eu mesmo que desde sempre venho escrevendo os meus artigos. Posso assiná-los como bem entender, pois sei que são sempre meus.

Quanto às minhas contradições só darei um exemplo que aclara tudo. No início de um de meus artigos eu digo, mais ou menos que um artista vale pelo que é, não pelo que os jornais dizem dele. No fim, estranho nem esta prova insignificante, que até pode ser comprada, o senhor Musacchio apresentar. Onde a contradição? Onde? Tôdas as demais explicações que o senhor Sachet dá são dêste calibre. Sofismas. Despistamentos.

Curioso é que gostar todos têm o direito de gostar. Agora, vá se dizer francamente que não se gosta, lá nos vêm acima com quatro pedras na mão. Porém caso desejasse me defender com as armas dos outros eu diria simplesmente que tenho tanto direito de não gostar quanto os outros de gostar. Eles escrevem laudatórias páginas, achando o homem o maior artista já aparecido, professor da Escola de Retratos de Roma, etc. Eu vou e não gosto, não me impressionando com êle dizer ter pintado figurões. Êle, uma hora nada sabe de português, de repente me aparece falando e criticando. Que pensar?

Não sou sumidade em pintura, mas me interesso, leio, gosto, discuto, e sei o que qualquer pessoa medianamente culta não somente deveria, mas tem obrigação de saber. A êste respeito voltarei. Agora não tenho tempo, nem paciência.

Fpolis., 25-9-951.

S. M.

# Arte ou arte...manha

I

## Blefe

Fui visitar a Exposição do "pintor romano" do qual os jornais tanto estardalhaço fizeram. Fui e nada vi. Lá entrei em contacto com uma pintura amorfa, sem significado, inqualificável. Mais pareceu-me uma exposição coletiva... de mediocridade. Sim, porque por mais estranho que pareça, o senhor Cesare não tem uma personalidade artística formada, própria, se subdivide em múltiplas tendências, cada qual mais diversa e informe, parece vários artistas... todos eles maus. Porém o pior deles é o da fase catarinense. O homem parece que desaprendeu o que sabia, se é que o soube alguma vez. O pintor se intitula retratista, "mestre Musacchio, professor de retrato". E fui então para ver especialmente o retratista — bem poderia o homem ser um mero curioso em outros gêneros, especializado e mestre mesmo em retratos — e ver o que fizera ele das pessoas da terra. Acertaram em assinar, caso contrário eu ficaria sem saber quem são, tão diversos e despersonalizados saíram eles.

O dr. Osvaldo Cabral devia estar com cachumba; Dona Osvaldina C. Gomes emagreceu e mudou de fisionomia; Laila Freisleben só conservou, ainda assim muito mal, o cabelo; o Sr. Prefeito devia andar com icterícia; no Dr. Aderbal R. da Silva o nariz não acompanha o movimento geral do rosto; quanto aos demais, inclusive o Senhor Governador do Estado daqui a uns vinte anos, nem se fala.

Porém, a meu ver, ainda não é este o ponto principal. O essencial, o que salta aos olhos, é que além de não criar tecnicamente os retratos, o homem ainda por cima — o que é pior — não lhes dá o mínimo de vida, não lhes sabe captar a alma, esta chama interior que toda pessoa possui e que deve interessar mui especialmente ao artista, pois é dela que se faz a obra de arte. Eis porque o retrato é considerado uma das formas mais difíceis da pintura. Fazer um retrato parecido — aqui, nem isto se conseguiu, veja-se bem — é relativamente fácil para quem possua técnica, fórmula, "a farmácia", "a receita", como se costuma dizer. Um artista mostrar a pessoa, dar a pessoa retratada, dizer o que ela é, isto sim é importante. Muitas vêzes um retrato "mal feito", porém possuindo esse que, possui mais arte e nos diz mais do retratado, da sua personalidade e da do artista, do que outro bem

feito porém morto, frio, sem vida. Quero esclarecer porém, mais uma vez, que no caso do Senhor Cesare Musacchio, professor de retratos da Escola de Roma, tendo pintado toda a celebridade mundial destes últimos anos, com quadros em diversas galerias célebres, entre elas a "Galeria degli Uffizi", nada disto há, nada disto vi. Nem eu nem os muitos outros que comigo lá na exposição estiveram.

Já não quero me referir aos demais trabalhos, todos, de uma forma geral, inconsistentes, não sabendo o artista lidar como côres, não tendo muito senso de perspectiva, não dominando o "métier", de uma imaginação paupérrima. Ele se intitula retratista — e primordialmente sob este aspecto deve ser estudado. Tome-se então qualquer das figuras e na maioria dela até proporção falta.

Um professor local de desenho me dizia: "garante como muitos de meus alunos desenham melhor do que isto que aí está". É claro que desenham da forma (deverei chamá-la forma?) acadêmica, primária. Porém tudo isto lá está na exposição e ainda mais com cacôetes, com truques.

Um artista, pertença a que corrente, escola, pertencer —, e isto é essencial, todos o reconhecem — deve conhecer a fundo seu "métier", ser senhor de sua técnica, ser sincero, ser fiel a si mesmo e à arte — e será respeitado, acatado. Pode-se não concordar com ele, não lhe admirar a arte, discordar de seus pontos de vista estéticos — porém sempre será respeitado e acatado como alguém que acredita no que faz, que se mostra com as suas reais e limitadas possibilidades e predicados, que tem certeza e consciência dos seus pontos de vista e sabe até onde pode e deve ir.

E nada disto nos foi dado ver na Exposição do Democrata.

Desiquilíbrio, coisas informes, quadros inqualificáveis, uma pintura que mais parece de principiante sem possibilidades.

Em próximo artigo votarei com outras "histórias" do "artista" que até já fundou escola de retrato entre nós.

Fpolis., 10-9-51.

S. M.

# Arte ou arte . . . manha

## II

### SANTO DE CASA...

Escola de arte? Martinho de Haro, o pintor catarinense laureado com o prêmio de viagem à Europa pelo Salão Nacional, prêmio este que é o maior conferido no Brasil, vem há anos procurando fundar aqui na capital uma escola de arte.

Credenciais não lhe faltam. Um artista sério, consistente, nosso conhecido, que estudou em Paris com mestres como Othon Friez, que nos outros Estados é acatado, tendo, conforme pode comprovar, trabalho adquirido pelo Museu Nacional, trabalhando silenciosa porém insistentemente para melhorar, e nada consegue entre nós. Por que? gostaríamos de saber.

Vive o artista isolado, sem se imiscuir em grupos, não sabendo, como muitos, nem lhe agradando ao feitiço, fazer propaganda própria. Pois um artista deve ser o que é, valer por sua obra, não pelo que os jornais dizem dele.

Não é propriamente por necessitar, ou por querer fazer discípulos, ou por glória que Martinho de Haro deseja criar uma escola de arte. Nem pelos proveitos que lhe traria a mesma, mínimos em comparação com os incômodos. É porque periodicamente pessoas o procuram desejosas de com ele estudar; é por desejar êle que também aqui, à exemplo do feito nos outros Estados, tenhamos algo no terreno das artes plásticas. Pois bem, nem um porão Martinho de Haro conseguiu, quanto mais apoio oficial ou de qualquer figurão. Ninguém que o ajudasse. Voz alguma que se erguesse para lembrar o nome de um artista dos mais credenciados e capazes. Por todos os lados obstáculos. Não era possível e não era possível.

Eis senão quando surge alguém que não conhecemos, cujos dotes não sabemos quais são, que somente nos diz — e por que motivo devemos acreditar nele? — que fez isto e mais aquilo, que é professor disto e mais daquilo, que tem 108 telas em tais e tais galerias, que percorreu este e mais aquele lugar e pintou figuras de diversas partes, tudo lhe é facilitado, todas as portas lhe são abertas.

No entanto não vimos um documento que prove nada disto, os livros de pintura não nos dão nem o nome deste artista, êle não mostra na Exposição que está realizando um recorte de tudo que diz, e, o que é mais sua pintura é de categoria inqualificável. Pode ser que êle tenha tudo que diz, não negamos, pois nada vimos nem pró nem contra. Agora o que vimos e o que êle não tem é valor artístico. Isto salta aos olhos e é só dar

um pulo ali no Salão do Democrata para ver confirmado o que dizemos.

Velho ditado, voz do povo, quão verídico inda és! Como sempre te manifestas exato! Certamente tens inteira razão quando doutrinas que: "Santo de casa... não faz milagres..." Mesmo que já o tenha feito fora, para casa permanece desconhecido e é olhado com descredito e desconfiança.

Enquanto isto, quem sabe lá as artes do homem diante dos infundáveis elogios, bem pode o Senhor Musacchio estar dizendo, de si para consigo um outro ditado. E se rindo, humorista que é: "Em terra de cego..."

Porém é necessário que o desmintamos. Não! Em "terra de cego..." não. E por não concordarmos com o Senhor Musacchio nem com os que o endeusam "como um pintor genial e dos maiores", é que deixamos aqui estas notas. Não que sejamos bairristas, nem que não queiramos entre nós os reais valores. Muito pelo contrário. Que venham, donde quer que seja, e sempre os recebemos de braços abertos. Agora, preterir os nossos reais valores em favor de alguém que não conhecemos, que não sabemos quem é, que nada provou e que — ponto principal — artisticamente nem lhes chega perto, não nos parece justo. Ademais, o que nos causou tanta estranheza, alguém que queria tão somente "paz e descanso", nada de publicidade, mas que já veio abrindo baterias, com reportagens de páginas inteiras nos jornais, etc. É ou não é de deixar uma interrogação no ar?

Acima referimo-nos ao humorista Musacchio. Gostaríamos de dar um exemplo frisante de seu poder hilariante. Aí vai:

O nosso Artista Martinho de Haro foi olhar rapidamente a Exposição, falou rapidamente com o senhor Musacchio, que parece não entende o português. Ao sair o Pintor Martinho, o senhor Musacchio perguntou: "quem é?" Foi informado:

"Martinho de Haro, pintor catarinense, formado pela Escola Nacional de Belas Artes, prêmio de viagem à Europa". E veio a resposta mastigada: "eu... prêmio viagem... Florianópolis... Ótimo! Ótimo, não?"

Terminando gostaríamos de recomendar ao senhor Cesare Musacchio que atendesse melhor ao pedido de sua digna mãe, formulado em sonho. Ela lhe pede que vá para a terra de Anita. E a terra de Anita é Morrinhos Laguna ou Tubarão, deixamos aos historiadores.

Que culpa temos nós, Senhor Deus, que mal fizemos, para que em lugar de Morrinhos terra de Anita, para

onde naturalmente deveria se dirigir o Senhor Musacchio, tenha vindo parar aqui! Infeliz Florianópolis, tua sina é permanecer sem escola de arte! Pois onde já se viu uma escola de arte começando por ensinar exclusivamente retrato e com duas aulas de uma hora cada por semana! E quando os retratos do professor são como os que vimos na infeliz exposição patrocinada pela Secretaria de Educação e pela Sociedade Catarinense de Belas Artes, nada mais há para dizer. Nada mais.

Fpolis., 10-9-951

S. M.

# Movimento Literário

O VIGIA E A CIDADE — Já se encontra à venda nas livrarias o livro de estreia de Silveira de Souza, "O Vigia e a Cidade", crônicas e contos tendo por tema Florianópolis. O volume é o segundo das edições Livro de Arte, conta com xilogravuras e planejamento gráfico de Hugo Mund Jr. e é das melhores edições surgidas ultimamente entre nós. Silveira de Souza está escrevendo cada vez melhor — e os trabalhos enfileirados no presente volume comprovam o que temos seguidas vezes afirmado: ser o A.

hoje, um de nossos melhores escritores, sabendo narrar com sobriedade e precisão, numa linguagem pessoal, onde as histórias se erguem e criam vida. Oportunamente voltaremos com mais calma ao volume.

REPORTAGEM NO SÉCULO XXI — Livro fascinante e estranho, tão fascinante e estranho quanto os de "science-fiction", com a vantagem de poder ser chamado de "antecipação científica" é este de M. Vassiliev e S. Guschtchov que em boa hora as Edições Vertice resolveram lançar como sua primeira incursão no mercado editorial. Os autores, dois jornalistas, passaram semanas conversando com cientistas e técnicos, ouvindo extraordinários

prognósticos, todos baseados em autênticos raciocínios científicos, a respeito de como se deverá viver no ano 2009. Transporte e comunicação, vida social, entretenimento popular, relações internacionais, comércio, viagens de ida e volta à lua, passeios interplanetários, operações cirúrgicas em hospitais montados em satélites artificiais, emprego de novíssimos recursos da tecnologia, da cibernética, da eletrônica, da física ultrassônica e muitas outras coisas pertencerão ao dia-a-dia do ano 2009. Numa linguagem acessível, os dois jornalistas soviéticos vão nos conduzindo de espanto em espanto para um mundo inteiramente novo, aparentemente utópico, mas que já

pode ser vislumbrado no horizonte. Um livro que interessa a qualquer classe de leitor.

HISTÓRIA GERAL DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA — Deverá ser lançado, ainda este mês, o primeiro volume desta obra, algo inédito na historiografia nacional, elaborada por uma equipe de especialistas e orientada por um catedrático de comprovada capacidade, no caso o Prof. Sérgio Buarque de Holanda. Com mais esta obra, a Difusão Européia do Livro, que já antes lançara a coleção "Corpo e Alma do Brasil" continua na divulgação das coisas do país, com o que presta inestimável serviço à nossa cultura.

PINHEIRAIS E MARINHAS — O VII volume da série "Histórias e Pastagens do Brasil", organização do Diailas Riedel, seleção, introdução e notas de Hernani Silva Bruno, para a Editora Cultrix, intitulado "Pinheirais e Marinhas", é dedicado aos estados do Paraná e Santa Catarina. Como os anteriores, referentes a outras regiões do país, procura apresentar as páginas mais características, de viajantes e escritores, a respeito das peculiaridades da zona, tentando transmitir uma visão ampla do meio e do homem que ali vive e atua. De Santa Catarina estão presentes trabalhos de Virgílio Varzea (O André Canoeiro — conto); Tito Carvalho (Santa Luzia — conto); Guido Wilmar Sassi (Cerração — conto); Salim Miguel (Vila de Gaúchos — trechos do romance Rêde) e Othon D'Eça (O Pica-pau — conto).

SETE - ESTRELO — A crônica já se incorporou em definitivo à literatura. Nomes como Rubem Braga, para nos referirmos ao mais famoso e conhecido de todos, hoje fazem parte, pertencem à literatura brasileira, tem um lugarzinho reservado nas futuras histórias literárias. Com valores específicos próprios, a crônica pode fugir à vida efêmera do jornal, adquirindo perenidade e merecendo ser enfileirada em volume. Já conhecíamos alguns trabalhos esparsos de Milton Dias, o cronista mor de Fortaleza. Mas este seu "Sete-Estrêlo", crônicas, edição da Imprensa Universitária do Ceará, nos dá uma visão bem mais ampla de um dos bons cronistas não só do Ceará, mas do país. Sabendo construir suas crônicas, erguendo-as numa linguagem saborosa, o A. nos introduz num mundo todo seu, realizando páginas de alto valor literário e humano. Uma poesia difusa paira por tudo, correndo paralela a leve ironia que se desprende dos trabalhos do volume. "Rêde", "A que morreu de fome", "Cantiga", "Peço a palavra", "Arabela", "Pedro", "Jorge" e outras mais, são páginas plenamente realizadas e que além do mais nos prometem o bom ficcionista do futuro, que ao mesmo tempo em que constrói suas crônicas, ergue e humaniza seus tipos.

INICIAÇÃO À FILOSOFIA DO JORNALISMO — De Luiz Beltrão, nome dos mais conhecidos no jornalismo brasileiro, a ACHIR vai lançar, com preface de Waldemar Lopes, "Iniciação à filosofia do jornalismo", obra que alcançou o "Prêmio Orlando Dantas de 1959" e para o mesmo, que, pela sua importância, está fadada ao mais completo êxito.

S. L.

(para remessa de publicações e informações literárias: — S. M. — C. Postal 384 — Florianópolis - Santa Catarina)

## INFORMAÇÃO LITERÁRIA

Salim Miguel (

O Prof. Othon Goma D'Eça, Presidente da Academia Catarinense de Letras, nos informa que foi prorrogado por um mês o encerramento dos concursos de romance, conto, poesia, ensaio, reportagem e história, promovidos anualmente por aquela instituição cultural. Como se recorda, um dos premiados nos anos anteriores foi Almiro Caldeira de Andrada, com a novela 'Mão de Pilão'. Almiro teve agora sua novela histórica 'Rocamaranha' aceita pela Editôra do Globo, para publicação na coleção 'Catavento'.

—o:0:0—

Para o ano, a Livraria José Olympio Editôra S. A., publicará, enfeixando-os num volume, os discursos de Othon D'Eça e Nerêu Corrêa, proferidos quando do recebimento do segundo na Academia Catarinense de Letras. Enquanto o Presidente da Casa, Othon D'Eça, recebia Nerêu Corrêa, fixando-lhe a personalidade, o ensaísta catarinense, que assumia a cadeira de Virgílio Varzea, proferia um bom discurso a respeito do nosso marinista, que tão necessitado anda de divulgação.

—o:0:0—

A Editôra Alba Ltda. acaba de editar mais um livro de Luiz Pinto. Trata-se da biografia de Vidal de Negreiros, guerreiro esquecido e que teve uma participação e atuação destacada em determinado momento da história brasileira. Colocando seu personagem dentro dos acontecimentos e procurando analisá-los, o A. faz um levantamento que, sem dúvida, interessará, ao mesmo tempo em que fará reviver uma figura esquecida nos dias atuais.

—o:0:0—

A Editora Saraiva pública, de João Mendes de Almeida Júnior, "Noções Ontológicas de Estado, Autonomia, Soberania, Federação e Fundação", livro que reúne trabalhos anteriormente divulgados na Revista da Faculdade de Direito de São Paulo e em alguns panfletos avulsos, já clássicos na nossa literatura jurídica. Essas noções são analisadas não só do ponto de vista da Teoria do Estado, porém, de forma mais ampla, em tôdas as suas implicações dentro do complexo social e humano.

—o:0:0—

Mais dois volumes da popular coleção "Nossos Clássicos", da AGIR, que vem divulgando, sob a direção de Alceu Amoroso Lima, Roberto Alvim Corrêa e Jorge de Sena, os nomes mais representativos de autores portugueses e brasileiros, em trabalhos assinados por outros nomes expressivos da atualidade. O volume 51 contém prosa de Sampaio Bruno, por Joel Serrão, enquanto o volume 52 contém trechos escolhidos de Adolfo Caminha, selecionados por Lúcia Miguel Perreira, que faz, com aquela clareza e lucidez que lhe era habitual, a nota de apresentação.

—o:0:0—

Jorge Amado, cujo último livro ("Gabriela, Cravo e Canela", da Martins Editora) continua sendo um sucesso de livraria, é o candidato à vaga de Otávio Mangabeira, na Academia Brasileira de Letras. O nosso escritor mais popular e mais traduzido no estrangeiro, tem também para publicação no próximo ano, "Dois Velhos Marinheiros", volume que reunirá duas novelas, uma delas, (ótima) 'A Morte e a morte de Quincas Barro D'água', já divulgada num dos primeiros números da revista 'Senhor.' Não temos receio em afirmar: duas vitórias mais de Jorge Amado: a eleição para a ABL, assegurada, e o sucesso do novo livro.

(Para remessa de informações e publicações: Caixa Postal, 384 — Florianópolis — Santa Catarina)

## Movimento Literário

**PANORAMA DO CONTO BAIANO** — Este volume, edição conjunta da Livraria Progresso Editôra e da Imprensa Oficial da Bahia, organizado por Vasconcelos Maia e Nelson de Araújo, é um amplo painel do que tem sido feito no gênero na boa terra, reunindo desde autores de renome internacional (como um Jorge Amado) até jovens que se vem iniciando nas letras (como um Glauber Rocha e outros da revista MAPA). Numa época em que o conto vem encontrando tanta aceitação entre nós, quando levantamentos semelhantes vem sendo feitos em diversos Estados, é de se louvar o trabalho dos organizadores, que nos dão com "Panorama do Conto Baiano" uma idéia da importância que a história curta adquiriu na Bahia. Irregular como soem ser todos os volumes do gênero, englobando além de trabalhos de tôdas as tendências outros que não são de contistas, isto não diminui o valor da edição, que serve, acima de tudo, como documentário das tendências atuais da ficção baiana.

**CAMINHOS DA TERRA** — Um gênero literária que sempre interessou e encontrou leitores foi o de viagens. No Brasil, ultimamente, são inúmeros os livros surgidos, relatando, mostrando, divulgando, aproximando e mesmo fazendo viajar aos que não saem de casa. Um dos últimos lançamentos, e dos mais interessantes, é "Caminhos da Terra", de Eneida, onde a cronista que todos conhecemos e admiramos nos relata suas andanças pela URSS, Tchecoslováquia e China. O livro, que é uma edição Antunes, prende mesmo aos que não se interessam muito pelo gênero. Prende não só porque Eneida, inteligente, culta, sensível, sabe contar, sabe interessar, mas também porque ela sabe ver (o que nos parece importante) e transmitir com precisão e honestidade o que viu (o que nos parece mais importante ainda).

**LIVRO GERAL** — José Condé nos fez tantos elogios ao poeta Carlos Pena Filho que, ao recebermos o livro do jovem poeta pernambucano, foi com um certo receio que iniciamos a leitura. As vezes a amizade ilude e faz ver valor, ou superestima o valor das pessoas. Mas Carlos Pena Filho é mesmo poeta. Portanto o contista José Condé pode fazer-lhe os elogios que desejar. Lido este seu "Livro Geral", edição da Livraria São José, o poeta se ergue para além dos elogios. É, certamente, um de nossos melhores poetas jovens, já com uma linguagem própria, num lirismo preciso, sem derramamentos, forma e conteúdo entrosados, cheirando a terra, para nos darem poemas que se equiparam ao de outros pernambucanos como João Cabral, Joaquim Cardoso e Mauro Mota.

**SELVA TRÁGICA** — A obra de Hernani Donato, escritor paulista, vem sendo determinada num rumo que parece conduzir a um fim pre estabelecido, surgindo, apesar de tôdas as disparidades de tema, uma unidade. Um clima específico, a maneira de narra, de erguer suas histórias e conduzi-las. Senão vejamos: em "Filhos do Destino" é o drama do imigrante e a epopeia do café criando aquelas situações angustiosas; em "Chão Bruto" é o latifúndio, a grilagem e a integração à terra; agora em "Selva Trágica" é a saga dos hervateiros de Mato Grosso. Em todos eles há uma mesma preocupação com o épico, homens e terras formando um todo, numa integração e assimilação total, lutando pela sobrevivência e por construir uma civilização num mundo novo. Não existem, a rigor, personagens principais nestas histórias. Principal é a terra, principais são as lutas, principais são os entrelaques que surgem dentro do homem em luta com outros homens e com o meio ambiente. Dentro dessa diretriz, Hernani Donato vem realizando obra de real importância, significativa sob muitos aspectos, pelo, poderemos mesmo dizer, desbravamento e até pioneirismo dos temas. "Selva Trágica", edição Autores Reunidos, é característica desta maneira de ser e é também um passo avante dentro da linha que Hernani Donato se traçou. O livro se ergue, pungente, vivo, transmite uma mensagem estética e humana. Da leitura, ao fim, não ficam, embora alguns se destaquem mais, personagens isolados. Fica o todo, fica aquela tragédia, palpitante, fica a luta, fica a linguagem se adaptando, se amalgamando ao tema, forma e conteúdo uma coisa una e única. Um livro importante, como obra de arte e como documento de uma época.

### ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DA DIFUSÃO EUROPEIA DO LIVRO

*A Educação Sentimental*, de G. Flaubert, em tradução de Adolfo Casais Monteiro, e introdução, notas e variantes de Eduard Maynial, é a última obra da coleção *Clássicos Garnier*.

*João Simões continua*, de Origines Lessa, com prefácio de Geraldo Santos e ilustrações de Percy Deane, e *Os Caminhantes de Santa Luzia*, de Ricardo Ramos, com introdução de J. Guinsburg e gravuras de Otávio Araújo, são os últimos livros editados dentro da coleção "Novela Brasileira".

S.M.

(Enderêço para remessa de livros e informações para esta coluna: S.M. — Caixa Postal 384, Florianópolis — Santa Catarina).

# Informação Literária

SALIM MIGUEL

"Democracia e Nação" se intitula o volume que enfeixa trabalhos de Jorge Lacerda. O livro, organizado pelo ensaísta Nereu Correa com prefácio do romancista e crítico Adonias Filho, edição da Livraria José Olympio Editora, será lançado no próximo dia 30, na Livraria São José, estado da Guanabara, contando com a presença do Governador do Estado Sr. Heriberto Hulse e Exma. Espôsa Dona Lucy, com Dona Kirana Lacerda, viuva de Jorge Lacerda, além de elementos da colônia catarinense, jornalistas, escritores e demais amigos do saudoso político catarinense.

"Pai de peixinho, peixe é", costuma dizer jovem cronista da terra, quando lhe relembram seu parentesco com homens de imprensa. Foi o que dissemos, ao ler alguns poemas de Maria Cristina Nunes Pires, que nos seus 9 anos incompletos, cursando o segundo ano primário, faz poemas muito melhores do que um sem número de gente grande que conhecemos por aí com fumaças de poeta. Pura e espontânea, sua poesia brota do mais íntimo, integrando-se no seu mundo e nos dando, num poder de síntese que é (ou deveria ser) fruto de muito esforço e experiência um lirismo enxuto, o poema fechando-se todo num círculo e se completando em si mesmo. Anibal Nunes Pires o orgulhoso pai, também poeta, nos afirma com aquela sinceridade que lhe é inata, não sugerir, não opinar nem modificar qualquer coisa do que sua filha faz. E aí, verdadeiramente, o valor do trabalho. Como nossa intenção não é analisar a poetisa Maria Cristina, damos abaixo exemplos de sua poesia transbordante de sensibilidade:

## O RIO

Ó rio não te cansas?  
— Eu me cansaria  
de ficar sempre a correr.  
Não paras um pouquinho  
para me ver?

## AS ESTRELAS

As estrelas lá no céu a brilhar tôda a noite  
Eu queria ser uma estrelinha,  
pequenina e bonitinha  
para iluminar esta terra.  
Mas como posso só eu sôzinha  
iluminar esta terra tão grande?

O último número, aqui chegado, da revista "Leitura", causou grande reboliço nos arraiais literários catarinenses. Motivo: a acusação de plágio feita por Paulo de Carvalho Neto a Walter Piazza. Em seu trabalho (pags. 18-19) PCN reúne documentos e faz confrontos entre seu livro "Folklore del Paraguay" e o de WP "Folclore de Brusque", para chegar à conclusão de que o autor catarinense o plagiou no fundamental. Vamos dar, porém, a palavra a PCN: "— Já disse que Piazza copiou de mim, justamente, o que mais trabalho me deu, o que mais noites me consumiu: o arcabouço do livro, sua estrutura, sua visão de conjunto. Para males dos males, lança (Piazza) esta declaração absurda, no prólogo: Não nos esquivamos de confessar, nesta apresentação, que é nossa, somente nossa, a faina de coordenar os fatos, de sistematizar a matéria." Bastante grave, como vemos, a acusação...

As Livrarias Francisco Alves e Brasiliense, ambas de São Paulo, vem promovendo a Primeira Bolsa do Livro Brasileiro, com informações bastante significativas a propósito do público leitor e das suas diversas tendências. Damos abaixo o resultado ao primeiro quesito: "Qual o maior escritor brasileiro de todos os tempos?", ao qual responderam, até o momento, 17.496 votantes. Foram os seguintes os 5 primeiros colocados: 1) — Machado de Assis; 2) — Jorge Amado; 3) — Monteiro Lobato; 4) — José de Alencar; e 5) — Euclides da Cunha.

São os seguintes os livros mais vendidos em São Paulo, durante o mês de outubro, de acordo com a pesquisa realizada pelo serviço de imprensa da Câmara Brasileira do Livro:

## NACIONAIS

1 — Quarto de Despejo — Carolina Maria de Jesus; 2 — Gabriela, Cravo e Canela — Jorge Amado; 3 — O Retrato — Osvaldo Peralva; 4 — O Colecionador de Minutos — Paulo Bonfim; e 5 — Depois da Política — Gilberto Amado.

## ESTRANGEIROS

1 — Furacão sobre Cuba — Jean Paul Sartre; 2 — Agente Confidencial — Graham Greene; 3 — Memórias — General Montgomery; 4 — Crepúsculo de um Romanço — G. Greene; e 5 — Ben-Hur — Lewis Wallace.

(Para remessa de publicações e informações: Caixa Postal, 384 — Florianópolis — Santa Catarina)

# Informação Literária

SALIM MIGUEL

Acontecimento de singular importância foi o lançamento, no Centro Catarinense, (Estado da Guanabara), com a presença do Governador do Estado Sr. Heriberto Hulse e senhora, de Dona Kirana Lacerda, de nomes os mais representativos nas letras brasileiras, além de parentes e amigos, do volume "Democracia e Nação", contendo discursos de Jorge Lacerda. Organizada por Nereu Correa e prefaciado por Adonias Filho, a obra contém uma parcela do que deixou o político e intelectual Jorge Lacerda. Depoimento, principalmente, e depoimento de um homem profundamente interessado nos nossos problemas, o volume deixa patente que Jorge Lacerda escrevia para ser ouvido, isto sem prejuízo da qualidade do que deixou escrito. Mas em especial para quem conviveu com ele, se torna difícil não imaginá-lo com aquele encanto e fascínio que lhe era tão peculiar, transmitindo sua mensagem, que agora nos chega um tanto fria, despida daquele calor que só ele sabia insuflar...

Em nome dos amigos de Jorge Lacerda falou Marques Rebêlo, tendo agradecido em nome da família Ascendino Leite. O governador Heriberto Hulse, em rápidas palavras disse do significado da homenagem.

Dentro de poucos dias o volume será lançado entre nós, numa festa a se realizar na Casa de Santa Catarina.

Com um coquetel, na livraria São José, na Guanabara, foi lançado "Escritores Brasileiros Contemporâneos", de Renard Perez, edição da Civilização Brasileira. Depoimento de grande interesse para um melhor conhecimento da vida e da obra de nossos autores vivos mais representativos, se compõe de reportagens publicadas inicialmente no suplemento literário do "Correio da Manhã" e vem agora acrescido de pequena antologia escolhida pelos próprios autores — o que sem dúvida dá a este trabalho de Renard Perez um novo valor.

"Cine Clube" — revista da Federação dos Cine Clubes do Rio de Janeiro, é o novo órgão de divulgação cinematográfica que acaba de surgir. Desde "Fan", do Chaplin Club, nos idos de 1928, até a "Revista de Cinema", são inúmeras as publicações que, sem grande sucesso, tentaram se dedicar a divulgação da sétima arte. Lembremo-nos de "Filme", ótima revista de que circularam dois números. No momento temos a irregular "Revista de Cultura Cinematográfica". Agora esta "Cine Clube", que começa bem, e com interessantes trabalhos, além de fragmento de roteiro, do tão citado e pouquíssimo conhecido "Limite", de Mário Peixoto. Destaquemos, ainda, "Situação do cinema brasileiro", de Marcos Farias (que é também o diretor responsável da revista); de interesse ainda é "Legislação do cinema brasileiro e lei do adicional", bem como informações sobre cine-clubismo.

Não foram nada animadores os resultados do prêmio "Revelação de Autor", para poesia e romance, patrocinados pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros e pela Câmara Brasileira de Livros, num total de Cr\$ 200.000,00 cada um. O de romance não foi atribuído por não haver a comissão encontrado em nenhum dos concorrentes "qualidades que justifiquem a concessão do prêmio". O de poesia está dependendo de esclarecimentos posteriores, quanto ao ineditismo do autor.

Comissões julgadoras: Poesia: Cassiano Ricardo, Manuel Bandeira e Ledo Ivo. Romance: Sérgio Milliet, José Geraldo Vieira e José Aderaldo Castello.

Ainda a propósito de uma acusação de plágio, publicada em noticiário anterior, temos, em vista do que foi publicado neste jornal, um esclarecimento a dar aos nossos possíveis leitores. Acreditamos que a missão de um jornalista é informar. Se a informação é agradável ou desagradável, isto independe do jornalista, nem a ele cabe a defesa do que está divulgando, desde que esta divulgação seja feita com honestidade. Pois bem, imitamo-nos a informar a respeito do que publicou o último número da revista "Leitura", com distribuição em todo o território nacional e mesmo no exterior. Vem agora o acusado, respondendo não a quem o acusou, mas ao colunista. Ora, nos parecia mais lógico que, em vista de dizer que ainda não leu o artigo que responderia aos dois ao mesmo tempo. E aqui estaríamos prontos para divulgá-lo, mostrando que o Sr. Paulo de Carvalho Netto não tinha razão. Caso o Sr. Walter F. Piazza ainda não tenha lido o artigo de "Leitura", páginas 18-19, estamos prontos a lhe emprestar o exemplar que possuímos, para que ainda melhor e mais diretamente a quem deveria, possa ele responder. E é só.

(Para remessa de publicações e informações:  
Caixa Postal, 384 — Florianópolis — Santa Catarina).

# INFORMAÇÃO LITERÁRIA

Salim Miguel

## SURGEM OS PRIMEIROS VOLUMES DA "ANTOLOGIA ILUSTRADA DO FOLCLORE BRASILEIRO"

Um empreendimento cultural importante é o da Livraria Literart Limitada, de São Paulo, com o preparo da série "Estórias e Lendas", da "Antologia Ilustrada do Folclore Brasileiro".

Abrangendo todos os estados do Brasil, dividida em 8 volumes, dará um panorama geral do nosso folclore, tendo sido cada volume entregue a um folclorista conhecido e identificado com a região a seu cargo, enquanto a arte ilustrativa mereceu a mesma atenção. Além disto um vocabulário de termos usuais valoriza ainda mais a obra.

Afonso Schmidt, nome dos mais conhecidos das nossas letras, é o supervisor geral e literário de toda a obra.

Já foram lançados dois volumes, que dão bem uma idéia da qualidade do trabalho.

O primeiro é "Estórias e lendas dos índios", com seleção e introdução de professor Herbert Baldus, etnólogo da Escola de Sociologia e

lítica de São Paulo e grande autoridade em mitologia indígena que aqui nos oferece talvez o seu trabalho mais completo. As ilustrações são de J. Lanzellotti e valorizam o volume pela integração ao texto.

O volume dois é "Estórias e Lendas do Rio Grande do Sul", seleção e introdução do escritor Barbosa Lessa, com uma vasta obra sobre folclore e costumes dos pampas. As ilustrações são de Edga Koetz, conhecido pintor, o melhor ilustrador dos costumes e tradições do seu estado, o R. G. do Sul. Koetz se encontra há muito radicado em São Paulo e aqui, mais uma vez, nos oferece, como tudo que sai de suas mãos, um trabalho de alto valor artístico, recriando com precisão as estórias e lendas gauchas.

### ULTIMAS:

1 — A Livraria AGIR Editora, na coleção Nossos Clássicos programou para breve o lançamento de mais três volumes: Graciliano Ramos, trechos escolhidos por Antonio Cândido de Melo e Souza, Euclides da Cunha, trechos escolhidos por João Etienne Filho e Gonçalves de Magalhães, trechos escolhidos por

José Aderaldo Castelo.

2 — "Gabriela, Cravo e Caneta", de Jorge Amado, continua em foco. Não contente em permanecer por anos a vista dos "best-sellers" nacionais, vai para o cinema, já está traduzido para vários idiomas. E agora virou novela de TV, numa adaptação de Antonio Bulhões, o que garante qualidade à iniciativa. Enquanto isto: "Gabriela" vira história em quadrinho, o novo livro de JA "Os Velhos Marinheiros" tem lançamento marcado para o dia 28 do corrente em São Paulo e o pai de "Gabriela" é eleito, por unanimidade, para a Academia Brasileira de Letras, na vaga de Otávio Mangabeira, cadeira que tem como patrono José de Alencar e primeiro ocupante Machado de Assis.

3 — É a seguinte a constituição do Conselho Nacional de Cultura criado pelo Presidente da República: Secretário Geral: Mário Pedrosa; Comissões: Literatura Alceu Amorim Lima, Austregésilo de Ataíde, Antonio Cândido, Jorge Amado e Carlos Drummond de Andrade; Música e Dança — Andrade Muricy, Atto Maria Carpeaux, Edino Krieger Eleazar de Carvalho e Heitor Alimonda; Artes Plásticas —

Niomar Muniz Sodre, Francisco Matarazzo Sobrinho, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Gerald Ferraz e Lúcio Costa; Filosofia e Ciências Sociais — Sergio Buarque de Holanda, D. Clemente Isnard, Djacir Meneses, Eurialdo Canabrava e Gilberto Freire; Cinema Antonio Muniz Viana, Flávio Tambellini Rubem Biáfara, Manuel Lopes de Oliveira, Desidério Gross, Herbert Richers, Lola Brah, Francisco Luis de Almeida Sales, Florentino Lorente e Arnaldo Zonário.

4 — Na sua coleção "Vidas Ilustres", onde já lançou várias obras de grande interesse como divulgação, a editora Cultrix acaba de publicar mais um volume. Trata-se de "Os Poetas", organizado por José Paulo Paes apresentando as biografias e pequenos trechos poéticos de Dante, F. Viloon, Camões, Juan de la Cruz, Shelley, Heine, Victor Hugo, W. Whitman, C. Baudelaire e Castro Alves.

5 — A Livraria Francisco Alves anuncia, para publicação na Coleção Terra Forte, dirigida por Paulo Dantas, o romance "Porto Calendário", de autoria de Csório Alves de Castro, escritor residente em Marília, onde exerce a profissão de alfaiate. Foi ele barbaqueiro na região do São Francisco, donde extraiu o tema do seu livro.

6 — Dois novos prêmios criados no Instituto Nacional do Livro por José Renato Santos Pereira, antes de deixar a direção. Um para pesquisas de bibliografia e documentação e o outro para argumento cinematográfico, ambos no valor de Cr\$ cem mil cada e indivisíveis.

7 — A Diretoria da União Brasileira de Escritores de São Paulo aprovou proposta feita por grande número de seus membros no sentido de serem revistos os seus estatutos e alterados alguns dispositivos que não estão atendendo às necessidades organizativas da entidade. Foi nomeada uma comissão integrada dos escritores Mário Donato, Mário da Silva Brito, Paulo Mendes de Almeida e Rolando Roque da Silva, para estudar as alterações que serão introduzidas na carta básica da agremiação. A comissão terá um prazo de 30 dias para apresentar as conclusões que serão submetidas à apreciação de uma assembléia geral extraordinária, especialmente convocada (Para remessa de informações e publicações: S. M. — Caixa Postal 384 — Florianópolis — Santa Catarina).



## informação literária

salim miguel

no caso é, mais uma vez, o belo adormecido. Uma única palavra que fôsse, surgiu daquele organismo, ao menos para nos informar que está lembrado da existência de Cruz e Souza e sabe que neste ano se comemora — não, comemora não, decorre o centenário de nascimento do grande simbolista. E convenhamos: se qualquer demonstração de interesse, por parte da Diretoria de Cultura, surgir agora, já surge tarde. Mas antes tarde do que nunca. E não me venham com a desculpa, mais uma vez e sempre, de que ainda temos tempo. Não temos. Todos sabem muito bem que não temos tempo. Estamos justamente a dois meses da data. E para um pro-

grama que significasse alguma coisa, que servisse ao mesmo tempo como divulgação e promoção, isto nada representa.

Aí fora, nos nossos centros culturais de maior importância, todos querem saber o que está se fazendo, em Santa Catarina, pelas comemorações. E a resposta que damos é melancólica: vamos ver se da próxima vez se fará alguma coisa...

**NOVO VOLUME DA "NOSSOS CLÁSSICOS"** — "Euclides da Cunha", trechos escolhidos por João Etienne Filho, é o volume 54 da coleção Nossos Clássicos da AGIR. Como nos anteriores, este também é um volume de interesse nesta coleção que tem divulgado os mais importantes autores brasileiros e portugueses.

**OBRA PRIMA DA HISTORIOGRAFIA** — Pela Edameris, em tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros, acaba de aparecer o primeiro volume de "A Cidade Antiga", obra clássica da historiografia moderna e considerada a obra-prima de Fustel de Coulanges. Obedecendo à metódica cartesiana, é obra fundamental para o conhecimento da civilização greco-romana.

**NOVO ROMANCE DE MOACIR C. LOPES** — Com lançamento marcado para outubro, a Livraria Francisco Alves vai publicar na sua coleção "Terra Forte", o novo romance nordestino de MCL, o ex-marinheiro que se tornou famoso com sua estreia "Maria de Cada Porto". O título do novo livro é "CHÃO DE MÍNIMOS AMANTES".

(Para remessa de publicações: Caixa Postal, 384 — Florianópolis — Santa Catarina).

Salim Miguel

Há justamente trinta anos, Jorge Amado lançava o seu primeiro livro, "O País do Carnaval", iniciando assim uma carreira que em pouco se tornaria das mais significativas das nossas letras. Outros volumes se seguiram, o autor foi se tornando conhecido, nacional e internacionalmente, a ponto de sr. hoje em dia, um dos nossos raros escritores que podem dizer que vivem da sua atividade literária.

Comemorando a data, a Editora Martins anuncia as "Obras de Jorge Amado", em edição ilustrada, ao mesmo tempo em que um novo livro será lançado, em abril próximo. Trata-se de "Velhos Marinheiros", duas novelas, uma já divulgada em primeira mão por intermédio da revista "SR". As ilustrações para os livros serão de alguns dos nomes mais representativos dos nossos artistas plásticos: Darci Penteado, Santa Rosa, Mario Cravo, Caribé, Osvaldo Goeldi, Poti, Iberê Camargo, Clovis Graciano, Frank Schaeffer, Manuel Martins, Flávio Damm, Ana Leticia, Carlos Scliar, Regina Ratz, Di Cavalcanti e Glauco Rodrigues, o que certamente virá dar um ainda maior interesse a esta

# Informação Literária

coleção.

Jorge Amado deverá percorrer o país, num lançamento de "Velhos Marinheiros", e há um movimento tentando fazer com que o autor de "Gabriela, Cravo e Canela" venha também a Florianópolis. Entendimentos já foram iniciados neste sentido e podemos informar que Jorge Amado recebeu com simpatia a idéia de autografar, entre nós, não só o novo, mas todos os seus livros, para os que admiram a sua obra literária.

## ÚLTIMAS

1 — Para próximo lançamento de "A Mudança", segundo volume de "O Espelho Partido", de Marques Rebelo. Edição da Martins.

2 — Moacyr C. Lopes, o escritor marinho, que surpreendeu a crítica e público com sua primeira obra "Mária de cada pôrto", anuncia, numa edição da Francisco Alves, o seu segundo romance "Crônica dos mínimos amantes".

3 — Como sempre, com colaborações variadas e de bastante interesse, a Revista Brasileira de Estudos Políticos, da Universidade de Minas Gerais, que atinge o seu número 10 (jan. 1961)

4 — Um romance de permanente sucesso e que sempre encontra novos leitores é "O Guarani", o clássico de José de Alencar, agora numa reedição na coleção Saraiva, nº 152, primeiro volume.

5 — "Bodas de Sangue", de Federico Garcia Lorca é o volume da ótima coleção Teatro Moderno, da AGIR. O grande poeta assassinado pelos franquistas atinge aqui talvez o seu ponto mais alto, num clima de verdadeira tragédia, com personagens talhados com vigor e autenticidade, chegando ao universal pelo regional. Tomando de um tema simples e aparentemente comum, baseado num fato autêntico, ele recria, com poder, a história, realizando um teatro poético do mais alto nível.

6 — De grande interesse o resultado final da primeira bolsa do livro brasileiro, promovido pelas livrarias Francisco Alves e Brasiliense. Por ele se podem colher inúmeros elementos para um estudo da situação do livro no mercado brasileiro e das suas tendências. Daremos, aqui, apenas alguns dados que poderão mostrar ao leitor a posição do nosso

livro. É este o resultado ao quesito 1, "qual o melhor escritor brasileiro de todos os tempos"? sendo os seguintes os 5 primeiros colocados: Machado de Assis, Jorge Amado, Monteiro Lobato, José de Alencar e Euclides da Cunha. De destacar que um escritor considerado "difícil" para o grande público, como Graciliano Ramos, se encontra em nono lugar.

Livro mais lido nos três últimos anos: "Gabriela, Cravo e Canela", de Jorge Amado. Capa mais bonita: "Quarto de Despejo", de Carolina M. de Jesus. Livro que gostaria de ver

reeditado: "Olhai os lírios do campo", de Érico Veríssimo.

Como vemos, além dos leitores e estudiosos, o inquerito interessa também aos editores.

(Para remessa de publicações e informações: SM — C. Postal, 384 — Florianópolis — Santa Catarina).

## informação literária

salim miguel

### O RINOCERONTE — DE IONESCO



I O N E S C O

Surge agora, finalmente, em volume na coleção Teatro Moderno, da AGIR, esta peça de Ionesco, tão controvertida e que tem feito uma carreira das mais curiosas no teatro mundial, com apresentação por atores como Jean-Luiz Barrault (que foi o seu lançador no Brasil) e Orson Welles. Aqui no Brasil o "dono" de Ionesco é o autor português Luiz de Lima, a quem se deve a presente tradução e que foi o lançador dos primeiros espetáculos com peças em um ato deste teatrólogo. Peça de tese, parada, sem

grandes inovações em sua carpintaria e tratamento, embora considerada de vanguarda, não sabemos o porque deste barulho todo que a acompanha. Narra, em síntese, a história de um homem que resiste, que não quer deixar se dominar — simbolizando a resistência do homem contra o mundo atual, a padronização geral. Enquanto todos vão se transformando em rinocerontes, ele continua afirmando "Je ne capitule pas", daí surgindo todas as implicações que a peça comporta e a idéia matriz não só desta mas de todas as outras obras de Ionesco. De qualquer maneira é, sem dúvida, mais este, um serviço que a AGIR presta aos que se interessam pelo movimento teatral, possibilitando que se entre em contacto com um teatrólogo dos mais falados.

**NOÇÕES DE PSICOLOGIA DA CRIANÇA** — Este livro de João de Souza Ferraz aparece agora em sexta edição. Está revisto e atualizado. Destina-se às escolas normais e tem forma eminentemente didática. Nem por isto deixa de ser útil também a todos os que lidam com crianças, muito especialmente os pais, que dele poderão auferir conhecimentos práticos. Em linguagem clara e acessível, dando particular ênfase ao desenvolvimento mental da criança e às várias formas de classificação e aferimento do mesmo, abre perspectivas para esse vasto mundo constituído pelo psiquismo infantil. Apresenta, além disto, excelente bibliografia que permitirá aos interessados a consultar de outras obras.

A edição é da SARAIVA, feita com o cuidado gráfico que caracterizam os trabalhos dessa editôra.

**REVISTA KRITERION** — nº 55-56 — jan. jun. .. 1961 — Dirigida por Eduardo Frieiro, esta publicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, contem, como sempre, colaborações do maior interesse.

(para remessa de publicações: SM — CP 384 — Florianópolis — Santa Catarina)

# Informação Literária

# Posse de Jorge Amado na ABL

Salim Miguel

Tomou posse, dia 17, na cadeira 23 da Academia Brasileira de Letras, o escritor Jorge Amado.

Eleito pela unanimidade dos 'imortais', o autor de 'Gabriela, Cravo e Canela' e tantos outros livros de sucesso, vai assim colaborar no movimento de renovação e revitalização da Casa de Machado de Assis.

Porque, convenhamos, com a eleição de nomes como um Jorge Amado, um Aurélio Buarque de Holanda, um Augusto Meyer, ganha mais a própria academia, pelos prestígios que lhe dão tais nomes, do que os próprios escritores.

Aplaudimos e não negamos ser correta a medida adotada, ultimamente, pela ABL. É especialmente do ponto de vista da academia. Resolveu agora ela se penitenciar e eleger escritores — o que há algum tempo não era norma. Tanto que muitos dos nossos escritores mais representativos a ela não pertenceram, a ponto de a academia cair em descrédito. Ilustres desconhecidos a compunham. E ainda hoje não há quem saiba quais são os 40 acadêmicos.

Agora, mesmo para os anti-acadêmicos mais ferrenhos, a nova política adotada parecerá mais correta. Afinal trata-se de uma academia de letras.

Ocupa já a cadeira que tem como patrono José de Alencar e que teve como primeiro ocupante Machado de Assis.

Já substituiu outro baiano: Otávio Maranhão. E foi saudado por Raimundo Magalhães Jr.

A festa estiveram presentes personalidades do mundo cultural e político, figuras representativas da sociedade e amigos do escritor, tendo o Presidente da República sido representado pelo Ministro da Educação e Cultura.

## UMA MENINA DE ITAJAÍ

Publicado pela família, prefaciado por um filho (Alfredo Liberato Meyes), ilustrado por outro (Ernesto Meyer filho), este 'Uma menina de Itajaí' termina por transcender à simples homenagem que pretende ser, para se transformar num volumezinho de real interesse. Isto pelas implicações que contem, pela maneira como está realizado, com singeleza, numa linguagem simples e precisa, e pela escritora inata que deixa entrever.

Uma pequena cidade do interior — Itajaí, no caso — dos comços do século, se ergue do passado com sua gente e sua vida própria, através das recorda-

ções e da emoção pura de uma jovem. São crônicas escritas ao correr da pena, como quem conta coisas para a família. Não há, no volume, intensão de fazer literatura. E aí, justamente, o encanto maior. Mas sem fazer literatura, recria o passado, fazendo-o ressurgir das cinzas. Esta volta se faz de maneira sutil, às vezes por uma simples sugestão, outro num instatâneo que surge agora e recompõe o passado. Seria quase absurdo mas é necessário falar-se num Proust, quando a reconquista do passado e numa Mansfield quanto ao clima.

O volume pode e merece atenção mais demorada. A ele pretendemos voltar. ÚLTIMAS:

1 — OBRAS ESCOLHIDAS DE M. DE ASSIS: MAIS UM VOLUME — A Editora Cultrix Ltda. vem de lançar mais um volume de Machado de Assis, na série 'Obras Escolhidas', e onde estão sendo divulgadas os principais e mais característicos trabalhos do Mestre. Trata-se, desta vez, do 'Memorial de Aires', que é o testamento literário e humano do próprio Machado, onde, por intermédio do Cons. Aires, num despojamento total, numa linguagem das mais precisas, ele nos dá o melhor de si mesmo. Publica do no ano mesmo do falecimento de seu A., o 'Memorial de Aires' é talvez onde M. de Assis atinge maior limpidez, debruçando-se sobre o que foi e sobre os outros, para nos legar sua última mensagem.

Considerado dos seus trabalhos mais importantes, embora não tenha a divulgação de um 'Memórias Póstumas', 'Dom Cas-

murro', 'Quincas Borba' ou mesmo alguns de seus principais contos, o 'Memorial de Aires' tem, por todas as suas implicações, um lugar a parte na bibliografia machadiana.

Como os anteriores, o presente volume tem organização e anotação crítica do Prof. Massaud Moises, que preparou a edição, cotejando-a com as diversas existentes, a fim de estabelecer o texto.

Completa o presente volume um dos melhores trabalhos curtos de Machado de Assis: "O Alienista", peça clássica do autor de Uns Braços.

2 — Revista Bibliográfica e Informativa — O Departamento de Letras da Universidade de São Paulo (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, na Cátedra de Língua e Literatura Espanhola e Hispanoamericana, acaba de publicar o número 1 da Revista Bibliográfica e Informativa. Direção do Prof. Dr. Julio Garcia Morejón. Material de bastante interesse compõe este número inicial.

032

## INFORMAÇÃO LITERÁRIA

Salim Miguel

### II FESTIVAL DO ESCRITOR BRASILEIRO

Para mais de 400 escritores brasileiros, de todos os Estados, deverão comparecer ao II Festival do Escritor Brasileiro, a se realizar no dia 24 próximo, no Super-Shopping Center de Copacabana. Promovido pela UBE da Guanabara, o encontro terá como finalidade colocar os escritores em contato com o público, ao mesmo tempo que uns com os outros, numa aproximação proveitosa para todos.

Inaugurado pelo Presidente da República, o Festival contará com a presença de Governadores de diversos Estados.

Ainda há pouco esteve entre nós o escritor Silvio Castro, convidando o Governador Celso Ramos e solicitando à ajuda do Chefe do Executivo Catarinense para a ida da Delegação que representará o Estado.

O Festival não se limitará à noite do autógrafo. Prosseguirá com debates sobre poesia (dia 25) presidido por Cecília Meireles, ficção (dia 26) presidido por Jorge Amado, folclore (dia 27) presidido por Peregrino Júnior, problemas do livro (dia 28) presidido por Rogério Pongetti, teatro (dia 29) presidido por Zora Seljan e, no dia 30, tarde de autógrafos para autores de livros infantis e juvenis.

### A INSTRUÇÃO 208 E O LIVRO

A Diretoria da Câmara Brasileira do Livro, reuniu-se para estudar os efeitos da Instrução 208 sobre a indústria e comércio livreros, concluindo pela necessidade de uma análise pormenorizada dos gravíssimos problemas ora suscitados, que poderão ter adequada solução se, ao govêrno, se der a exata visão de como, a partir de agora, se colocam os interesses do povo relativos à cultura.

Foi constituída uma comissão, integrada pelos Srs. Octalles Marcondes Ferreira, José de Barros Martins, Mário Fittipaldi e Diaulas Riedel, para elaborar o aludido estudo e o levantamento da problemática editorial-livrreira, contendo inclusive as sugestões mais viáveis para o restabelecimento de melhores condições, para o exercício de sua missão civilizadora.

ÚLTIMAS :

1 — "ANTROPOLOGIA CULTURAL", EDIÇÃO DA FUNDO DE CULTURA A Editora Fundo de Cul-

tura apresenta uma obra de grande interesse e que vem tendo a melhor repercussão. Trata-se de "Antropologia Cultural", de Felix M. Keesing, na qual o A., de maneira objetiva e profunda, faz um estudo que deverá merecer a atenção de todos os que se interessam pelos problemas culturais, esgotando o A. suas apreciações e análises : respeito do que é Antropologia Cultural, suas filiações e origens, suas ligações e conceptualística, examinando, a seguir, os problemas de cultura e povo, herança cultural e biológica, crescimento da cultura, a cultura no espaço, e tôdas as teorias relacionadas com a cultura, a sociedade e personalidade. É este mais um bom serviço de divulgação que se fica devendo à Editora Fundo de Cultura, que, através da Biblioteca Fundo Universal de Cultura (Estante de Sociologia), tantas obras de valor tem divulgado.

### 2 — "O RINCCERONTE" NA COLEÇÃO TEATRO MODERNO

Luis de Lima, conhecido homem de teatro e amigo pessoal de IONESCO, acaba de entregar à Editora AGIR a tradução do já famoso RINOCERANTE, que causou furor quando apresentado por JL Barrault. Será este o 13.º volume da coleção Teatro Moderno.

### 3 — MORTE DE E. HEMINGWAY

Continuam a circular as das a respeito da morte do opiniões mais desencontra- autor de "O Velho e o Mar": acidente ou suicídio? Não se sabe e o mais certo é que nunca se venha a saber. Uma das figuras mais importantes da literatura americana de todos os tempos, considerado por alguns da estatura de um Joice, Mann, Faulkner, EH era, acima de tudo, impressionante como pessoa. Vivia suas histórias, elas faziam parte de sua vida íntima. Mestre do diálogo, mesmo os que não o admiravam muito especialmente ou com êle não concordavam, eram obrigados a reconhecer que poucos como EH sabiam criar, com poucas palavras, uma figura e uma situação. Pode-se dizer que com êle desaparece um período e um estilo das letras americanas.

(para remessa de publicações e informações: Caixa Postal, 384 — Florianópolis — Santa Catarina).

# informação literária

salim miguel

TRECHOS ESCOLHIDOS DE GRACILIANO RAMOS — A Livraria AGIL Editora, na sua conhecida coleção "Nossos Clássicos", publicados sob a direção de Alceu Amoroso Lima, Roberto Alvim Corrêa e Jorge de Sena, acaba de lançar mais um volume, o de número 53, de real interesse. Nesta coleção que vem publicando os melhores autores portugueses e brasileiros, surge agora Graciliano Ramos, sem dúvida uma das mais importantes figuras de nossas letras. A apresentação do volume se deve ao crítico Antônio Cândido, o qual não só situa bem o autor de "Angústia", dentro da moderna literatura, como acentua o significado de sua obra e o que ela representa para um melhor conhecimento do homem e do meio brasileiro. Eis o índice do volume: Dados biográficos. Apresentação (situação histórica e estudo crítico), Antologia, Bibliografia do autor, Bibliografia sobre o autor, Julgamento crítico e Questionário.

LIVRO QUE REVOLUCIONOU O SISTEMA EDUCACIONAL RESSURGE — "Introdução ao Estudo da Escola Nova", de Lourenço Filho, mais um volume das Obras Completas do Autor nesta edição da Melhoramentos, é um dos poucos livros de autor brasileiro que conseguiu repercussão internacional logo após a sua publicação. Trechos mais importantes passaram a ser transcritos em compêndios estrangeiros ou em tratados da especialidade. Exemplos são a obra do educador alemão Adolf Rude ou a enciclopédia "Ciencia de la Educacion, da Editorial Atlante, do México. Na Argentina, o livro foi considerado "uma das doze obras fundamentais da pedagogia latino-americana, figurando como tema de programas de didática, história da educação e comparada em institutos nacionais e várias universidades latino americanas. Na primeira parte do livro o Prof. Lourenço Filho trata dos fundamentos científicos da educação, apresentando na segunda uma súpula da história da educação, revelando os segredos da arte de ensinar, enquanto na última encara a problemática da educação. Mantendo o tema e o espírito da obra, o A. atualizou-a para esta 7ª edição lançada agora pela Melhoramentos. O livro interessa fundamentalmente a professores primários e secundários, estudiosos das questões educativas em geral, administradores, publicistas trabalhadores sociais, tendo E. Claperède atribuído o êxito do livro à capacidade de síntese do autor, enquanto Paul Fauconnet, da Universidade de Paris, ressalta a competência de LF em filosofia, psicologia e pedagogia.

NOVO NÚMERO DE "LETRAS" — Recebemos mais um número de "Letras", órgão informativo UBE de São Paulo, que tem como superintendente João Freire de Oliveira, diretor, Paulo Silveira Santos e Redator, A. Silva Ramos. Como nos anteriores, este número tem amplo noticiário a respeito das UBEs e do que elas vem realizando.

(Para remessa de publicações e informações:  
Caixa Postal, 384 — Florianópolis — Santa Catarina)

---

 i n f o r m a ç ã o   l i t e r á r i a
 

---

salim miguel

## SALIM MIGUEL

MORTE DE BRITO BROCA — Num desastre estúpido, num desses atropelamentos tão frequentes no Rio, morreu Brito Broca. Atravessava uma rua, calmamente, naquele seu jeitão pessoalíssimo, com certeza pensando em mais uma pesquisa que iria fazer. E como diz, com trágica ironia o humorista, não notou que o automóvel já o tinha visto.

A informação nos atingiu num desses noticiários de rádio, entre duas outras, ambas sem a menor importância, enunciada com aquela insensibilidade dos locutores.

Quedamo-nos a imaginar o escritor, a tentar recordá-lo, lembrando-nos das vezes que com ele conversamos, num encontro casual ou no Instituto Nacional do Livro, onde era Brito Broca um dos principais redatores da "Revista do Livro".

Pesquisador dos mais argutos e concienzosos da nossa história literária, com uma obra das mais preciosas como fonte de informação e consulta, BB vinha trabalhando, silenciosamente, há longos anos, na busca de documentos e dados. Com uma colaboração constante para a imprensa, especialmente "A Gazeta" de São Paulo e "Correio da Manhã", do Rio, além de traduções, ainda assim tinha tempo, ou inventava tempo, para os seus trabalhos de pesquisa, que eram a sua paixão única. Através deles nos dava um panorama e levantamento dos mais exatos de aspectos e fatos da vida literária no Brasil. Um exemplo é justamente "A Vida Literária no Brasil, 1900", obras das mais completas no gênero e que, quando lançada, arrebatou todos os prêmios literários do ano. Brito Broca trabalhava nos volumes seguintes. Não sabemos se teve tempo para completar algum.

Embora lugar comum, pode-se afirmar que com a morte de Brito Broca, aos 54 anos de idade, abre-se uma séria lacuna em nossa vida literária, mais especificamente no campo da pesquisa e informação dos acontecimentos literários, onde era um mestre.

REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS POLITICOS — Esta publicação semestral da Universidade de Minas Gerais, já em seu número 11, correspondente a junho de 1961, é uma das mais importantes que possuímos, com colaborações de nomes de real valor, contribuindo decisivamente para o estudo e análise dos problemas políticos. É seu diretor responsável o Prof. Orlando M. de Carvalho, tendo como secretário, Pierre Santos.

CRÔNICA-CRÍTICA-POESIA-TEATRO — É este o volume final das Obras Escolhidas de Machado de Assis, editadas pela Editora Cultrix Ltda., e, como os volumes anteriores, tendo seleção, organização e anotação crítica do Prof. Massaud Moisés, da Universidade de São Paulo. Aqui também há o cotejo das diversas edições, num trabalho crítico bastante fidedigno. Sendo o que se convencionou chamar de parte menor da obra do mestre, ainda assim é indispensável o conhecimento do que ele fez no gênero, para uma idéia ampla e completa da personalidade machadiana. O organizador selecionou o que de mais representativo deixou M. A. no campo da crônica, crítica, poesia e teatro. E só merece louvores a editora Cultrix por proporcionar ao leitor brasileiro a oportunidade de entrar em contacto com as obras mais significativas de Machado de Assis.

(Para remessa de informações e publicações: S.M.  
— Caixa Postal, 384 — Florianópolis — S.C.)

---

 DUNLOP, o pneu que vale por 2

 RAINHA DAS BICICLETAS — Rua: Cons. Mafra, 154
 

---

Salim Miguel

Há justamente trinta anos, Jorge Amado lançava o seu primeiro livro, "O País do Carnaval", iniciando assim uma carreira que em pouco se tornaria das mais significativas das nossas letras. Outros volumes se seguiram, o autor foi se tornando conhecido, nacional e internacionalmente, a ponto de sr. hoje em dia, um dos nossos raros escritores que podem dizer que vivem da sua atividade literária.

Comemorando a data, a Editora Martins anuncia as "Obras de Jorge Amado", em edição ilustrada, ao mesmo tempo em que um novo livro será lançado, em abril próximo. Trata-se de "Velhos Marinheiros", duas novelas, uma já divulgada em primeira mão por intermédio da revista "SR". As ilustrações para os livros serão de alguns dos nomes mais representativos dos nossos artistas plásticos: Darci Penteado, Santa Rosa, Mario Cravo, Caribé, Osvaldo Goeldi, Poti, Iberê Camargo, Clóvis Graciano, Frank Schaeffer, Manuel Martins, Flávio Damm, Ana Leticia, Carlos Scliar, Regina Ratz, Di Cavalcanti e Glauco Rodrigues, o que certamente virá dar um ainda maior interesse a esta

# Informação Literária

coleção.

Jorge Amado deverá percorrer o país, num lançamento de "Velhos Marinheiros", e há um movimento tentando fazer com que o autor de "Gabriela, Cravo e Canela" venha também a Florianópolis. Entendimentos já foram iniciados neste sentido e podemos informar que Jorge Amado recebeu com simpatia a idéia de autografar, entre nós, não só o novo, mas todos os seus livros, para os que admiram a sua obra literária.

## ÚLTIMAS

1 — Para próximo lançamento de "A Mudança", segundo volume de "O Espelho Partido", de Marques Rebêlo. Edição da Martins.

2 — Moacyr C. Lopes, o escritor marinho, que surpreendeu a crítica e público com sua primeira obra "Mária de cada pôrto", anuncia, numa edição da Francisco Alves, o seu segundo romance "Crônica dos mínimos amantes".

3 — Como sempre, com colaborações variadas e de bastante interesse, a Revista Brasileira de Estudos Políticos, da Universidade de Minas Gerais, que atinge o seu número 10 (jan. 1961)

4 — Um romance de permanente sucesso e que sempre encontra novos leitores é "O Guarani", o clássico de José de Alencar, agora numa reedição na coleção Saraiva, nº 152, primeiro volume.

5 — "Bodas de Sangue", de Federico Garcia Lorca é o volume da ótima coleção Teatro Moderno, da AGIR. O grande poeta assassinado pelos franquistas atinge aqui talvez o seu ponto mais alto, num clima de verdadeira tragédia, com personagens talhados com vigor e autenticidade, chegando ao universal pelo regional. Tomando de um tema simples e aparentemente comum, baseado num fato autêntico, ele recria, com poder, a história, realizando um teatro poético do mais alto nível.

6 — De grande interesse o resultado final da primeira bolsa do livro brasileiro, promovido pelas livrarias Francisco Alves e Brasiliense. Por ele se podem colher inúmeros elementos para um estudo da situação do livro no mercado brasileiro e das suas tendências. Daremos, aqui, apenas alguns dados que poderão mostrar ao leitor a posição do nosso

reeditado: "Olhai os lírios do campo", de Érico Veríssimo.

Como vemos, além dos leitores e estudiosos, o inquerito interessa também aos editores.

(Para remessa de publicações e informações: SM — C. Postal, 384 — Florianópolis — Santa Catarina).

livro. É este o resultado ao quesito 1, "qual o melhor escritor brasileiro de todos os tempos"? sendo os seguintes os 5 primeiros colocados: Machado de Assis, Jorge Amado, Monteiro Lobato, José de Alencar e Euclides da Cunha. De destacar que um escritor considerado "difícil" para o grande público, como Graciliano Ramos, se encontra em nono lugar.

Livro mais lido nos três últimos anos: "Gabriela, Cravo e Canela", de Jorge Amado. Capa mais bonita: "Quarto de Despejo", de Carolina M. de Jesus. Livro que gostaria de ver

# Informação Literária

Salim Miguel

## O MISTÉRIO DO OURO DOS MARTÍRIOS

Ainda há pouco, Manuel Rodrigues Ferreira nos oferecia um livro de grande interesse, onde levantava a história de uma ferrovia, com tôdas as suas implicações, num estudo honesto das condições em que ela foi feita. Queremos nos referir ao livro "A ferrovia do Diabo" (História da estrada de ferro Madeira Mamoré), capítulo dramático e pungente na luta pela conquista de uma região.

Agora, com o mesmo espírito de pesquisa que o caracteriza, porém penetrando mais fundo, Manuel R. Ferreira vem de desvendar o grande segredo das bandeiras paulistas, num livro que, embora documentado e de pesquisa, mas que se pode ler com o mesmo interesse de um autêntico livro de aventuras. E não é um livro de aventuras, na busca de um tesouro? Com a vantagem de serem aventuras verdadeiras.

"O Mistério do Ouro dos Martírios", edição da Gráfica Biblos Ltda., de São Paulo, pesquisa e procura soluções para um problema que desde 1722 vem tentando sertanistas, governadores, militares, padres, cientistas e aventureiros das mais diversas nacionalidades, que procuram localizar as famosas minas de ouro dos Martírios, que pareciam ter como chave do mistério o Rio Papanduva, um curso d'água do qual todos falavam, mas inteiramente desconhecido.

MRF, qual novo bandeirante, estudou documentos e rotas, pesquisou pacientemente em arquivos e se foi a caça dos locais, permanecendo durante meses internado nas selvas, até descobrir todo o segredo do roteiro, desvendando o que vinha há séculos desafiando os investigadores mais pacientes.

E é na base de tudo isto que o A. nos dá, agora, com fotografias, mapas, roteiros, e outras indicações importantes, um documento de singular importância e que interessará indistintamente a toda classe de leitor.

### ÚLTIMAS :

1 — Harry LAUS, escritor catarinense radicado no Rio e que há pouco publicou um volume de contos ("Os Incoerentes" — edição da Livraria São José) muito bem recebido pelo público e critica, tem para o prelo um novo livro, "Ao Juiz dos Ausentes", onde reúne uma novela e algumas histórias curtas, que publicará ainda este ano, pela Martins de S. Paulo.

2 — "Africa de Hoje", de Ellen e Attilio Gatti, recente edição da Melhoramentos de São Paulo, é uma ampla visão do continente negro, agora tão em foco quando deste seu ressurgimento para uma autonomia política. Investigando as causas próximas e remotas, historiando o processo todo com objetividade, os autores realizam uma obra de grande interesse onde são estudados, um por um, aqueles países, com os seus problemas: desde a "nova comunidade francesa", a Líbia, o Egito e o Sudão; a Abissínia e a Somália; a

Africa Portuguesa e a Britânica; a Guiné, Serra Leoa e Libéria; a Costa do Marfim e Gana; a Togolândia, o Daomé e a Nigéria, até os Congo e a Agrícola Oriental Inglesa, finalizando por um estudo dos sôntos, um povo exótico da região norte de Tanganica.

3 — Entre as suas programações para este ano, existe uma, nas Edições Melhoramentos de São Paulo, que nos interessa muito particularmente. Trata-se do romance do escritor catarinense Guido Wilmar Sassi, "São Miguel", primeiro prêmio no concurso de romances inéditos promovido por aquela editora e pelo Circulo de Boa Leitura. Guido Wilmar Sassi foi um dos elementos de mais destaque do grupo SUL, tendo os seus dois primeiros livros lançados pela editora SUL, que durante alguns anos divulgou os novos autores de Santa Catarina. Com o seu primeiro livro de contos, intitulado "Piá", GWS foi mensão honrosa no prêmio Fábio Prado, tendo com o segundo, "Amigo Velho", alcançado o prêmio para contos do Instituto Nacional do Livro.

4 — A Livraria José Olympio Editora acaba de lançar um livro de grande importância para os que se interessam pelo nosso movimento cultural e sua evolução. Queremos nos referir a "Novelas Paulistas", onde estão reunidos os principais trabalhos de Antonio de Alcântara Machado, o escritor paulista prematuramente falecido aos trinta e cinco anos de idade e que formava na primeira linha dos novos que se batiam por uma modificação do nosso panorama literário. Alguns de seus contos são hoje obrigatórios nas antologias. Um exemplo é "Caetaninho", que dá bem a medida do autor, recriando um clima paulistano e mais especialmente dos bairros pobres, numa linguagem e estilo pessoalíssimos. Reunido num só volume os contos de "Brás, Bexiga e Barraunda" e "Laranja da China", o romance inacabado "Mana Maria" e outros contos avulsos a Livraria José Olympio só merece aplausos por possibilitar, aos que já conhecem AAC uma releitura e aos que ainda não o conhecem, uma agradável descoberta. Gostaríamos que a mesma editora lançasse agora os artigos e ensaios do autor, as páginas de interesse permanente de "Cavaquinho e Saxofone", dando assim uma visão mais perfeita e completa de um dos nomes de proa da fase heroica do modernismo.

(Para remessa de publicações e informações: SM — Caixa Postal, 384 — Florianópolis — Santa Catarina).

# Informação Literária

Salim Miguel

## CATARINENSES NO II FESTIVAL DO ESCRITOR

Realizado com grande sucesso, o I Festival do Escritor serviu como uma promoção sem par, levando esta mercadoria esquisita e difícil que é o livro, até uma camada mais ampla da população. Para tal, apelou-se para "vedetes" em todos os setores: artistas de teatro e cinema, TV, plásticos, senhoras da sociedade esportistas, etc. todos iam ajudar o pobre escritor a se tornar mais conhecido e vender o seu livrinho. Mas a verdade é que deu resultados positivos, fazendo com que gente que nunca ou quase nunca manuseara uma obra de autor nacional, descobrisse que afinal também temos os nossos autores que merecem ser lidos e discutidos. Muito bem.

Agora, vem aí o II Festival. E a União Brasileira de Escritores resolveu ampliar o quadro do Festival, fazendo com que escritores de todo o país compareçam, levem seus livros, os autografem e vendam. Medida de interesse, pois além de colocar o autor em contacto direto com o leitor, colocará os autores em contacto direto uns com os outros.

A este II Festival do Escritor, a se realizar, como o I, no Shopping Center de Copacabana Santa Catarina estará presente. O colunista, por carta do Presidente da UBC, escritor Peregrino Junior, foi solicitado a se encarregar da organização da Delegação de Escritores do Estado.

São os seguintes os nossos escritores que deverão autografar seus livros: 1 — Osvaldo R. Cabral ("João Maria, uma interpretação do Contestado", edição da Cia. Editora Nacional, vol. 310 da coleção Brasiliana); 2 — Almiro Caldeira de Andrada ("Rocamaranha", novela histórica, edição da Globo, na coleção Catavento); 3 — Silveira de Souza ("O Vigia e a Cidade", contos, com xilogravuras e planejamento gráfico de Hugo Mund Jr. edição do Livro de Arte); 4 — Silveira de Sousa ("Sonetos da Noite" de Cruz e Sousa", seleção e nota de SS, com xilogravuras e planejamento gráfico de Hugo Mund Jr., edição do Livro de Arte); 5 — C Ronald Schmidt ("Cantos de Ariel" — edição do Autor).

Cutros escritores interessados em apresentar livros ou em participarem da Delegação como simples observadores, deverão dirigir-se ao colunista.

O Festival do Escritor Brasileiro durará uma semana (24-31 de julho próximo) sendo que a noite do autógrafa será a 24 de julho.

mento da Edição que a Aguillar prepara. Uma edição à altura, reunindo toda a obra do poeta, e entregue justamente a quem melhor poderia se desincumbir da tarefa: Andrade Muricy. Vindo do simbolismo ele também, poeta, ensaísta, com uma obra que é a melhor a respeito do tema ("Panorama do Movimento Simbolista no Brasil"), AM vem pesquisando, estudando carinhosamente consultando todas as fontes, no sentido de oferecer, por fim, uma edição como ainda não temos e que já se fazia mais do que necessária.

E que vem na hora. Portanto, a editora Aguillar e ao Andrade Muricy, os nossos parabens e os nossos mais sinceros agradecimentos pela tarefa.

ÚLTIMAS:

1 — FERNANDO PESSOA: VOL. I DA ANTOLOGIA MODERNA, DA EDITORA IRIS — Com o lançamento do estudo de João Alves das Neves, "Fernando Pessoa", acompanhado de uma antologia do poeta e profusamente ilustrado com fotografias, desenhos e documentos, a Editora IRIS dá início à publicação de uma série intitulada "Antologia Moderna". Outros importantes lançamentos estão programados para breve.

2 — PREMIO DA ACL — Já foram conhecidos os vencedores dos prêmios instituídos pela Academia Catarinense de Letras: o prêmio de poesia foi conquistado por Pericles Prade, enquanto o de conto coube a Thales Brognoli.

3 — I ANIVERSARIO DA BCA LEITURA — Comple-

ta o seu primeiro ano de atividades a Boa Leitura Editora, de São Paulo. Já com uma série de títulos, a novel editora anuncia, para lançamento até o fim do ano, obras de Vladimir Nabokov, Knut Hamsun, etc., além de autores brasileiros, como o catarinense Guido Wilmar Sassi, o qual obteve, com São Miguel o primeiro lugar no concurso nacional de romance promovido pelo Circulo de Boa Leitura e Edições Melhoramentos.

4 — LIVRO DE KRISHNAMURTI — Em vista da acolhida dispensada pelo leitor brasileiro aos volumes anteriores, a Editora Cultrix lança mais uma obra de Krishnamurti: "COMENTARIOS SOBRE O VIVER". Coletânea de 88 pequenos ensaios, por eles o leitor terá oportunidade de conhecer o pensamento do Autor a cerca de questões morais e filosóficas da atualidade.

5 — DOIS VOLUMES DA COLEÇÃO NOVELA BRASILEIRA — Na coleção Novela Brasileira, dirigida por Braulio Pedroso, para a Difusão Européia do Livro sairão dentro de breve mais dois volumes, o sétimo e oitavo, respectivamente: "O Tembadiho", de Ronald Peres, com prefácio de Aníbal Machado e ilustrações de Vera Tormenta; e "Use a Passagem Subterrânea", de Lêdo Ivo, com introdução de Adonias Filho e ilustrações de Hilde Weber.

(Para remessa de informações e publicações: SM — Caixa Postal, 384 — Florianópolis — Santa Catarina)

## CRUZ E SOUSA TERA UMA EDIÇÃO À ALTURA

Afinal, se aqui pouco ou nada está se fazendo, falta, as iniciativas, para a comemoração do primeiro centenário do nascimento de Cruz e Sousa, são inúmeras. Quase não se passa dia sem que o noticiário cultural dos jornais não nos traga notícia de nova a respeito. O que, convenhamos, é alentador e desalentador ao mesmo tempo. Alentador, porque afinal vemos que o nosso grande simbolista é reconhecido como um dos maiores poetas do Brasil; desalentador, porque enquanto em todos os Estados e setores culturais se procura fazer alguma coisa, justamente em seu estado, que deveria encabeçar o movimento, nada se está fazendo.

Ainda agora, por intermédio do Des. Henrique Fontes, tomamos conheci-

# Informação Literária

## Salim Miguel UMA REEDIÇÃO IMPOR- TANTE

Se outros motivos não existissem, bastaria a só possibilidade de maior divulgação de seus livros, tornando-os conhecidos das novas gerações, para que a liberação das obras de Machado de Assis, por ocasião do cincoentenário de sua morte, se transformasse num acontecimento de singular importância dentro do nosso panorama cultural.

Imediatamente após a liberação, várias editoras lançaram volumes da bibliografia machadiana — e pouco importa, no caso, se algumas foram bem cuidadas e outras menos.

Entre as boas é de se destacar a série que vem editando a Cultrix e onde os principais volumes do nosso maior escritor tem tido uma edição bastante louvável.

Ainda agora acaba de aparecer o que consideramos — e sabemos das polêmicas produzidas entre os machadianos por causa desse “consideramos” — o seu melhor e mais bem realizado livro. Queremos nos referir a “Dom Casmurro”, onde tôdas as qualidades do mestre estão presentes: a capacidade de captação de vida, a recriação do mundo, as figuras bem trabalhadas, a ironia sempre presente, o meio tora com que as coisas são ditas, exigindo do leitor inteligência e participação. E ali estão também algumas de suas maiores criações: “Capitú, a de olhos de ressaca”, “O agregado”, “Bentinho”, todos os outros personagens, dizendo-nos alguma coisa deles mesmos e do autor. Com o máximo de depuramento, atingindo qualidades de valor como poucos outros, o “Dom Casmurro” é o V volume das Obras Escolhidas de Machado de Assis, nesta edição de Cultrix. E como os anteriores vem valorizado por um ótimo trabalho de organização, com introdução, revisão de texto e notas de Massaud Moisés. Ótima também a capa de Alberto Teixeira.

## ÚLTIMAS

Valdemar Cavalcanti é o pioneiro do colunismo literário na imprensa brasileira, mantendo, há muitos anos, ininterruptamente, sua coluna diária em “O Jornal”, sem nunca procurar a perenidade maior do livro, muito embora o valor e a importância de muitos de seus trabalhos, os quais mostram um escritor e crítico de real interesse. Agora, reunidas em livro, a instâncias de amigos, seleção de seus trabalhos acaba de aparecer em edição da Jos Olympio Editora.

2 — Mais um livro de viagens entre os muitos que tem surgido nestes últimos tempos. Parece que o gênero, muito embora as

repetições que comporta, continua tendo o seu público. Este de agora se refere a um assunto até há pouco considerado tabú, mas de repente descoberto como uma mina para os viajantes que escrevem. Trata-se da URSS. O livro de agora é “Visões da Rússia e do Mundo Comunista”, de autoria de Silveira Bueno, edição da Saraiva, Livreros e Editores, São Paulo.

3 — A coleção Novela

Brasileira, dirigida por Braulio Pedroso, apresentará, dentro em breve, mais dois volumes: “O Tombadinho”, de Renard Q. Peres, com prefácio de Anibal Machado e ilustrações de Vera Tormenta e “Use a Passagem Subterrânea”, de Ledo Ivo, com prefácio de Antonio Candido e ilustrações de Hilde Weber. Tem sido recebida com simpatia pelo público e crítica esta coleção da Difusão Europeia do Livro.

4 — No seu retrospecto editorial, referente ao ano findo, as Edições Melhoramentos, de São Paulo, dão uma idéia do que fizeram, lançando quase duas centenas de obras dos mais diversos gêneros literários, assim distribuídos: Literatura Infantil, 40; Juvenil, 18; Geral, 21; Didática, 68; Pedagógica, 3; Agricultura e Pecuária, 10; História, 9; e Altas, 2.

Em 1961, conforme seu Plano Editorial, as Edições Melhoramentos lançarão mais de duzentos títulos, entre novidades e reedições.

(Para remessa de publicações e informações:

S.M., Caixa Postal,  
284 — Florianópolis  
— Santa Catarina).

49-2-96

# INFORMAÇÃO LITERÁRIA

Salim Miguel

## SURGEM OS PRIMEIROS VOLUMES DA "ANTOLOGIA ILUSTRADA DO FOLCLORE BRASILEIRO"

Um empreendimento cultural importante é o da Livraria Literart Limitada, de São Paulo, com o preparo da série "Estórias e Lendas", da "Antologia Ilustrada do Folclore Brasileiro".

Abrangendo todos os estados do Brasil, dividida em 8 volumes, dará um panorama geral do nosso folclore, tendo sido cada volume entregue a um folclorista conhecido e identificado com a região a seu cargo, enquanto a parte ilustrativa mereceu a mesma atenção. Além disto o vocabulário de termos usuais valoriza ainda mais a obra.

Afonso Schmidt, nome dos mais conhecidos das nossas letras, é o supervisor geral e literário de toda a obra.

Já foram lançados dois volumes, que dão bem uma idéia da qualidade do trabalho.

O primeiro é "Estórias e lendas dos índios", com seleção e introdução de professor Herbert Baldus, etnólogo da Escola de Sociologia e Po-

lítica de São Paulo e grande autoridade em mitologia indígena que aqui nos oferece talvez o seu trabalho mais completo. As ilustrações são de J. Lanzellotti e valorizam o volume pela integração ao texto.

O volume dois é "Estórias e Lendas do Rio Grande do Sul", seleção e introdução do escritor Barbosa Lessa, com uma vasta obra sobre folclore e costumes dos pampas. As ilustrações são de Edgar Koetz, conhecido pintor, e melhor ilustrador dos costumes e tradições do seu estado, o R. G. do Sul. Koetz se encontra há muito radicado em São Paulo e aqui, mais uma vez, nos oferece, como tudo que sai de suas mãos, um trabalho de alto valor artístico, recriando com precisão as estórias e lendas gauchas.

### ULTIMAS:

1 — A Livraria AGIR Editora, na coleção Nossos Clássicos programou para breve o lançamento de mais três volumes: Graciliano Ramos, trechos escolhidos por Antonio Cândido de Melo e Souza, Euclides da Cunha, trechos escolhidos por João Etienne Filho e Gonçalves de Magalhães, trechos escolhidos por

José Aderaldo Castelo.

2 — "Gabriela, Cravo e Canaã", de Jorge Amado, continua em foco. Não contente em permanecer por anos a lista dos "best-sellers" nacionais, vai para o cinema, já está traduzido para vários idiomas. E agora virou novela de TV, numa adaptação de Antonio Bulhões, o que garante qualidade à iniciativa. Enquanto isto: "Gabriela" vira história em quadrinho, o novo livro de JA "Os Velhos Marinheiros" tem lançamento marcado para o dia 28 do corrente em São Paulo e o pai de "Gabriela" é eleito, por unanimidade, para a Academia Brasileira de Letras, na vaga de Otávio Mangabeira, cadeira que tem como patrono José de Alencar e primeiro ocupante Machado de Assis.

3 — É a seguinte a constituição do Conselho Nacional de Cultura criado pelo Presidente da República: Secretário Geral: Mário Pedrosa; Comissões: Literatura Alceu Amores Lima, Austrégésilo de Ataíde, Antonio Cândido, Jorge Amado e Carlos Drummond de Andrade; Música e Dança — Andrade Muricy, Atto Maria Carpeaux, Edino Krieger Eleazar de Carvalho e Heitor Alimonda; Artes Plásticas —

Niomar Muniz Sodre, Francisco Matarazzo Sobrinho, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Gerald Ferraz e Lúcio Costa; Filosofia e Ciências Sociais — Sergio Buarque de Holanda, D. Clemente Ishard, Djacir Meneses, Eurialdo Canabrava e Gilberto Freire; Cinema Antonio Muniz Viana, Flávio Tambelini Rubem Biáfora, Manuel Lopes de Oliveira, Desidério Gross, Herbert Richers, Lola Brah, Francisco Luis de Almeida Sales, Florentino Llorente e Arnaldo Zonário.

4 — Na sua coleção "Vidas Ilustres", onde já lançou várias obras de grande interesse como divulgação, a editora Cultrix acaba de publicar mais um volume. Trata-se de "Os Poetas", organizado por José Paulo Paes apresentando as biografias e pequenos trechos poéticos de Dante, F. Viloon, Camões, Juan de la Cruz, Shelley, Heine, Victor Hugo, W. Whitman, C. Baudelaire e Castro Alves.

5 — A Livraria Francisco Alves anuncia, para publicação na Coleção Terra Forte, dirigida por Paulo Dantas, o romance "Porto Calendário", de autoria de Csório Alves de Castro, escritor residente em Marília, onde exerce a profissão de alfaiate. Foi ele barbaqueiro na região do São Francisco, donde extraiu o tema do seu livro.

6 — Dois novos prêmios criados no Instituto Nacional do Livro por José Renato Santos Pereira, antes de deixar a direção. Um para pesquisas de bibliografia e documentação e o outro para argumento cinematográfico, ambos no valor de Cr\$ cem mil cada e indivisíveis.

7 — A Diretoria da União Brasileira de Escritores de São Paulo aprovou proposta feita por grande número de seus membros no sentido de serem revistos os seus estatutos e alterados alguns dispositivos que não estão atendendo às necessidades organizativas da entidade. Foi nomeada uma comissão integrada dos escritores Mário Donato, Mário da Silva Brito, Paulo Mendes de Almeida e Rolando Roque da Silva, para estudar as alterações que serão introduzidas na carta básica da agremiação. A comissão terá um prazo de 30 dias para apresentar as conclusões que serão submetidas à apreciação de uma assembléia geral extraordinária, especialmente convocada.

(Para remessa de informações e publicações: S. M. — Caixa Postal 384 — Florianópolis — Santa Catarina).



## informação literária

salim miguel

DOMINGOS OLÍMPIO e "LUZIA HOMEM" — Livro que, tanto por suas qualidades intrínsecas como pelo que representa para um determinado tipo de nossa literatura, este "Luzia Homem" mereceria melhor sorte. Abordando um tema que viria, mas tarde, não só a da grande obra mas a apaixonar alguns de nossos mais importantes escritores, surge de maneira objetiva com Domingos Olímpio. O nordeste e a seca ali estão, servindo para a sustentação de uma trama que interessa ao leitor inclusive por suas implicações sociais. Mas o livro, que não sendo uma obra prima possui inúmeros valores positivos, não teve a sorte de ficar. Ficou, sim como um marco, citado nas histórias literárias e por estudiosos. Mas o leitor comum o esqueceu. Agora, estudando autor o obra, Herman Lima, no volume que a AGIR acaba de lançar sob o número 61 na coleção Nossos Clássicos, situa muito bem Domingos Olímpio e o seu romance, dando-nos com inteligência e capacidade de análise, uma síntese precisa, dentro mesmo das limitações que aquela coleção impõe. Na apresentação, Herman Lima acentua que, "profundamente ligado à terra natal, onde lhe decorrera a infância e a adolescência, tendo tido ocasião de assistir a uma das secas mais devastadoras que assolaram o Ceará, essa impressão das coisas vistas e sentidas no sertão, por aquele tempo, foi tão aguda em Domingos Olímpio que, passado quase um quarto de século, lhe permite reproduzir-lhe os quadros, com uma força ainda não atingida nas letras do norte. "E é justamente essa força de obra autêntica que perpassa pelo romance, onde a figura de Luzia adquire força e se projeta como um símbolo de resistência contra tudo. Naquela figura estranha, não isenta de lirismo, há um fundo de humanidade e ternura que se contrapõe à sua aparência rude. Outras figuras se erguem e vivem do livro, para o qual a AGIR volta a chamar a atenção através deste volume de sua popular coleção.

CASA DE ALVENARIA — Depois de "Quarto de Despejo", onde nos contou de modo impresso as dramáticas histórias de um submundo localizado ali mesmo no centro de São Paulo e que a sociedade procura ignorar. Carolina Maria de Jesus publica agora, pela mesma Editora, este "Casa de Alvenaria", que é, mercê do sucesso de seu primeiro livro, a história de sua ascensão para uma nova classe. Como no anterior, embora sem o mesmo impacto, o livro serve especialmente pelo que revela pela colocação do problema. A autora, já aqui, como muito bem acentua o seu descobridor e prefaciador, deixa-se levar pelo novo meio, deixa-se envolver, resolvendo-se não apenas a narrar mas a virar "literata", perdendo aquela ingenuidade e pureza que era toda a força do seu livro anterior e que tanta repercussão causou por revelar o que ninguém queria ver. E revelar de maneira crua, franca, sem subterfúgios. Agora, muito embora em parte se sinta o mesmo, tudo começa a se diluir o que não significa que este novo livro, editado como o anterior pela Livraria Francisco Alves, deixe de interessar Interessado e merece ser lido.

lido.

CIENCIAS SOCIALES — O n. 6, vol II, ano 4, correspondente a julho de 1961, desta publicação mantém as mesmas qualidades de interesse dos anteriores e está assim constituído: I — Economia: "La zona latinoamericana de libre comércio" por Gabriel Poveda Ramos; "Concepción de una terminología contable unificada" por Javier Gomes A. II — Sociologia: "Las familias en las sociedades actuales" por Manuel Fragas Iribarne; El problema de las tierras" por Daniel Henao Henao. III: Derecho: "Encuesta sobre realidad jurídica en el mundo hispanico" por Samuel Syro.

(para remessa de publicações: SM — C. P. 384 — Fpolis — Santa Catarina)

# informação literária

salim miguel

OS ROMANCISTAS — Último volume da Coleção Vidas Ilustres, da CULTRIX, êste 'Os Romancistas' se diferencia dos anteriores especialmente por haver sido realizado por diversos autores. Assim temos Hernani Donato, Ruth Guimarães, José Paulo Paes, Massaud Moises, Nair Lacerda, Alcântara Silveira e Marcos Rey estudando, respectivamente, Miguel de Cervantes e Alexandro Manzoni; Thomas Mann e Honore de Balzac; Charles Dickens; Camilo Castelo Branco e Machado de Assis; Leão Tolstoi; Marcel Proust; e Ernest Hemingway. Os pequenos ensaios nos colocam, assim, diante dos grandes romancistas estudados, criando, com objetividade, o meio onde atuaram e a obra que realizaram, sendo o volume de inegável interêsse como fonte de informação

e divulgação. É claro que, como tôda obra do gênero depende muito do gosto pessoal dos organizadores, sendo sempre muito relativa a escolha, embora a editora nem se refira a maiores romancistas, mas a dez grandes romancistas. Mesmo assim, não compreendemos como em tal obra não estejam incluídos, por exemplo, um Stendhal, um Joice, um Dostoyewski, para nos atermos apenas a três grandes criadores e que influenciaram profundamente as gerações seguintes.

Referência especial merece a introdução de - José Paulo Paes, pela claresa com que feita e pela maneira como coloca o problema.

O NATAL NA PRAÇA na Coleção TEATRO MODERNO — Prossequindo com a sua ótima coleção dedicada à divulgação de grandes obras teatrais, a AGIR lançou, em fins do ano passado, esta peça de Henry Ghéon, em tradução de Mário da Silva. Esta coleção, dirigida por Maria Clara Machado, continua, assim, na divulgação de obras teatrais de maior significação. "O Natal na Praça" ou "A Infância de Jesus" foi estreiado em Paris em 1935 e a tradução brasileira foi apresentada, com sucesso, pel Cia. Tônia — Celi — Autran.

## O CICLO DA LITERATURA AMERICANA

— Oferecendo uma visão geral e bastante ampla da literatura americana, este livro, da Editora Fundo de Cultura, representa uma boa contribuição para o conhecimento de uma das mais significativas literaturas contemporâneas. Assim divide o Prof. Robert E. Spiler seu trabalho: Prefácio; Primeira fronteira: Os arquitetos da Cultura, Os homens de Letras, Afirmação, O Artista na América do Norte, A Crise Romântica, O Fim de uma Era; A Segunda Fronteira: A redescoberta Literária, A Arte e a Vida Interior, Um Problema de Dinâmica, O Segundo Renascimento, Ciclo Completo e Os Usos da Memória.

LIVROS DE PORTUGAL — Mantendo as mesmas secções (Novidades, Ecos, Bibliografia) com um levantamento do panorama editorial e cultural de Portugal, êste número 35 correspondente a novembro de 1961, provoca o mesmo interêsse nos que procuram se manter bem informados a respeito dos problemas do livro em Portugal.

(Para remessa de publicações: SM — CP 384, Florianópolis — Santa Catarina)

## informação literária

salim miguel

CONCURSO DE CONTOS "MENOTTI PICCHIA" — São as seguintes as bases do concurso de contos "Menotti del Picchia", instituído pelo Grupo da Pedra, de Itapira, em colaboração com o Centro Itapirense de Cultura e Arte:

1 — Os contos, sem tema determinado, deverão ser inéditos em livro, ainda que publicados em jornais e revistas; 2 — Não há necessidade de um título geral para o conjunto, que deverá constar no mínimo de cinco (5) contos e no máximo de quinze (15); 3 — Os concorrentes deverão enviar três vias de seus trabalhos, em papel ofício e espaço dois, com um mínimo de duas e um máximo de 10 páginas para cada conto; 4 — A Comissão Julgadora será composta por Menotti del Picchia, patrocinador do Concurso, e três integrantes do Grupo da Pedra: Jácomo Mandatto, José Armando Pereira da Silva e José Eduardo Rocha Pereira; 5 — O premiado receberá 40.000 mil cruzeiros, além das Obras Completas de Menotti del Picchia, oferta da Livraria Martins Editora, num valor total de Cr\$ 50.000,00; 6 — A remessa deverá ser feita até o dia 31 de agosto para Jácomo Mandatto, Rua José Bonifácio, 200, ITAPIRA — SP, sendo os resultados proclamados até 31 de setembro.

ELEMENTOS DE POÉTICA — Obras sem conta, com definições gerais ou particulares com estudos de trabalhos isolados, com análise de autores, com levantamento épocas e problemas relativos ao tema, com estudos específicos de um determinado aspecto de livros, surgem continuamente, provocando debates e modificando conceitos. Mas a poesia fica permanente, é. Isto não quer dizer que tais trabalhos não tenham valor. Tem. Pela contribuição que trazem, pela consciência e domínio do metier que possibilitam. Ainda há pouco recebemos um livro de bastante interesse. Trata-se "Elementos de Poética", de Andres Hidalgo, Ediciones Tarja, onde o A. procura colocar em termos objetivos o problema da poesia, trazendo, paralelamente à sua, a palavra de poetas e críticos, tudo dentro de um conceito e uma linha de conduta colhida em Lautréamont: "A poesia deve ser feita por todos, não por um." Se às vezes se pode discordar das conclusões do A., o certo é que temos de reconhecer-lhe a honestidade e conhecimento no tratamento do tema, e mesmo a contribuição que ele empresta para um debate sempre em evidência. Capítulos como "Breve defensa de la innovación, búsqueda y experimentaciones en arte"; Importancia de la poesia"; La palabra, elemento primeiro"; "Técnica: fondo y forma", entre outros, trazem novidade ao mesmo tempo em que esclarecem alguns aspectos importantes.

MUTIRÃO CAFEEIRO — 2a. edição — de Araguaia Feitosa Martins — da Editora BRASILIENSE — Obra premiada pela Junta Administrativa do Instituto Brasileiro do Café; laureada com medalha de prata pelo Fundo de Fomento e propaganda do Cooperativismo. Problema social e econômico do café é colocado, aqui, sob nova dimensão, por um homem que há vinte anos se dedica ao estudo do problema, pesquisando demoradamente todos os seus aspectos. Num rápido introito histórico sobre a fase pioneira da arregimentação dos cafeicultores em cooperativa, o A. apresenta as dificuldades, passando logo a seguir a expor e discutir a necessidade da união, com a finalidade de libertar este setor de produção da dependência em que sempre viveu, contribuindo isto para ajudar no caminho da emancipação econômica e social do país. As diretrizes básicas firmadas neste trabalho foram adotadas pelo Governo da República, com apoio dos cafeicultores.

(Para remessa de publicações: SM — C. P. 384 Florianópolis — Santa Catarina)

# Informação Literária

## INFORMAÇÃO LITERÁRIA

Salim Miguel

### "DIÁRIO DA MORTE" — IMPRESSIONANTE DOCUMENTO HUMANO

Tragédia que comoveu toda a Nação, a do Ces. 140, surge agora em livro numa edição da Autores Reunidos (Coleção Extra), mantendo o mesmo impacto.

Divulgado inicialmente por "Última Hora", o "Diário da Morte" de Milton Terra Verdi, narração de Walter Dias, se constituiu num documento de singular importância pelas implicações que continha: mensagem pungente de um homem que viu sumirem lentamente, dia a dia, suas esperanças de sobreviver. E é ainda mais intensa emoção que seguimos, agora, através do livro, com todos os documentos incluídos, o desenrolar da tragédia até o seu amargo final.

Uma funda impressão de angústia nos vem da dramática narrativa, da luta constante contra a morte. Setenta dias Milton Terra Verdi resistiu, lutou, nutriu esperanças de salvação. E foi passando para o papel, único companheiro em meio à selva após a morte de seu companheiro, as impressões dos seus dias de solidão e sofrimento. Aviões surgiam e sumiam e sumiam. Com eles a esperança. Implorava, rezava, pensava. Tudo inútil. E como uma constante, a sede. A sede que o martirizava, implacável, inexorável.

E a luta, e corpo a corpo com a morte, prossegue. Impressionante e dramático.

Sempre assim, na sua monotonia: "Quinta-Feira — 22/9/60 — 9,10 cruzou um avião grande para S. Cruz. A noite minha água acabou toda." Deppis: "Quinta-feira — 29/9/60 — estou completamente acabado já devo ter emagrecido uns 20 kgms. Tenho muita sede. "Ainda. Sábado — 8/10/60 — tenho muita sede, Deus dai-me água ou tire-nos daqui hoje" Outra vez: "Domingo — 9/10/60 — ameaçou chuva durante a noite mas não choveu. sede bárbara." E sempre: "Quinta-feira — 3/11/60 — papai o Senhor não saiu hoje a nossa procura, eu não tenho mais esperanças, pois minhas forças e minha água estão no finzinho. Finados que eu tinha tanta fé que chovesse, não choveu. 67 dias de fome, sede, solidão e saudades. Sofro muito. "Até o amargo fim: "Domingo — 6/11/60 — Hoje fazem 70 dias que sofro aqui, minhas forças se acabaram por completo, minhas carnes e minhas reservas de energias se esgotam, minha pele está ficando roxa, creio que está chegando o fim, lutei e sofri muito para resistir, mas tudo tem seu

diálogo com a morte. ULTIMAS:

1 — AURELIO BUARQUE DE HOLANDA NA AB L — Numa das eleições mais ocorridas dos últimos tempos, foi eleito no dia 4, para a Academia Brasileira de Letras, o escritor e filólogo Aurélio Buarque de Holanda. Contista ("Dois Mundos"), ensaísta "Território Lírico" e "Língua e estilo de Eça de Queirós"), mas especialmente filólogo, é nome dos mais representativos da cultura brasileira. Destaque-se muito especialmente o seu trabalho no "Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa", bem como sua colaboração, com Paulo Ronai, em diversas antologias ("Mar de Histórias") e na organização de "Contos Gauchescos e Lendas do Sul", de S. Lopes Neto.

2 — NOVA EDIÇÃO DE "EDUCAÇÃO NA ENCruzilhada" DE FERNANDO DE AZEVEDO — Continuando na divulgação das obras completas de Fernando de Azevedo, a Edições Melhoramentos, de São Paulo, publica agora o Volume VI, "A Educação na Encruzilhada", em segunda edição. Resultado de um vasto inquérito realizado pelo autor, em todos os setores do ensino, quando colheu depoimentos de grandes vultos do magistério primário, secundário e superior, o volume adquire interesse maior agora

agora que tramita no Congresso projeto de diretrizes e bases da educação. A propósito do livro acentua Nelson Werneck Sodré que há nele "páginas entre as mais lúcidas e carregadas de pensamento que se escreveram sobre os problemas em questão".

3 — AGULHA NO PALHEIRO: NOVO VOLUME DA COLEÇÃO SARAIVA — Na popular e apreciada coleção, que já atinge o n. 154, a Editora Saraiva lança mais um volume que deverá interessar bastante aos leitores. Trata-se de "Agulha no Palheiro", de Camilo Castelo Branco.

4 — PRÁTICA DE ESCRITÓRIO E ESCRITURAÇÃO MERCANTIL — de Aducto de Souza Castro e Domingo D'Amore, para uso dos estudantes das 3.º e 4.º séries do curso comercial básico, é o novo lançamento da Editora Saraiva de São Paulo.

5 — "UNIVERSO" — POEMAS DE MÁRIO DA SILVA BRITO — Em sua nova linha de edições, a Edameris vai lançar em breve o volume de poemas de vanguarda de Mário da Silva Brito, intitulado "Universo". Diagramado pelos técnicos Hermilindo Fiaminghi e Décio Pignatari, sob a assistência dos irmãos Haroldo e Augusto de Campos, o novo livro trás um estudo crítico de Haroldo de Campos que situa a obra dentro das modernas tendências das letras nacionais.

# Informação Literária

## 'Irmão Juazeiro' - Romance do Camponês

Nome hoje grandemente conhecido, e projetado nacionalmente como o criador das famosas "ligas camponesas do nordeste", Francisco Julião surpreende agora público e crítica com a publicação do romance "Irmão Juazeiro", edição da Livraria Francisco Alves, volume três da coleção "Terra Forte".

Embora conhecido, como escritor, por uma pequeníssima minoria, quando da publicação em 1951 de um volume de contos intitulado "Cachaça", prefaciado por Gilberto Freire que via no iniciante um novo de valor, foi verdadeiramente com as

ligas camponesas que Francisco Julião se lançou como nome nacional. Considerado por uns como "agitador", por outros como um revolucionário de estilo novo em busca de justiça social na luta travada entre camponeses e senhores de engenho, a verdade é que Francisco Julião é hoje uma personalidade marcada. E marcante. Por sua atuação e pelas implicações que trouxe para um tema até então considerado tabú.

Escrito há quinze anos, este, seu romance agora lançado se ressent, sob muitos aspectos, de uma preparação mais cuidada, de um estudo novo do problema, a luz de elementos que hoje o próprio Francisco Julião possui. Ainda assim, é, encarado

como uma alegria de tipos os mais diversos, cada qual representativo de um "stato quo" da região, apresenta as lutas entre eles, suas esperanças e desilusões.

Contendo histórias quase independentes, com um frágil fio comum que as uniria, cria um mundo no qual o autor participa. E não é pelos mesmos personagens que passam pelo livro que este fio se mantém; mas sim pelo que o livro tem de identificação num mesmo tema mais amplo: as lutas de todas aquelas gentes, cada qual com seu interesse, mesquinho ou grandioso.

### ÚLTIMAS:

1 — Notícia do maior interesse para nós: o Presidente Jânio Quadros, atendendo a uma sugestão do seu oficial de gabinete, escritor Raimundo Sousa Dantas, já autorizou a edição popular pelo Instituto Nacional do Livro, das Obras de Cruz e Souza, cujo centenário de nascimento se comemora este ano. Será esta uma grande contribuição para o programa de festejos que se está preparando.

2 — "Revista do Livro" órgão do Instituto Nacional do Livro, atinge o seu número 20. E como sempre apresenta matéria do maior interesse em seu sumário que consta de Estudos, Índices, Arquivo, Vária, Notícias e Bibliografia.

Francisco Julião se lançou como nome nacional. Considerado por uns como "agitador", por outros como um revolucionário de estilo novo em busca de justiça social na luta travada entre camponeses e senhores de engenho, a verdade é que Francisco Julião é hoje uma personalidade marcada. E marcante. Por sua atuação e pelas implicações que trouxe para um tema até então considerado tabú.

Escrito há quinze anos, este, seu romance agora lançado se ressent, sob muitos aspectos, de uma preparação mais cuidada, de um estudo novo do problema, a luz de elementos que hoje o próprio Francisco Julião possui. Ainda assim, é, encarado a grosso modo, um livro positivo, que levanta e analisa um complexo problema que vem desafiando os anos e as gerações.

Falta-lhe, a nosso ver, unidade. Não temática, mas de estilo. Os personagens, embora vivos e saídos de uma realidade dramática, em muitos pontos, não vivem. São meros joguetes do autor, que nem os domina nem se deixa dominar por eles. Embora com as mesmas personagens se movimentando, embora a tentativa da procura de uma linguagem e um estilo pessoal para narrar e sua mensagem, "Irmão Juazeiro" acaba por ser um livro fragmentário, deixando no leitor uma insatisfação quase constante. Como se tudo o que há para

1 — Notícia do maior interesse para nós: o Presidente Jânio Quadros, atendendo a uma sugestão do seu oficial de gabinete, escritor Raimundo Sousa Dantas, já autorizou a edição popular pelo Instituto Nacional do Livro, das Obras de Cruz e Souza, cujo centenário de nascimento se comemora este ano. Será esta uma grande contribuição para o programa de festejos que se está preparando.

2 — "Revista do Livro" órgão do Instituto Nacional do Livro, atinge o seu número 20. E como sempre apresenta matéria do maior interesse em seu sumário que consta de Estudos, Índices, Arquivo, Vária, Notícias e Bibliografia.

3 — A Livraria AGIR Editora anuncia para breve uma nova edição de "Lições de Abismo", de Gustavo Dorção, com ilustrações de D. Goeldi, o grande gravurista há pouco falecido e que fez, especialmente para esta edição, 14 xilogravuras.

4 — Uma coleção de grande interesse é a que lança a Itatiaia. Trata-se de "Grandes Mestres da Arte", onde nomes dos mais destacados das artes plásticas norte-americanas são apresentados em edições gráficas das mais cuidadas. Já publicados: 1 — Jackson Pollock, por Frank O'Hara; 2 — Winslow Homer, por Lloyd Goodrich; 3 — Thomas Eakins, por Fairfield Porter; e 4 — Albert P. Ryder, por Lloyd Goodrich.

5 — Antonio Houaiss que

mo se tudo o que há para dizer — e que Francisco Julião com a vivência que possui poderia ter dito — ficasse escondido.

Talvez, conhecendo como conhecemos, agora, a atividade do autor, sua atuação direta no problema, tenhamos, por isto mesmo, esperado mais da obra. Que ela fosse mais atual e atuante. Mais direta. Afinal, o romance que ele nos oferece, escrito há quinze anos, enquanto o tema evoluía, envelheceu. Sentimos que, pelas qualidades que deixa entrever, merecia uma retomada, um aprofundamento, que fosse refundido, lapidado.

Drama da terra e dos homens que com ela lidam, ao mesmo tempo que drama da luta entre camponeses e senhores de engenho, empolga, num momento em que o problema da reforma agrária com todas as suas implicações é tema dominante em todos os setores do país. Conhecendo a fundo o problema, vivendo-o, por isto mesmo, Francisco Julião ainda assim nos dá, malgrado todas as objeções que possamos lhe fazer, um livro de grande importância, de real significado e que merece ser lido e meditado. Humano e dramático, os temas são nele levantados com certa pre-

5 — Antonio Houaiss que já pouco lançou, através da Editora Progresso, de Salvador, um livro de bastante interesse intitulado "Crítica Avulsa", volta agora a nos dar um outro volume importante. Trata-se de "Sugestões para uma política de Língua", edição do Instituto Nacional do Livro.

6 — Eduardo Portela está concluindo um estudo sobre o poeta Cruz e Souza, intitulado "Cruz e Souza — Poesia e Estilo". Será uma importante contribuição do autor de "Dimensões I e II" para os festejos comemorativos do centenário de nascimento do grande simbolista catariense.

(Para remessa de informações e publicações: S. M. — Caixa Postal, 384 — Florianópolis — Santa Catarina).

# Movimento Literário

**PRÊMIO REVELAÇÃO** — Os escritores inéditos do Brasil terão, este ano, a possibilidade de conquistar dois prêmios "Revelação de Autor" — para romance e poesia — criados pelas entidades que congregam os editores e livreiros nacionais — o Sindicato Nacional dos Editores de Livros, com sede no Rio, e a Câmara Brasileira do Livro, de São Paulo. Serão destinados 200 mil cruzeiros para romance e outro tanto para poesia. As inscrições, abertas desde o dia primeiro de janeiro, prolongar-se-ão até 30 de julho do corrente ano, devendo ser feitas, para romance, na Av. Ipiranga, 1267, 10.º andar, em São Paulo e para poesia, na Av. Rio Branco, 133, 8.º andar, no Rio.

**OPERÁRIO DO CANTO** — Com este livro, edição Antunes, lançado há pouco, GEIR CAMPOS se impõe em definitivo como um dos nossos melhores valores jovens e confirma suas altas qualidades de poeta. Realizando uma poesia sumamente difícil, uma poesia, sob muitos aspectos atuante (se assim a poderemos chamar, muito embora o medo das catalogações apressadas) Geir Campos não cai nunca no vulgar, no convencional. Dominando perfeitamente seu metier, sabendo utilizar seu instrumento de trabalho para conseguir tirar os efeitos desejados, maneja o idioma com precisão impressionante, criando imagens novas, numa temática por vezes nova, jogando com símbolos, recriando e transmitindo sua mensagem generosa e plena de humanidade e poesia. Trabalhando a "palavra conforme o pensamento", ele vai construindo uma obra com "antigos temas que parecem novos". Sim, novos pelo tratamento, novos pela maneira de encarar os problemas, novos pela solução poética encontrada e novos pela visão ou antevisão de um mundo novo, onde, como diz num verso de rara felicidade e beleza poética, "já é ponte em princípio a idéia no ar".

**INTRODUÇÃO AO CINEMA BRASILEIRO** — Profundo conhecedor dos problemas do nosso cinema, crítico e cineasta, Alex Viary nos dá agora um livro de fundamental importância para o conhecimento da sétima arte entre nós. Acreditamos mesmo que, além dele, somente Pedro Lima e Ademar Gonzaga poderiam nos dar obra que se adentrasse tanto nos

complexos meandros da vida cinematográfica do país a partir da época dos pioneiros. Apaixonado, não deixando porém que esta paixão o domine a ponto de fazê-lo esquecer os pontos positivos e negativos do cinema indígena, Alex Viary intitula, e com muita razão, este seu "Introdução ao Cinema Brasileiro" de livro piloto. Um levantamento o mais completo possível a respeito do cinema, com relação dos filmes até agora realizados, relação dos que colaboraram com o cinema em qualquer setor, legislação a respeito e iconografia, o livro é indispensável a todos os que se interessam pelo cinema e mais especialmente o cinema brasileiro. Só merece louvores o Instituto Nacional do Livro, pela presente edição.

**B.B.E.** — Circulando regularmente, o Boletim da Biblioteca do Exército, sob a direção do escritor Umberto Peregrino, se tornou um excelente veículo de informação cultural. Noticiando não

só as atividades culturais ligadas à biblioteca e à editora especializada, mas dando um levantamento dos mais completos do que se fez no país no setor cultural o B.B.E. presta inestimáveis serviços a todos os que, entre nós, se interessam pela cultura. O presente número, de janeiro de 1960, que ora temos em mãos, traz, além das seções habituais, um "balanço do ano militar no campo cultural" e aqui cumpre destacar, no Estado, o prêmio concedido ao Cap. Harry Laus, pela Academia Brasileira de Letras, para o livro de contos "Os Incoerentes". Harry Laus é um catarinense de Tijucas que se vem destacando nas letras como um dos nossos contistas novos.

**DIMENSÕES II** — Este livro é o desenvolvimento lógico da obra iniciada com *Dimensões I*, que tanta discussão causou quando do seu lançamento e que projetou EDUARDO PORTELA como um de nossos principais críticos. Obedecendo a uma sis-

tematização universitária, dentro de uma linha de críticos e ensaístas espanhóis, significa um testemunho novo sobre a atual literatura brasileira. A Livraria AGIR Editora, ao mesmo tempo em que lança *Dimensões II*, reedita *Dimensões I*, prestando um importante serviço às letras nacionais.

S. M.

(Para remessa de publicações e informações literárias: S.M. — Caixa Postal 384 — Florianópolis — Sta. Catarina).

## informação literária

salim miguel

**HISTÓRIAS VIVIDAS** — De Anna Seghers existiam, em português, dois livros. Bastante típicos e que davam uma medida precisa da capacidade da autora, da sua maestria no erguer suas histórias e criar seus personagens. Trata-se de "A Sétima Cruz" e "Os Mortos Permanecem Jovens", ambos jogando com problemas da guerra e com a luta contra os nazistas.

O primeiro destes livros foi, muito justamente aliás, o que tornou conhecido e famoso o nome de Anna Seghers, não só entre escritores e críticos, mas também entre o público leitor.

A história, dramática, de George Heisler e seus companheiros, as sete árvores transformadas em cruz à espera dos sete fugitivos, era pungente e era realizada com rara qualidade artística, sendo, além do mais e acima de tudo, um grito de revolta, autêntico, desenrolando-se num crescendo constante de emoção.

Nêle existia um personagem menor porém íntegro em sua maldade — se assim nos podemos exprimir. Tratava-se de Zillich, sargento em Westhofen, um mero cidente numa engrenagem nefasta adentro da pungente história de George Heisler. Cômico contudo do que representava, Zillich se movimenta, impassível, acreditando no que fazia e ignorando os mais comensuráveis princípios de humanidade. Espécie de rebot, com uma idéia fixa. Tanto que, mais tarde, tudo aquilo, para êle, é mera sombra, não conseguindo diferenciar nem identificar com facilidade as figuras.

E em toda a história, jogada em contraponto, por onde quer que fôsse passando em sua dramática fuga, George Heisler ia encontrando apóio e solidariedade no seu difícil caminho para a liberdade, contra a herda de nazistas. Naquela iabólica engrenagem, Zillich era um mero peão, mas que cumpria sua sinistra tarefa com gana, com ânsia. E cada preso que retornava à sua cruz predeterminada, era uma vitória de todos, da máquina comum montada para a caça dos homens...

Agora, perdida a guerra, a autora retoma, na mesma técnica de contraponto, o tema. Mas desta vez, o personagem central é o Sargento Zillich e sua dramática escapada entre uma população hostil, que não o quer. Tudo, em tórno, lhe parece ameaçador. Mesmo quando não o observam, mesmo quando está passando despercebido entre a multidão anônima e igual, êle imagina que todos o estão notando, centro de tudo que o cerca e que todos, contra êle, procuram caçá-lo. Fora acuada, personagem de um mundo que acabou. Sente-se, à medida que o tempo passa, mais e mais deslocado, sem apóio, vendo surgirem, indistintas, de todos os recantos, as sombras de suas infindáveis vítimas.

Na novela "O FIM" acompanhamos a história do ex-sargento Zillich, a quem ninguém quer. E sua caminhada, trágicamente, sem encontrar uma saída, acuado, nhada em busca do esquecimento e da paz impossíveis. E que termina, trágicamente, num quarto de hotel. A notícia, dada a mêdo, traz alívio até ao próprio filho, que assim, podera partir em busca de uma nova vida — quem sabe se mais tarde não o ligarão àquele pai.

Zillich, abandonado, odiado, só se pode aqui também a história se desenvolva em contraponto o clima é outro.

Em "A Sétima Cruz", são os homens em busca da liberdade torturado com a simulação de todos; em "O Fim" são os nazistas, derrotados e acuados em busca de um refúgio impossível.

A. uas externamente, e cuados in . manente. Acuados de fora, pelo meio ambiente que não mais os tolera; e acuados de dentro, não por uma consciência que não possuem já embutida mas por um mêdo pânico que os vai dominando e pela compreensão lenta porém inexorável de que a época deles passou e que os sobreviventes da hecatombe são uma excreção num mundo novo que procura se afirmar pelo valores positivos da vida. Por tudo que eles regavam.

# Informação Literária

SALIM MIGUEL

## Diário de Roberto Alvim Corrêa

Conhecido por seus volumes de ensaios literários ("Anteu e a Crítica" e "O Mito de Prometeu"), Roberto Alvim Corrêa nos oferece agora este "Diário — 1950-60", trazendo, além de importante depoimento, uma contribuição para um gênero que quase inexistente entre nós. De formação humanística européia, o A. dirigiu por muitos anos, na França, as Editions Corrêa, tendo convivido no meio literário e artístico de Paris e conhecido, entre outros, Jean Cocteau, F. Mauriac, J. Green, Maritain, A. Gide, Chagall, Rouault, Charles du Bos, Marcel Arland, René Schwob e principalmente Albert Beugin, diretor da revista "Esprit", de quem foi grande amigo e a quem dedica, no "Diário", páginas comovidas e compreensivas. Autêntico, que é o que acima de tudo se exige de um livro, mais especialmente ainda de um diário, este documento honesto e sincero nos põe em contacto com uma personalidade aberta a todos os problemas do nosso tempo. Edição da AGIR.

## Poesia Espanhola de Dámaso Alonso

O Instituto Nacional do Livro que tem, ultimamente, publicado tantas obras de real valor, edita agora o importante livro de Dámaso Alonso, "Poesia Espanhola", (Ensaio de Métodos e Limites Estilísticos), em bem cuidada tradução do poeta Darcy Damasceno. Este volume abre a nova coleção "Biblioteca de Filologia Românica", dirigida por Celso Cunha. E na verdade seria difícil começar melhor. O livro é indispensável para todos que se interessam não só pela poesia espanhola, mas por um estudo da própria poesia, pois além da análise aprofundada de autores tais como Garcilaso de la Vega, Fray Luis de Leon, San Juan de la Cruz, Góngora, Lopes da Veja e Quevedo, procura novos caminhos de interpretação e aproximação do fenômeno poético.

## Afirmção de Euclides da Cunha de Edgar de Carvalho Neves

O autor de "Os Sertões" é motivo de permanente interesse e sua obra continua em foco. Sem que ninguém lhe diminua o valor, são constantes e diversas, as interpretações de sua obra e de sua vida. "Afirmção de Euclides da Cunha", ensaio de crítica polêmica e sociológica, irá por certo, provocar debates, Mercê dos problemas que levanta e da análise de outros estudos do pensamento euclidiado que Edgar de Carvalho Neves intenta fazer. Volume II da coleção "Contrastes e Confrontos" da Livraria Francisco Alves.

## Libri e Riviste D'Italia

Esta publicação, já no seu número 126 (Ano XII — agosto de 1960), dirigida por Giuseppe Padelaro, traz uma completa resenha bibliográfica mensal do que se edita na Italia. Além de um levantamento sobre os livros e revistas do mês, destacam-se ainda as informações periódicas, bem como uma interessante "Galeria dos Autores" e ainda "biografia" das casas editoras.

## Novidades Literárias

- "Moises, Príncipe do Egipo", de H. Fast é um dos mais recentes lançamentos da Editora Itatiaia, de Belo Horizonte.
- Também da Itatiaia, na sua Coleção "Clássicos Itatiaia" é "Cartas Persas", de Montesquieu.
- Em "Crítica Avulsa", Antonio Houaiss reúne alguns de seus mais interessantes artigos publicados na imprensa diária, muitos deles no falecido "Flan". Uma edição da Progresso, a Editora do Pinto de Aguiar, da Bahia.
- A Editora Civilização Brasileira lança o primeiro volume de "Missão em Portugal", de Alvaro Lins, onde o nosso crítico relata a sua experiência como embaixador no feudo salazarista.
- Com "Belem do Grão Pará", Dalcídio Jurandir dá prosseguimento à sua série de romances sobre o extremo norte do país. Edição da Martins.
- De Jamil Almansur Haddad, em Edição "Autores Reunidos" sai "Noite Santa", antologia de Natal.
- Um verdadeiro acontecimento no terreno da bibliografia artística nacional foi a edição, pela "Cultrix", do album de desenhos de Aldemir Martins, numa tiragem de mil exemplares numerados. Todos tem sido unânimes em louvar o cuidado que Diaulas Riedel dedicou a esta edição, que honra sua editora.

(Para remessa de informações e publicações — Caixa Postal, 384 — Florianópolis — Santa Catarina).

## informação literária

salim miguel

### EXPOSIÇÃO DE GRAVURAS POPULARES E

**LANÇAMENTO DE LIVRO** — Ruth Laus, em colaboração com Gavião Editora, mostra na Galeria Vila Rica de Copacabana, xilogravuras populares que ilustram capas de folhetos (literatura popular em verso); conjuntamente com as gravuras (cópias manuais de Laiç Aderne) são exibidos os tacos e folhetos.

Durante a exposição será feita a apresentação do Tomo I do Catálogo (1000 títulos) de "Literatura Popular em Verso", publicação do Centro de Pesquisas da Casa de Ruy Barbosa e o lançamento de "Gravuras Populares", primeira série. Edição Gavião, reproduções das gravuras expostas, com introdução de M. Cavalcanti Proença (autor de "A Peleja do Caboclo Mitavaí com o monstro Macobeba") e do folheto "Estória de João Cenoura e seu Cavalo Maxixe", edição Opama, coleção Adneptes.

Na impressão das estampas foram utilizados os tacos originais e uma técnica tão próxima quanto possível da empregada nas folhetarias.

A exposição ficará aberta ao público de 11 a 18 de outubro e conta com o patrocínio do Centro de Pesquisas da Casa de Ruy Barbosa e do Conselho Nacional de Cultura.

**HISTÓRIA DE UM PRIMEIRO AMOR** — é o título do livro de Ruy Fraemann, volume número 25 da coleção Jovens do Mundo Todo, edição BRASILINENSE. Indicado para meninas a partir de 14 anos, é uma delicada história de amor narrada com sensibilidade. Tradução e notas de Eduardo Sucupira Filho

... **COLEÇÃO JABUTÍ — NOVOS TÍTULOS** — "A Moreninha", de Joaquim Manuel de Macedo, "Resurreição", de Machado de Assis e "Amor de Salvação", de Camilo Castelo Branco, são respectivamente os volumes de número 26, 35 e 36 da coleção Jabutí, da Editora SARAIVA, que continua na divulgação de obras representativas da literatura. O primeiro é o livro clássico do autor de "O macaco da vizinha", enquanto que os outros dois não sendo dos melhores trabalhos de Machado e Camilo, ainda assim servem pelo que apresentam para o melhor conhecimento daqueles autores.

**HISTÓRIAS BREJEIRAS** — Mais conhecido como autor teatral, Arthur Azevedo criou no gênero, comédias de costume que ainda hoje são válidas pela maneira como eram realizadas. Mas não só no teatro, também foi um contista de reais méritos, com grande capacidade de fixação de tipos e costumes, dando-nos uma imagem vívida e real, não isenta de valor artístico, do seu mundo. Além dos cinco volumes de histórias curtas publicadas, possui ele um sem número de histórias que ficaram perdidas nos jornais da época. A respeito de sua obra de contista disse Lúcia Miguel Pereira: "Observador isento dos hábitos da capital, narrou com rara graça e simplicidade os seus casos e anedotas. Os namoros, as infidelidades conjugais, as relações de família ou de amizade, as cerimônias festivas ou fúnebres, tudo o que passava-se nas ruas ou nas casas lhe forneceu assunto para historietas cujos protagonistas foram sempre marcadamente cariocas. A pequena comédia cotidiana foi por ele fixada em ilustrativos flagrantes." Agora, a CULTRIX, lança em sua coleção "Contistas do Brasil", este volume, cuja organização cabe a R. Magalhães Jr.. Aqui estão algumas das histórias mais expressivas, umas extraídas de livros, outras recolhidas de jornais da época e precedidas de um elucidativo prefácio, onde AA é estudado como contista.

(para remessa de publicações: SM — CP 384 — Fpolis — Santa Catarina)

## informação literária

salim miguel

**TEATRO DE MARIA CLARA MACHADO** — Com uma vida dedicada ao teatro, Maria Clara Machado tem uma soma inestimável de serviços prestados, quer como diretora, autora, atriz e produtora. O "Tablado", por exemplo, é ela, daí tendo saído numerosos valores, muitos dos nossos bons profissionais de hoje, que atuam em todos os setores do teatro. Agora, pela AGIR, editora para a qual dirige a ótima coleção "Teatro Moderno", MCM lança o seu **TEATRO**, reunindo três peças: "O Cavalinho Azul", "A Volta do Camaleão Alface" e "O Embarque de Noé". Aqui, as mesmas qualidades de seus trabalhos anteriores, se mantem, estão implícitas, e, sob certos aspectos, se depuram. O mesmo lirismo, a mesma precisão, a mesma técnica exata no erguer a cena e construir as figuras, o mesmo domínio da carpintaria teatral. Suas peças são infantis sem nem de perto serem primárias, trazendo de volta, para nós, um pouco do encantamento da infância e interessando, pela maneira como estão realizadas, às crianças e aos adultos.

**TRAPIÁ** — Quando estreiou com este seu volume de contos, Caio Porfírio Carneiro não era um nome desconhecido, tendo já publicado trabalhos seus em diversos órgãos literários do país, sempre mantendo uma qualidade muito boa e um clima específico que o caracterizava e lhe dava um "tom" muito seu. Assim, não foi nenhuma surpresa o contacto mais demorado com ele, agora, por intermédio deste seu livro, edição da Francisco Alves, na coleção Alvorada, volume 5. Mantendo uma unidade de tema e de estilo, desde "Milho Empendoadado", premiado pela revista BBB, até "Ventania", que incerra o volume, o autor tem o que contar do seu nordeste, e saberias de gentes humildes, criando mesmo uma unidade entre os trabalhos, que surgem como um todo, e se completam.

**AMOR DE SALVAÇÃO** — Na Coleção Saraiva, da editora do mesmo nome, surfe agora sob o número 165, este romance de Camilo Castelo Branco, que embora não sendo dos melhores nem dos mais realizados do grande escritor português, é típico de sua maneira de ser, contendo todos os elementos constitutivos de seu mundo ficcionista.

**UMA FACE NAS TREVAS** — Num clima sombrio e pesado, que lhe é característico, construído suas figuras numa linguagem carregada de angustia, Paulo Novaes tenta nos dar a sua mensagem neste novo livro, edição da AGIR. O A. não se preocupa em ser agradável ao leitor, mas deixa-se levar pelo seu estado íntimo, que é mórbido. As personagens subergem, se afundam num mundo complexo, permanecem distantes, diluídas. Embora a realização por vezes deixe a desejar, ainda assim acabamos por nos interessar por Gustavo, Livio, Joshua e Nino, entre eles sempre a figura de Nina, provocando todos que dela se acercam enão se compreendendo, desencadeando, afinal, como que movida por uma força superior, tóda a trama.

(Para remessa de publicações: SM — CP 384  
Florianópolis — Santa Catarina.)

## informação literária

salim miguel

**AINFÂNCIA E O COTIDIANO** — Poeta das coisas simples e da emoção normal e humana, sabendo manejar o seu instrumento de trabalho, construindo uma poesia limpa, enxuta e exata, Rolando Roque da Silva nos dá, neste seu novo trabalho, um livro que mostra um pouco de todos nós, de nossa infância e de nossa vida. Esta diretriz poética vem se mantendo desde os primeiros trabalhos de RRS, criando uma constante que o poeta só vem aperfeiçoando. Aqui, num volume que é um único poema, pelo clima, pelo tom e pela unidade, o poeta evoca a vida do Brás, dos seus tempos de menino, que o marcaram definitivamente. Já a partir da primeira linha, ele nos diz ao que vem: "Penetrando o chão da infância teria um banho lustral. Despiu por isto o superfluo. ("Os Motivos"). Despindo o superfluo, penetrando nas raízes do povo, transfundindo tudo aquilo, procura colocar-se com a sua pureza inicial e trazer de volta a infância, recriando assim um mundo, o seu mundo, um mundo lírico e comovente. Rolando Roque da Silva se reafirma como um dos nossos bons poetas com este seu "A Infância e o Cotidiano", edição da Autores Reunidos.

**ROMANCE DE FRANCISCO MARINS** — "Clarão na Serra" é o lançamento de abril próximo das Edições Melhoramentos, na coleção "Panorama da Literatura Brasileira", onde já apareceram, entre outros, os romances "Memórias de Um Sargento de Milícias", de Manuel Antonio de Almeida; "O Cabeleira", de Franklin Távora; "Barro Blanco", de José Mauro de Vasconcelos; e "Os Desertos", contos de Ricardo Ramos. Francisco Marins é nome bastante conhecido, ligado à nossa literatura juvenil, com 10 livros publicados, e que agora estréia no romance. A história do livro é a de buscar nos documentos que retratam a vida e os costumes da província de São Paulo, à época da implantação da cultura cafeeira, querendo representar, pela fixação do linguajar típico, uma nova experiência no ficcionismo nacional, com a ação se desenvolvendo na região que começa na Serra de Botucatú, limitada de um lado pelo Rio Tietê e de outro pelo Paranapanema, tendo ao fundo o Rio Paraná, chão que ainda em princípios deste século figurava nos mapas como "território desconhecido e habitado por índios". A época é a do pioneirismo aventureiro, das lutas pela posse da terra, quando o casco de boi cede lugar à entrada vitoriosa do café. FM tem em mira um tríptico, devendo seguir-se ao primeiro volume que é "Clarão na Serra", os dois seguintes, "Café Amarelo" e "A Porteira Bateu".

**RCC** — Agora sob nova direção, procurando regularizar a saída e ampliar o número de colaboradores e sua penetração entre os interessados pela sétima arte, está circulando a Revista de Cultura Cinematográfica, de Belo Horizonte. Temos em mãos os números 25 e 26-27, com colaboração bastante boas e variadas. É diretor responsável da RCC, Fábio Horta, sendo redator chefe, José Alberto da Fonseca, ambos nomes bem conhecidos entre os críticos de cinema.

## informação literária

salim miguel

ANUÁRIO DA LITERATURA BRASILEIRA, 1961 — Está em circulação o segundo número do Anuário da Literatura Brasileira, correspondente a 1961, contendo amplo levantamento do que se fez no país, em 1960, no setor literário. A publicação, focalizada por Waldir Riveiro do Val e Silvio Castro, tornou-se, já neste seu segundo número indispensável para todos os que, entre nós, se interessam e querem estar atualizados com os nossos problemas culturais e artísticos.

Para mais de 50 escritores colaboram no anuário, que contém as seguintes seções: Literatura brasileira, Calendário da vida literária brasileira, Movimento literário nos Estados, Crítica literária, Alguma prosa, Alguma poesia, Bibliografia da crítica e do ensaio, Vária, Outras manifestações da cultura brasileira e Bibliografia crítica.

Alguns dos colaboradores: Afrânio Coutinho, Alvaro Lins, Antonio Cinto, Cassiano Ricardo, Cecília Meireles, Fausto Cunha, Eduardo Portela, Herman Lima, Jorge Amado, Leonardo Arroyo, Paulo Hecker filho, Orígenes Lessa, Cláice Lispector, Jorge Medauar, José Roberto Teixeira Leite, Lúcio Cardoso, Valdemar Cavalcanti, etc. No movimento literário dos Estados, Nereu Correa faz a parte referente a Santa Catarina, sendo que o representante da publicação, com quem devem ser procurados exemplares, inclusive do primeiro número, é Di Soares, pelo telefone 3354.

EL CORAZON DE SILENCIO — De Carlos A. Velazco, em edição do Instituto Amigos del Libro Argentino, é este livro de poemas, onde tomamos contacto com um autor ainda bastante jovem, mas de inegável sensibilidade e que busca a sua linguagem pessoal. Escritos antes dos 20 anos, os poemas que compõem o volume mostram a habilidade do jovem autor no manejo do verso, num lirismo que perpassa por todo o livro. "La mañana há salido a mi encuentro./ me encontro en el silencio de um parque/sentado..." diz em um dos poemas. E assim, em silêncio, como acentua no próprio título do volume mas expressiva e impressivamente, se desenvolve sua poesia. Há muito ainda que esperar do poeta que diz "Con levedad de aves se dispidió la tarde..." e continua: "Tristeza, te llevo en mí..." num penumbrismo que é a nota dominante do volume.

LIVROS DE PORTUGAL, N. 30, junho 1961 — Boletim Mensal do Grêmio Nacional dos Editores e Livreiros — Como sempre contendo amplo noticiário e informações a respeito do livro em Portugal. Neste número, destacamos: reportagens sobre a XXXI Feira do Livro do Porto e sobre a entrega do Prêmio Camilo Castelo Branco, o maior galardão literário português, à romancista Fernanda Botelho, por sua obra "A Gata e a Fábula".

KRITERION — revista da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais ns. 53/54, julho-dezembro de 1960. Diretor, Eduardo Friciro; Secretário, Wilton Cardoso. Como sempre, material de grande interêsse, esta importante publicação da Universidade de M. G.

(Para remessa de publicações e informações: Caixa Postal, 384 — Florianópolis — Santa Catarina)

## informação literária

salim miguel

### HISTORIAS ANTIGAS —

Em sua coleção "Contistas do Brasil", panorama representativo do que de mais característico existe no gênero, a Editora CULTRIX acaba de lançar como terceiro volume, esta coletânea de histórias curtas de Afonso Schmitz. Organizada e prefaciada pelo próprio autor, HISTORIAS ANTIGAS dará ao leitor uma idéia bastante precisa da arte narrativa de AS.

Enfeixando principalmente contos com ambientes ou personagens históricos recria, em termos de ficção, um mundo passado. Um bom exemplo disto é o conto VITRAL no qual são focalizados aspectos diversos da vida de S. Francisco de Assis. O autor de "A Marcha" e tantos livros, figura das mais populares de nossa literatura, é, como sempre, fiel a si mesmo e ao seu público.

### COLEÇÃO NOSSOS CLAS

SICOS — Mais dois volumes acabam de ser lançados nesta coleção da AGIR: são os de número 64 e 66, respectivamente CARTAS de Mariana Alcantorado, por Maria da Graça Freire e Poesia de Junqueira Freire, por Antonio Crios Vilaça. Ambos os volumes com a mesma qualidade e as mesmas características que tornaram tão conhecida e de tanto valor esta cole.

O SERTANEJO — Na coleção SARAIVA números 167 e 168, dois volumes, acaba de aparecer este que é o último romance de José de Alencar. Longo painel de uma época contém todas as qualidades que tornaram JA um dos nossos romancistas mais apreciados e de quem disse o crítico Antonio Cândido: "Nenhum é péssimo, todos merecem leitura e, na matéria, permanecem vivos, apesar da mudança dos padrões de gosto a partir do naturalismo".

O GALO DE OURO — Volume 5 da coleção "Contraste e Confrontos" da Livraria FRANCISCO ALVES, esta biografia romancada de Eder Jofre, escrita por Henrique Matteucci, contém apresentação do romancista Marques Rebelo e apreciação dos desenhos de Eder Jofre por Aldemir Martins.

CONSTITUIÇÃO — Com notas e índice alfabético e remissivo, a SARAIVA acaba de lançar edição da Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, contendo as emendas constitucionais 1-2-3-4 e 5 (ato adicional que institui o sistema parlamentar de Governo).

COMENTÁRIO — Volume 3 — número 2 — correspondente a abril, maio-junho 1962 — publicação trimestral do Instituto Brasileiro Judaico de Cultura e Divulgação. Da matéria do presente número, destacamos: "A Guerra termo nuclear e a sobrevivência humana", um debate, Herman Kahn versus Erich Fromm e Michael Macoby; "A Lei de Diretrizes e Bases da Educação", um inquérito com depoimentos de Anísio Teixeira, Clóvis Salgado, Deolindo Couto, José Barreto filho e Jsué Montelo.

## informação literária

salim miguel

NOVO LIVRO DE HARRY LAUS — Estreando em 1958 com "Os Incoerentes", volume de contos que alcançou o "Prêmio Afonso Arinos" da Academia Brasileira de Letras, três anos passados surge Harry Laus com novo título. Trata-se de "Ao Juiz dos Ausentes," onde o jovem ficcionista catarinense, retornando a história curta, reúne alguns contos, realizações com aquela mesma qualidade artística e despojamento que o caracterizam e que tornaram um dos melhores representantes das novas gerações de escritores do Brasil. Mesmo antes de sua estréia em livro, HL já era nome bastante conhecido em nossos meios literários, mercê não só de uma constante publicação de trabalhos em jornais e revistas, como da qualidade dos mesmos que logo fixaram seu nome como um dos mais expressivos valores de sua geração. Natural de Tijucas, fez com tudo sua vida literária, paralelamente à militar, nos diversos lugares por onde ia passando.

Conciso, sóbrio, sabendo erguer e narrar suas histórias com poucas palavras, dominando o idioma, embora não se possa dizer que "Ao Juiz dos Ausentes" traça grandes progressos, temáticos ou estilísticos, ao volume anterior, ainda assim este de agora mostra um ainda melhor e maior domínio da linguagem literária e do que HL quer relatar. Sugerindo mais do que contando, e sabendo sugerir com precisão — o que é muito importante — logo no começo, nas primeiras páginas o A. nos introduz em seu mundo particular, conduzindo-nos para a quele clima específico. Suas histórias se desenrolam num intermédio entre a linha tradicional e a do conto moderno, mas sempre com qualidades que lhe são próprias. Veja-se, por exemplo, a contenção, a economia de palavras com que realiza o primeiro conto ("Crime"), colocando-nos, de imediato, dentro do

drama e da trama. Também te e tema se entrosam e completam. Outro exemplo — e este talvez o melhor do volume — é o do conto que dá título ao livro. Nele estão claramente determinados os lineamentos da literatura de HL e suas qualidades de narrador. Como quem não quer nada através de elipses de insinuações de cortes bruscos e cinematográficos vai ele erguendo o conto, criando os tipos, as situações, o clima e o meio ambiente, fazendo com que as figuras se ergam e cheguem até o leitor. Com o domínio que possui do "métier" e mui especialmente por este conto ("Ao Juiz dos Ausentes") muito há de esperar ainda de Harry Laus.

Edição CPAMA, o livro tem distribuição do livreiro e editor Sávio Antunes. LANÇAMENTO DO "LIVRO DE DANIEL" — Será lançado em São Paulo, no dia 6 de outubro, o volume final da "Trilogia Nordeste" de Paulo Dantas. Edição da Francisco Alves, com capa de Edgar Koetz e xilogravuras de Newton Cavalcanti, intitula-se o volume "O Livro de Daniel". Na ocasião far-se-á também o lançamento da segunda edição de "Capitão Jagunco", do mesmo autor, seleção do Clube do Livro, tiragem de 30 mil exemplares.

CRUZ E SOUZA NA COLEÇÃO "POETAS DO BRASIL" — A Editora CULTRIX escolheu para volume inicial de sua nova coleção intitulada "Poetas do Brasil" os "Poemas Escolhidos de Cruz e Souza", que se constituirá na homenagem daquela editora à passagem do centenário do grande simbolista brasileiro que se comemora este ano. A edição, seleção, introdução e notas terá a responsabilidade de Massaud Moises, que organizou para a Cultrix a edição das Obras Escolhidas de Machado de Assis.

(Para remessa de Publicações: SM — Caixa Postal, 384 — Florianópolis Santa Catarina)

## informação literária

salim miguel

PAISAGENS E COSTUMES DO BRASIL — Através de 81 maravilhosas fotografias a cores, acompanhadas de sugestivos desenhos de Percy Lau; com introdução do Prof. Lourenço Filho e legendas de Ricardo Ramos, temos, aqui, neste volume, uma síntese do Brasil. Após discorrer, na introdução, sobre a terra e a gente, evolução política, produção e cultura, acentua o prof. Lourenço Filho: "Uma terra imensa, com aspectos



tos muito variados e em rápido processo de transformação — eis, enfim, a impressão geral que se pode ter da realidade brasileira em nossa época. O exame deste belo livro por muitos pontos servirá a aclarar essa impressão. Ao planejá-lo e compô-lo não tiveram os editores apenas a intenção de apresentar aspectos inegável. Tivram, sim, a d oferecer pontos de referenciosos ou cenários apenas escolhidos, por sua beleza rência para a compreensão de uma grande realidade geográfica e humana, o Brasil de agora, síntese do mundo."

Em formato 31 x 23, ótimo papel e primorosa impressão, este "Paisagens e Costumes do Brasil", da Edições MELHORAMENTOS de São Paulo, é também uma obra prima de arte gráfica, merecendo por isto mesmo a atenção de brasileiros e estrangeiros, que terão uma visão ampla do Brasil.

NOVOS VOLUMES DA COLEÇÃO SARAIVA — Na popular "coleção SARAIVA", da editora do mesmo nome, respectivamente sob os números 162, 163 e 164, acabam de aparecer mais três obras: trata-se de "Gigante de Botas", de Ofélia e Narbal Fontes, conquistou o primeiro prêmio em concurso da Secretovela histórica que narra a fundação de Goiás e que taria da Educação do antigo Discrito Federal; "Eurico, o Preshítero", de Anexandre Herculano, um dos como se podem conjugar história e ficção, concili-clássicos da língua e um dos melhores exemplos de ando as exigências do trabalho de pesquisa científica com a obra de Arte, num levantamento completo de uma época; e "Ressurreição", de Machado de Assis, o primeiro romance da fase ainda romântica do nosso maior escritor, mas já com algumas das qualidades que pouco depois dariam suas obras fundamentais.

"COMENTARIO" N. 9 — Deste novo número (9 vol. 3, jan. fev. março de 1962) mantendo as mesmas qualidades anteriores, destacamos, por sua atualidade e por se encontrar o problema em grande evidencia: o inquerito sobre reforma agrária ao qual respondem D. Eugênio Sales, Arcebispo Auxiliar de Natal; o deputado José Jofily; e o eng. agrônomo Wanderbilt Duarte de Barros; e "Política Agrária para Israel", de Abraham Granot. Cumpre destacar também o trabalho do Alnte. Otacilio Cunha "Problemas do Desenvolvimento Científico no Brasil."

(Para remessa de publicações: SM — CP 384 Florianópolis — Santa Catarina)

## informação literária

salim miguel

O NOSSO CRUZ E SOUZA — Contribuição do Prof. Henrique da Silva Fontes às comemorações do centenário do poeta, lido, em nome do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, na sessão de encerramento das solenidades, e agora publicado pelo autor, traz, este trabalho, dados de bastante interesse para o esclarecimento de alguns aspectos ligados à vida do grande simbolista. Procura, especialmente, situar a questão controversa de se teria Cruz e Souza sido ou não aluno de Fritz Muller. Acreditando, pelos elementos colhidos, que CS dificilmente poderia ter sido aluno do grande sábio alemão, diz, o Prof. Fontes, com muita razão: "Por que havemos de nos mostrar racistas, refugando a possibilidade de outro qualquer preto desterrense de superior inteligência? Cruz e Souza teve a ventura de viver e poder afirmar-se. O outro, coitado (no caso o que teria impressionado, por sua inteligência precoce, ao sábio alemão Fritz Muller que a ele se refere em cartas) ou morreu menino, ou não teve oportunidades, nem lutas, nem fibra que lhe permitissem subir e rebrilhar." Também, nas pesquisas que fez, o Prof. Fontes não encontrou referências à nomeação de Cruz e Souza para a promotoria de Laguna e conseqüente caso criado com a recusa da população em aceitar um preto como promotor.

POEMAS ESCOLHIDOS DE CRUZ E SOUZA — A Editora CULTRIX, de São Paulo, também prestou sua homenagem ao simbolista catarinense cujo centenário de nascimento transcorreu no ano findo. Assim, como primeiro volume de sua nova coleção "Poesia do Brasil", publicou, com seleção e introdução de Massaud Moisés, os "Poemas Escolhidos de Cruz e Souza". Em sua introdução, Massaud Moisés situa muito bem o poeta catarinense, analisando-lhe a obra e lhe dando o lugar merecido em nossa poesia. A seleção foi feita com bastante critério, dando uma idéia precisa do poeta e da qualidade de seu verso, embora, para uma visão geral mais ampla, julgássemos necessária a inclusão de alguns poemas como, por exemplo, "Litania dos Pobres" e "Caveira."

REVISTA BRASILEIRA DE FOLCLORES — Correspondente a set. dez. (ano 1, n. 1) foi lançada, pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, órgão do MEC, esta publicação. É diretor executivo da Campanha o escritor Edison Carneiro; e da revista, o escritor Renato Almeida. Depois de expor, sucintamente, em sua apresentação a que já nos referimos, assinada por Edison Carneiro: "As páginas desta revista serão um espelho do nosso entendimento crescente da realidade da vida popular brasileira." Um dos membros da Campanha é o escritor Osvaldo R. Cabral, que representa Santa Catarina na comissão. Além de amplo noticiário e da apresentação a que já nos referimos, assinada por Edison Carneiro, este número de estréia comporta os seguintes trabalhos: "Da cultura popular", por Luiz da Câmara Cascudo; "Alguns complexos culturais das festas populares" por Rissini Tavares de Lima; "Festa dos cachorros" por Mário Ypiranga Monteiro; "Presença do romanceiro peninsular na tradição oral do Brasil" por Guilherme Santos Neves; "O Homicídio mágico no folclore e seu regimento, pela redação.

(Para remessa de publicações: SM — CP 384

## informação literária

salim miguel

**TEMPO PRESENTE I** — Começando por uma série de considerações gerais sobre o "Tempo Presente da Literatura Brasileira", onde coloca os problemas e explica suas concepções e a maneira como compreende a crítica literária, Silvio de Castro nos oferece, nesta edição do "Anuário da Literatura Brasileira", uma obra cheia de sugestões e de interesse, quer na primeira parte, quer no estudo que faz de obras e autores. Mesmo quando discordamos do seu ponto de vista ou da interpretação que faz, somos forçados a reconhecer nele um dos mais jovens e talentosos interpretes do nosso ambiente literário, com uma obra que vem se destacando por sua seriedade e honestidade, pelo sentido construtivo de que se reveste e pela contribuição nova que empresta à crítica indígena. Com uma atividade constante, que se desdobra em amplos setores divulgando nossas letras em diversas frentes, nos jornais, em livros, na cátedra, em palestras, Silvio de Castro encontra tempo para o estudo e a análise aprofundada, colocando sempre sua obra num tom polêmico no sentido de dar vida e movimento ao modorrento ambiente literário nacional. Basta destacar, entre o que ele vem fazendo, o levantamento nos é oferecido um amplo panorama da cultura que é o "Anuário da Literatura Brasileira", onde nacional. Poeta crítico, contista em tudo que faz nota-se o espírito inquieto e perquiridor que está presente em todas as páginas de "Tempo Presente I".

**TEATRO VIVO** — O autor de "Street Scene" com a sua experiência dos problemas do teatro, com o conhecimento e a capacidade que lhe deram a inteligência e os longos anos em contacto com a cena americana e do resto do mundo, nos dá não só um depoimento pessoal bastante bom, mas um livro importante pela que comporta de ensinamentos. Numa linguagem simples, desataviada, desapaixonada Elmer Rice vai eravendo um panorama do problema teatral por dentro com todas as suas implicações, compondo capítulos de bastante interesse não apenas para os que admiram o teatro, mas para todos os que se preocupam com os problemas culturais. Uma bela edição do "Fundo de Cultura" na sua coleção "Estante de Arte", com apresentação de Pedro Bloch e em anêncide, um capítulo de Zora Selian sobre o teatro brasileiro.

**CONTABILIDADE** — Surge agora, em edição CA RAIVA, o 5º volume desta obra de Domingos D'Almeida e Adauto de Souza Castro, dedicado a "Contabilidade Bancária e Pública". Em 6ª edição atualizada, de acordo com o programa oficial e com as normas do sistema de ensino funcional, é livro de valor e utilidade para professores e alunos dos cursos de contabilidade bem como para técnicos, pois os autores não se limitaram às indicações gerais, mas tratam com minúcia da legislação brasileira referente ao tema em pauta, bem como indi-

**GONCALVES DIAS** — Com o segundo volume da coleção Poesia e Vida inaugurada com o estudo de R. Magalhães Jr. sobre Cruz e Souza, a EDAMEPIS dá agora a lume "Poesia e Vida de Gonçalves Dias" escrita por Manuel Bandeira. Este livro apresenta a vida e a arte de um grande poeta, o maranhense, vista e interpretada por outro grande poeta, o pernambucano, dando-nos o encontro de duas sensibilidades: a do romântico e a do modernista.

(para remessa de publicações: SM — CP 384  
Florianópolis — Santa Catarina)

## informação literária

salim miguel

**OS DESERTOS** — Não deve ter sido muito agradável o início da carreira literária de Ricardo Ramos. Carregando um nome famoso, de um dos nossos melhores escritores de todos os tempos, isto certamente teria que se refletir não só em sua obra, mas também e principalmente na maneira como a mesma seria recebida e encaixada, numa comparação inevitável. Mas RR conseguiu superar tudo isto, realizando uma literatura que é sua, com temas que lhe são característicos e que o identificam como um dos nossos melhores escritores jovens. Este "Os Desertos", edição Melhoramentos na coleção "Panorama da Literatura Brasileira", mostra-nos um escritor que domina perfeitamente o seu instrumento de trabalho e que tem o que narrar. Composto de 15 histórias, enfeixando trabalhos de seus dois livros anteriores (5 de "Tempo de Espera" e 5 de "Terno de Reis") além de 5 trabalhos novos, possibilita um confronto, mostra a evolução do escritor, em busca de um estilo cada vez mais pessoal, numa linguagem enxuta, precisa, exata e seca. Aqui, nesta secura e nesta precisão, por vezes, uma leve influência, e sumamente benéfica, do velho Graça, em especial na procura do termo adequado, que se funde ao que vai ser narrado, para nos transmitir a mensagem do autor. Não conhecendo sua novela (Os caminhantes de Santa Luzia) temos que nos restringir ao confronto dos três volumes de contos, onde as situações e tipos tem uma presença marcante, tem vitalidade e verdade humana, são densos e fortes, como aquele Tenente Malheiros de "Ribeira Turva", onde um pequeno fio de história, sem maiores novidades, cria força e autenticidade humana e artística.

**A MULHER NA JANELA** — Estreitando com um livro de contos dos melhores, recebido com justos louvores por toda a crítica, que viu nele não uma revelação mas um escritor de pulso, já feito, Hélio Pólvora retorna agora com um volume de crônicas. edição de pulso, já feito, Hélio Pólvora retorna agora com um volume de crônicas, edição ESTANTE. Aqui, necessitaríamos não só de espaço, mas também de possibilidade de definições mais específicas e taxativas, numa classificação do que seria, por exemplo, em compartimento estanque, conto, novela, crônica... Limitemo-nos a dizer que HP continua escrevendo muito bem, cada vez melhor, com aquela mesma propriedade de sempre, sabendo ver e narrar e sendo aqui outra vez, acima de tudo o memorialista, o romancista em potência já entrevisto em "Os Galos da Aurora". Mas, em última análise, importarão as classificações, ou importará a qualidade do que vem dito, a autenticidade de quem narra, a paisagem humana captada por homem de fina sensibilidade, que sabe compreender e ver e transmitir? E isto HP sabe até demais. **REGIME PARLAMENTAR E A REALIDADE BRASILEIRA** — Em sua coleção Estudos Sociais e Políticos, sob n.º 21 a Revista Brasileira de Estudos Políticos, da Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais acaba de edificar o trabalho com o título acima, de autoria do primeiro min. Tancredo Neves, e que foi a aula inaugural dos cursos da Universidade de Minas Gerais, proferida no dia 1º de março, perante a Assembléia Universitária. No trabalho, são examinadas, de maneira sucinta, mas com propriedade, as adequações do regime parlamentar à realidade brasileira atual.

(Para remessa de publicações: SM — CP 384 Florianópolis — Santa Catarina)

## informação literária

salim miguel

### MARTINS PENA NA COLEÇÃO NOSSOS CLASSICOS

— Contendo as seções habituais, a coleção Nossos Clássicos, da AGIR, nos oferece mais um volume, o de número 56, nesta série que está divulgando os mais importantes autores portugueses e brasileiros. Desta vez trata-se de Martins Pena, cujas comédias de costume ainda hoje interessam, refletindo com precisão e autenticidade aspectos e costumes do Brasil de ontem. Na "Situação Histórica", Amália Costa, encarregada do presente volume, não só coloca bem o problema do que ele representa para o nosso incipiente patrimônio teatral, como situa Martins Pena em seu meio, naquele Brasil de começos de 1800, mostrando o significado da obra que ele realizou em tão pouco tempo (35 anos de vida, de 1815

até 1850). O presente trabalho serve como uma introdução aos que desejarem se aprofundar na obra de MP, que possui uma edição das mais importantes e completas. Queremos nos referir à edição do Instituto Nacional do Livro, organizada por Darcy Damasceno, com a colaboração de Maria Filgueiras. Maria Amélia, no "Estudo Crítico", faz um levantamento da personalidade de Martins Pena, estudando, ao mesmo tempo, rapidamente sua obra e a qualidade de que se revestem. É Martins Pena, até o surgimento de nossos dramaturgos de hoje, talvez a única figura de importância no teatro brasileiro, buscando uma temática nossa, criando um clima pessoal merecendo portanto ser mais conhecido e divulgado. Dai um dos valores do presente livrinho. AA. escolheu trechos característicos de dez das mais representativas comédias de MP, que mostram os vários aspectos que ele acabava e o seu talento e conhecimento do "metier".

ITINERARIO — Neste volume, Bento Munhoz da Rocha Neto mais conhecido por sua atividade política, já tendo tido ativa participação na vida brasileira, recolhe alguns trabalhos que foi divulgado ao correr dos anos, num período que vai de 1935 até 1959. Ainda aqui se nota na escolha e desenvolvimento dos temas, no "tom" que é a constante de todos eles, a propensão do A. para a política, que é a sua vocação maior. O volume, edição de Ernani Reichmann e distribuição da Distribuidora Nacional de Livros Ltda. de Curitiba, abre com um estudo sobre Joaquim Nabuco ("Anotações à Minha Formação"), concluído com "Massas e Elites Nacionais", todos os trabalhos mantendo o que o A. chama de "na verdade, um itinerário", depois de acentuar que "por mais que não se deseje, a gente é solicitada a trazer, aqui e ali, a sua contribuição. Todos temos de falar..." solicitada a trazer, a Ap,adeaaoridililnunpiiifofofoo

COLEÇÃO SARAIVA — É de Julio Dinis, escritor português que teve a sua voga e que ainda hoje é recordado com saudade por nossas vovós, a nova obra da popular Coleção Saraiva, da editora Saraiva. Trata-se de "A Morgadinha dos Canaviais" em dois volumes que, dentro da coleção, tomou o número 160, outubro e 161, novembro de 1961.

(para remessa de publicações: SM — Caixa Postal 384 — Florianópolis Santa Catarina)

O ESTADO O mais antigo Diário

## informação literária

salim miguel

### LANÇAMENTO DE ROCAMARANHA

— Com tarde de autógrafo foi lançado na semana finda o livro do escritor catarinense Almirão Caldeira "Rocamaranhá", edição da Globo, na coleção Catavento. Livro de estréia, embora o autor tenha uma atividade de de anos em nosso meio literário, além de haver sido premiado pela Academia Catarinense de Letras, com a novela "Mãe e Pilão", o atual lançamento interessará pelo que conta é que diz muito de perto os catarinenses. Acentuando que "as personagens e o entredo da narrativa são fictícios", informa logo a seguir que isto foi feito, "sem prejuízo do empenho que se teve em respeitar, quanto possível, a verdade histórica." E vemos então desenrolar-se diante de nós a vida nos Açores, depois a partida, a travessia que durou 86 dias, depois a chegada à ilha do Desterro, quando temos, em rápidas pinceladas, um quadro da vida que aqui se levava. Tudo isto vem entrelaçado, emaranhado com a história de amor de dois jovens, que servem de ponto de referência para o desenvolvimento do entredo.

### REVISTA BRASILIENSE

— O trabalho de Prof. Samuel B. Pessoa "Sobre o estado sanitário dos habitantes dos distritos rurais da ilha de Santa Catarina e algumas sugestões para a sua melhoria", se reveste da maior importância, merecendo a atenção dos poderes competentes e poderia muito bem servir de roteiro para as nossas autoridades. Feito com base em sua experiência de Florianópolis, quando o Prof., lecionando em nossa faculdade de Medicina, teve, em seus curtos vagares, oportunidade de percorrer toda a ilha, estudando e captando das condições em que vive o habitante da mesma, é um quadro objetivo e preciso. Ali estão, sucintamente analisadas, em todas as suas implicações e consequências, as péssimas condições em que vive a população, e apontadas as medidas essenciais para a sua melhoria.

Várias outras colaborações se destacam neste nº. 38, correspondente a nov. dez. da Revista Brasileira e onde está inserto o trabalho do Prof. Samuel Pessoa. Citamos alguns: "Panorama da Política Brasileira", lucido artigo de Caio Prado Junior; "Ijuazeiro e o Padre Cícero", capítulo de Rui Falcão que é uma interpretação nova do velho problema; "Futuro da Indústria Elétrica", de Catulo Branco; "Alguns aspectos do movimento estudantil brasileiro", de José Chasin; e "A Formação de profissionais e especialistas nas faculdades de filosofia", de Florestan Fernandes. Na seção de crítica de livros: "Ensaies médicos sociais do Prof. Samuel Pessoa", de Alvaro de Faria; e "Porto Calendário" de Osório Alves de Castro", por Paulo Dantas.

### COLEÇÃO "NOSSOS CLASSICOS"

— Mais dois volumes os de nº. 58 e 59, respectivamente Raul de Leoni, por Luiz Santa Cruz e Julio Diniz, por Naief Safady, acabam de ser lançados pela Editora AGIR, na sua popular coleção. Estes volumes mantem as mesmas características que já tornaram tão justamente conhecidos estes livros e que tão bons serviços vem prestando, em especial, à nossa juventude estudiosa, que ali encontra os elementos essenciais para o melhor conhecidos dos grandes escritores portugueses e brasileiros.

(para remessa de publicações: SM — CP 384 Fpolis — Santa Catarina)

DIRETOR  
RUBENS DE ARRUDA RAMOS

GERENTE

DOMINGOS FERNANDES DE AQUINO

ANO XLVIII

N.º 143511

FLORIANÓPOLIS (Sábado), 20 de Janeiro de 1962 — EDIÇÃO DE HOJE — 8 PAGINAS

# O ESTADO

O MAIS ANTIGO DIÁRIO DE SANTA CATARINA

informação literária

salim miguel

MARAVILHAS DO CONTO ARABE — A coleção Maravilhas do Conto Universal da Editora CULTRIX, levantamento do que mais significativo se escreveu em matéria de história curta no mundo, mereceu recepção calorosa por parte do público leitor. Agora, a editora resolveu ampliar a coleção, incluindo novos volumes dedicados à literaturas pouco conhecidas. O primeiro volume da nova série foi dedicado ao conto chinês. E agora acaba de sair o volume dedicado ao conto árabe. Como nos anteriores, os volumes atuais, além de trabalhos de autores representativos, trazem também prefácios e notas explicativas, no sentido de dar ao leitor uma idéia precisa da literatura que ele irá conhecer. A presente antologia foi organizada por Jamil Almansur Haddad, que preparou uma alucida-tiva introdução, explicando e colocando de maneira objetiva diversos problemas relativos à literatura de língua árabe. Desde autores contemporâneos como um Gibran Ghalil Gibran até histórias das Mil e uma Noites, te os um panorama da variedade das narrativas aqui enfeixadas.

REVISTA BRASILEIRA DE FOLCLORE: NOVO NUMERO — Este segundo número da RBF, publicação da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, órgão do Ministério de Educação e Cultura que tem como Diretor Executivo Edison Carneiro e diretor da revista Renato Almeida, dois dos nossos maiores estudiosos do assunto, insere em suas páginas colaborações de grande interesse: "João Ribeiro, mestre do folclore", de Renato Almeida, "A len da do Amazonas", de Jorge Dias "Folclore musical de Parati", de Dulce Martins Lamas e "Os astros no folclore capixaba" de Fausto Teixeira, são alguns dos principais trabalhos deste número.

tá publicando, em volumes uniformes, ensaios de Alceu Amoroso Lima, onde o conhecido escritor e pensador aborda problemas do maior interesse em todos os campos. Mesmo quando por vezes pode-se não concordar com AAL, é impossível deixar de reconhecer a sua capacidade e a sua honestidade no abordar os temas. "A Missão de São Paulo", "Da inteligência à palavra" e "Europa e América, duas culturas", respectivamente volumes 9,10 e 11, são os últimos aparecidos. SM — CP 384 — Florianópolis — Santa Catarina

- Desenhos
- Painéis
- Pinturas de propaganda
- Faixas
- Flâmulas



rua fernando machado, 6  
1º andar - fone 24-13

PERFEIÇÃO - RAPIDÊZ

Dr. Acácio

Garibaldi S.

Thiago

ADVOGADO

Escritório especializado em Questões trabalhistas. Administração de bens Imóveis. Defesas fiscais Rua Felipe Schmidt, 14 — 1º andar — Fones: 2511 — 2216.

P. S. D.

DIRETOR  
RUBENS DE ARRUDA RAMOS  
GERENTE  
DOMINGOS FERNANDES DE AQUINO  
ANO XLIX  
N.º 14.539

O ESTADO  
O MAIS ANTIGO DIÁRIO DE SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS, (QUARTA-FEIRA), 3 DE OUTUBRO DE 1962 — EDIÇÃO DE HOJE — 8 PÁGINAS

Florianópolis, 22 5 62

## informação literária

salim miguel

**SILÊNCIO ADENTRO** — Pequenas histórias que o autor chama muito sugestivamente de "imagens", compõe este livrinho de Xavier Placer, edição da Livraria São José. Nome bastante conhecido, romancista, contista, poeta, XP nos mostra, agora, com este volume, não dizemos uma nova faceta do seu talento porque a maneira de dizer e o que esta dito em "Silencio Adentro" estava implícito nos trabalhos anteriores, mas pequenas histórias de um sabor todo especial e que confirmam a sensibilidade e sutileza no traçar e fixar pequenas cenas, num tom lírico, muito embora ele nos diga que "no papel, em letra de fôrma, estas fábulas sem licão, perdem muitíssimo".

**AS MIL E UMA NOITES** — Repositório de lendas, de história, de estória de folclore de causos, ficção e realidade entrelaçadas, abarcando um mundo composto da Índia, China, Egipo, Grécia, e todos os povos de língua árabe, fundidos e amalgamados para criar fantasia e sonho servindo de base para outras obras em todos os recantos do globo, comportando tudo o que a imaginação humana criou, esta obra surge, agora, pela primeira vez, no Brasil, em edição completa e inexplorada, numa iniciativa audaz da Editora SARAIVA. Traduzida por Nair Lacerda na parte em prosa e Domingos Carvalho da Silva da parte poética, a revisão linguística esteve a cargo do Sujeiman Khalil Safady, formado pela Universidade de Beirut, que se incumbiu também do cortejo de textos árabes. A introdução foi escrita pelo poeta Jamil Almansur Haddad, que coloca de maneira precisa alguns dos problemas da obra, destacando sua importância. As ilustrações são de Aldemir Martins prêmio de desenho da XXVIII Bienal de Veneza, que captou com exatidão o espírito da obra. A edição, por suas qualidades gráficas mereceu um prêmio na Bienal de São Paulo. Aventura, amor, intriga, romances de cavalaria, política, policiais, historietas e anedotas, narrativas facetadas e obscenas, apólogos e fábulas, tudo se entrelaça se funde num todo, para nos dar a visão de um mundo com todas as suas grandezas e misérias. Pode-se, através da imensidão da obra rastrear a influência direta ou indireta, que ela deixou em autores e livros de todas as partes e tendências. Também há no livro páginas que lidas agora, permanecem, são literariamente válidas, pela força e precisão com que estão realizadas. Um exemplo se encontra na "Cidade de Bronze", quando da chegada dos exploradores com aquela visão impressionante de um mundo perdido no tempo; ou ainda, em outra história, as côres entrevistadas pela primeira vez pelo rei do país onde elas não eram conhecidas. Panos tinidos balouçando ao vento e que são descritos com precisão sem par, causando funda emoção no leitor.

**UM DIA NA VIDA DE BRASILINO** — Sátira feroz, mas nem por isto menos autêntica, o trabalho de Paulo Martins, já em 5ª edição, lançado pela Editora Brasiliense de São Paulo, mostra um Brasil que muitos brasileiros não querem conhecer, mas que aí está. De maneira objetiva, o A. traça um retrato de um Brasil expoliado, criando, com brasilino o retrato do homem que vive numa doce ilusão de independência política, econômica e social.

(para remessa de publicação: SM — CP  
384 Florianópolis — Santa Catarina)

DIRETOR  
RUBENS DE ARRUDA RAMOS

GERENTE

DOMINGOS FERNANDES DE AQUINO

ANO XLIX

N.º 14439

# O ESTADO

O MAIS ANTIGO DIÁRIO DE SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS, (TERÇA-FEIRA), 22 DE MAIO DE 1962 — EDIÇÃO DE HOJE — 8 PÁGINAS

## 3 Informação literária

salim miguel

042969-82

**FEIRA DO LIVRO VAI BEM** — Muito embora alguns contratempos, entre eles as chuvas constantes e o não comparecimento de algumas das nossas principais editoras e a falta dos escritores de fora que prestigiaram a iniciativa, ainda assim a I Feira do Livro, promoção da Câmara Júnior de Florianópolis vai bem. Vai bem e mostrou que é mesmo necessário levar o livro até o leitor, fazer com que um público cada vez maior passe a se interessar pelos problemas culturais. Nêstes poucos dias, um público não muito numeroso, porém constante e novo — o que é importante — está frequentando as barracas armadas na Praça XV. São além dos costumeiros frequentadores de livraria, pessoas que normalmente não entram em busca de um livro. Agora passam, olham uma barraca e outra, voltam, acabam adquirindo o seu livrinho.

**CRUZ E SOUZA: LANÇAMENTO OFICIAL** — Embora já se encontre à venda na Feira do Livro, somente ontem se deu o lançamento oficial do livro "Centenário de Cruz e Souza — Interpretações", edição da Comissão Oficial de Festas. Reunindo trabalhos de Othon D'Eça, Aníbal Nunes Pires, Eglê Malheiros, Osvaldo Ferreira de Melo (filho), Henrique Fontes, Nereu Correa e Martinho Calado Jr., organização do volume do colunista e capa de Tércio Gama, contem as palestras pronunciadas por ocasião das comemorações do centenário do grande simbolista catarinense, estudando aspectos diversos de sua obra e de sua vida. Para o lançamento oficial, estavam presentes os autores dos trabalhos enfeitados no volume, autografaram o livro para os presentes.

**CLARICE PREMIADA** — O Prêmio Carmen Dolores Barbosa, destinado ao melhor livro do ano publicado em 1961, foi dado, por unanimidade, ao romance "A Maçã no Escuro", de Clarice Lispector, edição da Livraria Francisco Alves comissão julgadora foi constituída por Osmar Pimentel, Mário Donato, José Geraldo Vieira, Maria de Lourdes Teixeira, Rôlmes Barbosa, Edgar Braga, Edoardo Bizzarri, Sérgio Milliet e Cassiano Ricardo.

**COMENTARIO NUMERO 11** — A revista trimestral publicada pelo Instituto Brasileiro Jodiaco de Cultura e Divulgação, neste seu número correspondente a julho-agosto-setembro, presta uma homenagem especial a Lasar Segall, incluindo o trabalho do crítico Geraldo Ferraz (Meditação sobre LS) a respeito daquele pintor, bem como reproduções de algumas de suas telas. Com a colaboração mantendo o mesmo bom nível, "Comentário" insere mais expressivos das nossas

masi expressivos das nossas letras. O professor Florestan Fernandes responde ao inquerito sobre "Diretrizes e Bases da Educação Nacional"; Gladstone Chaves de Melo e João Mangabeira, sobre "A Defesa da Democracia" e do Catarinense Guido Wilmar Sassi temos o conto "O Soldado", que fará parte do seu próximo volume sobre o contestado "Os dozes pares de França"

**NOVOS VOLUMES DA COLEÇÃO SARAIVA** — Continua com a mesma regularidade, fornecendo livros de interesse a preços populares, a conhecida Coleção SARAIVA, da editora do mesmo nome. "Sedutor de Mulheres", de George Harmon Coxe e "Teatro Flutuante", de Edna Ferber, respectivamente sob os números 169 e 170/171, são os mais recentes volumes dados a público.

(Para remessa de publicações: SM — C. P. 384 Florianópolis — Santa Catarina)

informação literária

salim miguel

CENTENA'RIO DO CRUZ E SOUZA. INTERPRETAÇÕES — Já se encontra com suas últimas revisões terminadas pronto para entrar em impressão, o volume organizado pela Comissão Oficial de Festas e que contará as palestras pronunciadas por ocasião das comemorações do primeiro centenário de nascimento do poeta catarinense Cruz e Souza. Nele estão enfeixados os trabalhos proferidos por Othon D'Eça, Anibal Nunes Pires, Eglê Malheiros, Osvaldo Ferreira de Melo (filho), Henrique da Silva Fontes, Nereu Corrêa e Martinho Callado Júnior e que servem como contribuição para um melhor conhecimento da vida e da obra do grande simblista. A capa do volume é do pintor Tércio Gama e ao callunista coube a tarefa de organização da edição.

Tenha garantia de conforto, bem estar inde-  
POEMAS E CANÇÕES: NOVA EDIÇÃO — Em 16.a edição, acontecimento bastante raro nas nossas letras, em especial quando se trata de uma obra poética, surge agora pela Editora SARAIVA este livro de Vicente de Carvalho, Edição aráficamente das melhores feita com bastante cuidado, dando um grande poeta que soube se crar uma linguagem poética pessoal, recriando e renovando velhos temas. Com esta reedição, presta à Saraiva um bem um inestimável serviço as letras brasileiras dando ao alcance das gerações mais novas a possibilidade de travarem conhecimento com o grande poeta santista.

DIRETOR

RUBENS DE ARRUDA RAMOS

GERENTE

DOMINGOS FERNANDES DE AQUINO

ANO XLIX

N.º 14.508

# O ESTADO

O MAIS ANTIGO DIARIO DE SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS, (TERÇA-FEIRA), 21 DE AGÓSTO DE 1962 — EDIÇÃO DE HOJE . . . 8 PÁGINAS

informação literária

salim miguel

**SAMBISTAS & CHORÕES** — Um dos melhores conhecedores de assunto, profundo estudioso de matéria, vivendo e morando nela, Lúcio Rangel, nos oferece, com este volume, um precioso painel da nossa música popular. Estudando quer o samba urbano quer as suas ramificações ou as suas figuras mais significativas, LR dá uma contribuição sumamente válida para a história desta manifestação de arte popular tão brasileira e que tanto diz ao nosso povo. De grande importância, também, a atualizada discoteca mínima, levantamento preciso do que temos de melhor no gênero. Fotos de arquivo particular do autor e ilustrações de Alberto Teixeira, valorizam esta edição da Livaria FRANCISCO ALVES, volume 6 da coleção "Contrastes e Confrontos".

**ESTATUTO DOS FUNCIONARIOS PUBLICOS CIVIS DA UNIAO** — Contendo a Lei N. 1711, de 28-10-952, com um índice alfabético e remissivo organizado pelo Dr. José Cretella Júnior, em 4ª edição, com os respectivos decretos que regulamentar diversos artigos e incisos, ressurge, na coleção Legislação Brasileira da Editora SARAIVA, este volume do maior interesse para o funcionário público.

**JIRNAL DE FILOLOGIA** — N. 13 — Dirigido pelo Prof. Silveira Bueno e editado pela SARAIVA, contém matéria de maior interesse para os estudiosos, destacando-se "Origens históricas e filológicas, de expressão popular, de algumas povoações e locais", de Arlindo de Sousa; "Le tupy et le Guarany et le Portugais du Brésil", de Silveira Bueno; "Dicionário do Português Arcaico", de José Cretella Júnior além de críticas de livros e crônica a respeito do primeiro congresso internacional de dialectologia geral.

**CENTENARIO DE CRUZ E SOUZA: INTERPRETAÇÕES** — Já se encontra em provas o volume organizado pela comissão oficial de comemorações e que contará as conferências pronunciadas por ocasião das comemorações do primeiro centenário de nascimento do grande poeta simbolista catarinense. No referido volume abordando diversos aspectos da vida e obra de Cruz e Souza, estão enfaixados trabalhos de Othon D'Eca, Anibal Nunes Pires, Eglê Malheiros, Osvaldo Ferreira de Melo, Henrique da Silva Fontes, Nereu Correa e Martinho Calado Jr.

**III FESTIVAL DO ESCRITOR** — Este ano, o festival do escritor brasileiro será realizado no Museu de Arte Moderna, no Rio. Estarão presentes escritores de todo o país, que apresentarão, em noite de autógrafo, a 23 de julho, os seus últimos trabalhos. Além da noite de autógrafo, este ano com pequenas modificações, com estandes distribuídas por Estados, haverá também, a partir da noite seguinte, uma série de palestras e debates abordando aspectos vários da literatura brasileira. Uma delegação de escritores catarinenses deverá estar presente ao acontecimento, que além do mais será uma oportunidade para um encontro entre escritores dos mais diferentes recantos do Brasil e seus leitores.

(Para remessa de publicações: SM — OP 384  
Florianópolis — Santa Catarina)

DIRETOR

RUBENS DE ARRUDA RAMOS

GERENTE

DOMINGOS FERNANDES DE AQUINO

ANO XLIX

N.º 14472

**O ESTADO**  
**O MAIS ANTIGO DIARIO DE SANTA CATARINA**

FLORIANÓPOLIS, (TERÇA-FEIRA), 3 DE JULHO DE 1962 — EDIÇÃO DE HOJE — 8 PAGINAS

## informação literária

salim miguel

TB—N.1 — Tendo como diretor o crítico Eduardo Portela, como editor Roberto Pontual e no conselho de redação Faix Annayde, José Paulo Moreira da Fonseca, José Roberto Teixeira Leite, Luiz Costa Lima Filho e Vamireh Chacon, esta publicação trimestral, que lança agora o seu primeiro número, pretende "pensar a realidade brasileira". Mais adiante, em sua apresentação, diz que aceita toda colaboração desde que categorizada, pois deseja o diálogo amplo, precisando da crítica construtiva. E declara: "o que fazemos hoje é nada mais do que abrir um largo debate nacional". Em "Ponto de Partida" começa por declarar que "Tempo Brasileiro é um esforço coletivo que se faz no sentido de trazer uma reflexão objetiva, insensível, consequente, sobre e para o desenvolvimento brasileiro". Afirmando que "não se trata de mais uma revista", frisa: "trata-se de um órgão de militância, intransigentemente comprometido com a condição humana e a causa do Brasil". Como se pode observar, um programa bastante ambicioso e que merece a maior atenção e simpatia. Este primeiro número, aliás, já confirma a importância que a publicação terá, ajudando o nosso desenvolvimento nos setores cultural, político e econômico. Eis o sumário do número um de Tempo Brasileiro: Ponto de Partida; poemas, de Cassia no Ricardo; Elementos Políticos e Institucionais do Desenvolvimento Brasileiro, de Vamireh Chacon; Conversa com Buanga Filé, também conhecido como Mário de Andrade, chefe da luta de Angola, de Jorge Amado; Desde o Aleijadinho até Di Cavalcanti: caminhos do Expressionismo brasileiro, de José Paulo Moreira da Fonseca; Política externa e nação em progresso, de Cândido Antônio Mendes de Almeida; Crítica literária: brasileira e totalizante, de Eduardo Portela; O nordeste e a aliança para o progresso — algumas perguntas, de Cesar Guimarães; Cinema no

vo no Brasil, de José Lino Grunewald; O auto do 99%, do CPC; Documentos e recensões. A todos os que se interessam por nossos problemas recomendamos esta publicação. Em Florianópolis TB se encontra à venda na Livraria Record.

DOIS PREMIOS NOBEL — Com reduzido espaço de tempo entre um acontecimento e outro, tivemos a perda de um escritor prêmio Nobel e a concessão do referido laurel a outro. Hermann Hesse, cujo falecimento passou quase despercebido, nasceu em 1877 e recebeu o prêmio em 1946. Escritor inquieto, com uma obra muito pouco conhecida, embora a sua importância, ao autor de "Demian" e "Sidhartha" podem muito bem ser aplicadas as seguintes palavras do seu único livro traduzido para o português: — Não, pequeno lobo; a fama não. Tem esta por acaso algum valor? E supões tu que todos os homens realmente verdadeiros e completos alcançaram a celebridade e são conhecidos das gerações posteriores?" ("o Lobo da Estepe" — Edição O Cruzeiro, 1943). O autor laureado este ano é John Steinbeck, escritor americano da geração de Hemingway, Faulkner, dos Passos e Fitzgerald. Sem a importância destes, embora com maior renome do que F. S. Fitzgerald, por exemplo, com uma obra bastante irregular que se anunciou brilhante, o autor de "As Vinhas da Ira" e "Ratos e Homens" ainda tem nestas duas, muito embora as inúmeras publicadas posteriormente, as suas obras mais significativas.

EDIÇÕES DA MASSAO OHNO — O editor Massao que vem revolucionando a apresentação gráfica de livros no Brasil, lançará quatro livros: "Canto da Terra" de Lupe Cotrim Garau-de; "Poesias" de Malacovski; "Sete Poemas" de Eunine Arruda; e o album de desenhos de Abelardo da Hora, "Meninos do Recife".

Para remessa de publicações: SM — CP. 384 — Florianópolis — Santa Catarina.

DIRETOR

RUBENS DE ARRUDA RAMOS

GERENTE

DOMINGOS FERNANDES DE AQUINO

ANO XLIX

N.º 14.561

## O ESTADO

O MAIS ANTIGO DIÁRIO DE SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS

(DOMINGO), 4 DE NOVEMBRO DE 1962 — EDIÇÃO DE HOJE — 8 PAGINAS

## informação literária

salim miguel

MACHADO DE ASSIS SEMPRE — MA é tema fascinante e inesgotável. Sempre surgem novas facetas, ângulos novos pelo qual pode e merece ser abordado. Autor mais estudado — e que por muito tempo continuará sendo o mais estudado — frente para eternos debates, louvado e atacado, diante dele ninguém pode permanecer impossível ou diferente. E é o melhor sinal de permanência e validade de um autor. Há pouco, mais uma obra de grande interesse, e fundamental para o conhecimento de alguns aspectos do pensamento do Mestre, foi lançada. Queremos nos referir ao trabalho de Miécio Tati "O Mundo de Machado de Assis" (Rio de Janeiro na Obra de MA), publicado na Coleção Cidade do Rio de Janeiro. "Cuidamos — diz o autor da obra — neste trabalho, de apresentar um panorama da cidade do Rio de Janeiro — sua paisagem e seus costumes — na época em que transcorrem os enredos dos romances e contos de Machado de Assis, geralmente datados dos dois últimos decênios do segundo reinado, e de suas comédias". Assim, de maneira curiosa pela técnica empregada e onde surge sempre, como que nos conduzindo, o Rubião, somos, lentamente, introduzidos naquele mundo, percorrendo o Rio de então, aquele Rio que o Machadinho tanto amava e tão bem sabia interpretar, entrando em contacto com os costumes da época, com os acontecimentos que vão surgindo através das páginas. Miécio Tati realizou um trabalho valioso sob todos os sentidos, um trabalho de infinita paciência e amor pesquisando, colhendo, escavando, para êsse seu levantamento que se vem juntar — e completar — aos muitos outros já existentes da bibliografia machadiana.

NOSSOS CLÁSSICOS — Mário de Andrade, poesia, por Dantas Mota e B. Lopes, poesia, por Andrade Muricy, são os dois novos volumes da coleção Nossos Clássicos, da AGIR, respectivamente de números 60 e 63, mantendo as mesmas qualidades e interesse dos volumes anteriores da coleção, a propósito da qual assim se manifestou Manuel Bandeira: "Grande serviço está com ela prestando a AGIR à mocidade estudiosa de nossas escolas e ao público em geral."

REVISTA DO LIVRO 21-22 — Com as mesmas características e a mesma qualidade na colaboração inserida, surge êste número da Revista do Livro, órgão do Instituto Nacional do Livro, agora sob a direção do ensaísta gaúcho Augusto Meyer. Dividida em Estudos, Inéditos, Arquivo, Vária, Noticiário e Bibliografia, contém matéria do maior interesse cultural. Merece referência a parte o trabalho de Fausto Cunha "Recursos acumulativos em Coelho Neto", no qual o jovem ensaísta mostra não ser exata a tão propalada riqueza de linguagem de CN, ao mesmo tempo em que assinala as constantes repetições e pobreza estilística em que aquele autor incide. Neste número da RL é prestada comovente homenagem a Brito Broca, redator da revista desaparecido de forma tão trágica e de quem se publicam trechos das memórias. Também de bastante interesse o levantamento (La bibliothèque de Machado de Assis) feito por Jean Michel Massa e que nos dá conta das leituras do autor de D. Casmurro. Citemos ainda o trabalho de Graça Aranha "A Literatura Atual no Brasil", conferência realizada no Ateneu Argentino de Buenos Aires, na noite de 22 de dezembro de 1897 e no qual são feitos rápidos esboços de alguns de nossos principais vultos literários. Vale a pena confrontar a opinião de GA e a maneira como êle reagia diante do fato literário, com a posição em que a história colocou aqueles vultos e a maneira como nós os aceitamos hoje.

(Para remessa de publicações: SM — CP 384  
Florianópolis — Santa Catarina)

## informação literária

salim miguel

Salim Miguel

VIDA SALOBRA — Jornalista bastante conhecido, autor de um curioso livro de contos regionais ("Bulha D'Arroio"), Tito Carvalho publica agora obra de fôlego, este romance "Vida Salobra", que reflete e fixa determinados aspectos de uma realidade sócio-econômica catarinense. Como no trabalho anterior, dentro do mesmo tema — e do mesmo clima — aqui também temos um levantamento, em termos de ficção regionalista, da zona serrana. Costumes, modismos, tradições, lutas, tudo é captado, recriado, ressurgindo com precisão e vigor. É mesmo, "Vida Salobra", sob muitos aspectos, um prolongamento lógico dos contos, completando-os. É mais, é, a nosso ver, um prolongamento de nossa literatura regionalista mais autêntica, dentro da linha de um Simões Lopes Neto e um Hugo de Carvalho Ramos. Num linguajar saboroso, com um tiquinho de exagêro na busca e inclusão do termo regional, sabendo contar, num estilo impressionista, o Autor nos introduz em seu mundo áspero. Ali, fechada, aquela gente vive, atua, sofre. Problemas locais, problemas políticos, drama e comédia, tudo se entrelaça e funde, fundindo-se ambientes e personagens num todo uniforme. O visionário Tio Silvano na sua perene busca do tesouro que não queria encontrar; Sia-Nenga e seu inconciente problema de transferência amorosa, colocando-se no lugar da filha para que esta não tivesse a mesma vida que ela; Major Salustiano e sua oposição igual à situação; Seu Casusa — João Teodoro Padilha — o Bom Conselho, tipo tão encontrado em nosso meio; e tantos outros, são figuras flagrantes, de fôrça, atuando naquele ambiente, influenciado e por êle sendo influenciados. Até mesmo Angolino e Dêga, com um fio de romance romântico caminhando inevitavelmente para o "happy end", não se tornam de todo inautênticos. Nêles, não como tipos, mas pelo que significam, os parece, é onde surgem mais os cordelinhos do au-

tor, que não os soltou, não os deixou viver, mas interferiu, numa procura do "bem sempre vence ao mal". Não negamos, em absoluto, a inteligência com que tudo isto foi mostrado nem cremos que diminua o valor da obra como documento. Que é, sem dúvida, importante dentro de nossa literatura, importante dentro da literatura brasileira, pela contribuição que traz ao gênero e pela coragem de Tito Carvalho em abordar e enfrentar com dignidade um tema perigoso, por muitos considerado esgotado, com todos os perigos e percalços do "exótico" que tal gênero comporta.

DECISÕES FATAIS —

Este volume da Biblioteca do Exército Editora é, ao dizer dos prefaciadores e tradutores brasileiros "a reconstituição das seis grandes batalhas perdidas pelos alemães, feita em estudo crítico de alta idoneidade profissional por generais dela participantes e perfeitamente credenciados, revelando as verdadeiras razões das Decisões Fatais." Foram elas responsáveis pelas derrocadas e pela debacle do poderio nazi. Reunidas num só volume e analisadas em profundidade temos as batalhas da Grã-Bretanha, Moscou, El Alamein, Stalingrado, França — 1944 e Ardenas — 1944. Sete chefes militares germânicos estudam e expõem a parte operacional destas batalhas alemãs, enquanto vários prefaciadores colocam o problema destas decisões fatais e suas consequências no desenrolar da luta.

PRÓXIMAS EDIÇÕES

FRANCISCO ALVES — Para os próximos meses esta editora programou cinco lançamentos: "As vozes do morto", contos de Moreira Campos; "Uma vaga para morrer", depoimento popular de Cesar Salles; "Cachimbo, cachorro & clube", novela de Zuleima Rida; "Sertão do boi santo", rapsódia para um filme, de Paulo Dantas; e "No tempo de Noel Rosa, documentário de Almirante.

(Para remessa de publicações: SM Caixa Postal, 384 — Fpolis — Sta. Catarina).




---

 informação literária
 

---

NOSSOS CLASSICOS: NOVO VOLUME — “Contos”, de Machado de Assis, contendo apresentação, antologia, bibliografia do autor, bibliografia sobre o autor, julgamento crítico e questionário, é o mais recente volume (número 70) desta popular coleção, onde estão sendo divulgados os mais significativos autores portugueses e brasileiros. O presente volume esteve a cargo de Eugênio Gomes, um dos mais ilustres estudiosos e conhecedores da obra machadiana. Aqui, em poucas páginas, êle não só traça um perfil do mestre, como nos dá uma visão precisa de sua arte do conto, onde deixou tantas autênticas obras prismas. Como curiosidade, já que ainda há pouco fazíamos um inquerito com machadianos catarinenses a respeito dos dez melhores contos de Machado de Assis (inquerito publicado na página dominical “Artes e Letras” deste jornal), damos, a seguir, os dez trabalhos selecionados por Eugênio Gomes para o presente volume da AGIR. São êles: “Cantiga de Esponsais”; “O Espelho”; “Singular Ocorrência”; “A Cartomante”; “Noite de Almirante”; “A Igreja do Diabo”; “Uns Braços”; “O Enfermeiro”; “Um Apologo”; “Missa do Galo”.

—o0o—

#### ESCRITORES NORTE AMERICANOS —

Mais quatro volumes acabam de ser divulgados nesta série, que está sendo lançada pela Livraria Martins Editora, de São Paulo. Agora temos os volumes de número 5, 6, 7, 8, dedicados a Edith Wharton, Herman Melville, Walt Whitman e O Teatro Americano Contemporâneo. Assinam os ensaístas Luiz Auchincloss, Leon Howard, Richard Chase e Alan S. Downer. Como nos volumes a que nos referimos anteriormente, aqui também, embora sem muita profundidade, tem-se uma análise do autor, obra e meio, além de bibliografia selecionada, num bom trabalho de divulgação duma das mais importantes literaturas contemporaneas.

—o0o—

HOMEM NA ESTRADA — de Otávio Carvalho Andrade — distribuição da Livraria Francisco Alves — São Paulo — Do mesmo descobridor de Carolina Maria de Jesus (o jornalista Audálio Dantas) e da mesma editora que lançou “Quarto de Despejo”, temos agora um novo depoimento de valor humano. Fora da literatura, o valor deste livro, como aliás o daquele, está justamente nisto. Aqui, Otávio Carvalho Andrade nos relata suas estórias, suas andanças de caminhão pelas estradas sem fim do Brasil, carregando as, mais diversas e exóticas cargas. Na “orelha”, ao fazer a apresentação do volume, assim se manifesta Luiz Martins:” — o livro, sem ser um modelo de perfeição gramatical, é relativamente bem escrito, isto é, escrito com vivacidade, facilidade correnteia, expontaneidade de expressão e mesmo, vez ou outra, certos requintes técnicos e achados estilísticos, que denuncia ou sugerem um espírito afeito à leitura e não de todo jejuno em assuntos literários”. Ao concluir, afirma: “Homens na Estrada é um emocionante documento humano”.

—o0o—

II FEIRA DO LIVRO — A partir do próximo dia 10, em plena Praça XV, teremos a II Feira do Livro, uma promoção das mais louváveis da Câmara Junior de Florianópolis. Prestigia-la é dever de todos os que se interessam pelos problemas culturais e do livro. Espera-se, além da colaboração de editores e livreiros, o comparecimentos de escritores de renome no País, que aqui estarão participando de noite de autógrafos.

## informação literária

salim miguel

**IV FESTIVAL DO ESCRITOR** — A exemplo dos anos anteriores, também neste teremos o Festival do Escritor a ser realizado no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Está previsto um comparecimento de cerca de 300 escritores de vários Estados do País, os quais apresentarão, na oportunidade, os seus mais recentes livros. A noite maior de autógrafos será no dia 22 de julho, quando artistas, políticos e gente da sociedade colaborarão com os autores, na colocação desta mercadoria ingrata que é o livro, junto ao público. O festival terá a duração de uma semana, durante a qual se realizarão cursos de atualização cultural, debates literários e um festival do livro infantil. Parte da arrecadação do festival reverterá em benefício da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro, que é a promotora do mesmo. Espera-se desta vez, o comparecimento de uma boa delegação catarinense, inclusive com alguns livros, já que vários foram lançados há pouco tempo, enquanto que mais um ou dois estarão impressos ainda a tempo de alcançarem o festival.

**SOLIDÃO EM FAMÍLIA** — Já se encontra esgotada a primeira edição do romance de estréia de Esdras do Nascimento, "Solidão em Família", edição da Civilização Brasileira. Considerando um dos melhores lançamentos do ano, o livro se transformou, de logo, num dos best-sellers do ano, com uma vendagem incemum. Isto se deve tanto às qualidades do estreante como ao tema por ele abordado: levantamento de Copacabana sua fauna e suas implicações. Referindo-se ao livro em sua coluna das "folhas", Leonardo Arreve acentuou, em certo trecho, que "a estória do livro leva o leitor até o final sinfônico do amalgama e interpenetração de fatos numa superposição de planos e de coisas de alto efeito dramático".

**PREMIOS DE ACADEMIA** — Eis alguns dos escritores premiados este ano pela Academia Brasileira de Letras: Prêmio Machado de Assis para conjunto de obras: Gilberto Freyre; Olavo Bilac (poesia) "A Suave Pantera" de Mary de Oliveira; Afonso Arinos (conto) "Os Desertos" de Ricardo Ramos e "O Caçador de Borboletas" de Santos Morais.

**SHAKESPEARE: NOVAS EDIÇÕES** — As Edições Melhoramentos reeditam alguns dos volumes, já esgotados, da série Obras de Shakespeare. A tradução é de Carlos de Alberto Nunes — e com estas reedições a Melhoramentos comemora o 4º centenário do maior dramaturgo de todos os tempos. Autor mais traduzido, informa publicação da Unesco, ressaltando que só a Bíblia supera interesse despertado pelas obras do grande poeta inglês. Também no Brasil não é pequeno este interesse. A reedição que temos em mãos reúne duas peças importantes: **A Tempestade** e **A Comédia dos Erros**. Em sua introdução ao volume o tradutor acentua que "A Tempestade" é a peça teatral mais adequada para introduzir o leitor no mundo de Shakespeare. Escrita no último período de sua produção literária, contém todos os elementos o tornaram o grande dramaturgo. Em contraposição temos "A Comédia dos Erros", uma das primeiras peças, mas já configurando as grandes obras futuras. O volume é valorizado por numerosos desenhos executados por John Gilbert, bastante conhecido ilustrador de Shakespeare.

(para remessa de publicações: S.M. — CP 384, Fpolis — S.C.)

# Machadinho - ainda e sempre

— Salim Miguel —

Machadinha é uma cachaça. Machadinho é um estado de espírito, Machadinho é um vício. Perene, sempre e sempre, que se torna mais vivo e persistente com o passar do tempo. Atual cada vez mais atual e autêntico. Que o diga o bom amigo — e machadinho de primeira fila — José Garcia. Você lê e relê, volta a ler e reler, sempre com novo encontro, sempre fazendo novas e fascinantes descobertas naquele mundo. Machado de Assis só faz crescer com o passar dos tempos. Aquela maneira de narrar, insinuando mais do que dizendo, tão dele, nos tinge fundo na sensibilidade. A legião dos admiradores do nosso maior escritor aumenta sempre. Machado, é bem verdade, não se entrega, não se desvenda, a uma simples leitura, pedindo, exigindo releituras. Dai, então, o penetrarmos no âmago do que ele quer nos transmitir, só com paciência e amor.

Contista antes de tudo, dizem muitos críticos e estudiosos de sua obra, a discussão a respeito de quais seriam seus melhores contos é interminável.

Catando e catando, colecionando tudo que se refere a MA, sejam livros, artigos e notícias em revistas e jornais, etc, José Garcia, volta e meia nos aparece com uma novidade. Há pouco foi uma recente edição contendo os 30 melhores contos de Machado de Assis. Contendo os "30 melhores" é maneira de dizer, porque o leitor poderá ir ler aqueles 30, dali sair para uma releitura das obras e encontrar outros 30.

Agora, José Garcia escavou num velho livro de Mário Matos, editado em 1939 pela Companhia Editora Nacional e intitulada Machado de Assis, um curioso capítulo intitulado "OS

CONTOS DE MACHADO DE ASSIS E A PREFERÊNCIA DOS CRÍTICOS" E lá está à página 308 da referida obra:

LÚCIA MIGUEL PEREIRA: Cantiga de Esponsais, O Espelho, Missa do Galo, Noite de Almirante, Um Férias e Evolução;

ALFREDO PUJOL: O Enfermeiro, O Alienista, Uns Braços, Missa do Galo, O Emprestimo, Último Capítulo, Anedota Pecuniária, A Causa Secreta, D. Paula, Trio em lá Menor, Teoria do Medalhão e Uma Senhora;

AUGUSTO MEYER: Trio em lá Menor, D. Benedita, Um Homem Célebre, O Alienista e O Espelho;

TEIXEIRA SOARES: Conto de Escola, Noite de Almirante, A Chinela, Turca, Um Erradio, Pai contra Mãe, O Relógio de Ouro, Entre Santos, Uns Braços e Um Homem Célebre;

VIANA MOOG: Galeria Póstuma, A igreja do Diabo, Teoria do Medalhão, O Alienista e Viver;

PEREGRINO JUNIOR: Um Capitão de Voluntários, Conto de Escola, Um Homem Célebre e Trio em lá Menor;

SÍLVIO ROMERO: O Cônego, O Enfermeira e A Igreja do Diabo;

MÁRIO MATOS: Conto de Escola, Anedota do Cabriolet, Noite de Almirante, a Chinela Turca, Missa do Galo, O Emprestimo, Um Homem Célebre, Cantiga de Esponsais, Um Apologo, A Segunda Vida, Uns Braços, Uma Senhora e D. Paula.

Confronte-os, leitor, com a sua própria preferência. Desta maneira, o que é sempre ótimo, terá uma boa desculpa (se é que há necessidade dela) para nova releitura do grande Machadinho.

E proximamente divulgamos as preferências de alguns dos principais machadianos de Florianópolis.

## informação literária

salim miguel

**SOLIDÃO EM FAMÍLIA: SUCESSO** — Está se constituindo em autêntico sucesso de Livraria e de crítica o romance de estreia de Esdras do Nascimento, "Solidão em Família", lançado pela Editora Civilização Brasileira. Abordando, num estilo vigoroso e agil, um tema atualíssimo, o autor faz um levantamento, em termos de ficção, de Copacabana e sua fauna. Recriar assim, ao mesmo tempo, de maneira pungente e crítica, um ambiente onde defloram personagens os quais contraditórios, afundados numa vida complexa, alienados, vivendo uma realidade só deles. E tudo isto Esdras do Nascimento conta com precisão. Voltaremos com mais vagar ao livro.

**COLEÇÃO JABUTI: NOVOS VOLUMES** — Continua a Série Livres — Editores, através de edições e reedições em sua Coleção Jabuti, a divulgar autores dos mais representativos, e a prego populares, em edições uniformes e graficamente interessantes, levando, assim, até o leitor esta mercadoria esquivada que é o livro. Ultimamente foram lançados: "As pupilas do senhor reitor", conhecido romance de Júlio Dinis que encantou as novas vovós; "Diava" e "O Tronco de Ipê, dois livros bastaste característicos de José de Alencar; "Memórias Póstumas de Brás Cubas e Dom Casmurro, os dois mais importantes romances de Machado de Assis.

**FLORIANO: BIOGRAFIA** — De autoria de Salim de Miranda, em edição da Biblio-

teca do Exército, volume 19, edição de 1963, este livro é Prêmio Pardiá Calógeras. Aqui temos, num retrato de corpo inteiro, esta controversa figura da nossa história, com suas virtudes e fraquezas. Colocado perfeitamente no quadro brasileiro do período histórico em que Floriano viveu e se movimentou, participante que foi de acontecimentos os mais importantes da vida nacional, da guerra do Paraguai à proclamação da República, o livro de Salim de Miranda dá uma visão exata do que foi tudo isto, com suas implicações e conseqüências.

**REVISTA BRASILIENSE** — N.º 45 — Janeiro — Fevereiro 1963 — Com a mesma seleção de matéria e boa qualidade de sempre, a revista dirigida por Elias Chaves Neto, continua em sua caminhada de divulgação de textos culturais da maior importância para o conhecimento de vários problemas e aspectos da realidade brasileira. Deste número, entre outros, destacamos os seguintes trabalhos: A paz e o problema alemão, de Paulo F. Alves Pinto; Comércio internacional, de Mariano A. Philigret; A Crítica sociológica da literatura, de Adolfo Casais Monteiro; RGS: por que o colono vota na direita?, de Sebald Rudiget; Uma categoria rural esquecida, de Maria Isaura Pereira de Queiroz; além de noticiário sobre cinema, teatro, livros, etc.

(para remessa de publicações: SM — Caixa Postal, 384 Florianópolis — Santa Catarina)

DIRETOR

RUBENS DE ARRUDA RAMOS

GERENTE

DOMINGOS FERNANDES DE AQUINO

ANO XLVII

N.º 14.677

## O ESTADO

O MAIS ANTIGO DIÁRIO DE SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS, (QUINTA-FEIRA), 25 DE ABRIL DE 1963 — EDIÇÃO DE HOJE — 8 PÁGINAS

## informação literária

salim miguel

**PUBLICAÇÕES IMBONDEIRO** — Iniciativa das mais louváveis e de grande alcance cultural, estas das Publicações Imbondeiro, dirigidas pelos escritores Garibaldi de Andrade e Leonel Cosme. Em edição de boa apresentação gráfica, formato de bolso, são divulgados ficção, poesia e obras didáticas de escritores ultramarinos, portugueses e brasileiros, num bom trabalho de aproximação e melhor conhecimento das respectivas literaturas. Esta editora, tem sede em Sá da Bandeira Angola, edita as coleções **IMBONDEIRO**, antologia do moderno conto de expressão portuguesa, com um caderno mensal; **MÁKUA**, coletânea de poesia, com 4 números por ano, respectivamente em janeiro, abril, julho e outubro; **PRIMAVERA**, cadernos didáticos já com 5 números publicados; **IMBONDEIRO GIGANTE**, volume de contos colaborados por ultramarinos, portugueses e brasileiros; e **A FLOR**, coletânea de contos para crianças. Da Imbondeiro mensal já caíram 47 cadernos, sendo que este último correspondente a maio do corrente ano e apresentando três interessantes contos: **VICENTE**, de Cristiano Valcorba, **O LIVRO DA PRIMEIRA CLASSE** e **MISSANGAS DE COR**, de Modi. Escritores brasileiros que já tiveram trabalhos editados pela Imbondeiro: Ligia Fagundes Teles, Antonio D'Elia e Jorge Medauar.

—xxx—

**NOS TEMPOS DE NOEL ROSA** — de Almirante Edição da Livraria Francisco Alves coleção Contrastes e Confrontos — volume 9 — Temos, afinal, aqui (e o que vem a seguir é um cabeludíssimo lugar comum, mas desses necessários e verdadeiros), a obra que estava faltando a respeito do nosso maior compositor popular. Curiosos e por vezes informativos, os outros trabalhos que existiam sobre a personalidade e o meio ambiente do Cantor da Vila, nenhum deles chegava a se realizar plenamente. Aqui e agora, não é só Noel Rosa quem revive, por intermédio deste depoimento sumamente válido de quem com ele conviveu. E' toda uma época do Rio que se transformava a olhos vistos; é o surgimento do samba com suas figuras típicas; é o rádio e os que passariam a gravitar em torno dele — enfim, todo o pitoresco mundo daquele período, muito embora relativamente próximo, mas que nos parece tão distante no tempo e espaço. E' que o mundo avançou barbaridade e se modificou, deixando sepultadas, em guerras e transformações, aquela vidinha pacata e provinciana. Memorialista acima de tudo, Almirante recompõe, com autenticidade, o meio ambiente e os costumes, fazendo desfilar outras figuras importantes da música popular, colocadas em meio a vida brasileira de então. E sobressaindo de tudo isto, crescendo pelo seu valor pessoal e por sua obra de compositor, por retratar a psicologia da gente carioca, o autor de tantas páginas admiráveis do nosso cancionário popular. Não se valendo apenas do conhecimento pessoal de Noel Rosa, nem da época, dos costumes e de sua memória, Almirante, possuidor de riquíssimo documentário, para ele apela, completando informações. E tem ele inteira razão ao afirmar no "Preâmbulo": "Entre tantos que podem falar, com autoridade, de Noel Rosa, creio ser um deles. Acompanhei Noel durante quase toda a sua atividade musical e artística..." A isto apenas acrescentaríamos, após a leitura do volume, que não só de Noel, mas de toda aquela época e meio, Almirante tem autoridade para falar.

(Para remessa de publicações: SM — CP 384  
Florianópolis — Santa Catarina)

DIRETOR

RUBENS DE ARRUDA RAMOS

GERENTE

DOMINGOS FERNANDES DE AQUINO

ANO XLIX

N.º 14.770

# O ESTADO

## O MAIS ANTIGO DIÁRIO DE SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS, (QUARTA-FEIRA), 18 DE SETEMBRO DE 1963 — EDIÇÃO DE HOJE — 8 PAGINAS

Florianópolis, — 14/6/63



informação literária

AGORA SAI — Depois de anunciar, agora finalmente sai o primeiro lançamento das Edições ROTEIRO, desta Capital que, visa divulgar produções de escritores catarinenses. "Uma Voz na Praça" contos crônicas de Silveira de Souza é o volume inicial. Já se encontra paginado e revisado pronto para entrar em máquinas, o que acontecerá bem logo graças à compreensão do Dr. Mário Tavares da Cunha Melo, Secretário do Interior e Justiça e do Cel. Orion Platt Diretor da Imprensa Oficial do Estado. Silveira de Souza é, sem dúvida, um de nossos melhores estilistas tendo o que contar e sabendo contar numa linguagem muito pessoal e bastante sofrida num clima sóbrio e sombrio que nos introduz, de logo, em seu mundo. Podemos garantir sem medo de erro que começa bem a nova editora.

NOVELAS ALEMÃS — Com seleção, prefácio e notas de Otto Maria Carpeaux a Editora CULTRIX nos apresenta na sua nova coleção "O Mundo da Novela", depois de haver dado à publicidade os volumes referentes à novela francesa e inglesa este onde estão enfileirados alguns dos mais significativos autores de língua alemã. Ao lado de obras primas inconteste como "A Morte em Venesa", de Thomas Mann sempre relida fazendo-se novas descobertas e onde nada e demais; ao lado de trabalhos de escritores bastante conhecidos como von Kleist, Hoffmann e Storm o selecionador apresenta um nome inteiramente desconhecido no Brasil: Marie von Ebner-Eschenbach com uma curiosa novela intitulada Krambambuli. Na introdução, OMC coloca muito bem o problema da novela e suas implicações, ao mesmo tempo em que explica o critério adotado na escolha. Na bibliografia OMC dá, conforme afirma "um elenco sumário das melhores novelas alemãs para quem deseja ler outras mais".

A TERRA PROMETIDA — Na sua popular coleção SARAIVA, a editora do mesmo nome divulga, sob números 177/8, o romance de Konrad Bercovici em tradução de José Geraldo Vieira. Temos aqui, em "A Terra Prometida" um retrado de Moises, onde a criança abandonada à margem de um rio e educada pela princesa egípcia, acaba por se transformar num condutor de povos. A obra é fruto de pesquisas realizadas pelo autor dando-nos uma visão pessoal do personagem e sua época.

DOM PEDRO E A CONDESSA DE BARRAL NÃO FORAM AMANTES — Mais uma obra que põe lenha ao controvertido tema, desta vez afirmando já no próprio título ao que vem. O autor é o primeiro sargento Carlinho Cerqueira a obra foi editada pela Biblioteca do Exército (volume 20 — publicação 225 — março de 1963 da coleção general Benício) e conseguiu o prêmio Franklin Dória de 1959.

Para remessa de publicações: SM — CP 384  
Florianópolis — Santa Catarina.

DIRETOR  
RUBENS DE ARRUDA RAMOS

GERENTE

DOMINGOS FERNANDES DE AQUINO

ANO XLIX

Nº 14.706

# O ESTADÃO

O MAIS ANTIGO DIÁRIO DE SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS, (TERÇA-FEIRA), 11 DE JUNHO DE 1963 — EDIÇÃO DE HOJE — 8 PAGINAS

## informação literária

salim miguel

Salim Miguel

VIDA SALOBRA — Jornalista bastante conhecido, autor de um curioso livro de contos regionais ("Bulha D'Arroio"), Tito Carvalho publica agora obra de fôlego, este romance "Vida Salobra", que reflete e fixa determinados aspectos de uma realidade sócio-econômica catarinense. Como no trabalho anterior, dentro do mesmo tema — e do mesmo clima — aqui também temos um levantamento, em termos de ficção regionalista, da zona serrana. Costumes, modismos, tradições, lutas, tudo é captado, recriado, ressur-

com precisão e vigor. É mesmo, "Vida Salobra", sob muitos aspectos, um prolongamento lógico dos contos, completando-os. E mais, é, a nosso ver, um prolongamento de nossa literatura regionalista mais autêntica, dentro da linha de um Simões Lopes Neto e um Hugo de Carvalho Ramos. Num linguajar saboroso, com um tiquinho de exagero na busca e inclusão do termo regional, sabendo contar, num estilo impressionista, o Autor nos introduz em seu mundo áspero. Ali, fechada, aquela gente vive, atua, sofre. Problemas locais, problemas políticos, drama e comédia, tudo se entrelaça e funde, fundindo-se ambientes e personagens num todo uniforme. O visionário Tio Silvano na sua perene busca do tesouro que não queria encontrar; Sia-Nenga e seu inconciente problema de transferência amorosa, colocando-se no lugar da filha para que esta não tivesse a mesma vida que ela; Major Salustiano e sua oposição igual à situação; Seu Casusa — João Teodoro Padilha — o Bom Conselho, tipo tão contraditório em nosso meio; e tantos outros, são figuras flagrantes, de fôrega, atuando naquele ambiente, influenciado e por ele sendo influenciados. Até mesmo Angelino e Déga, com um fio de romance romântico caminhando inevitavelmente para o "happy end", não se tornam de todo inautênticos. Nêles, não como tipos, mas pelo que significam, os parece, é onde surgem mais os cordelinhos do au-

tor, que não os soltou, não os deixou viver, mas interferiu, numa procura do "bem sempre vence ao mal". Não negamos, em absoluto, a inteligência com que tudo isto foi mostrado nem cremos que diminua o valor da obra como documento. Que é, sem dúvida, importante dentro de nossa literatura, importante dentro da literatura brasileira, pela contribuição que traz ao gênero e pela coragem de Tito Carvalho em abordar e enfrentar com dignidade um tema perigoso, por muitos considerado esgotado, com todos os perigos e percalços do "exótico" que tal gênero comporta.

DECISÕES FATAIS — Este volume da Biblioteca do Exército Editora é, no dizer dos prefaciadores e tradutores brasileiros "a reconstituição das seis grandes batalhas perdidas pelos alemães, feita em estudo crítico de alta idoneidade profissional por generais dela participantes e perfeitamente credenciados, revelando as verdadeiras razões das Decisões Fatais." Foram elas responsáveis pelas derrocadas e pela debacle do poderio nazi. Reunidas num só volume e analisadas em profundidade, temos as batalhas da Grã-Bretanha, Moscou, El Alamein, Stalingrado, França — 1944 e Ardenas — 1944. Sete chefes militares germânicos estudam e expõem a parte operacional destas batalhas alemãs, enquanto vários prefaciadores colocam o problema destas decisões fatais e suas consequências no desenrolar da luta.

PRÓXIMAS EDIÇÕES FRANCISCO ALVES — Para os próximos meses esta editora programou cinco lançamentos: "As vozes do morto", contos de Moreira Campos; "Uma vaga para morrer", depoimento popular de Cesar Salles; "Cachimbo, cachorro & clube", novela de Zuleima Rida; "Sertão do boi santo", rapsódia para um filme, de Paulo Dantas; e "No tempo de Noel Rosa, documentário de Almirante.

(Para remessa de publicações: SM Caixa Postal, 384 — Fpolis — Sta. Catarina).

DIRETOR

RUBENS DE ARRUDA RAMOS

GERENTE

DOMINGOS FERNANDES DE AQUINO

ANO XLVII

14.688

## O ESTADO

O MAIS ANTIGO DIÁRIO DE SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS, (DOMINGO), 12 DE MAIO DE 1963 — EDIÇÃO DE HOJE — 2 CADERNOS — 16 PÁGINAS

Salim Miguel

informação literária

CAES, SAUDADE EM PEDRA — Moacir C. Lopes — Editora Civilização Brasileira — terceiro romance de um autor que surgiu com obra madura e ao mesmo tempo formalmente nova (Maria de Cada Porto), este livro de agora, se não tem aquela força e aquele sopro épico do primeiro, com tudo que continha de autêntico, ainda assim é bastante superior ao segundo (Chão de Mínimos Amantes). Aqui, o Autor retoma diretamente um tema que lhe é caro e que ele tão bem conhece. O mar nos surge em toda a sua pujança, puxando as pessoas e teterminando-lhes a vida, os planos em que se desenvolve a trama, a busca de Délio pelos becos de Recife, os diversos tipos; o dirismo que banha todas as cenas; aquela linguagem pessoal de MCL, tudo se funde e nos atinge fundo na sensibilidade, muito embora alguns modismos e cacoetes. O mar, este grande personagem de um país que tem enorme extensão marítima e nenhum grande escritor marítimo (Virgílio Varzea tem algumas experiências, Xavier Marques outras, quem mais?), poderá vir a ter (se não tem) em MCB o seu grande romancista que afirma "Eu existo porque o mar existe". Vivência e qualidades de ficcionista não lhe faltam, o que podem ser facilmente comprovado em qualquer de seus três livros, embora as falhas que se lhe queiram apontar. Em "Caes, Saudade em Pedra", como um sonho ou pesadelo, vistas através do narrador, as demais figuras, as situações, são como que uma projeção dele e de seu estado de espírito. Assim, lentamente, vamos sendo inteirados do torpedeamento do navio brasileiro nas costas do nordeste e de suas consequências na vida dos marinheiros.

DOIS IRMÃOS CONTRA OS VICKINGS — Geoffrey Trease — coleção Jovens do Mundo Todo volume 33 — Editora Brasiliense — Mais uma interessante obra desta ótima coleção dedicada a meninas. Aqui temos, por um especialista em obra para adolescência, um levantamento do inverno de 878 A.C., quando o Rei dinamarques Guthrun desfecha duplo e traiçoeiro ataque ao último reinado cristão de Wessex, isolando o Rei Alfredo, fazendo acreditar que havia chegado o fim da Inglaterra. Toda a história é vista através dos olhos de dois jovens cativos, os quais também vivem emocionantes aventuras.

COMENTARIO — revista trimestral — julho, agosto, setembro 1963 — publicação do Instituto Brasileiro Judaico de Divulgação e Cultura — volume 4 — número 15 direção de Joseph Eskenazi Pernidji — assistente de direção, José Steinberg A crise na aliança ocidental; A função da pesquisa na vida moderna; Profecia e poesia; As ciências na primeira metade do século XX; e Cinema brasileiro no mundo, são algumas das interessantes colaborações desta publicação.

DIRETOR

RUBENS DE ARRUDA RAMOS

GERENTE

DOMINGOS FERNANDES DE AQUINO

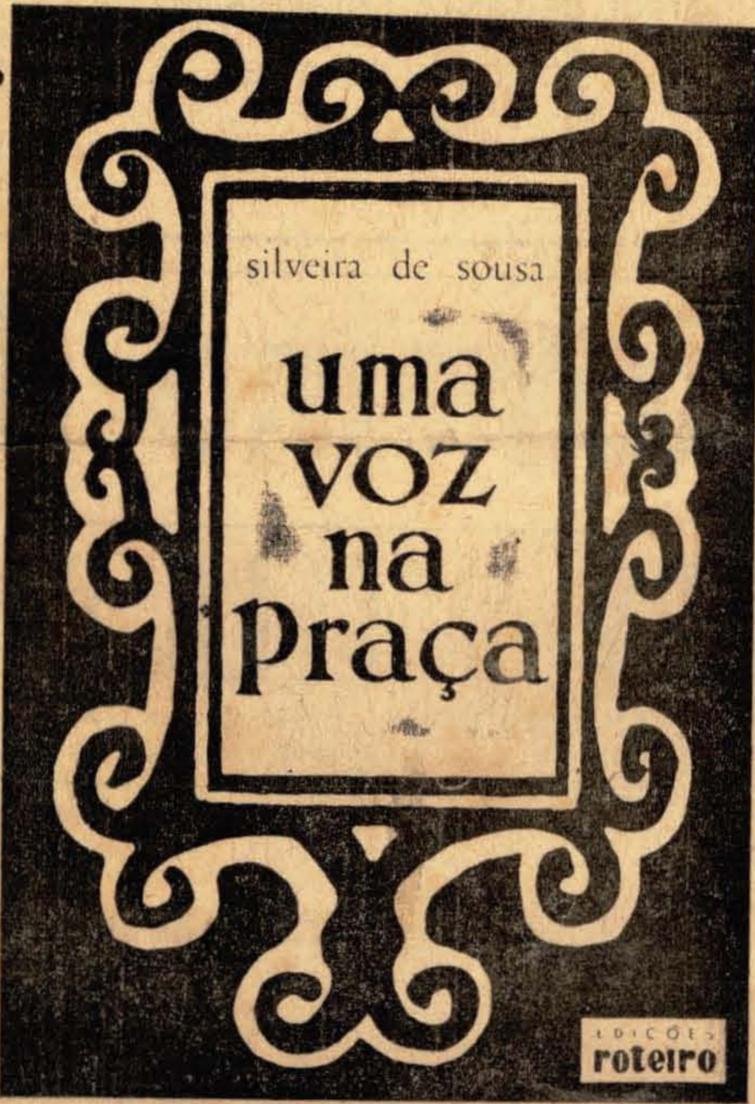
ANO XLIX

Nº 14.756

O ESTADO

O MAIS ANTIGO DIÁRIO DE SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS, (QUINTA-FEIRA), 29 DE AGOSTO DE 1963 — EDIÇÃO DE HOJE — 8 PÁGINAS



EDIÇÕES ROTEIRO:  
PRIMEIRO LANÇAMENTO

Até o começo do próximo mês de abril, iniciando suas atividades, Edições Roteiro estarão lançando "Uma Voz na Praça", contos e crônicas de Silveira de Sousa, com capa e ilustrações de Vichiatti. Organizada por Silveira Lenzi, Silveira de Sousa e pelo eclunista, a nova editora virá preencher uma lacuna, criando condições não só para a divulgação do que existe por aí engavetado, como também para o surgimento de novos autores. Ainda no primeiro semestre do corrente ano deverão ser publicados: "Boi de Mamão", álbum contendo desenhos de E. Meyer Filho sobre este conhecido autor popular; "Os Nosso Iguais", contos de Salim Miguel e "Quarteto" reunião de trabalhos de quatro cronistas atuais de Santa Catarina.

Silveira de Souza, o primeiro autor a ser editado, foi o selecionador de "Sonetos da Noite", de Cruz e Souza, com xilogravuras de H. Mund Jr. e autor do volume de contos "O Vigia e a Cidade", ambos esgotados. Escritor consciencioso, conhecendo seu instrumento de trabalho, elaborando lenta porém cuidadosamente sua obra literária, Silveira de Sousa, com aquele seu jeitão calado e prá dentro, é, sem dúvida, o melhor estilista das novas gerações de autores catarinenses. Com uma literatura sombria e densa, exata, ele sabe narrar — e para os que não o conhecem, este seu novo livro será uma agradável surpresa.

Podemos afirmar que começa muito bem a nova editora.

EDIÇÕES DE BOLSO

Uma das soluções para o problema do livro, nesta hora em que anda é a pre-

ço proibitivo, são as Edições de Bolso, possibilitando que uma camada mais ampla da população possa também adquiri-lo. Daí o sucesso sem par das edições da Tecnoprint, através da produção maciça de livros de bolso (Edições de Ouro). Sabendo lançar e distribuir, ela faz com que suas edições atinjam até o mais distante rincão, sendo vendidos em bancas de jornais, livraria, etc. E' a popularização do livro, o que poderá resolver o difícil problema que enfrentam hoje os editores nacionais, até que medidas outras sejam encontradas. Divulgação, romances policiais, romances de grandes autores, manuais técnicos, aí estão atestando a constante atividade e a aceitação ainda maior da Tecnoprint.

ISABEL QUIS VALDOMIRO

Com o subtítulo de "memórias de mãe", a autora, Maria Isabel da Silveira, viúva do escritor Valdomiro Silveira, atualmente com 80 anos relata episódios interessantes da época e da formação de mais um tronco da famosa família Silveira, que deu inúmeros nomes às letras nacionais. Editado na coleção "Contrastes e Confrontos", da Livraria Francisco Alves, este volume tocado de muita graça e filosofia própria revela, através do espírito vivo e observador da autora, um curioso álbum da família, flagrantes íntimos do nascimento e crescimento dos filhos, dos amigos ilustres que lhe frequentavam a casa, paralelamente a um panorama animado da época, da sociedade, dos costumes, etc.

(Para remessa de publicações: S. M. — Caixa Postal 384  
Florianópolis — Santa Catarina)

DIRETOR  
RUBENS DE ARRUDA RAMOS  
GERENTE  
DOMINGOS FERNANDES DE AQUINO

N.º 14.648

FLORIANÓPOLIS, (QUINTA-FEIRA), 14 DE MARÇO DE 1963 — EDIÇÃO DE HOJE — 8 PÁGINAS

O ESTADO  
O MAIS ANTIGO DIÁRIO DE SANTA CATARINA



**Salim Miguel**

informação literária

NOVELAS ORIENTAIS — Coleção "O Mundo da Novela" — Editora Cultrix — São Paulo — Mais um ótimo volume, nesta coleção que está divulgando algumas das mais importantes novelas das principais literaturas mundiais. Aqui temos, numa organização do poeta e ensaista Jamil Almansur Hadad, um amplo panorama da literatura oriental, onde foram enfeixados textos representativos das literaturas babilônica, hitita, hebraica, egípcia, persa, hindú, chinesa, árabe e japonesa, dando-nos a visão de um mundo desconhecido e fascinante. As traduções são, na maioria das vezes, diretas.

—x—

ARIGO' — de J. Hercúlo Pires — coleção Contrastes e Confrontos — volume 10 edição da Livraria Francisco Alves — São Paulo — Em seu "Começo de Conversa" o autor explica: "procuramos oferecer ao leitor, neste livro, uma informação geral sobre o Caso Arigó, seguida da necessária interpretação dos aspectos de sua fenomenologia, à luz dos conhecimentos atuais". E mais adiante, JHP, conhecido escritor paulista, ao tratar deste caso que vem, de há muito, chamando a atenção, continua: "acreditamos ajudar um pouco, com este livro, a melhor compreensão de um problema que não é somente do sensitivo de Congonhas do Campo."

—x—

OS FIDALGOS DA CASA MOURISCA — Júlio Dinis — coleção Saraiva — volume 182 — 183 — Edição Saraiva — São Paulo, 1963 — romancista, bastante popular em Portugal e no Brasil, continua contando com um público fiel que se delicia com suas histórias romantistas. Dai as constantes reedições de suas obras, como esta que o próprio autor intitulou de "crônica da aldeia". De JD disse Eça de Queirós que "viveu de leve, escreveu de leve, morreu de leve".

—x—

AR — PROXIMOS LANÇAMENTOS — Ainda para este ano, a Editora Autores Reunidos, de São Paulo está anunciando o lançamento das seguintes obras "Inspiração Estranha", poesias de Mauro Ribeiro Sampaio; "Contos Miudos", de Edson Prata; e "Água do Panema", romance de Oscar Silva.

—x—

ROTEIRO — PROXIMAS EDIÇÕES — "Crônicas", contendo trabalhos de Di Soares, Ilmar Carvalho, Marcílio Medeiros Filho, Paulo da Costa Ramos e Raul Caldas filho; "Sereia e Castiçal", poesias de Péricles Prade; "Boi de Mamãe", desenhos de E. Meyer filho tendo por tema este popular auto folclórico; e "Os Nossos Iguais" contos de Salim Miguel, são as próximas edições desta editora catarinense que teve como seu primeiro lançamento "Uma Voz na Praça", crônicas e contos de Silveira de Souza. O lançamento dos dois primeiros títulos está previsto para começos de novembro, por ocasião da II Feira do Livro, promoção da Câmara Junior de Florianópolis.

(Para remessas de publicações: S.M. — CP 384 Florianópolis — Santa Catarina)

DIRETOR

RUBENS DE ARRUDA RAMOS

GERENTE

DOMINGOS FERNANDES DE AQUINO

ANO XLIX

Nº 14.782

CR\$ 20,00

FLORIANÓPOLIS, (SEXTA-FEIRA), 4 DE OUTUBRO DE 1963 — EDIÇÃO DE HOJE — 8 PAGINAS

**O ESTADO**

O MAIS ANTIGO DIÁRIO DE SANTA CATARINA

Salim Miguel

## informação literária

Salim Miguel

AS POLEMICAS DE CAMILO — II — Recolha, prefácio e notas de Alexandre Cabral — Portugalia Editora — Lisboa — Mais um grande serviço presta às letras portuguesas o escritor Alexandre Cabral, com este seu precioso trabalho de pesquisa, recolha e anotação das polémicas de Camilo Castelo Branco. Temos, assim e aqui, uma visão perfeita de umas das facetas mais curiosas deste grande vulto da literatura portuguesa, romancista e polemista de escol, éle mesmo por sua vida atribulada personagem de romance. Profundo estudioso de Camilo, debruçando-se sobre éle com carinho e procurando compreendê-lo, Alexandre Cabral (possuidor de uma obra de ficcionista que o coloca entre os escritores mais representativos da atual geração literária de Portugal), realiza tarefa que nos toca de perto, interessando não somente aos camilianos, mas a todos que se interessam pelos problemas literários. Enforcando de maneira objetiva o problema, AC faz acompanhar cada polémica por uma minuciosa introdução, textos completos da polémica e anotações que esclarecem aspectos das mesmas. Neste segundo volume, organizado com o mesmo critério do anterior, temos a recolha das seguintes polémicas: "Bom Senso e Bom Gosto (1865-1866)"; "Polémica com Silva Pinto (1874)"; e "Modélo de Polémica Portuguesa (1881)". Na introdução, A. C. acentua ao lado da personalidade con-

traditória e complexa, a poderosa capacidade de trabalho de Camilo e que foi éle, verdadeiramente, um profissional das letras, com tudo o que isto contem de responsabilidade, quer seja preocupando-se com todos os problemas afetos a arte de escrever, quer seja atacando os diletantes das letras. Acentuando que não cuidou de saber se foi Camilo o primeiro homem de letras de Portugal a reivindicar com tamanha convicção para o exercício de escrever a honrosa categoria de ofício, Alexandre Cabral afirma que "De certeza foi éle (Camilo) o primeiro, pelo seu exemplo e pela obra que legou ao País, a abraçar com entusiasmo, e também com sacrifício, a profissionalização das letras, e a demonstrar que só com ela é possível alcançar, pelo trabalho quotidiano e pela experiência que dai advem, a alta qualidade de literáris digna de um escritor público."

ENSAIOS DE NEREU CORREIA — Reunindo num só volume seus trabalhos de pesquisa e interpretação sobre Cruz e Souza, Luiz Delino e Virgílio Varzea, o ensaísta catarinense Nereu Correa, autor de "Temas do Nosso Tempo", colocará ao alcance dos estudiosos obra que traz valiosa contribuição para um melhor conhecimento daqueles vultos das letras de Santa Catarina. Já entregue à editora, o livro deverá ser lançado dentro de pouco tempo.

(Para remessa de publicações e informações

SM — CP 384 — Florianópolis — Santa Catarina)



**CONVITE AO DESESPERO** — Romance de Esdras do Nascimento - Editora Civilização Brasileira - Rio, 1964 - Depois do sucesso alcançado com seu romance "Solidão em Família", uma estréia bastante promissora e que foi muito bem recebida por público e crítica, volta agora EN com um novo romance abordando outro tema, aparentemente bem diverso, embora dentro de um mesmo clima de incomunicabilidade e incompreensão entre os seres. Se no primeiro tínhamos uma visão de Copacabana e seu mundo, aqui vemos o nordeste e seus problemas, estudados de um ângulo pessoal. Na "orelha" que escreveu, Mário da Silva Brito, diretor editorial da Civilização Brasileira, depois de ressaltar os méritos da obra, acentua que "neste seu novo livro Esdras do Nascimento reafirma as inegáveis qualidades de escritor, domina a construção do romance, que é de sólida estrutura, fixa o caráter dos personagens em tôdas as nuances de seu temperamento, faz passar por suas páginas um sopro de vida, de calor humano, e proporciona, enfim, ao leitor, a entrada num mundo imaginário que o empolga por sua boa arte e seu realismo". Em outubro próximo Esdras do Nascimento estará participando da Feira do Livro promovido pela Câmara Jr. de Florianópolis, autografando seu romance para os leitores catarinenses.

**OS BLINDADOS ATRAVÉS DOS SÉCULOS** - J.V. Portela F. Alves - Biblioteca do Exército Editora - Rio, 1964, - Volume 27 - Publicação 232 da coleção General Benício - Evolução dos blindados desde a mais retoma antiguidade até os dias atuais, escrito com precisão e clareza, demonstrando além de sua evolução também os processos de desenvolvimento tiveram na história das Guerras. O Autor, Coronel de Artilharia vem preencher uma lacuna, conforme acentua a própria editora da obra, pois faltava na literatura militar um livro que tratasse do tema. Profusamente ilustrado e documentado, este livro, do mesmo autor de "Seis Séculos de Artilharia", faz um levantamento completo do assunto e sua importância.

**COMENTARIO** - Publicação do Instituto Brasileiro Judaico de Cultura e Divulgação - 2o. Trimestre, 1964, - Dentro da mesma linha que se traçou - revista de opinião e informação em que se tratam assuntos judaicos bem como temas de atualidades em "Comentário", firme nestes geral - ao surgir, prossegue seus cinco anos de vida. Do presente número, anotamos entre outros, "O

Problema Curdo no Iraque de Nissim Rejwan; "Mulheres no Teatro Brasileiro" de Luiza Barreto Leite; "Aspectos do Complexo de Inferioridade" de Napoleão L. Teixeira; "O Mundo de Paddy Chayefsky" de Nat Hentoff e Walter Karp "Israel e o Judaísmo" de Shaul Levin.

(para remessa de publicações: SM - CP 384 Florianópolis - Santa Catarina.)

O HOMEM ATRAVES DA CIENCIA — Nelson de Sampaio Mitke — Bibliotéca do Exército Editora — Rio, 1964 - Volume 28 — Publicação número 233 da coleção General Benício — Abordando, num levantamento completo, um tema amplo e fascinante, as conquistas da biologia e da psicologia no estudo do homem, o autor, que é médico e general do Exército, realiza obra importante de divulgação científica. Numa linguagem clara, objetiva e acessível, vai NSM nos conduzindo através daquele mundo, desvendando-o para nós. Obras de real mérito, mereceu o pleno aplauso de estudiosos como Almir de Andrade e Mauricio de Medeiros, o primeiro acentuando que “o Dr. Sampaio Mitke conseguiu realizar essa tarefa (necessidade de obras de síntese, em que todos os conhecimentos são postos ao alcance do público em linguagem simples e acessível) com grande felicidade, mostrando-se a par das experiências científicas mais recentes e sabendo habilmente apresentá-las ao leitor leigo, com exatidão e sem fadiga”, enquanto o segundo afirmava: “julgo de grande utilidade para a mocidade estudiosa e desejosa de aprender a publicação de sua obra”, para insistir mais adiante... é inegável que o livro constituirá uma fonte de conhecimentos claramente expostos e interessando a quem quizer aumentar o seu sabedal de cultura”.

ANOS BAJO EL SOL — poemas de Ernesto Gutiérrez — Ediciones El Pez y la Serpiente — Managua, 1963 — De Nicaragua, de um poeta bem moço e que já esteve no Brasil, nos chega êste livro de poemas, cheio de altas qualidades e de sopro lírico invulgar. Num clima contido, onde as palavras se erguem com precisão para dar o tom geral à sua mensagem, o autor nos introduz num mundo bastante pessoal, quer seja nas suas “estampas de Europa”, nos seus poemas de amor, como êste “Yolanda, quando el invierno viene/ tu juventud es de nuevo la más nueva ilusión” ou nos seus “Epigramas,” especialmente. Oficina e Los Tecnicos, que gostaríamos de transcrever na íntegra, e que termina muito caracteristicamente com “Picasso? — Baaaah!/ Los robots están rehaciendo el mundo”.

3.a FEIRA DO LIVRO — Como já fez em 1962 e 1963, neste ano também a Câmara Jr. de Florianópolis promove rá, em outubro, possivelmente de 7-11, a 3.a Feira do Livro. É uma iniciativa que só merece louvores, não só por levar até um público mais vasto, e a preço mais acessível, o livro, como também por possibilitar um contacto mais ítimo entre autores e público, pois que numerosos escritores, especialmente convidados, estarão autografando suas obras para os leitores. Presigie, portanto, a Feira do Livro. Compareça, colabore.

(Para remessa de publicações: SM — C. P. 384 — Florianópolis — Santa Catarina)



informação literária

DA VELHICE E DA AMIZADE — Cícero — coleção Clássicos Cultrix — Editora Cultrix — SP — Com introdução, comentários, notas e tradução direta do latim por Tossilo Orpheu Spalding, temos êstes dois conhecidos tratados filosóficos de Cícero: no primeiro, *Da Velhice*, o autor refuta, através do interlocutor principal do diálogo, Cação, o Antigo, os argumentos dos que concederam a velhice idade penosa de suportar; no segundo, *Da Amizade*, estuda Cícero a natureza dêsse veículo afetivo que se estabelece entre os homens, caracterizando-o como uma das necessidades básicas de toda alma virtuosa. No longo estudo introdutório, o tradutor fala da vida e obra dessa controvertida figura que foi Cícero. Mostra que mais do que pensador original foi êle um divulgador, em sua pátria, das teorias e opiniões de muitos filósofos gregos até então desconhecidos. Depois de abordar outros aspectos, assim se refere o tradutor a êle: "Cícero não foi isento de falhas: assinalamos a sua extrema vaidade, irresolução e fraqueza de ânimo caracterizavam-no, bem assim como as excelentes qualidades de homem público". E mais adiante, ao mostrar a personalidade de Cícero afirma: "Sua vaidade e presunção, às vezes intoleráveis, granjearam-lhe mais inimigos do que as suas boas qualidades amigos".

PRINCIPAL — publicação do Centro Acadêmico Afonso Pena, da Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais — Belo Horizonte — diretor — José Afrânio Moreira Duarte — Houve época, no Brasil, em que proliferavam as publicações de jovens (estudantes ou não) que se preocupavam com os problemas culturais e artísticos e procuravam transmitir suas mensagens. E' inegável o serviço que tais publicações prestaram, mesmo quando nome algum ficou, dos que a compunham, após o desaparecimento

das mesmas. De repente, como surgiram, tôdas sumiram. E foi um silêncio total. Nomes que surgiam, permutas e contactos entre os diferentes agrupamentos, tudo desapareceu. Conhecemos José Afrânio Moreira Duarte nesta fase, quando êle colaborou em "Sul" Eis que, agora, anos depois, temô-lo na direção de *Plural*, publicação que reúne jovens intelectuais de Belo Horizonte. Com bom nível, colaborações de bastantes interesse a publicação mostra a inquietação que domina os colaboradores, os quais abordam temas de grande atualidade. "Co-autoria no infanticídio" de Judimar Franzot; "Reflexões sobre a consciência artística" de Pedro Paulo Cristovam dos Santos; "Raízes Históricas do sub-desenvolvimento" de Roberto Brant; "Variações sobre o nacionalismo" de Ruy Franca; "Tendência intervencionista do estado moderno" de Gamaliel Quinto de Souza: são trabalhos, concordando-se ou não com êles, que interessam pela contribuição que trazem para os problemas abordados. Ficção e poesia completam a publicação. Uma referência especial ao trabalho de José Afrânio Moreira Duarte "Fernando Pessoa: uma conceituação psicológica dos heterônimos", onde, com grande acuidade e sensibilidade temos uma visão do grande poeta português e do problema dos heterônimos.

(para remessa de publicações e informações: SM — CP 384 — Florianópolis — Santa Catarina)



informação literária

1964

Prévia do Livro: **LONGE, A SAUDADE** — crônicas de Hamilton Alves — Bom jornalista e um dos mais curiosos cronistas da cidade, com uma colaboração que se não é mais regular deve-se antes ao meio ambiente do que a possível deficiência ou desinteresse do Autor, Hamilton Alves já tem um estilo pessoal e que o caracteriza. Seus trabalhos mantem um clima específico, não se atende a meras exterioridades, mas procurando, numa linguagem sofrida, penetrar para além da simples aparência das coisas. Gênero ingrato, que se perde no dia-a-dia do jornal, (e mais ainda entre nós, onde nem ao menos temos uma imprensa capaz de absorver a produção de nossos intelectuais), em centros maiores a crônicas tem merecido, nos últimos tempos, bastante incentivo, alcançando lugar de destaque. Por suas condições, pelo que reflete e fixa, de acordo com o temperamento e a sensibilidade de cada autor, por se dirigir, num tom intimista, quase diríamos menor, ao leitor apressado de hoje, a crônica tem já um público numeroso e fiel, passando, por tal motivo, a chamar a atenção dos editores. Diversos nomes vem se firmando como cronistas e não haveria precisão de lembrar como exemplo ilustrativo da afirmativa, um Rubem Braga. Para fugir a precibilidade do jornal há então a necessidade de publicação em livro, indo até um outro público e adquirindo uma das mais duradoura, com o que possam conter de permanente e válido, humana e literariamente. E' justamente por isto e para isto, também para dar uma idéia, ainda que rápida, de sua trajetória e evolução, que HA selecionou algumas de suas crônicas que lhe pareceram não só mais típicas de sua maneira de ser, como possuírem maior perenidade, e vai procurar editá-las. O volume terá prefácio de Jorge Cherem, nome também bastante conhecido em nossos meios jornalísticos, devendo, possivelmente, ser lançado no decorrer deste ano.

**ESTILÍSTICA BRASILEIRA** — Silveira Bueno — Edição **SARAIVA** — SP — De autor, cujas obras vem sendo publicadas com regularidade por esta editôra, temos mais o presente trabalho, onde ele nos oferece um tratado sobre o estilo e a sua técnica. Se não nos é possível concordar sempre com SB, se ele ainda hoje não conseguiu assimilar ou aceitar as contribuições da prosa e poesia modernas, mantendo-se alheio e hostil a tais conquistas, o que é incompreensível, por outro lado seu livro possui página que interessam pelo que ex-

põem, pelo tom polêmico e apaixonado, pela maneira como o A defende suas idéias, dizendo, com razão, em certo trecho do prefácio que "...a obra que não desperta polêmica pouco vale" o que "um livro, que agrade a todos, é um livro sem personalidade."

(Para remessa de publicações: SM — Cp. 384 — Florianópolis — Santa Catarina)



## informação literária

COLEÇÃO SARAIVA — “O Garimpeiro” de Bernardo Guimarães; “Memorial de Aires” de Machado de Assis; e “Til” de José de Alencar, correspondendo respectivamente aos números 189, 190 e 191-192 são os últimos lançamentos desta popular coleção das Edições Saraiva, de São Paulo, que vem, há anos, divulgando obras e autores nacionais e estrangeiros. Os volumes agora lançados, se não são dos mais conhecidos de seus autores, representam bem a maneira de cada um deles, sendo que “Memorial de Aires”, último livro de MA, embora sem o renome de um “D. Casmurro”, um “Quincas Borba”, um “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, é dos livros mais significativos do mestre, com tôdas as qualidades de sua prosa espécie de testamento do grande escritor.

ELES ESTUDARAM A VIDA — Heinz Graupner — Coleção Conquistas do Homem — Edições Melhoramentos — SP — História da biologia, o A. parta da Grécia antiga, conduzindo o leitor, numa viagem emocionante, através dos séculos. Relatando, quer seja os acontecimentos mais importantes referentes às teorias biológicas, quer seja os fatos mais curiosos da vida dos sábios, HG realiza uma obra de leitura cativante, instrutiva e acessível aos leigos.

Traduzido por Marina Guaspari do original alemão, o livro contém 164 páginas e 23 ilustrações entre fotografias e desenhos, contando dos seguintes capítulos: Alvorada da biologia; Lâmpadas duma ciência; Passatempo - ciência - especulação; A grande hora; A era dos prêmios Nobel; A realização.

IMPERIO VERDE DA AMAZONIA — Venturelli Sobrinho — Biblioteca do Exército Editora — Rio — O Amazonas, em sua magnificência, tem servido de tema a não poucas obras em prosa e verso. Aqui, com conhecimento pessoal da região e através de acuradas pesquisas, o autor nos dá a sua visão do tema, em cantantes versos parnasianos, como muita bem acentua Cavalcanti Proença. Lendas, tradições, mitos, são transfundidos, recriando aquele ambiente magestoso. Atendo-se aos moldes tradicionais de versificar, VS sabe se conter na maioria das vezes, não se deixando levar pela exuberância do meio e criando imagens de verdadeiro poeta. Aqui, por exemplo, o poeta recria a natureza: “No íntimo da amazônica floresta/As árvores em festa/Esfregam suas verdes mãos de fôlhas “Numa alegria botânica/”.

(Para remessa de publicações e informações:

SM — CP 384 — Florianópolis — Santa Catarina)



informação literária

PREVIA DO LIVRO: O DELTA E O SONHO — poemas de Osmar Pisani — Edições Roteiro — Florianópolis — Mais um jovem poeta terá agora o seu livro lançado. Por Edições Roteiro, que assim prossegue na sua tarefa de divulgação da literatura catarinense. Trata-se de Osmar Pisani, nome já conhecido dos leitores, e que tem publicado inúmeros trabalhos em órgãos da imprensa da Capital. Elaborando sua poesia com calma e honestidade, uma linguagem que o próprio Autor afirma procurar tornar acessível, isenta de hermetismo mas não de inovações formais, neste volume se reúne uma amostragem do clima e da sensibilidade de OP, procurando oferecer ao crítico e ao leitor uma visão do mundo, a visão do mundo vista através da personalidade e do temperamento do Autor.

O volume terá capa e planejamento gráfico de Vecchiatti, já se encontrando impresso, em fase de acabamento. Foi realizado graças a um convênio com a Secretaria de Educação e Cultura, o que mais uma vez demonstra o interesse e apoio que o Titular daquela Pasta tem dado aos problemas culturais entre nós prestigiando não só nomes já conhecidos, com obra consagrada como possibilitando o surgimento e a afirmação de novos valores. O lançamento oficial de "O Delta e o Sonho" se dará por ocasião da III Feira do Livro, a ter lugar nos dias 7-11 do corrente, na Praça XV, numa promoção, como nos anos anteriores, da Câmara Jr. de Florianópolis

LONGE DA TERRA — romance de José Mauro de Vasconcelos — Edições Melhoramentos — SP — Na sua coleção "Panorama da Literatura Brasileira" onde tem sido editados autores de renome do passado e do presente, a Melhoramentos lança, agora, mais um livro deste conhecido autor. Trata-se da reedição de um de seus mais apreciados romances, obra das mais típicas, levantando o problema do índio, estudando-o analisando-o e compreendendo-o, mas sem fugir nunca ao clima de ficção autêntica, de raízes humanas e pesquisa estilística. Num tom lento e carregado, numa linguagem normal, preguiçosa, onde se fundem e confundem tema e estilo, a estória vai se desenvolvendo, nos arrastando implacavelmente, nos amolentando também, até nos integrar naquele estranho mundo, um mundo estagnado, do qual o autor procura extrair uma mensagem, que nos é transmitida com precisão e tristeza. Figura singular das nossas letras atuais, personalidade contraditória e longínqua, misto de romancista, aventureiro e autor de cinema, de grande sensibilidade e não menor talento, José Mauro vem retalizando uma carreira igualmente invulgar, ainda agora adquirindo maior relevo com o enorme sucesso de seu último romance, "Rosinha, Minha Canoa", que se vem mantendo há meses entre as obras mais vendidas no país.

(para remessa de publicações: SM — CP 384 Florianópolis — Santa Catarina).

DIRETOR  
 RUBENS DE ABRUDA RAMOS  
 GERENTE  
 DOMINGOS FERNANDES DE AGUIAR  
 ANO II  
 15.025  
 Cr\$ 30,00

**O ESTADO**  
 O MAIS ANTIGO DIÁRIO DE SANTA CATARINA  
 FLORIANÓPOLIS, (SEXTA-FEIRA), 2 DE OUTUBRO DE 1964 — EDIÇÃO DE HOJE — 8 PAGINAS

**Salim Miguel**

**informação literária**

**086**

**NOVO LIVRO DE GUIDO WILMAR SASSI** — O autor dos volumes de contos (Piá e Amigo Velho), de ficção científica (Testemunha do Tempo), e que em 1962 obteve, com o romance São Miguel, o prêmio do Clube Boa Leitura, de São Paulo, está com um novo livro a ser lançado, desta vez pela Editora Civilização Brasileira, do Rio. Trata-se de Criação do Deserto, romance que tem por cenário a Guer-

ra do Contestado, movimento armado que envolveu, no início do século, os Estados do Paraná e Santa Catarina. Personagens principais são os fanáticos, adeptos dos monges João Maria e José Maria — na realidade camponeses, pequenos fazendeiros e industriais em luta contra os que queriam roubar terras e direitos. A respeito do assunto tínhamos um precioso trabalho de levantamento do historiador Osvaldo R. Cabral, que realizou trabalho de fôlego, estudando o problema em todas as suas implicações. Agora, dentro de mais alguns dias, estará nas livrarias o romance de GWS, resultado de muita pesquisa e esforço, a respeito do qual, o escritor Esdras do Nascimento, que se encarregou da "orelha", afirma: "Algumas cenas de "Geração do Deserto", com os soldados incendiando casebres e perseguindo jagunços, nas matas de Santa Maria, e o personagem Elias de Moraes, impassível, lendo a bíblia, lembram José Lins do Rêgo, nos capítulos culminantes de Pedra Bonita, e Glauber Rocha, nos melhores momentos de seu filme Deus e o Diabo na Terra do Sol." Cumpre acentuar que Guido Wilmar Sassi, que é catariense, conhecendo bem todo o problema e a região, aqui estará em outubro, na terceira Feira do Livro, promovida pela Câmara Jr., autografando este seu romance.

**A HISTORIA DO JAZZ** — A mais autêntica expressão musical dos Estados Unidos, o jazz tem merecido, de estudiosos dos mais diversos recantos do mundo, cuidadosa atenção. Agora, neste volume de Marshall Steans edição da Livraria Martins, SP, temos a história do jazz ordenada e objetiva, onde se estuda a sua evolução desde as origens providas da África e das Índias Ocidentais, até se transformar na mais pujante contribuição musical da América. Formas e estilos, nascimento do jazz em Nova Orleans, spirituais e blues, canções de trabalho, tudo é cuidadosamente analisado, ao mesmo tempo em que entramos em contato com as mais importantes personalidades ligadas a esta forma musical.

(para remessa de publicações: SM — CP 384 — Florianópolis — Santa Catarina.

**DIRETOR**  
**RUBENS DE ABRUDA RAMOS**  
**GERENTE**  
**DOMINGOS FERNANDES DE AQUINO**  
**ANO IV**  
N.º 14.995  
**Cr\$ 30,00**

# O ESTADO

**O MAIS ANTIGO DIÁRIO DE SANTA CATARINA**

**FLORIANÓPOLIS, (QUINTA-FEIRA), 29 DE AGOSTO DE 1964 — EDIÇÃO DE HOJE — 8 PÁGINAS**

**-TAC- - CRUZEIRO-DO-SUL- - INFORMAÇÃO:**

**O TEMPO** (Meteorológico)

(Síntese do Boletim Geometeorológico, de A. SEIXAS NETTO) válida até às 23,18 hs. do dia 20 de agosto de 1964

Prete Fria: Em curso; Pressão Atmosférica Média: 1023,8 milímetros; Temperatura Média: 21,5° centígrados; Umidade Relativa Média: 93,5%; Pluviosidade: 25 mms; Negativo — 12,5 mms; Instável — Cumulus — Stratus — Nevoeiro cumular — Chuvas esparsas — Tempo Médio: Instável.



A ESCADA E OS OSSOS DO BARÃO — Jorge Andrade — Coleção Teatro Brasileiro — Editora Brasiliense — S P — Jorge Andrade representa, sem a menor dúvida, um momento importante do teatro brasileiro, um dos seus raros momentos plenamente válidos. A literatura brasileira ter já uma ficção bastante significativa, uma poesia de valor incontestável mas a verdade é que não tem um teatro que se equipare a estes gêneros. Possuímos um que outro autor somos obrigados ainda a apelar para Martins Pena, quem mais no passado? Artur Azevedo? Ao avançarmos vamos esbarrar num Nelson Rodrigues, depois, mais para perto, alguns nomes de valor, com uma obra em caminho, começam a surgir. E pouco mas começa a ser alguma coisa. E um desses nomes é justamente Jorge Andrade que pode ser colocado a parte, com sua temática peculiar, Jorge Andrade que vem criando uma dramaturgia toda calcada num determinado período e em determinadas condições, tipos e vivências de São Paulo, do qual é íntimo, fazendo parte dele mesmo, sabendo recriar e transpor tudo aquilo com precisão e sensibilidade para a cena. "A Moratória" foi um marco, sem dúvida. "Vereda da Salvação", "O Telescópio", "Pedreira das Almas", são outros grandes momentos, variações em torno de um tema, tratados com precisão e conhecimento por alguém que conhece, e bastante bem, seu instrumento de trabalho. Sem grandes inovações, sem buscar a realização de um teatro de vanguarda, ele vai construindo uma obra sólida, de bons fundamentos, de lineamentos seguros, delimitada por um ambiente que ele conhece a fundo. Seus tipos tem vivência existencial, os conflitos e a situações se armam com exatidão. A sociedade paulistana ressurge com suas tradições e costumes, dando-nos uma visão de todo um mundo.

Se as duas peças enfeixadas no presente volume, inaugura uma nova coleção da Editora Brasiliense são das mais representativas de sua dramaturgia, mantendo-se alguns aspectos abaixo das demais em qualidade artística e interpretação e interpretação

do mundo, temos, contudo, um bom exemplo da sua habilidade em armar um espetáculo, ao mesmo tempo em que sentimos claramente todos os elementos que caracterizam o trabalho de Jorge Andrade. Aqui estão a recriação de um São Paulo com seus quatrocentões, com a decadência das famílias tradicionais que querem se agarrar ao seu mundo passado, o entre choque das diferentes mentalidades, o surgimento e a afirmação de novos padrões com tudo que possam contar de contraditórios que ajudam a compreender não só estas peças como a dramaturgia de Jorge Andrade, escritos por dois de nossos mais importantes estudiosos dos problemas teatrais. Décio de Almeida Prado e Sábate Magaldi, completam a edição.

(Para remessa de publicações: SM — CP 384 — Florianópolis — Santa Catarina).

te  
L  
T  
  
P  
p  
n  
V  
o  
V  
o  
M  
i  
q  
c  
C  
O  
S  
v  
V  
o

**Metropol x Atlético Mineiro Domingo em Belo Horizonte**  
No sorteio realizado ontem a noite na sede da CBD, a sorte favoreceu o quadro catarinense que jogará domingo na Capital Mineira.

**DIRETOR**  
**RUBENS DE ARBUTHA RAMOS**  
FRENTE  
DOMINHAS FERNANDES DE AQUINO  
ANO 11  
N.º 15.013 . . . . . Cr\$ 39,00

**O ESTADO**  
**O MAIS ANTIGO DIÁRIO DE SANTA CATARINA**  
FLORIANÓPOLIS, (QUARTA-FEIRA), 16 DE SETEMBRO DE 1964  
EDICÃO DE HOJE — 8 PAGINAS

TAC — CRUZEIRO-DO-SUL — *Infomina*  
O. L. E. M. P. O. (Meteorológico)  
(Síntese do Boletim Geometeorológico, de SEIXAS NETTO válida até às 23.18 hs. do dia 16 de setembro de 1964)  
Frente Fria: Negativo; Pressão Atmosférica Média: 1018,9 milibares; Temperatura Média: 25,1° Centígrados; Umidade Relativa Média: 88,3%; Pluviosidade: 25 mm; Negativo — 12,5 mm; Negativo — Cumulus Stratus — Nevoeiro — Chuvas esparsas — Tempo Médio: Estável.

**DIRETOR**  
**RUBENS DE ARRUDA RAMOS**  
**GERENTE**  
**DOMINGOS FERNANDES DE AQUINO**  
 ANO 50  
 N.º 14.955  
 Cr\$ 30,00

# O ESTADO

O MAIS ANTIGO DIÁRIO DE SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS, (QUINTA-FEIRA), 25 DE JUNHO DE 1964 — EDIÇÃO DE HOJE — 8 PAGINAS

TAC — CRUZEIRO-DO-SUL — *Miguel*

**O T E M P O** (Meteorológico)  
 (Síntese do Boletim Geometeorológico, de  
**A. SEIXAS NETTO** válida até às 23,18 hs. do  
 dia 25 de junho de 1964)  
 Frente Fria: Negativo; Pressão Atmosférica Média:  
 1032,3 milibares; Temperatura Média: 14,0° Centígrados;  
 Umidade Relativa Média: 90,7%; Pluviosidade:  
 2a mms: Negativo — 12,5 mms: Negativo — Neveleiro  
 cumular esparso — Tempo Médio: Estável.



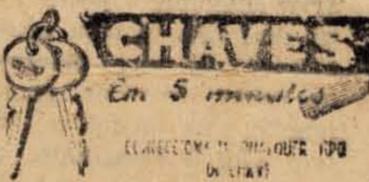
## informação literária

**DE ONDE VIEMOS E PARA ONDE VAMOS** — Heinrich Faust — Série Hoje e Amanhã — Edições melhoramentos — SP — “Que é o mundo?; “Qual é o tamanho do mundo?; “Qual é a idade do mundo?; “como surgiu o mundo” “Como surgiu nossa terra?; “Há vida no universos?” “Virá um quinto período graciário?; “Que é a vida?; “Como surgiu a vida?; “E’ possível a comunicação com seres extraterrenos?” “Que nos trará o futuro?” são os capítulos de que se compõe este livro, de tema tão interessante. Escrito com clareza e objetividade, focalizando o por vir da humanidade, a obra pode ser dividida em duas partes. Na primeira, o A. mostra o que é o mundo, sua idade, seu tamanho, como surgiu; O que é a vida, como apareceu e se desenvolveu na terra; na segunda parte, o autor inicia pela lenda dos homens de marte, passando logo a desenvolver novas considerações sobre a vida no universo. Tradução de Guttorm Hansen, a obra contem ainda inúmeros desenhos ilustrativos.

**VELHOS REGIMENTOS** — General Heitor Borges Fortes — Biblioteca do Exército Editora — Rio — Coleção General Benício — volume 26 — publicação 231 Ensaio sobre a evolução da artilharia de campanha brasileira de 1831 a 1959, este volume, prêmio general Tasso Fragoso de 1962 é, como bem acentua o próprio autor, “um subsídio para a instrução da tropa”. Mais do que isto porém, a obra

é um levantamento atuação da artilharia em campanhas externas e internas, escrita com objetividade por quem muito pesquisou o assunto, dando uma visão panorâmica desde “O decano da artilharia de campanha brasileira” até “Após Guerra”.

**COMENTÁRIO** — Publicação do Instituto Brasileiro Judaico de Divulgação e Cultura — Rio de Janeiro — volume 5 — número 17 — primeiro trimestre de 1964. Eis algumas das principais colaborações deste número desta revista, a qual sempre mantém o mesmo nível de interesse e qualidade: “Visão geral da psicologia” de E. Mira y Lopes; “Panorama da propaganda brasileira” de Eliezer Burlá; “Israel na Arquitetura contemporânea” de Vitorio Corinaldi; “Uma voz árabe” de J. Guinsburg; “A arte inoportuna” de Augusto Boal; “Educação através da arte” de Tamas Szmracsányi; “Para que ainda duvidam que Colombo era judeu” de Rafael Pineda Yanez. Com o mesmo critério, o mesmo equilíbrio na seleção dos trabalhos, “comentário”, que é dirigida por Joseph Eskenazi e José Steinberg, presta um bom serviço no sentido de aproximação brasileiro judaico e no esclarecimento e divulgação de inúmeros problemas.



COLLECCIONA... M... O... DE CHAVES

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..



DIRECTOR

RUBENS DE ABRUDA RAMOS

GERENTE

DOMINGOS FERNANDES DE AQUINO

ANO XLIX

N.º 14.894

CR\$ 20,00

# O ESTADO

O MAIS ANTIGO DIÁRIO DE SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS, (TERÇA-FEIRA), 24 DE MARÇO DE 1964 — EDIÇÃO DE HOJE — 8 PAGINAS

## EDIÇÕES IMBONDEIRO

— Dirigidas por Garibaldi de Andrade e Leonel Cosme, estas edições, de Angola, vem divulgando, num trabalho de difusão cultural que só merece louvores, escritores de língua portuguesa (Portugal, Africa e Brasil). Proporciona, com isto, não só aproximação, como melhor conhecimento das di referentes literaturas. Editando, regularmente, "Coleção Imbondeiro", antologia do moderno conto de expansão portuguesa; "Mákua", coletânea de poesia; "Coleção Primavera", cadernos didáticos; "Dendéla", coletânea de contos para crianças; e "Imbondeiro Gigante", volume de contos colaborado por ultramarinos, metropolitanos e brasileiros, dá-nos uma significativa panorâmica da ficção e das letras de língua portuguesa, com suas semelhanças e suas peculiaridades próprias. Ainda há pouco recebemos mais três volumes da coleção Imbondeiro: n. 52 — Quatro jovens contistas alentejanos, respectivamente "Semeadora de Estrélas" de Antônio José Moita Galvão, "Maria-Aranha" de Fernanda Dias, "O Busto" de Manuel Piedade Correa e "Cantar a Vida" de Matos Pereira; n. 53/54, volume duplo contendo, sob o título "Sol na Janela", uma série de contos de Manuel Amaral; n. 55 — "O Rapaz Doente" conto de Gabriel Mariano. Em todos os volumes, melhor ou pior realizados, vemos uma realidade, temos uma visão de um mundo e de autores que procuram se afirmar, recriando o seu meio ambiente. Cada volume traz pequena nota biográfica a respeito do autor.

**TIBETE EM DOIS VOLUMES** — Na Coleção "Caminhos da Vida", lança a Edição Melhoramentos, de SP, dois livros a propósito do mesmo assunto: o Tibete. São eles: "Sete Anos do Tibete" de Henrich Harrer e "Minha Terra e Meu Povo" (A tragédia do Tibete) do Dalai Lama. O primeiro, em tradução de Marina Guaspa-

ri, contendo 54 ilustrações fotográficas e um mapa rotatório, é um relato de um ex-prisioneiro alemão, e aqui nos dá uma visão da vida tibetana, introduzindo-nos num mundo inteiramente desconhecido. Mas não é apenas isto que o livro oferece: alemão que se encontrava na Índia por ocasião da última guerra, o autor foi aprisionado; faz-nos, então, acompanhar o internamento dos prisioneiros, depois a sequência de fugas através das florestas do Himalaia, até deixar o território indú, sob controle dos ingleses, rumando para o Tibete, onde autor e seus companheiros fazem amizade e se tornam hóspedes da casa paterna do Dalai Lama. Em "Minha Terra e meu povo" o Dalai Lama narra as lutas até a dominação do País pela China comunista. Além deste aspecto político da obra temos a narrativa do curioso método da escolha, segundo milenar tradição religiosa, do surgimento de um novo Dalai Lama que é, sempre, reencarnação do anterior. O autor explica como foi escolhido, aos dois anos de idade, após realir favoravelmente aos testes de reencarnação, preparando-se, a seguir, durante 15 anos, para a sua função. O livro conclui com um esboço do budismo no Tibete. Traduzido por Constantino Papeologo, o volume contém 36 ilustrações fotográficas e dois mapas.

**HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA** — de Dullio Ramos — Edição Saravá — SP — Em quarta edição, com nova redação em virtude das alterações introduzidas no programa, surge este livro destinado ao primeiro ano da Escola Normal (Curso de Formação Profissional do Professor). De forma sintética e objetiva, o autor dá uma idéia da civilização brasileira, de seus primórdios aos nossos dias.

(Para remessa de publicações e informações:

SM — CP. 384 — Florianópolis — Santa Catarina)



**Salim Miguel**

informação literária

091

TEATRO GREGO — Seleção, introdução, notas e tradução direta do grego por Jaime Bruna. — Clássicos Cultrix — Editora Cultrix SP. — Reunindo quatro obras prima do teatro grego neste volume, JB presta relevante serviço às nossas escolas, colocando ao alcance do leitor — e mais especialmente dos interessados nos problemas teatrais — trabalhos que ainda hoje são representados pelo que continuam tendo de belo, autêntico e eterno. — “Com “Prometeu Acorrentado” de Esquilo; “Rei Edipo” de Sófocles; “Hípólito” de Eurípedes; e “Nuvens” de Aristófanes temos uma visão, através de seus autores mais representativos nos respectivos gêneros, do gênio criador da Grécia. Na introdução ao volume, JB dá, em rápidas pinceladas, um levantamento do teatro grego e de sua importância, preparando o leitor para melhor compreender e apreender o profundo sentido das peças e do que significa cada um dos quatro autores traduzidos. Instantes maiores da arte teatral, essas peças são plenamente válidas ainda hoje, havendo contribuído para a formação de uma linguagem teatral e de inúmeros mitos que informam e mantêm-se ainda agora não apenas no teatro.

A VISITA DA VELHA SENHORA — Friedrich Dürrenmatt — Coleção Teatro Moderno — Livraria Agir Editora — Rio — Tradução e introdução de Mário da Silva — Ao intitular sua obra de comédia trágica em três atos, o A. já prepara o leitor para o que irá encontrar. Mas se esta preparação serve para uma obra viru-

lenta, não nos afasta da surpresa diante do cinema, da linguagem, da maneira nova e não menos autêntica como vem narrado — a velha vantando todo um mundo com suas mesquinhas e grandezas, numa galeria infindável de tipos. Partindo de uma estória aparentemente sem maiores novidades, e lá por aí se vê que o que importa não é o que vem narrado, mas sim como vem narrado — a velha senhora, agora arquie-ríca, que retorna à sua terra depois de sair escorrocada, pobre e sem esperanças — o autor traça um quadro amargo, cruel e profundamente satírico de uma sociedade. A história se desenrola numa cidade qualquer, em alguma parte da Europa Central, mas personagens e tem, como são enfocados, são de qualquer lugar e de qualquer época. Renovando a arte do teatro, dando-lhe nova dimensão, Friedrich Dürrenmatt, indo experimentalmente além de um Ionesco ou um Becket, atinge, num outro clima específico, com a Visita da Velha Senhora a altura de um Brecht. Como o A. mesmo acentua, com tudo que possa parecer estranho, sua peça descreve “seres humanos e não mitos, uma ação e não uma alegoria, apresentando um mundo e não uma moral”. Ante-convencional, tornando todas as liberdades para atingir e transmitir o que deseja, FD, dominando integralmente o seu métier, realiza obra maior e madura e que, estamos certos, ficará com um marco e retrato de uma época.

(Para remessa de publicações e informações

S.M. — CP 384 — Florianópolis — Santa Catarina.)

N.º 14.969

Cr\$ 30,00

**DIRETOR**  
**ROBENS DE ABRUJO RAMOS**  
**GERENTE**  
**DOMINGOS FERNANDES DE AÇÓRIO**  
**ANO 54**

# O ESTADO

O MAIS ANTIGO DIÁRIO DE SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS, (QUARTA-FEIRA), 15 DE JULHO DE 1964 — EDIÇÃO DE HOJE — 8 PÁGINAS

-TAC— CRUZEIRO-DO-SUL—*Imprensa*  
O T E M P O (Meteorológico)  
(Síntese do Boletim Geometeorológico, de  
A. SEIXAS NETTO válida até às 23.18 hs. do  
dia 15 de julho de 1964)  
Frente Fria: Em curso; Pressão Atmosférica Média:  
1031,8 Milibares; Temperatura Média: 15,4 Centígrados;  
Umidade Relativa Média: 93,2%; Pluviosidade:  
25 mms.; Negativo — 12,5 mms.; Instável — Cumulus  
— Stratus — Nevoeiro cumular — precipitações es-  
parças — Tempo Médio: Estável.

092

20-1-1965

O ESTADO e mais antigo Diário de Santa Catarina

Florianópolis

# Importância

práticas para fortalecer  
de forragens. Os co  
e sovhosos devem  
um grande traba  
ando em vista aum  
rodução da

OFERTAS DA SEMANA  
OFERTAS DA SEMANA  
OFERTAS D SEMANA  
OFERTAS DA SEMANA

DIRETOR  
Rubens de Arruda Ramos  
GERENTE  
André de Aquino



## informação literária

### ABL: DE PARABENS

Com as recentes eleições de Marques Rebelo e Adonias Filho, respectivamente para as vagas de Magalhães de Azeredo e Alvaro Moreira, está parabens a Academia Brasileira de Letras. É mesmo o caso de se afirmar que, mais do que os referidos escritores ganha a academia com a admisão de ambos. Porque, verdade seja dita, houve uma época, não muito remota, em que a ABL pouco ou nada representava para as nossas letras, servindo de refúgio para mediocridades, velharias (não só cronológicas, mas principalmente literárias) e exponents ter mais vagos ainda, que iam repousar e bebericar o famoso chá das cinco. De uns anos para cá, afora um ou outro caso como o de um Deolindo Couto que nada tem a ver com a literatura, houve uma reviravolta, com o ingresso de nomes como um Alvaro Lins, um Cassiano Ricardo, um Afrânio Coutinho, um Aurélio Fuarque de Holanda, um Guimarães Rosa, entre outros, renovando-se qualitativamente o ambiente. Marques Rebelo e Adonias Filho são nomes dos mais significativos e representativos das nossas letras atuais, são nomes que dignificam uma literatura ambos com uma obra já realizada, obra sensível e autêntica, de forte expressão e contextualizada.

da terra e da gente carioca, terra e gente que ele tão bem conhece e tão bem sabe interpretar e transmitir ao leitor, numa nu a tradição que vem de Manuel Antônio de Almeida, passando por um Machado de Assis, para desembocar num Lima Barreto; de outro lado, Adonias Filho, com sua linguagem sofrida e trabalhada ao extremo, com sua gente do sul da Bahia, da região caueira, com sua trilogia que é uma gesta das lutas daquele povo, narradas por alguém que sabe escrever uma estória e dar-lhe verdade e dimensão. Em ambos, muito embora as diferenças estilísticas que os separam e individualizam, a mesma preocupação com a forma, com o tratamento até a exaustão da coisa literária, com o domínio sempre crescente do idioma, dando-lhe nuances novas e inéditas — tudo isto sem prejuízo da qualidade narrativa e um ponto de vista conteudístico. Quer seja no MR contista ("Circo de Coelho", "Oscarina"), romancista ("Marafa", "A Estrela Sobre o Memorialista deste gigantesco painel da vida nacional que é "O Espelho Partido"; quer seja no atilado e arguto ensaísta que é o AF com seu "Modernos Ficcionalistas Brasileiros" ou o vigoroso e original romancista ("Servos da Morte", "Memórias de Lázaro", "Corpo Vivo") temos a mesma impressão de força e autenticidade, a marca dos

## Um retrato típico da década de vinte

**Tonico e o segredo**, de Antonieta Dias de Moraes, Edições Salamandra/Inl-Mec, RJ, 1980. Eis um romance de aventuras cheio de peripécias emocionantes e, a par disso, um mergulho no mundo de trabalho, luta e sonho de um bairro proletário na década de vinte. No calor de revolução (seria a de 24?) um grupo de rapazes e meninos participa ativamente dos acontecimentos; entre eles se destaca Tonico, garoto vivo e independente, disposto a realizar sua tarefa e ser digno da confiança dos companheiros. Os personagens, bem delineados, são complexos e têm raízes na terra, as crianças brincam e riem, o que não as impede de serem responsáveis e acompanharem os acontecimentos. Os conflitos entre pais e filhos são apresentados com realidade e a solução para eles não é maniqueísta. O enredo é vibrante, mas resta ao leitor a impressão de que,

propositadamente, nem tudo foi contado, e que é preciso pensar mais fundo para ver a verdade que nem sempre se revela ao primeiro olhar. A linguagem é clara e viva, o ritmo narrativo ora agitado ora mais lento, e proporciona as pausas necessárias para a reflexão e o sonho.

As ilustrações de Regina Yolanda situa os acontecimentos em São Paulo da década de vinte, porém ao situar historicamente a história lhe acrescenta também uma dimensão de poesia, como se uma névoa de impossibilidade toldasse a recuperação do passado.

Enfim, um excelente livro para crianças e jovens, que os "grandes" lerão de um fôlego e que, por certo, no Brasil obterá o mesmo êxito alcançado na França, onde recebeu os prêmios mais importantes atribuídos à literatura para juventude.

## Registro

**Mad Maria**, de Márcio de Souza, Editora Civilização Brasileira, RJ, 1980. Mais um romance do A. De Galvez, imperador do Acre. Agora, depois de lançar **Operação silêncio**, que se passa no centro urbano de São Paulo num período crítico do país, MS faz sua ficção em cima de um episódio verídico, a dramática construção da ferrovia Madeira-Mamoré, passagem pouco conhecida da história do Brasil. Chamada "ferrovia do diabo", no romance o A. denuncia a violência, as arbitrariedades e a ganância das grandes companhias inglesas, e a morte e a miséria dos que, para tentar melhorar de vida, aceitavam trabalhar na construção.

**Miserere**, de Yeda Schmaltz, Edições Antares-Inl/Mec, RJ, 1980. Outro expressivo título da coleção Diadorim, reunindo uma série de contos onde a pesquisa da alma humana e a nota lírica são as principais constantes. Diz Bernardo Élis, no prefácio, que a A.

usa "recursos expressionistas, sem se afastar totalmente da visão mimética, e faz do fluxo de consciência o instrumento de sua comunicação, numa linguagem artístico-literária por excelência, com infração da linearidade da onisciência tradicionais".

**Liberdade condicional**, de Sinval Medina, Editora Codecri, RJ, 1980. Um romance político, como vários que tem surgido nos últimos anos, que revela os problemas do país nestes anos recentes, a desagregação ideológica e a desestruturação emocional dos personagens. Mas além do que está narrado, do recado humano, o A. se preocupa também com o como narrar, procurando prender e chamar a atenção do leitor através de uma linguagem elíptica e de capítulos curtos e diretos.

**Conto Candango**, Coordenação de Salomão Souza, Editora Coordenada, Brasília, 1980. Um mapeamento da história curta em Brasília, não especificamente sobre sua vida e sua

gente e das cidades satélites, mas escrita por autores que vivem na capital federal e que procuram se integrar e compreender aquele mundo. Entre eles, o catarinense Emanuel Medeiros Vieira, que narra um episódio desenrolado no planalto central.

**Rédea trançada**, de Edson Ubaldo, Editora Soma, SP, 1980. Contos Regionais, desenrolados na região serrana de Santa Catarina, procurando o A. captar o clima e o linguajar típico. Para Torrieri Guimarães, que assina a orelha do livro, "o mais é de ler Edson Ubaldo, deliciar-se com sua proza límpida, rica e brilhante com suas estórias verdadeiras".

**A hora anterior**, de Everaldo Moreira Veras, Livraria José Olympio Editora/Mec, RJ, 1980; e **Autópsia, ando**, de Everaldo Moreira Vera, Edição do Autor, Olinda, 1980. Dois livros onde a pesquisa, o A. conquistou o prêmio do INL, em 1978, conferido por uma comissão composta por Octávio de Faria, Fausto Cunha e Judith Grossmann. No

## Um dia Atípico no bar do Odilon

**senhoras e Senhores, A Voz do Brasil**, de Jeferson Ribeiro de Andrade, Editora Record, RJ, 1980. Nesta ficção-reportagem, o A. Retoma uma tema que lhe é muito caro e que já serviu de título para o seu livro anterior, **Um homem bebe cerveja no bar do Odilon**. Estamos, agora, novamente no mesmo bar do Odilon. E Odilon serve como ponto de ligação entre as variadas vidas que vão ali ancorar, em busca de nem bem sabem o que. São pessoas das mais diferentes categorias, e extratos sociais, inapelavelmente arrastadas para os bares da noite, onde, numa espécie de catarse, tudo extravasam. Pois os bares são, sem dúvida, os precursores da análise do grupo. Ali se abrem, confraternizam, brigam, discutem, se fazem confidências. Narrando com simplicidade, num estilo correntio e coloquial, entrelaçando histórias, mantendo um tom de depoimento, fundindo realidade e ficção, Jeferson nos dá um panorama do Brasil de Hoje, naquele microcosmo do bar um macrocosmo, um Brasil de gente inquieta e uniforme que palpita em busca de afirmação. Se o personagem Odilon é claramente um alter-ego do Autor e se por vezes ele, escorregadio, nos foge, algumas das figuras descritas adquirem força e presença nesta ficção-reportagem que é quase um teatro-reportagem onde fica fragrante, também, o carinho e a simpatia com que ele vê a sua Belo Hozintonte. Num dia atípico (para usar uma expressão em voga), uma segunda-feira, a fauna normal de outros dias-noites desaba no bar do Odilon, com suas angústias e dúvidas. E então vão desfilar causas de figuras trágicas, patéticas ou risíveis como o poeta, o italiano, o cego, o "seu" Hélio, a Katia-Louca, o Pinto Murcho, entre tantos outros que aparecem e somem na noite do bar.

parecer, a comissão assinalou que EMV "renova a narrativa, experimentando, simultaneamente, novos procedimentos e mantendo viva e indene a sua elaboração". São dois livros instigantes, nos quais acompanhamos a evolução do A. seu processo narrativo e sua preocupação com o bicho homem.

**A legião do espaço**, de Jack Williamson, trad. de Aurea Weissemberg; **Star King** (A saga dos príncipes-demônios), de Jack Vance, trad. de Marina Leão Teixeira Viriato de Medeiros, Livraria Francisco Alves Editora, RJ, 1980. Mais dois sugestivos títulos (n.ºs 17 e 18) da coleção "Mundos da Ficção Científica", coordenada por Fausto Cunha. No primeiro, as aventuras de quatro homens em luta para salvar a terra ameaçada pelas Medusas; e

no segundo, a história da vingança de um homem contra cor-sários do espaço que destruíram sua cidade.

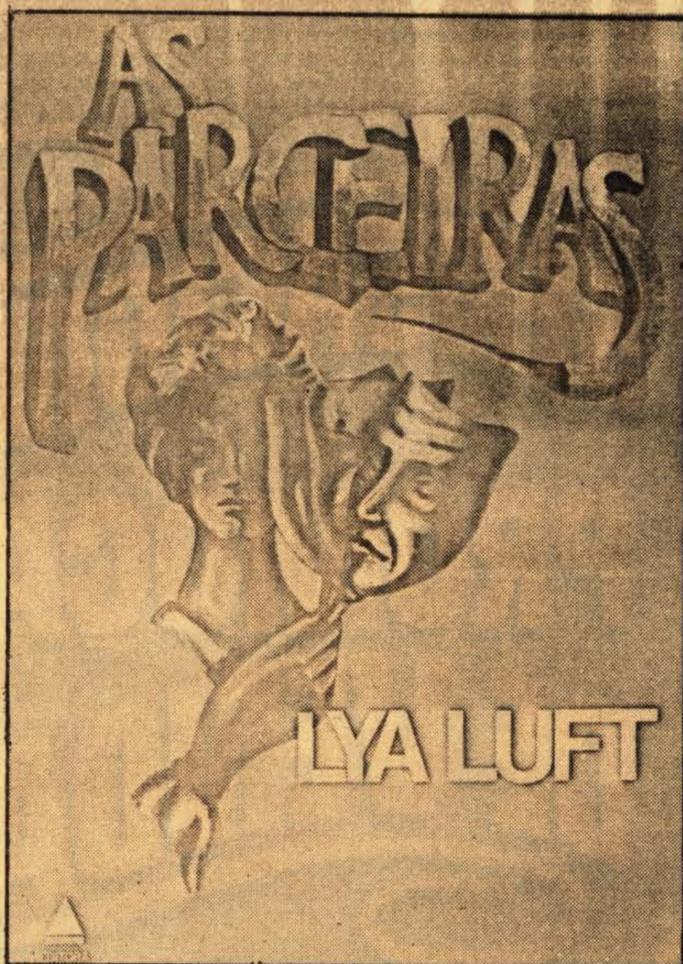
**Quatro dias de rebelião**, de Rufino dos Santos, Livraria José Olympio Editora, RJ, 1980. Um veio quase inexplorado, o da ficção baseada em acontecimentos históricos, tem aqui um bom exemplar. O A. narra como reagiu a população pobre do Rio, em novembro de 1904, contra a vacinação obrigatória, e mostra o porquê da reação. Tomando conta da cidade, surrando vacinadores, invadindo prédios públicos, os populares circulam por um Rio que sumiu, tragado pelo progresso. JRS cria uma galeria de personagens humanos, que viveram este episódio intrigante da Primeira República.

094

O ESTADO - Fpolis, 02/11/80

## OS LIVROS

Salim Miguel



## A luta com o passado

Numa linguagem densa e contida, num estilo impressionista, Lya Luft cria, nesta curta novela de menos de 150 páginas (*As parceiras*, de Lya Luft, Editora Nova Fronteira, RJ, 1980), um clima carregado de símbolos e de grande força narrativa. Ensaísta e tradutora, percebe-se nesta primeira obra de ficção a presença de autores alemães e ingleses, que certamente a marcaram e ao seu fazer literário.

Utilizando-se da primeira pessoa do singular, a Autora nos oferece um livro insólito, banhado por forte sopro lírico e no qual se debate uma das figuras femininas mais impressivas da literatura brasileira. Diz Lya Luft que muito embora quase nada exista de autobiográfico em *As parceiras*, "mas são os meus animais engaiolados, os demônios engavetados, que falam e se remexem aqui, nesse submundo das emoções que irmana os seres humanos e os torna cúmplices na aventura de viver".

A personagem Anelise, que conta a história procurando melhor se situar e aos seus, se investiga. Dessa investigação dolorida e dramática surge a crescente desestruturação de uma personalidade que sofre o impacto de gerações passadas, formada por várias gamas de mulheres, que se fundem através de uma palavra jogada incidentalmente no texto: *alfazema*. No entanto, ela é a chave mágica para se penetrar no universo de Lya Luft e no mais íntimo de Anelise. Embora a palavra surja de maneira aparentemente fortuita, no início e ao final da narrativa, ela tem uma carga de intenções muito grande. E na verdade, é por intermédio desta palavra, *Alfazema*, que acompanhamos a trajetória de Anelise e sua busca.

Do presente, a Autora capta apenas a motivação para revolver o passado. Procura extrair dele a compreensão para tudo o que aconteceu com aqueles seres. Tenta compreender Anelise e suas razões. Mas Anelise lhe foge, termina por se emaranhar em suas lembranças. E de concreto acabam ficando o mar cambiante, a velha casa, o cão, a casseira Nazaré — presenças constantes a interferirem no mergulho que a personagem intenta fazer para a recuperação do passado e sua auto-compreensão.

Mas as forças que envolvem Anelise; mas o passado que a arrasta; mas as figuras que teimam em persegui-la — tudo isto é mais forte. E a frase final da novela é a entrada da personagem para o mundo das sombras. "Descemos de mãos dadas", diz Anelise, fechando o diário e o livro. A luta terminou.

Porém, se para Anelise a luta terminou com a entrega total, para o leitor não terminou o fascínio de um livro que permanece inquietando e inquietante.

1980

## REGISTRO

*A aculturação dos alemães no Brasil*, de Emilio Willems, Cia. Editora Nacional/INL-MEC, SP, 1980. Estudo pioneiro no gênero, este livro é um clássico da sociologia brasileira. O A. analisa o processo de formação das comunidades rurais de imigrantes no Sul do País, dedicando boa parte ao estudo de Santa Catarina, Volume 250 da coleção Brasileira, há muito esgotado, reaparece em 2ª edição, ilustrada, revista e ampliada.

*Universo — As inteligências extraterrenas*, de Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, Livraria Francisco Alves Editora, RJ, 1980. Reunião de artigos publicados no "Jornal do Brasil", onde o A. visa não só divulgar a Astronomia entre os leigos, mas também demonstrar a importância das ciências especiais na vida do homem. A propósito do livro diz Fausto Cunha: "leitura sobremodo atraente para todos os públicos, pela maneira clara e elegante como ele aborda e expõe temas difíceis e altamente especializados". Edição ilustrada.

*Crítica e poética*, de Afrânio Coutinho, Editora Civilização Brasileira, RJ, 1980. Nesta visão abrangente do desenvolvimento da crítica literária, de Platão e Aristóteles até os nossos dias, o A. responsável pela introdução de toda uma mentalidade crítica no país, oferece estudos que interessam aos estudiosos em geral e aos universitários em particular. Esta segunda edição vem acrescida de um segundo ensaio sobre a crítica literária no Brasil, que complementa o anterior.

*A casa do nada*, de Gema Benedikt, Edições Antares INL MEC, RJ, 1980. Para além da significação simbólica que marca fundamentalmente este romance há, igualmente, um esforço de reelaboração e reconstrução da linguagem. Através de Evangelina, personagem complexa que recusa o presente para integrar-se no mito, o A. cria uma obra aberta de ressonâncias incomuns, exigindo plena participação do leitor para a sua total apreensão. Em seu prefácio, Bela José diz que "o motivo central do romance é reflexão sobre a produção do seu texto narrativo, texto global, partir de textos fragmentários".

*Morreu um cavalo*, de José Ferreira Gonçalves, Editora Su-Cátedra/INL-MEC, RJ, 1980. Série de contos escritos com simplicidade e objetividade. O A. dá, aqui, uma série de flagrantes regionais, fixando tipos e paisagens, como no conto que serve de título ao volume. Mas em alguns, como "A lira", predomina uma nota intimista e lírica.

*Diva*, de José de Alencar, Editora Atica, SP, 1980. Mais título da série "Bom Livro", em que são publicados clássicos da nossa literatura. Romance característico da fase do romantismo, nele, através de Emília, que aspira ao amor supremo, temos um retrato da época de seus costumes. Além da introdução da professora Norma Seltzer Goldstein, que procura situar este livro do autor de *Iracema*, a edição conta ainda com um suplemento de trabalho.

*O abc de 1980*, de Hercules Corrêa, Editora Civilização Brasileira, RJ, 1980. Um líder sindical e membro do PCB faz uma análise objetiva da greve dos metalúrgicos paulistas de São André, São Bernardo e São Caetano, estudando suas consequências, as virtudes e as falhas do movimento.

*O Povo e o Papa*, vários autores, Editora Civilização Brasileira, RJ, 1980. Balanço crítico da visita de João Paulo II ao Brasil e dos reflexos de sua caminhada pelo país. Os trabalhos foram escritos durante e imediatamente após a visita e pretendem abrir um debate crítico sobre a posição da Igreja Católica na vida social brasileira.

*O povoado*, de Sylvio Rabello, Editora Civilização Brasileira, RJ, 1980. Memórias e depoimentos, onde o A. recupera o Brasil pernambucano de sua infância e mocidade. Fala Mário da Silva Brito, "nestas páginas estão os últimos instantes dos primeiros dos séculos XIX e XX".

*Tudo começou com Maquiavel*, de Luciano Gruppi, Luisas, Editores, RS, 1980. Feito a partir de aulas proferidas pelo Instituto Palmiro Togliatti, de Roma, este livro mostra as condições de estado em Marx, Engels, Lenin e Gramsci. Combina rigor científico no exame do surgimento e da consolidação do estado moderno com um texto de leitura agradável, tornando assim, obra necessária para quem realiza estudo sistemático sobre as questões da política e do estado moderno.

# 095 OS LIVROS

Salim Miguel

## A força criadora de Ricardo Ramos

Ficcionista que publica agora o seu oitavo livro de contos (escreveu, também, uma novela e um romance), o Autor reafirma, aqui (**Os inventores estão vivos**, contos, Ricardo Ramos, Editora Nova Fronteira, RJ, 1980) sua força criadora e seu domínio da linguagem e da técnica narrativa. São onze histórias que abordam dois temas centrais: o viver desvivendo na megalópole e o mundo da infância.

No primeiro grupo temos a tragicomédia dos que se deixam enlear nas malhas do consumismo (quem não?): a adoração dominical do fetiche máximo do Brasil grande: o automóvel, em "A casa no Encantado"; em "Peão e pastor" acompanhamos as andanças de um escriturário pelas ruas da cidade no intervalo para o almoço, um entre os milhares que vieram para vencer na vida, e suas reflexões todas feitas de anúncios e slogans (muito de mistura com um sofrimento real); "Dias e noites de Sandra" é o diário da garota-propaganda, um dos muitos artigos de consumo disponíveis na praça. Depois, as histórias dos vencedores, ("Um guaraná para o General", "Casados x Solteiros", "Subir na Vida") com suas lamentáveis vitoriazinhas pessoais, feitas de abdicação e mesquinhas; e ainda os derrotados que não aceitam as regras do jogo, em "Cosme e Damião", narrativa seca e contundente de um episódio policial.

O conto que dá título ao livro é uma alegoria sobre a criação e nos coloca inúmeras questões, entre elas a da apropriação da obra de arte por quem a desfruta e a da leitura aberta; ou quem sabe não seja uma alegoria e sim um exercício realista tendo por centro as trocas interpessoais e as várias vidas que vivemos numa só vida.

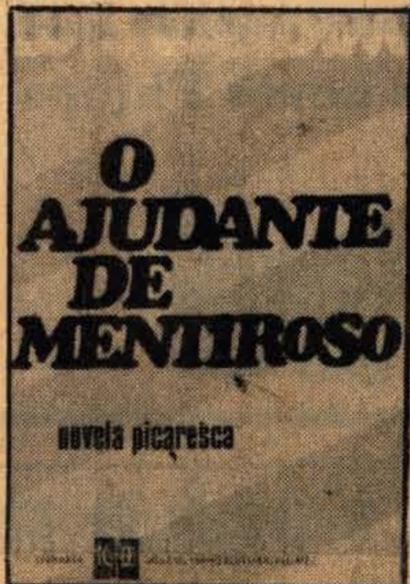
"Severino" foge ao assunto central, se bem que é desses que se alimenta a barriga insaciável das cidades; das palavras poucas e escolhidas surge nítido o drama, que é individual e social; uma história batida, vergonhosamente comum, e que nos toca porque a contenção de linguagem realça-lhe a pungência.

Dois contos tratam da infância: "Longe" e "Paisagem com Menino". Em ambos um clima de densa poesia, bem longe do pseudo-lirismo tão comum quando criança entra em cena. No primeiro a frágil fronteira entre a felicidade e a desgraça; no segundo a iniciação de um escritor.

Em todos os contos, como tema central, a contradição entre as aspirações melhores dos homens e a engrenagem social a lhes impor um entredevoimento diuturno.

E por todo o livro, nem ao menos uma palavra altissonante. Linguagem contida, frases escorregadas, poucos adjetivos, vocabulário exato. Mas, no fim, fica-nos um soco no estômago e um grito nos ouvidos.

### Registro



### REGISTRO

**O crepúsculo do macho**, de Fernando Gabeira, Editora Coedcri, RJ, 1980. Prosseguindo em sua história, que é em grande parte uma boa parcela da história recente de sua geração e de seu país, o A. nos dá aqui um livro que está fadado ao mesmo sucesso que teve o anterior, "**O que é isto, companheiro?**". A caminhada dos exilados, suas interrogações e lutas em terras estranhas, estão retratadas por alguém que não só viveu tudo aquilo, mas que sabe narrar, possui o domínio da linguagem. E ao mesmo tempo em que se questiona a respeito da verdade, põe em questão, também, problemas que continuam vivos e atuais. Pode-se discutir e discordar de Gabeira, mas o que não se pode é deixar de lê-lo e procura suas motivações e a de seus companheiros.

### MOVIMENTOS

**Os três da sonata**, de Antonio Brasileiro, Editora Civilização Brasileira/Inl-MEC, RJ, 1980. Reunindo versos de 1968 a 1977, o A. nos dá um livro onde a nota lírica está sempre presente, mas sempre marcada por uma procura de razão de ser do homem e de sua caminhada. É como ele mesmo diz: "As sementes somos nós mesmos./ E o tronco e os frutos./ E o semeador". E como nos movimentos da sonata, o verso de AB flutua e flue, centrado nas dúvidas existenciais.

**O ajudante de mentiroso**, de Luis Jardim, Livraria José Olympio Editora, RJ, 1980. Nesta novela picaresca, as mil peripécias de Pantaleão Siqueira, espécie de gordo Quixote, rábula e desmanchar malfeitos e desfazer confusões, nos limites pragmáticos da sociedade interiorana. Sem dúvida parente literário do Vitorino Paparabo, de José Lins do Rego, seu Sancho Pança é o ingênuo Simplício, que reforça pela admiração desmedida os feitos do padrinho. Estamos, assim, diante de uma novela de costumes, em que é revivida uma cidadezinha do interior pernambucano, seus tipos, seus entrecosques, seus jogos de interesses. A narrativa é escorregada, a linguagem saborosa — o que não é de estranhar no Autor de um clássico como **Boi Aruá**.

**As aventuras de Júlio Jurenito**, de Ilya Ehrenburg, trad. de Mauro Rosalvo, Editora Civilização Brasileira, RJ, 1980. Há muito esgotado, retorna em 2ª edição este que é o primeiro livro do A., mas onde já estão presentes as suas qualidades de narrador. Aqui, através do estranho Jurenito e de seus discípulos de várias nacionalidades, temos um painel humano e irônico de uma conturbada época da história.

**Quando o espiritual domina**, de Simone de Beauvoir, trad. de Danilo Lima de Aguiar, Editora Nova Fronteira, RJ, 1980. Nestas cinco novelas, que mantêm unidade de tratamento e linguagem, a companheira de Sastre e grande escritora cria um grupo de personagens envolvidas pela hipocrisia e por preconceitos que impedem o surgimento de suas verdadeiras personalidades. Já aqui se nota a preocupação central da A.: a libertação do ser humano em geral e da mulher em particular.

**Nós matamos o cão-tinheiro**, de Luis Bernardo Honwana; **Estórias do Musseque**, de Jofre Rocha; **Hora di Bai**, de Manuel Ferreira, Editora Ática, SP, 1980. Mais três títulos (4,5,6) da coleção Autores Africanos, em boa hora lançada pela Ática. São expressivos exemplares da nova ficção que se vem praticando naquelas regiões, revelando, com realidade e talento, não só a prosa de um novo tempo, mas também os problemas e os entrecosques entre o colonizado e o colonizador. No moçambicano Honwana (que já tivera um conto publicado por **Ficção**), no angolano Rocha e no caboverdeano Ferreira temos a mesma visão do homem e da terra, da luta e da resistência e, também, da busca de uma linguagem própria de narrar os dramas de uma sociedade que procura sobreviver e se afirmar.

**Encontro com a Civilização Brasileira**, RJ, n.º 24. Mais um número desta publicação que tem Enio Silveira como o diretor-responsável e Moacyr Felix como editor-chefe. A parte principal deste número é dedicada a um debate onde 17 intelectuais discutem, de forma abrangente, a questão nacional hoje. Mas existem outros trabalhos que chamam a atenção do leitor, como o de Moacyr Felix (**Poetas à margem do Tietê, eu os saúdo!**), de Carlos Cunha (**Obra Poética de Bandeira Tribuzi**), além de quatro enfoques, por Richard Quinney, Marcelo Cerqueira, Ronaldo Lima Lins e Fernando Henrique Cardoso, sobre violência e criminalidade.

O Estado - 31/08/80  
LIVROS  
096

### ACERTANDO AS REDES

Paixão maior do brasileiro, jogo que atrai multidões, o futebol não tem merecido, até agora, a devida atenção seja de estudiosos ou ficcionistas. São bem poucos os livros que abordam o tema de maneira abrangente, analítica ou criativamente. Na ficção, além de um ou outro conto, pode ser citado o romance de Macedo Miranda (**Sol Escuro**); e na análise, **Os subterrâneos do futebol**, de João Saldanha. Raros títulos mais existem. Agora, numa proposta bastante ambiciosa, Edilberto Coutinho publica todo um volume de contos (**Maracanã, adeus, Onze histórias de futebol**, Editora Civilização Brasileira, RJ, 1980), dedicados ao futebol, ao futebol paixão, ao futebol sofrimento, procurando entrar na vida do jogador e do torcedor. Prêmio Casa de las Américas, 1979, o volume se inicia com uma história sugestivamente denominada "Preliminar" — e a partida vai se desenrolando por outras dez histórias, completando o time: 11. São histórias de vitória e derrota, de mais frustração do que euforia, algumas pura ficção, outras calcadas na realidade, muitas ficção, realidade, reportagem se fundindo na busca de um universo mais amplo, que dê ao leitor uma visão de um mundo onde pululam interesses dúbios e lances emocionantes. As técnicas narrativas são várias, como são várias as técnicas aplicadas para se vencer um adversário. E ao lado de figuras patéticas (certamente reflexos de figuras que o Autor conheceu e transfigurou) que surgem com vigor, temos a presença indireta de um Pelé ou direta de um Garrincha, na trama urdida por este que os cronistas esportivos chamam de "esporte das multidões". Para Jorge de Sá, professor de literatura brasileira, crítico, estudioso da obra de Edilberto Coutinho, **Maracanã, adeus** "livro um tanto cruel, é, no entanto, um livro que traz de volta a esperança no ser humano." E mais adiante, ao assinalar que o A. deflagra no leitor a consciência do processo de desumanização, JS diz que, "deflagrando, Edilberto possibilita a reflexão e abre caminhos para que, num futuro próximo, o jogo volte a ser uma saída lúdica".

#### REGISTRO:

**Pedaços do paraíso**, de Zelda e Scott Fitzgerald, Livraria Cultura Editora, SP, 1980. Uma vintena de histórias, publicadas nas décadas de vinte e trinta, aparecem agora em português. Em algumas delas temos o mesmo fascínio da prosa de Scott, que marcou toda uma época da literatura norte-americana não só com livros como **O grande Gatsby**, **Belos e Malditos**, **Suave é a noite**, **Seis contos da era do jazz**, mas com sua própria maneira de viver. No entanto, para o leitor, o interesse maior do volume talvez resida no fato de, lado a lado com Scott, encontrarmos igualmente contos de sua mulher, Zelda. E até um conto escrito pelos dois, a quatro mãos. É como se eles tivessem voltado, vivendo a vida louca e dourada que os conduziu a um final trágico. Nem importa saber se alguns dos contos são "menores" e não possuem aquele segredo peculiar que fazia o encanto maior da prosa de Scott (quase sempre instigado por Zelda), nem se outros dos contos foram escritos, por e para publicações que exigiam um certo tipo de história capaz de ser aceita por um determinado tipo de leitor. Para Ruy Castro, o tradutor, "a leitura desses contos permite compreender melhor certas passagens que Fitzgerald camuflou nos romances, com sua deslumbrante prosa rendilhada, e dá a entender que Zelda realmente acreditava na possibilidade da existência dos tipos femininos que criava — ou não teria tentado ser um deles."

\*\*\*

**Cidade, democracia, socialismo**, de Manuel Castells, Editora Paz e Terra, RJ, 1980. Pesquisa sociológica nos bairros de Madri, este livro tem uma dimensão mais ampla, abrangendo um universo válido para muitas outras regiões. Ele apresenta um panorama geral da relação entre o movimento citadino e a problemática econômica do capitalismo avançado. O fenômeno estudado atinge milhões de pessoas — e o A. partiu da observação concreta de alguns fatos para chegar a conclusões que necessitam ser devidamente avaliadas.

\*\*\*

**Buraco negro: o supremo desconhecível**, de John Taylor, Livraria Francisco Alves Editora, RJ, 1980. Tema que vem interessando cientistas, e intrigando, tem aqui nova contribuição. O ponto de partida da descoberta do "buraco negro" se deve a Einstein, tendo nomes igualmente significativos como Oppenheimer, Carter, Hoyle, Landou, J. Wheeler se debruçado sobre o assunto, na busca de aclarar o enigma. Além de abordagens já conhecida, Taylor estuda as possibilidades oferecidas para que o buraco negro possa se tornar uma fonte de energia opcional na crise que o mundo atravessa.

\*\*\*

**Amilcar Cabral, A arma da teoria**, de Carlos Comitini, Editora Codecri, RJ, 1980. Através da vida do líder do Partido Africano Amilcar Cabral, o A. traça um quadro da libertação de Guiné-Bissau. O livro tem informações também a respeito do processo de independência de Angola, Moçambique, São Tomé e Cabo Verde, e trás dois textos de AC: "A arma da teoria" e "A Cultura Nacional".

Salim Miguel

097

## LIVROS

Salim Miguel

O Estado -

24/08/80

## Uma seleção muito difícil

Machado de Assis continua sendo, sem dúvida, e com carradas de razão, o mais estudado de nossos autores, o mais importante escritor brasileiro e, também, o mais significativo de nossos contistas — mesmo agora, quando tanto se fala na inflação do conto (com numerosos contistas de inegável valor proliferando em toda a extensão do território nacional).

Machadinho domina como poucos a arte da história curta, sem uma palavra a mais ou a menos. E não são raros os ensaístas que vêm nele primordialmente o contista, mesmo em seus mais expressivos romances.

A cada releitura sua obra ganha novas dimensões, desvendando-nos os mais recônditos desvãos do ser humano, seus problemas e suas angústias. Retrato da época e da gente, fino humor, sensualismo difuso, um forte poder de sugerir e intrigar o leitor — tudo está presente em seus contos. Melhor dizendo: na quase totalidade de sua obra.

As seleções de seus contos são numerosas. E é bom lembrar aqui, entre tantas, "Machado de Assis — Seus trinta melhores con-



tos", da Aguilar, onde alguns dos principais machadófilos se encarregam da escolha, tendo alcançado maior número de votos "Missa do galo", seguida de "Uns braços"; ou "Histórias reais — de Machado de Assis", da Cultrix, seleção e introdução de Fernando Góes. Também aqui em Florianópolis, anos atrás, numa coluna que mantínhamos, fizemos trabalho semelhante, com resultados bastante curiosos.

Ainda agora, organizado e pre-

faciado por Sônia Brayner (a quem devemos importantes contribuições para a melhor compreensão da vida, do trabalho e da psicologia de nosso autor), temos uma reunião de seus contos (**O conto de Machado de Assis**, organização de Sônia Brayner, Editora Civilização Brasileiras/INL/MEC, RJ, 1980). Estão recolhidos, em suas 298 páginas, 27 de seus mais impressionantes contos, que dão bem a marca inconfundível de sua capacidade para o gênero, de seu domínio da arte de narrar, de sua força criativa, de sua inventividade.

Ninguém, em sã consciência, poderá negar que entre suas obras-primas estão "Missa do Galo" ou "Noite de Almirante", "Cantiga de esponsais" ou "O alienista", além de tantos mais incluídos no volume.

Mas, certamente, muitos machadianos impenitentes e atentos reclamarão a ausência de autênticas obras-primas como "Uns braços", "Primas de Sapucaia", "Capítulo dos chapéus", "A chinela turca", "A cartomante", "Anedota pecuniária", e outros e mais outros.

## Registro

**Os caminhos da igreja com os oprimidos** (Do vale das lágrimas à terra prometida), de Leonardo Boff, Editora Codecri, RJ, 1980. Um balanço da igreja e de suas posições nos últimos anos, eis o que nos oferece com este livro um teólogo e escritor engajado dentro do processo da mudança da igreja e da nova função que ela passou a ter. O livro estuda, também, a viagem do Papa João Paulo II pelo Brasil e os reflexos que isto representou para o país. Livro importante para católicos e não católicos, por suas implicações e por revelar a postura de uma nova igreja que, no dizer do A., se coloca ao lado e em defesa dos oprimidos, índios, camponeses e operários, denunciando a violação dos direitos humanos e lutando por um processo de libertação total.

**A espoliação urbana**, de Lúcio Kowarick, Editora Paz e Terra, RJ, 1980. Reunindo artigos escritos entre 1973 e 1979, que focalizam em especial a Região Metropolitana de São Paulo, o A.

mostra determinados aspectos de uma expansão capitalista que adquiriu feições selvagens. As precárias condições de transporte, habitação, saúde, saneamento, juntam-se a deterioração salarial,

agudizando problemas de toda ordem. No prefácio, Fernando Henrique Cardoso diz que "Lúcio Kowarick tomou São Paulo para desvendá-la aos que vêm todos os dias e não se apercebem" dos problemas subjacentes e da necessidade de buscar soluções adequadas e humanas.

**Vargas**, de Hélio Silva, L e PM Editores, RS, 1980. Primeiro volume da Coleção Pensamento Político Brasileiro, nele, um estudioso dos problemas nacionais e especialista em Getúlio Vargas,

traça, de maneira objetiva, a trajetória do homem que marcou mais de trinta anos da vida brasileira. Temos aqui sua obra, seu pensamento, sua participação nos quadros da política e da vida do país. Na parte final do volume,

uma seleção de pronunciamentos de Vargas.

**Estória sem fim**, de Edith Derdyk, Summus Editorial, SP, 1980.

Jogo de imagens, materialização visual a ser modificada, de acordo com o desejo ou a descoberta de cada criança, a história vai, assim, sendo narrada com a participação do próprio leitor. Formada em artes plásticas, a A. vem mantendo contato e estudando as reações de crianças e adolescentes.

Daí a proposta do livro, que procura motivar, inovando na área,

**A teoria marxista do valor**, de Isaak Illich Rubin, Editora Brasiliense, SP, 1980. Tentativa de diferenciar a problemática marxista do valor daquela proposta pelos economistas clássicos. Neste livro o A. mostra que Marx não toma o valor como essência da naturalidade da sociedade, mas como a expressão de uma sociedade em que o indivíduo só existe enquanto produtor de valor de troca, o que implica a negação de sua existência natural.

**SANO** DO FABRICANTE AO CONSUMIDOR

**CHAPAS ONDULADAS**  
ONDA LARGA E ONDA CURTA

Em fibrocimento e translúcidas em fibreglass de todos os tipos e medidas. Também perfil trapezoidal.

Curitiba - Rod. BR 116 - km 3 - Xaxim  
246-1011

O Estado

- 19/10/80  
OS LIVROS

098

Salim Miguel

## A VISÃO DE UM PASSADO

**Colônia Cecília** (romance de uma experiência anarquista), de Afonso Schmidt, Editora Brasiliense, SP, 1980. Quase ao findar o século passado, uma experiência insólita no Brasil: tentativa da fixação de uma colônia anarquista (ou socialista) no sul, na região de Palmeira, província do Paraná. Bastante já se tem dito a respeito deste fato, informações contraditórias circulam, trabalhos foram escritos estudando não só o que foi a tumultuada e curta vida da colônia, mas a figura do seu inspirador, o dr. Giovanni Rossi, que para o seu arrojado projeto contou com a boa vontade do Imperador D. Pedro II. Até um filme na Europa, já resultou do empreendimento. Em 1944, o escritor Afonso Schmidt tenta um levantamento histórico-crítico (este **Colônia Cecília**, agora em 3.<sup>a</sup> edição) em termos de ficção. O A. procura recriar as lutas que um grupo de pessoas empreendeu buscando uma radical mudança social, difícil hoje, quanto mais naquele período. Mas para além do que ela representou, a experiência de Rossi tem interesse extra para o leitor-catarinense. Depois do fracasso de sua aventura paranaense, Rossi vem parar em Santa Catarina, tendo ido dirigir, no Vale do Itajaí, uma Estação Agrônômica. Seria curioso pesquisar ali sua atua-



ção. Inteligência aberta e espírito inquieto, certamente movimentou a região, e deixou numerosas notas e matérias numa revista agrícola, que bem revelam o seu talento e a sua vontade de realizar.

## A VISÃO DE UM FUTURO

**Piscina Livre**, de André Carneiro, Editora Moderna, SP, 1980. Um dos pioneiros da ficção científica no Brasil, autor de um livro importante (**Introdução ao mundo da ficção científica**), no qual estuda este fenômeno na literatura contemporânea, poeta e ensaísta, AC retorna ao convívio dos leitores com um romance estranho e instigante. Em **Piscina Livre** temos a visão de um mundo futuro: hábitos e costumes se modificaram radicalmente. É uma nova concepção de viver, numa civilização nova, onde o trabalho pratica-

mente inexistente e o sexo predomina. Não sexo como é encarado hoje; antes um jogo natural jogado por todos. A ele as personagens se entregam por inteiro, sejam de que facções forem. Com estes elementos e os entrechoques que surgem, o A. constrói uma trama na qual mistura ação e suspense, num estilo fluente e adequado ao tema. Mas a lição que fica, ao final, é que, mesmo com as mais profundas modificações de comportamento, no íntimo de si mesmo o ser humano permanece e mesmo, com suas insatisfações e angústias.



## REGISTRO

**Venturas e desventuras de uma tartaruga**, de Maria Percília Sardenberg, capa e ilustração de Macmillan, Editora Conquista, RJ, 1980. As divertidas aventuras de Guinha, tartaruga que é dona de um menino. Em linguagem simples e sugestiva, é um livrinho cheio de peripécias, humor e ternura, que agradará a gurizada que já está sabendo ler.

\*\*\*

**As muitas mães de Ariel**, de Mirna Pinsky, ilustr. de Maria José Boaventura, Edições Melhoramentos, SP, 1980. Cheia de aventuras e problemas é a vida da Ariel, menino esperto e alegre, que mora com os pais e a irmã. Escola, futebol, amigos e amigas, festa de aniversário, eis as aventuras. Um cabelo que vive despenteado e o relacionamento com as outras pessoas, eis os problemas. O maior de todos é ter de aceitar uma mãe que muda mais ligeiro do que o vento — sendo sempre a mesma. Um livro que vai divertir, com sua linguagem viva e coloquial; e que fará a criança pensar e refletir.

**A arca de Noé**, de Vinícius de Moraes, capa e ilustr. de Marie Louise Nery, Livraria José Olympio Editora, RJ, 1980. Ao morrer, o A. estava passando para a música popular alguns dos poemas deste livro (o disco já está no mercado). São poemas infantis (já em 5.<sup>a</sup> edição) onde estão presentes toda a força, sensibilidade e lirismo que caracterizam a obra do Autor.

**História do Vinho**, vários autores, L e M Editoras, rs, 1980. Edição fora do comércio, comemorativa dos 50 anos da Vinícola Riograndense. Poetas como Armindo Trevisan, Augusto Meyer, Carlos Nejar, Mário Quintana; ficcionistas como Josué Guimarães, Cyro Martins, Moacyr Scliar; cronistas como Paulo Mendes Campos, Sérgio da Costa Franco; humoristas como Luis Fernando Veríssimo, Millor Fernandes, Sérgio Jockimann, entre outros, falam, de maneira grave, amena ou poética sobre o pai de todas as bebidas. O hábito do vinho (ou da bebida) se incorporou ao dia-a-dia de cada um, associado à fantasia e à realidade tanto dos que apenas o provam como daqueles que tentam esclarecer o "porque bebes tanto assim" e saber se na verdade "in vino veritas". A propósito, diz Mário Quintana: "Tanto mais leve quanto mais sutil/O prazer que das coisas nos provém:/Escusado beber todo um barril, Para saber que gosto o vinho tem".

\*\*\*

**O café** — na história, no folclore e nas belas-artes, de Basílio de Magalhães, coleção Brasileira, vol. 174, Cia. Editora acional-Inl/Mec, SP, 1980. Um amplo panorama da história do café, como foi introduzido no Brasil e sua posterior importância para o país. Obra fartamente documentada, ressurgiu em 3.<sup>a</sup> edição, depois de se encontrar há muito esgotada.

## Os livros

Salim Miguel

### MPB

Reunindo artigos publicados ao longo do tempo, seja em órgãos da chamada imprensa alternativa seja naqueles da conhecida como grande imprensa, Ana Maria Bahiana nos dá, neste seu livro, de maneira clara e objetiva, uma visão do que representaram os anos 70 para a música popular brasileira.

Tendo participado ativamente do processo (escrevendo, debatendo, incentivando), a A. Presta, aqui e agora (*Nada será como antes* — MPB nos anos 70 — de Ana Maria Bahiana, Editora Civilização Brasileira, RJ, 1980) um bom serviço para a preservação, e reavaliação, de um período de extrema efervescência em todos os sentidos.

Não é a de Ana uma literatura fria, isenta de paixão. Muito pelo contrário: ela toma partido, ela se entrega por inteiro, tanto ao escrever sobre um monstro sagrado como Cartola ou ao fazer uma análise de algo tão controvertido como o rock e de sua penetração entre uma certa faixa da juventude e no mercado do som brasileiro.

Poder-se-ia alegar que, feitos para o dia-a-dia da imprensa, alguns dos trabalhos agora enfiados em volume envelheceram. No entanto, tal não acontece. Se podem ter perdido em atualidade, ganham como documento. Mesmo quando tratam de nomes que hoje pouco dizem para um novo público, eles são um retrato sobre alguém — ou algum fato — que marcou um determinado momento da história da música

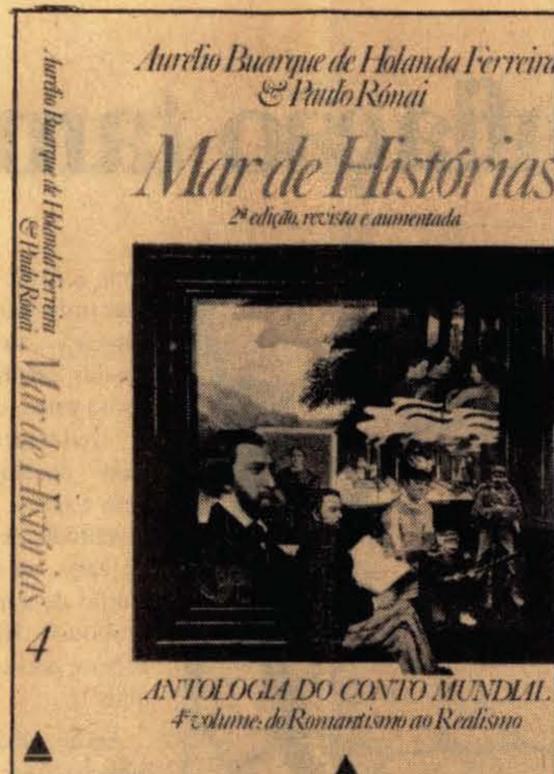


popular do país e significaram uma tomada de posição por quem sempre tinha o que dizer.

Para José Miguel Wisnik, "numa década sem momentos culturais típicos... ela foi fazendo uma diário de rotas de achados e incertezas". Já Júlio Hungria afirma que "hoje te vejo e de certo modo me realizo. Você — o teu texto nos jornais — é meu revólver. E você dispara os tiros que às vezes parecem fogos de artifício — as idéias, o formal — bonitos, modificadores, envolventes". E Ana Maria Bahiana, tentando justificar o

seu livro — como se houvesse necessidade de justificá-lo — acrescenta que "tanta coisa se perde num maço de papéis velhos, numa pilha de fitas gastas de rádio ou video-teipe" que do livro deve sobrar um saldo positivo. Sobra muito — dizemos nós.

Seja em rubricas como "Chão", "Inventário do sonho", "Eletricidade", "Histórias de músico" ou no "Em qualquer direção", onde, para retomarmos a idéia de Hungria, suas balas pipocam mesmo em qualquer direção, procurando o alvo certo.

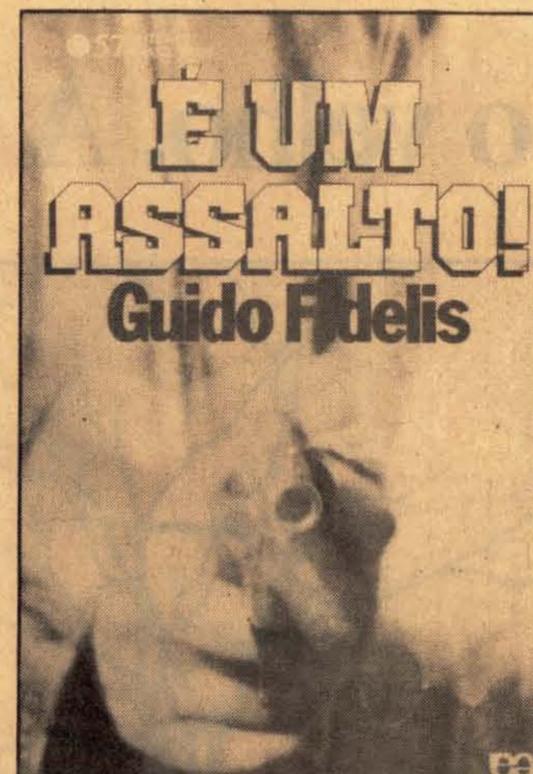


#### Registro

*Os crocodilos*, de Assis Brasil, Editora Nórdica, RJ, 1980. Cinco personagens, diferentes entre si e na maneira de encarar o mundo, se defrontam de repente numa situação limite, obrigados a conviver. A partir deste ponto, o A. cria um romance de violência e denúncia, revelando as fraquezas humanas e problemas sociais. "O que há de espantoso nesta fábula do nosso tempo é que o elemento detonador da situação é perfeitamente natural e pode ocorrer a qualquer instante", diz o ensaísta Fausto Cunha ao prefaciar este novo romance da série "Ciclo do terror", onde AB já nos deu livros como *Os que bebem com os cães* e *Aprendizado da morte*.

*Auto da gamela*, de Carlos Jehovah e Esechias Araújo Lima, Livraria José Olympio Editora, RJ, 1980. Um poema que revela, em toda a sua dramaticidade, o sofrimento do homem e de que maneira nasce, padece e morre o filho do sertanejo da caatinga. Contudo, parece haver sempre uma nesga de saída, ao exclamarem aos Autores: "Meu sertão! Meus olhos se entristecem/mascá! dentro uma esperança belisca".

*É um assalto!* de Guido Fidelis, Editora Ática, SP, 1980. Em geral são histórias bem curtas, que oscilam entre o conto e a crônica. Ligado ao hoje e ao agora, atendo ao seu meio, o A. narra com concisão e consegue

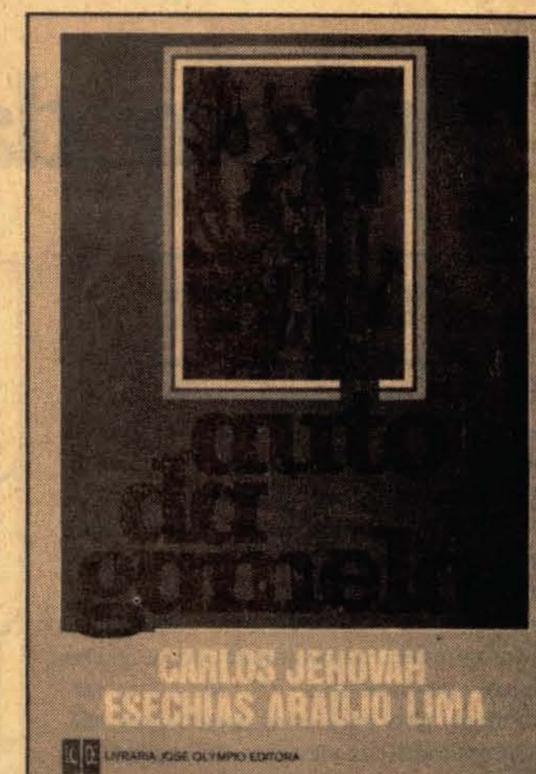


bons resultados ao abordar temas urbanos. Violência e ironia se cruzam, num estilo onde o ficcionista e observador atento da realidade se confundem e complementam.

*Mar de histórias*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e Paulo Rónai, Editora Nova Fronteira, RJ, 1980. Em 2ª edição, revista e aumentada, esta antologia do conto mundial, que faz um exaustivo mapeamento da história curta dos seus primórdios até hoje. Neste 4º volume, sub-intitulado "do Romantismo ao Realismo", estão nomes como Musset, Baudelaire, Bret Harte, Daudt, Jacobsen, Flaubert e Maupassant, entre outros. E pela primeira vez aparece um autor brasileiro: Álvares de Azevedo com o conto "Solfieri", que se insere na linha dos românticos, pelo clima e pelo tratamento do tema.

*Sangue central*, de Sérgio Fonta, Livraria José Olympio Editora, RJ, 1980. "Somos todos/mortos/com permissão da vida temporária", diz o poeta em "Três segundos para a autoconsciência". Estes versos podem ter tomados como uma síntese de sua maneira de dizer. Ator, poeta e dramaturgo, SF estréia agora com um pequeno volume que dá bem uma amostragem de suas preocupações como homem e como artista.

*Os estandartes de Átila*, de Silvio Fiorani, Editora Condreci, RJ, 1980. O inusitado é a marca principal



destes pequenos contos do A. Mas é um inusitado que pode ser captado no dia-a-dia. Observador atento do seu mundo e de sua gente, preocupado com a maneira de dizer, SF transpõe a realidade para a sua ficção, que se muitas vezes adquire um tom absurdo nem por isto deixa de ser menos real.

*Para gostar de ler*, volume 6, de Cecília Meireles, Henriqueta Lisboa, Mário Quintana e Vinícius de Moraes, Editora Ática, SP, 1980. Ao contrário dos outros cinco, este volume de uma série bem aceita pelo público em geral, é inteiramente dedicado à poesia. "Gente, Animais, Coisas, Lugares, Tempo e Amor" são os assuntos aqui reunidos e mostrados por sensibilidades diferentes, mas todas irmanadas por um ponto em comum: o domínio da palavra e o dom de saber dizer. Quanto grandes poetas num pequeno-grande livro.

*Livro das perguntas*, de Pablo Neruda, edição bilingue, trad. de Olga Savary, L e PM - Editores, RS, 1980. Publicado postumamente, este volume mantém as mesmas qualidades que tornaram seu A. um dos nomes mais significativos da poesia contemporânea. Preocupado com o social sem se preocupar nunca dos elementos básicos componentes do poema, estes dois dados são indissociáveis de sua arte. E eles estão presentes aqui, onde se encontram presentes também sensibilidade, ironia e humanismo.

# O Estado - 26/10/80 OS LIVROS 100

Salim Miguel

Vamos substituir nosso habitual comentário de abertura da coluna pela apresentação que a escritora Lygia Fagundes Telles faz do último livro de Hélio Pólvora, *Massacre no Km 13*, que acaba de ser lançado pela Editora Antares, do RJ, em convênio com a INL-MEC.

Apaixonada leitora do imaginário, há muito venho acompanhando as ficções de Hélio Pólvora. Não hesito hoje em afirmar que neste seu novo livro, *Massacre no Km. 13*, estão certamente reunidos os seus mais pungentes e belos contos.

O coração — a mais pura das fontes, a única que realmente comunica o homem com o seu próximo através do sofrimento, da piedade, do amor — é o coração o gerador maior de todo o vasto e inquietante espectro desses personagens e enredos. Mas sua emoção é trabalhada por um estilo rigoroso, implacável, e é esse estilo que imprime às idéias uma força selvagem, um vigor original, impregnado às vezes de alto sopro lírico. Temos assim um texto raro, arrebatador, que nos comove e nos provoca a lúcida admiração que só as verdadeiras obras de arte conseguem provocar.

A condição humana — eis o tema principal dessas ficções. O tema eterno: o homem e a sua luta, sua paixão, sua morte. Nessa condição humana vai afundando com a fixidez aguda e obstinada de um parafuso, mais uma volta, outra volta ainda, e quando eu pensava, pronto, agora ele vai parar, ei-lo mergulhando mais fundo até atingir as raízes, lá onde reside o emaranhado da vegetação claro-obscura do inconsciente. Pesquisa da emoção e pesquisa da palavra na busca paciente e inconformada de um artesanato severo. Insatisfeito. Sendo marcadamente um intelectual, Hélio Pólvora não esfria o texto com sua experiência de leitor e pensador requintado, como sucede com tantos intelectuais que se atiram à ficção. Sua narrativa é fluente, solta. Entregando-se à **linguagem da paixão**, cultiva ainda a **paixão da linguagem**, na expressão de Octávio Paz. E não será esse o alvo do escritor no seu duro ofício?

Se me perguntarem a que família literária pertence Hélio Pólvora, eu diria que está ele mais próximo a um Graham Greene. De um Henry James com todos os seus arquétipos da ambigüidade. Da incomunicabilidade. Portas fechadas, envelopes fechados. Mas não serão esses sartreanos vasos incomunicantes que mais excitam o homem e o seu mistério? Seduziram-se especialmente suas personagens que às vezes parecem se acomodar a um conformismo que é desencanto, perplexidade. E lembro agora das personagens de meia-idade de dois dos seus contos admiráveis, **O Outono do Nosso Verão** e **Três da Manhã**: no crepúsculo do amor eles se endoram e se falam com a ironia leve

e fina como a própria cinza, quase a hora das cinzas. A narrativa é tranqüila, de um amargor que chega a ser doce: "Esta rua vai dar à praia. Por aqui, dois vultos solitários, fomos olhar o mar e vimos que o mar, nas últimas agonias do verão, havia adquirido uma pesada tonalidade de cobre e as árvores — eram amendoeiras? — estremeciam já na ânsia de soltar as folhas. Agora o mar está azul e verde. Verde nas vagas que cavalgam à praia, azul mais à distância, onde pescam três ou quatro gaiotas, em vôos certos".

A cinzenta mornidão das despedidas. Mornidão que é sacudida por um vento de loucura, os instintos esbraseados reagindo na vontade de luta na qual se vislumbra a esperança de salvação. Os textos ficam então contundentes como no episódio dos morcegos. Ou violentos, cruéis como no episódio do massacre no quilômetro 13, essa descrição de horror quase inocente no seu primitivismo. Na sua apresentação despojada, de uma simplicidade que se desenvolve numa atmosfera de inexorável mansidão.

"Je dis qu'il faut être Voyant, se faire Voyant" — escreveu Rimbaud. Essa sensibilidade de vidente aliada a uma rica experiência artesanal, imaginação cintilante e linguagem de renovação poderosa, singular, colocam Hélio Pólvora na primeira linha dos grandes contistas brasileiros.

#### REGISTRO

**Manuel Bandeira**, seleção de textos de Sônia Brayner, Editora Civilização Brasileira/INL-MEC, RJ, 1980. Reunião de textos bastante significativos (depoimentos, ensaios, estudos críticos); muitos hoje de difícil acesso, de nomes dos mais representativos da nossa literatura, a respeito de Manuel Bandeira. O volume dedicado ao poeta, que é o 5.º da Coleção *Fortuna Crítica* (os anteriores são dedicados a Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos, Cassiano Ricardo e Cruz e Sousa), abre com a importante "Cronologia de Manuel Bandeira por ele mesmo".

\*\*\*

**Greve nos engenhos**, de Lygia Sigaud, Editora Paz e Terra, RJ, 1980. Documento a propósito da primeira greve ocorrida no país após 1964, a dos trabalhadores rurais das plantações de cana-de-açúcar da Zona da Mata de Pernambuco, (2-9-1979). A A. analisa as consequências do movimento, contendo ainda o volume amplo material fotográfico, poemas sobre a greve e o texto da convenção firmado entre trabalhadores e patrões.

\*\*\*

**Chung-Li — A agonia do verde**, de John Christopher, trad. de Luiz Horácio da Mata, Livraria Francisco Alves Editora, RJ, 1980. Mais um volume (19) da coleção *Mundos da Ficção Científica*, coordenada por Fausto Cunha. *Odisséia de homens e*



mulheres dispostos a defender os valores do universo contra a ameaça de um vírus mais avassalador do que a guerra nuclear.

\*\*\*

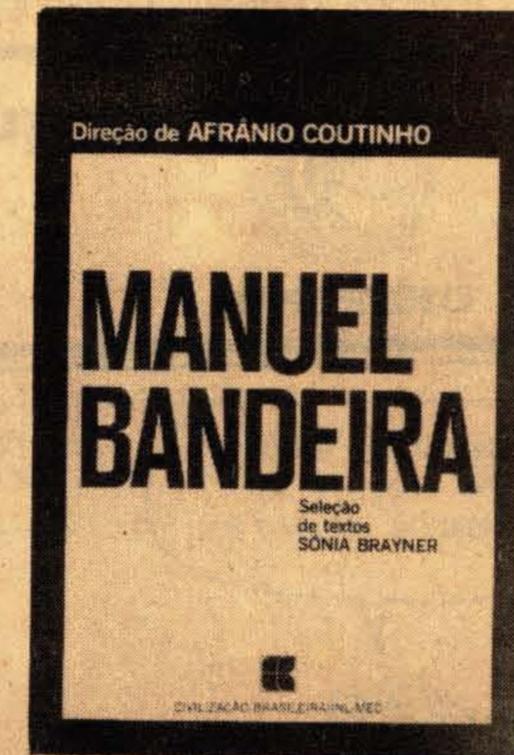
**Gato na janela**, de José Guilherme Mendes, Editora Nova Fronteira, RJ, 1980. Um romance policial que é ao mesmo tempo um retrato bastante preciso do café-society carioca e paulista. Para os que gostam do gênero, existem outros interesses neste livro: procurar, por exemplo, detectar "quem é quem" entre as inúmeras personagens que transitam nas quase 400 páginas; ou então tentar saber quais os autores policiais que poderiam ter influenciado JGM. De qualquer forma, é um livro que mantém o leitor amarrado até a última linha — concordando-se ou não com a pessoa apresentada como o criminoso.

\*\*\*

**O negro no Brasil** — da senzala à guerra do Paraguai, de Julio José Chiavenato, Editora Brasiliense, SP, 1980. Um retrato dramático da escravidão no Brasil, pelo A. de vários livros polêmicos e de denúncia como **Genocídio Americano: a guerra do Paraguai**; ou **Stroessner — retrato de uma ditadura**. Além da pesquisa e da colocação do tema, no apêndice Chiavenato mostra quadros estatísticos, demográficos e econômicos que situam o leitor sobre o desenvolvimento da economia brasileira e o número de escravos.

\*\*\*

**O papa do povo: João Paulo II**, Editora Nova Fronteira, RJ, 1980. Neste álbum, aproveitando a visita do Papa ao Brasil, além de material específico sobre sua passagem por todo o País, uma síntese



do que ele tem dito no exercício de sua missão. São 200 fotos e textos extraídos de seus pronunciamentos.

**Os bares morrem numa quarta-feira**, de Paulo Mendes Campos, Editora Ática, SP, 1980. Volume 5.º da coleção *Autores Brasileiros*, estão aqui reunidas crônicas de um dos nossos mais importantes poetas e cronistas. Falando de sua Minas, de mulheres, de tudo ou de nada, o A. dá sempre o seu recado com autenticidade e sensibilidade, retratando em muitas das crônicas figuras e fatos que marcaram um dado momento da vida do país ou do escritor.

\*\*\*

**Teoria e política do modernismo brasileiro**, de Sílvio Castro, Editora Vozes, RJ, 1979. Ensaista e professor, ficcionista e poeta, o A. tem dado uma contribuição bastante válida para o melhor conhecimento do problema da cultura brasileira. Há muito lecionando língua e literatura portuguesa na Itália, SC continua debruçado sobre os nossos temas, analisando aqui, de maneira abrangente, a função político-social do modernismo e sua importância para o melhor conhecimento da realidade do País.

\*\*\*

**Guia das editoras Brasileiras — 1980**. Esta segunda edição de SNEL — Sindicato Nacional dos Editores de Livros, publicada dois anos após a primeira, traz informações atualizadas sobre 481 editoras de 14 estados brasileiros. Além das chaves de assuntos, com 81 itens, e dos índices de assuntos e das editoras, consta uma relação de 25 entidades nacionais e estrangeiras ligadas ao livro.